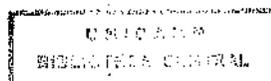


A espera do passado

as transformações recentes de São Paulo vistas de seu
epicentro



João Helion Costa Vargas

A espera do passado

as transformações recentes de São Paulo vistas de seu
epicentro

Alba Zaluar

Orientação: Profa. Dra. Alba Zaluar
Co-orientação: Profa. Dra. Teresa P. R. Caldeira

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de
Campinas.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e
aprovada pela comissão julgadora em 21/05/93.

Campinas, abril de 1993

Sumário

	pág.
Agradecimentos.....	7
Capítulo 1	
Observações iniciais e itinerário	14

I

O CONTEXTO E ALGUNS DE SEUS TRAÇOS FUNDAMENTAIS: O ESPAÇO EM MUTAÇÃO

Capítulo 2

O bairro da Moóca	37
-------------------	----

<i>As primeiras impressões.....</i>	37
<i>Um breve histórico.....</i>	45
<i>O bairro hoje.....</i>	65

II

O PONTO DE VISTA NATIVO E A PASSAGEM DO TEMPO

Capítulo 3

Os mitos da comunidade	78
------------------------	----

<i>As exaltações das qualidades do bairro.....</i>	78
<i>Gaianigo.....</i>	81
<i>Lamartine.....</i>	95
<i>Amália.....</i>	106
<i>As reconstruções do passado.....</i>	117
<i>Os mitos da comunidade.....</i>	136

Capítulo 4

As diferenças do presente	144
<hr/>	
<i>Alguns traços da crise atual</i>	144
<u>Quintais, cortiços e cortiçados</u>	147
<i>Os tempos atuais e as narrativas</i>	162
<u>Romão</u>	162
<u>Cícero</u>	174
<u>Carmela e Bianca</u>	189
<u>Jovens do sexo masculino</u>	196
<u>Fortunata</u>	200
<i>O contexto atual, a desordem e os intrusos</i>	211

Capítulo 5

Os políticos e a demora do futuro	220
<hr/>	
<i>A Moóca e seu histórico eleitoral: base geográfica da direita</i>	222
<u>Cenas de bar</u>	237
<i>Pulso firme</i>	242
<i>O mundo da política e a demora do futuro</i>	261

III

CONSEQUENCIAS E LIMITES: O PROJETO DE SOCIEDADE EXCLUDENTE

Capítulo 6

O medo e o encolhimento do mundo 275

Medo e violência: o contexto paulistano.....282

A casa: refúgio num mundo de temores.....289

Capítulo 7

Paroxismos da cordialidade 303

Um "público" encolhido.....321

Raízes das perspectivas excludentes.....336

Bibliografia.....353

Mapas

Mapa 1 - o bairro da Moóca e suas imediações..... 39

Mapa 2 - divisão do Município de São Paulo em cinco
Áreas Homogêneas: da mais rica (AH 1) à
mais pobre (AH 5)..... 67

Tabelas

Tabela 1 - Evolução da população da cidade de São
Paulo, 1890-1991..... 50

Tabela 2 - População dos subdistritos do Brás,
Moóca e Sé, 1940-1980..... 61

Tabela 3 - Taxa de crescimento geométrico médio
para o subdistrito da Moóca, 1940-1990.. 62

Tabela 4	- Evolução da população favelada por Administrações Regionais, 1973-1987.....	146
Tabela 5	- Evolução da população de São Paulo segundo seus componentes 1950-1980.....	153
Tabela 6	- Índice médio anual de preços ao consumidor do Município de São Paulo, 1951-1972.....	158
Tabela 7	- Índice médio anual de preços ao consumidor do Município de São Paulo, 1972-1988.....	159
Tabela 8	- Distribuição da renda da população economicamente ativa, segundo decis, dos mais pobres aos mais ricos, 1960-1980.....	161
Tabela 9	- As 20 maiores votações de Jânio Quadros em 1985 para a prefeitura do Município de São Paulo.....	224
Tabela 10	- Resultados da eleição de 1988 para prefeito do Município de São Paulo por Areas Homogêneas (em %).....	228
Tabela 11	- Resultados do primeiro turno da eleição de 1989 para presidente da República por Areas Homogêneas do Município de São Paulo (em %).....	229
Tabela 12	- Resultados do primeiro turno da eleição de 1990 para governador do Estado de São Paulo por zona eleitoral do município da Capital (em %).....	232
Tabela 13	- Pesquisa de intenção de voto para a eleição de 1992 para a prefeitura de São Paulo (em %), realizada em 23/09/1992.....	234
Tabela 14	- Participação percentual dos crimes violentos no total de ocorrências criminais da Região Metropolitana de São Paulo, 1981-1987 (em %).....	282

A Profª Teresa Caldeira foi a responsável por outra reviravolta neste percurso. Ao me convidar, em meados de 1989, para participar do trabalho de campo que pretendia desenvolver em um bairro de classe média em São Paulo, ela na verdade me apresentou a uma série de desafios cujos desdobramentos, em grande parte, estão aqui presentes. Devo a ela os rudimentos da etnografia que hoje domino, fruto em grande medida de observar os seus procedimentos, dúvidas e resoluções. Mais do que constar em livros e textos, muito dos ensinamentos práticos e teóricos que assimilei durante esse período só foram possíveis em função desse privilégio de ter trabalhado com ela. Interlocutora implacável, inteligente, sempre reta e pertinente, tenho em seus comentários sobre meu trabalho, ao longo de todos esses anos, um parâmetro indispensável.

Além de tudo isso, foi através da Profª Teresa Caldeira que cheguei ao CEBRAP, outra referência nevrálgica. Ali encontrei um ambiente de permanente debate, sério e acolhedor. A Profª Ruth Cardoso sempre foi atenta e suas sugestões foram de grande valia. A Profª Bibia Gregori também contribuiu com importantes comentários.

Foi ali que tive a boa sorte de desfrutar do contato com o Prof. Luiz Felipe de Alencastro e com o Prof. Rodrigo Naves. Ambos foram importantes como exemplos de seriedade e dedicação no exercício do ofício intelectual. Do Prof.

Alencastro ainda recebi interessantes sugestões bibliográficas.

Os funcionários da casa foram igualmente responsáveis pela manutenção desse ambiente. Gostaria de agradecer Marcelo Gouvêia, pelos ensinamentos de informática, Otacílio Nunes, Mariza Cabrera, Marlene, D. Elza, Oneida, Marleida, D. Lúcia, Jurandir, Edmilson e José, pela paciência e simpatia. Otacílio Nunes ainda teve a gentileza de revisar o original do capítulo 7, pelo que o agradeço mais uma vez. O mesmo vale para os "auxiliares" de pesquisa: colegas atenciosos e camaradas.

Durante os cursos do Mestrado em Antropologia Social que iniciei na UNICAMP em 1990, participei de acalorados debates em salas de aula e da companhia agradável de meus colegas de turma - sou grato a todos eles. Agradeço também a CAPES pelos 12 meses iniciais de bolsa.

Os funcionários do IFCH, especialmente os da biblioteca e do Arquivo Edgard Leuenroth, sempre foram atenciosos e eficazes. Sou grato a todos eles.

Em 1991 fui admitido no Programa de Formação de Quadros Profissionais do CEBRAP, coordenado pelo Prof. José Arthur Giannotti e financiado em parte pela CAPES. Os dois anos que se seguiram foram decisivos para mim. André Duarte, Gustavo

Müller Ayroza, Marcos Antônio Cintra, Omar Ribeiro Thomaz e Pedro Puntoni me acompanharam nesse percurso e juntos aprendemos, entre muitas outras coisas, a valorizar o grupo enquanto espaço fundamental de formação ampla - o que de maneira alguma se restringe aos aspectos acadêmicos, muito embora também neste ponto as realizações foram excepcionais. Sei que posso contar com eles. Além do mais, o trabalho que agora apresento seria inconcebível sem essa experiência. Agradeço ainda Benoni Beli e Maria Tereza Furtado pelos comentários e pelas revisões atentas.

Ainda com relação ao Grupo de Formação de Quadros, O Prof. Giannotti se empenhou em nos garantir as melhores condições possíveis e creio que o seu projeto de formação complementar teve nessa turma um retorno próximo ao que ele um dia idealizou. O seu envolvimento nos seminários e discussões contribuiu muito para isso; os seus ensinamentos permanecerão.

A Prof^a Alba Zaluar assumiu a orientação desta dissertação em 1991. Desde então o convívio intelectual com ela tem sido dos mais enriquecedores. Sempre a par dos debates mais recentes e nunca menosprezando os clássicos, a Prof^a Alba me incentivou, através de sugestões bibliográficas e comentários, a seguir as minhas preocupações e idéias e a fundamentá-las. Muitos dos temas adiante tratados não teriam sobrevivido sem o seu apoio e a sua insistência. O

aprendizado mais importante dessa convivência talvez tenha sido que, na prática, os ambientes adversos, as críticas e injustiças não são necessariamente definitivos e cerceadores do pensamento. A sua seriedade intelectual, sagacidade e produção incessante o atestam.

Em 1992 submeti partes de uma versão desse trabalho à qualificação. Fizeram parte da banca, além da Prof^a Alba Zaluar, os Professores Michael Hall e Teresa Caldeira. A eles agradeço os comentários e as sugestões, todos pertinentes e que me ajudaram muito a dar continuidade à dissertação.

No início de 1993 apresentei no CEBRAP, como trabalho de conclusão do Programa de Formação de Quadros, uma versão modificada do capítulo final deste trabalho. Participaram da banca o Prof. Roberto Cardoso de Oliveira e a Prof^a Teresa Caldeira. Os professores Giannotti, Luiz Felipe de Alencastro, Ruth Cardoso e Vilmar Faria fizeram valiosas intervenções no debate. Sou grato a todos eles pelas sugestões, comentários e críticas.

*

Agradeço a todos os moradores da Moóca que se dispuseram a conversar e a registrar seus depoimentos. Sem a sua colaboração, este trabalho teria sido impossível.

*

Em São Paulo, sempre que precisei, tive hotéis 5 estrelas à disposição. O melhor deles é o do Felipe e Gustavo; a eles agradeço a amizade, a paciência e hospitalidade. Agradeço também Fernanda e Pedro pelo tratamento de primeira. Cris, Cláudio e Regina: obrigado por tudo.

Ao longo de todo esse tempo, os amigos de Campinas sempre foram um apoio importante. Sempre soube que podia contar com Ricardo, Ronaldo, Paulo, Taís, Toró, Líriam, Joana, Flávio, Vítor e Juliana.

Durante os últimos dois anos Guilherme e Daniele estiveram próximos em mais de um sentido: eles viram e participaram de quase todas as etapas desse processo que agora termina; certamente, eles contribuíram para tornar as coisas menos difíceis.

Mirjam e Dietrich foram apoios em todos os momentos - deixo aqui registrada minha gratidão a eles.

Minhas irmãs, cada uma a seu modo, também me ajudaram a chegar até aqui.

*

Finalmente, aos meus pais, Anna e Helion, pelas lições de vida e por tantas coisas que seria impossível enumerar, e à Juliana, companheira e amiga, dedico este trabalho.

Capítulo 1

Observações iniciais e itinerários

" (...) Viver não é apenas difícil, é quase impossível, mormente naqueles casos em que, não estando a causa à vista, nos esteja interpelando o efeito, se ainda esse nome lhe basta, reclamando que o expliquemos em seus fundamentos e origens, e também como causa que por sua vez já começou a ser, porquanto, como ninguém ignora, em toda esta contrabalança, a nós é que compete encontrar sentidos e definições, quando o que nos apeteceria seria fechar sossegadamente os olhos e deixar correr um mundo que muito mais nos vem governando do que se deixa, ele, governar. Se tal sucede, isto é, se diante dos olhos temos o que, por todos os sinais e apresentação, tem vistos de efeito, e dele não percebemos uma causa imediata ou próxima, o remédio estará em temporizar, em dar tempo ao tempo, já que a espécie humana, sobre a qual, lembremo-lo, embora pareça vir a despropósito, não se conhece outra opinião do que a que ela tem de si própria, está destinada a esperar infinitamente os efeitos e a buscar infinitamente as causas, pelo menos é o que, até hoje, infinitamente tem feito".

José Saramago, História do cerco de Lisboa.

Como moradores das classes médias do bairro da Moóca vêm e reagem às transformações mais recentes da cidade de São Paulo? É mediante esta questão que passo a interferir nos infinitos efeitos e causas do contexto cujos desdobramentos

aparecerão ao longo destas páginas. Que não se iluda o leitor: esta interferência nada mais faz do que recortar, enquadrar, enfim, de alguma maneira, reduzir fundamentos, origens e consequências de fatos reais. O exercício da interpretação não tem como fugir destas características. Os sujeitos envolvidos nestes acontecimentos, bem como este que analisa seus atos e representações, todos nós apreendemos apenas fragmentos de um todo inatingível, mutante e saturado de significados. Os sentidos que procuro moldar - e que por vezes podem parecer extrapolar as fronteiras sociais em questão - na verdade emergem da apreensão de frações de uma realidade caótica, de múltiplas camadas e, claro, impossível de ser domesticada. Não é por menos que, antes de mais nada, encaro este desafio como uma tentativa de apresentar pelo menos um lado da questão - o lado que as minhas limitações permitem enxergar e analisar. O consenso, por conseguinte, é coisa difícil, já que sua possibilidade é inversamente proporcional à quantidade de perspectivas possíveis. Mas não me rendo. E se estas condições não permitem procedimentos cartesianos demonstrativos, resta seguir os caminhos da argumentação, única maneira de proceder quando a matéria é interpretativa. Os símbolos não se curvam a pareceres concordantes: os conflitos os definem e deles emanam.

Os conflitos, aliás, são muitos. Falei daqueles que podem surgir do embate das interpretações - a minha e a do leitor, a minha e a dos sujeitos em foco, a do leitor e a dos

moradores do bairro etc. Mas existem também aqueles que caracterizam a situação social em pauta. Que transformações são essas às quais fiz menção logo na primeira pergunta? Responder à questão, antes de mais nada, implica abordar atritos, diferenças, tensão. Se considerarmos as classes sociais e os espaços que elas ocupam, São Paulo, hoje, é muito mais heterogênea, misturada, do que fora até o começo da década de 80. O Capítulo 2 indica que este processo de heterogeneização é particularmente marcado nos bairros centrais, de implantação urbana mais antiga. Podemos afirmar que nestas áreas, *grosso modo*, predominavam até o final dos anos 70 as famílias dos pequenos proprietários, comerciantes e profissionais liberais. O fato é que, ao longo desses últimos 10 anos, famílias pobres passaram a ocupar, cada vez mais, lugares que antes eram relativamente homogêneos do ponto de vista social.

O bairro da Moóca apresenta de modo exemplar estes processos de adensamento demográfico e aumento da população pobre. A situação é mais complexa ainda se levarmos em conta que, também ao longo destes últimos dez anos, regiões desse bairro elitizaram-se a ponto dos preços de seus imóveis serem comparáveis, hoje, àqueles dos lugares mais valorizados da cidade. A heterogeneidade social é sem dúvida uma de suas principais características.

Este trabalho está centrado nos moradores mais antigos desse

bairro que pertencem aos estratos médios de sua população. Quero saber de que maneira estes processos de heterogeneização social e adensamento demográfico são assimilados por eles. Mais especificamente, quero pensar nas suas representações e práticas elaboradas em meio ao que eles consideram ser a "invasão" de seu território.

É preciso aqui fazer um parêntese. Apesar da interpretação que eu apresento estar mais estreitamente vinculada às imagens e atitudes de pessoas, homens e mulheres, que têm em torno de 50 anos de idade, que habitam há muito tempo na Moóca (por volta de 10 anos, pelo menos) e que vêem nos "nordestinos" a origem - ou expressão - dos problemas que captam na sua vida e no andamento da rotina da cidade e do bairro, apesar disto, meu universo de análise não ficou restrito exclusivamente a eles. Também refleti sobre os relatos e as atitudes de pessoas mais jovens; analisei as idéias e postura daqueles que, ao contrário da maioria, não vêem aquelas redondezas como "o melhor lugar do mundo"; e foram consideradas também as imagens construídas pelos moradores dos cortiços do lugar em que vivem, da cidade e do país. A minha intenção foi, através de eventuais contrastes e semelhanças, buscar os aspectos mais essenciais da visão de mundo daqueles moradores dos estratos médios que prezam seu bairro e associam muitos dos males atuais à chegada dos novos moradores pobres. Afinal, como é vista esta proximidade inédita da pobreza da perspectiva daqueles

pertencentes a famílias de renda média que, de várias maneiras, se vêem ameaçados por estes acontecimentos e pelo contexto que o envolve?

Abordei o problema, inicialmente, através da análise das narrativas de várias pessoas que moravam no bairro há mais de 10 anos. Iniciei o contato com elas em agosto de 1989, época em que fui convidado pela Prof^a. Teresa Caldeira para fazer o trabalho de campo de sua pesquisa sobre violência urbana em São Paulo. Um dos motivos que nos levou a pesquisar o bairro foi o fato de que, além de se tratar de uma região típica de classe média, eu conhecia algumas freiras envolvidas com os cortiçados da região. Através delas fomos apresentados a diversas moradoras da Moóca as quais, por sua vez, nos indicaram uma série de outras pessoas com quem poderíamos conversar a respeito do bairro e de suas vidas. Sem este cartão de apresentação nossa tarefa naquelas redondezas certamente teria sido muito mais difícil: além de tranquilizar esses moradores com relação às nossas intenções e procedência (malgrado minha aparência de "nordestino", muitas vezes lembrada pelas pessoas e que, notei com o tempo, resultava não só da minha cor da pele, mas também do fato de, pelo menos nos meses iniciais, eu ostentar uma longa cabeleira que certamente causava estranheza...), as religiosas também me levaram aos cortiços e sempre se mostraram dispostas a ajudar no que fosse preciso.

Esta foi uma das portas de entrada dos círculos de sociabilidade do bairro. Outras portas foram abertas ao acaso: resultaram de minhas andanças pela região. Bares, clubes, bancas de jornal, fábricas, pontos de táxi, escolas, universidade, parques, festas, barbeiros, jogos nas ruas aos finais de semana etc. Durante aproximadamente um ano e meio frequentei assiduamente o bairro, nunca menos de três vezes por semana, sempre tentando variar os lugares, horários e os dias. Claro que, com o tempo, fui me fixando em torno de determinados lugares onde desfrutava de alguma familiaridade. O quarto quadrante do mapa da Moóca e de seus arredores constituiu-se na área onde mais fiz contatos e conheci pessoas.

Devo dizer, no entanto, que nunca me senti "em casa": mesmo tendo acesso às residências de quase todos os cerca de 40 entrevistados - onde, aliás, foram feitas a maior parte das conversas gravadas -, mesmo me sentindo amigo de algumas dessas pessoas, sempre me acompanhou a sensação de que eu era um estrangeiro que, embora tentasse assimilar as peculiaridades de um lugar estranho, soubesse que iria voltar. Os desembarques nas estações Bresser e Belenzinho do metrô, apesar da pouca distância com relação ao centro e do pouco tempo necessário para atingi-las a partir da zona Sul, sistematicamente me causavam a impressão de estar chegando numa outra cidade. Essa impressão era ao mesmo tempo

ampliada e reduzida pelo que percebia no bairro: ampliada pela constatação inicial de que o lugar tinha um ritmo próprio, quase independente do restante da cidade - é claro, notei depois que isto dependia da faixa etária e do sexo das pessoas e, mesmo entre os mais velhos, a vida não era de maneira nenhuma restrita às fronteiras da Moóca; e reduzida porque eram por demais óbvias as correspondências entre os problemas que os moradores do lugar captavam e os fatos que atingiam a cidade, o país e, por quê não dizê-lo, o mundo.

De qualquer maneira, e pelas razões que aparecerão ao longo deste texto, a convivência com a maioria das pessoas que conheci foi um difícil aprendizado de tolerância que, não raramente, levou ao mais completo estranhamento. Refiro-me aos momentos em que as convicções políticas, os projetos de sociedade e o ódio aos pobres e "nordestinos" eram explicitados; nesses instantes era difícil manter a calma; mais ainda pautar-me por princípios "objetivos de investigação científica", ou seja, abster-me do confronto das idéias e deixar os acontecimentos encontrar seus rumos como se eu não estivesse lá. O problema todo era: como seguir princípios de racionalidade comunicativa, considerar "as razões do outro" se, muitas vezes, esse mesmo outro parecia reger suas atitudes por uma bússola que apontava caminhos exatamente opostos? Não foi fácil. Estávamos às vésperas da eleição para presidente de 1989, e os ânimos se mostravam exaltados. Eu não era exceção.

Essas dificuldades nunca foram plenamente resolvidas. Pelo contrário, ao reler as entrevistas e os diários de campo, percebi como uma gama considerável de preconceitos emanava, não apenas do ideário dos moradores do bairro, mas também de meu posicionamento com relação a essas idéias e de minhas primeiras interpretações. Amenizar esse estranhamento implicou acima de tudo relativizar posturas: as minhas e as daquelas pessoas. Para não restringir a análise à epiderme da situação - já que a intolerância, o mau humor e a desconfiança constituíam a regra dos contatos nos lugares públicos e às vezes nos ambientes privados - foi necessário um procedimento análogo ao do arqueólogo. Camadas de significação mais profundas deviam ser exploradas e, mesmo se a superfície, depois desse exercício, permanecesse com os mesmos aspectos, ao menos uma perspectiva mais alargada seria alcançada. No tempo e no espaço, explorei continuidades e descontinuidades entre as posturas dessas pessoas e outros fatos de alcance mais geral. Foi nesse processo que minhas idéias pré-concebidas perderam parte de sua força determinante e as lógicas desses moradores se tornaram menos nebulosas.

Os nomes fictícios que constam nesse texto provêm desse esforço. *O Cortiço*, de Aluizio de Azevedo, *As novelas paulistanas*, de António Alcântara Machado e *Histórias da Moóca*, de Mino Carta - esses livros retratam situações as

quais, embora específicas e abordadas segundo gêneros literários bem distintos, nos ajudam a compreender os sentidos que parte dos protagonistas dos processos atuais de heterogeneização social formulam e reproduzem a seu respeito. Mais por essas correspondências difusas, e menos por um estudo denso a seu respeito, utilizei os nomes de alguns personagens que aparecem nesses livros para preservar o anonimato dos entrevistados. Não há qualquer intenção de aproximar as idéias dos homônimos - insisto no seguinte: o que pode haver de comum entre eles são alguns traços do contexto social que os envolve.

Veremos no Capítulo 3 que, ao falarem a respeito da Moóca, da cidade e do país, de suas vidas e das transformações que vivenciavam, todas essas pessoas do bairro recorriam a alguns aspectos comuns que pareciam organizar suas idéias. Estes aspectos são os seguintes:

Em primeiro lugar, há em todos os relatos uma clara volta ao passado. Mais do que isso, em todos eles está presente a imagem, localizada em algum período do tempo pretérito, de uma vizinhança relativamente homogênea, socialmente harmônica, respeitosa e trabalhadora. Veremos que se trata de uma realidade social propícia para os exercícios da diferenciação, na qual, como dirá uma das entrevistadas, era possível "ter o privilégio de possuir o sacrifício que você fez". Mais do que isso, talvez, a relativa homogeneidade

social constitui uma garantia de tranquilidade.

Em segundo lugar, é também generalizada a percepção da heterogeneização social do bairro e de algumas regiões da cidade. Os migrantes nordestinos são tidos como os principais agentes desta mudança. As cenas urbanas, dizem essas pessoas, estão mais complicadas: classes sociais diferentes circulam e vivem mais perto umas das outras; os lugares públicos outrora relativamente calmos e seguros se tornam perigosos e proibidos; a convivência com amigos e parentes, bem como os programas de lazer, compras e passeios, passam a ser feitos em novos locais, mais seletivos e vigiados. Há mais medo.

Em terceiro lugar, todos eles percebem a crise econômica atingindo suas vidas cotidianas, o orçamento doméstico e os planos para o futuro.

Com relação a esta crise, captada e feita significativa pelos atores sociais, faço minhas as palavras de Vilmar Faria:

" (...) a natureza e a profundidade da crise dos anos 80 afetaram de forma marcada a percepção e as expectativas de boa parte da população brasileira quanto à situação presente e, sobretudo, futura do país. Além das evidências nessa direção que um exame do conteúdo dos meios de comunicação de massa - com uma ou outra exceção - e dos resultados das pesquisas de opinião pública

proporciona, existe já alguma informação preliminar dando conta de uma provável diminuição nas taxas históricas de mobilidade ascendente e de mobilidade geográfica. Talvez pela primeira vez no passado recente, segmentos de gerações têm a dura experiência da mobilidade bloqueada. No meu entendimento, as implicações dessa inflexão nas expectativas constituem uma das principais dimensões do problema social brasileiro na presente conjuntura"¹.

Este três pontos, é preciso dizer, nunca aparecem de maneira nuclear, autônoma. O diagnóstico que essas pessoas fazem do contexto está sempre ligado a pelo menos estes três elementos ao mesmo tempo: a referência ao passado, a percepção da heterogeneização social e da crise econômica.

Ao analisar os momentos nos quais as narrativas se reportam a fatos passados, percebemos, ainda no Capítulo 3, os processos de interpretação, as distorções, os lapsos, a ficção e o exagero. Tudo isso fica evidente quando comparamos o que as pessoas dizem sobre um período de tempo qualquer e o que aparece em publicações, jornais e mesmo o que surge em relatos de outras pessoas. É óbvio que não há reconstruções do passado isentas de tendências; o que está em questão é justamente o que está por trás destas tendências.

Isto nos faz lembrar que a reconstrução de fatos passados é

¹ Vilar Faria, "A conjuntura Social Brasileira - dilemas e perspectivas". *Novos Estudos Cebrap*, n. 33, 1992. Grifos do autor.

um processo ativo. Processo ao mesmo tempo individual e social, marcado ora por fatos pessoais, ora por acontecimentos coletivos, ele seleciona e qualifica o passado.

Ao falarem das décadas de 50 e 60, as imagens que predominam nas narrativas são compostas de harmonia, cooperação e honestidade. O conflito não existe. A sociedade que essas pessoas descrevem, além de próspera, é pouco diferenciada - isenta dos incômodos que são associados à presença dos pobres -, é uma sociedade sem conflitos de classe, em resumo, coesa e relativamente homogênea.

Estas imagens quase idílicas, carregadas de valores, expectativas e tipos ideais de sociedade - além de realçar os traços do passado que essas pessoas pensam ser os mais significativos - são um testemunho da situação atual. Elas apontam para o presente: a crise econômica, a intranquilidade e, principalmente, a proximidade inédita com os pobres. Estes aspectos adquirem suas cores mais fortes quando comparados aos "velhos bons tempos". Trata-se na verdade de um recurso narrativo no qual o presente e o passado são feitos significativos e se tornam comparáveis.

Em função destas características é possível classificar esses discursos enquanto mitos. Ao mesmo tempo em que narra uma história, o mito faz desta história um esquema de

interpretação de outros fatos. O mito se desdobra. Abre para outras realidades daquelas de onde provém e incorpora novos elementos. Enquanto recorta e torna significativa uma sequência de eventos passados, permite também avaliar a situação presente.

Parâmetros da "boa sociedade" compõem esses mitos. As histórias narradas, se por um lado excluem desordens dos mais variados tipos quando se trata de falar sobre o passado, de outro evidenciam relações sociais marcadas por um alto grau de envolvimento emocional, identificação moral, coesão e continuidade através do tempo. Estes aspectos nos remetem à idéia de comunidade.

Veremos então que estamos diante de mitos da comunidade. Ao mesmo tempo em que estas narrativas se referem a acontecimentos pretéritos, elas constituem uma maneira de interpretar o mundo que permite avaliações do presente e constrói expectativas do futuro. Esta maneira de interpretar o mundo encontra, por vezes, correspondências empíricas: redes de relações sociais são formadas e mantidas segundo este diapasão; mesmo algumas partes do bairro e da cidade permanecem, a despeito das transformações recentes, reflexos da comunidade idealizada. Todavia, é no plano das idéias onde esta visão de mundo é mais efetiva: trata-se de uma medida através da qual os acontecimentos são feitos significativos.

E como operam estes mitos da comunidade quando se trata de descrever o presente? O Capítulo 4 procura abordar esta questão através da análise das imagens que são feitas, pelas pessoas pertencentes às classes médias do bairro, sobre aqueles moradores mais pobres que habitam a mesma área e que são cada vez mais numerosos. A constelação de acontecimentos com os quais se defrontam estes moradores do bairro - crise econômica, violência urbana, privações de circulação e de sociabilidade - é muitas vezes feita significativa através da presença daqueles considerados extra-comunitários. Os pobres, veremos, de acordo com essas pessoas representam, senão literalmente, ao menos simbolicamente, a desorganização que é captada por esses moradores mais antigos nas várias esferas da vida.

Se esperanças de melhoras há, elas parecem seguir parâmetros que, se por um lado captam, classificam e dão sentido à desordem atual, por outro apontam soluções mais radicais. Estas soluções ficam evidentes quando esses moradores do bairro analisam o mundo da política. O Capítulo 5 mostra que, ao falarem do passado, do presente, e ao projetarem a sociedade ideal, de várias maneiras, distintas e semelhantes entre si, eles externam de modo o mais vívido possível a vontade de interferir nos rumos das transformações. Podemos dizer que é no complexo simbólico que gravita em torno da imagem do político onde ocorre, talvez de modo mais claro, a

passagem das normas para a prática: as narrativas a este respeito são menos contemplativas e mais incisivas - é de soluções que elas falam.

A Moóca, parte da área da zona Leste da cidade próxima ao centro, faz parte de um conjunto de bairros que vem sistematicamente apresentando, senão os maiores índices de apoio aos candidatos personalistas da direita autoritária, aos menos os índices mais baixos de votos favoráveis aos políticos pertencentes à esquerda do espectro eleitoral. Quando parte de seus moradores das classes médias refletem sobre as eleições e se decidem por um candidato, eles estão procurando princípios ordenadores capazes de restabelecer a situação social ideal, regida segundo os parâmetros comunitários.

É nesta busca por princípios de ordem que penso haver algumas pistas para pensarmos na identificação de grande parte dos moradores do bairro com os discursos e os personagens políticos. Nas narrativas que abordam os administradores públicos é recorrente a idéia do "pulso firme", de "uma autoridade competente". São eles os responsáveis pela condução da boa sociedade.

A função do "chefe" neste projeto de sociedade é de importância fundamental. Ao "bom governo" cabe a segregação daquelas famílias que, devido à sua condição social -

pensada pelos entrevistados como resultante de uma natureza diversa - não podem participar da sociedade ideal. Já que a maior parte dos problemas atuais decorre da presença dos pobres, ou são simbolizados desta maneira, é de importância fundamental resolver, antes de mais nada, esta "questão social".

O mundo da política é pensado segundo parâmetros da comunidade. Fica a impressão de que qualquer ideologia de justiça social, ou qualquer apelo à solidariedade com os pobres que povoam o ideário destes moradores do bairro, tudo isto parece não ter sentido algum. Os retrospectos eleitorais do bairro parecem decorrer, ao menos em parte, destas visões de mundo. Há um projeto de futuro, um projeto de sociedade, que está por trás das escolhas eleitorais. Este projeto, ao mesmo tempo em que procura sintetizar uma sociedade harmônica, próspera e homogênea - isto é, sem "diferenças muito grandes" -, exclui de seus horizontes todos aqueles que não se adequam às premissas do bem viver comunitário.

Longe de constituir um todo organizado, coerente e tranquilizador, os mitos da comunidade que analiso, se por um lado fornecem alguns elementos com os quais as diversas situações ao longo do tempo são feitas significativas, por outro, esses mitos não têm o poder de integrar todas as características da realidade que se apresenta.

O Capítulo 6 mostra que a "boa sociedade" encolhe na medida em que a vida, nos seus vários níveis, se torna cada vez mais difícil; na medida em que as expectativas de prosperidade e harmonia não se concretizam; na proporção em que os lugares perigosos avançam sobre os espaços outrora conhecidos e seguros; enfim, os horizontes destas pessoas parecem cada vez mais restritos, já que os temores se multiplicam na mesma intensidade em que a sociedade mostra uma face que não é a desejada.

Este encolhimento de horizontes - e é preciso deixar isto bem claro, do contrário perdemos de vista aspectos fundamentais para o entendimento da situação - associa-se a toda uma gama de novas práticas de sociabilidade, de consumo, e de visões com relação ao passado, o presente e o futuro. Apesar de dizerem que os "tempos de hoje" não são mais como os de "antigamente", essas pessoas procuram maneiras de conviver, consumir e adaptar-se ao contexto. Longe de constituir um empecilho ao pensamento e à análise da realidade, esta situação na verdade serve de fermento para projetos, ideias e práticas desses moradores do bairro.

O capítulo final procura mostrar alguns limites deste projeto de sociedade. Utilizo ideias de Richard Sennett e as "corrijo" através de sugestões de Sérgio Buarque de Holanda

a fim de pensar nos seus impasses. A cordialidade, intimamente vinculada à idéia de comunidade, se mostra um princípio incompatível com as premissas mais básicas da democracia. Estamos falando, portanto, de eventos, imagens e posturas que constituem dissonâncias com relação aos acordos da consolidação democrática nesse país.

*

E se a dimensão trágica dos problemas que a situação coloca ainda não convenceu o leitor, lembro acontecimentos recentes como o massacre da Casa de Detenção, o ataque ao Centro de Cultura Nordestina supostamente praticado por grupos neonazistas, e outras barbaridades congêneres que parecem se intensificar. Qualquer semelhança com os projetos de sociedade derivados de premissas comunitárias e excludentes não é mera coincidência.

Há que se considerar estes projetos de sociedade seriamente.

* * *

O leitor notará que não existe neste texto nem um capítulo metodológico à parte e muito menos seções e apêndices reservados aos dados estatísticos e similares. Embora as representações e práticas desses moradores do bairro da Moóca constituem o núcleo da etnografia, não há como pensá-

elas desvinculadas de outras espécies de discursos. Dados de caráter sociológico e histórico aparecem aqui entrelaçados às imagens e atitudes desses habitantes de São Paulo. Os protagonistas dessa realidade social estão inevitavelmente imersos em um contexto de múltiplas determinações. O exercício a que me propus vai no sentido de integrar estas determinações ao invés de tomá-las enquanto existências autônomas. Propositadamente, fixei um ponto de referência a partir do qual analiso o sentido destas determinações: trata-se dos instantes em que as experiências individuais não podem ser apreendidas sem a referência social e vice-versa. Encontrar um caminho interpretativo que se mantenha neste limiar sem desruí-lo não é simples: implica saltos constantes entre esses níveis, o que muitas vezes poderá prejudicar a fluidez da leitura. Mas a idéia merece ser mantida já que, pelo menos, torna mais evidente a interdependência que há entre os sujeitos e os acontecimentos de ordem mais geral, no tempo e no espaço.

O que vale para as pessoas cujas idéias povoam este trabalho vale igualmente para quem as investiga. Estou também sob a influência direta de uma série de acontecimentos; mais especificamente, há vários autores e teorias das quais me utilizo a fim de interpretar o que se passa no contexto em pauta. O maior problema, contudo, é como não submeter os pareceres e atitudes alheios às grades teóricas e, deste modo, empobrecê-los irremediavelmente (muito embora, há que

se notar, alguns pareceres e atitudes são de fato simples). A saída que encontrei foi explicitar o processo de interpretação, construir o argumento passo a passo, sempre partindo do material empírico e, quando necessário, apresentar autores e suas idéias a fim de facilitar a compreensão. É claro que a interpretação já ocorre na própria seleção das entrevistas, no modo pelo qual elas são dispostas no texto - enfim, não há como desconsiderar o papel fundamental do autor já nos primeiros tratamentos dispensados aos dados primários. Todavia, me parece que a preocupação com os problemas inerentes à tarefa interpretativa já é um passo importante no seu aprimoramento. Ela implica fazer perguntas às minhas afirmações, duvidar não só do que é dito, mas do que digo daquilo que se passa, enfim, implica tanto estranhar o outro quanto estranhar minhas referências e conclusões. É claro que o processo todo não tem fim, e este texto na verdade é um falso ponto de equilíbrio - aqueles que acompanharam suas inúmeras versões podem perceber talvez com mais nitidez o que estou dizendo.

O uso que faço dos tempos verbais neste trabalho está contido nestas preocupações. Na maior parte das vezes, utilizo o passado para descrever as situações vivenciadas, os encontros e todos os acontecimentos cujo registro consta de cadernos de campo e anotações datadas. Esta foi a maneira que encontrei de manter o caráter circunstancial, único e

portanto flúido da experiência etnográfica. O leitor poderá argumentar que o tempo passado cria um distanciamento forçado entre o analista e o seu "objeto". Ao que respondo da seguinte maneira: o tempo passado permite explicitar o fato de que as impressões, os diálogos e as descrições foram feitas em uma situação específica, da qual participaram o etnógrafo e as outras pessoas envolvidas. Utilizar o tempo presente para descrever algo vivenciado no passado é negar a contemporaneidade das pessoas e fatos descritos. Quando digo "fulano era um sujeito..." ou "na praça havia..." não estou dizendo que hoje fulano e a praça não sejam mais assim (muito embora, talvez, eles realmente não sejam mais). Antes de mais nada, estou me inserindo na própria descrição, mostrando como eu também fiz parte da cena, comuniquei-me com ela, e que foi somente pelo fato de ter feito parte de uma dada situação que foi possível descrevê-la tal e qual ela aparece, agora, nesta dissertação.

Utilizo o tempo presente basicamente quando analiso a descrição: nestes momentos evidencio que se trata de uma reflexão *a posteriori*, feita longe do calor da hora, sem a presença dos fatos e das pessoas que compunham a situação. A intersubjetividade nesses instantes é virtual, apesar dos fatos passados estarem registrados e constituírem interlocutores, balizas e alertas para a análise.

De qualquer maneira, minha idéia foi explicitar a dialética

da reflexão etnográfica através destes artifícios: a experiência passada mesclando-se às preocupações posteriores; estas reinterpretando a experiência anterior, e assim sucessivamente. Mais uma vez, sou forçado a dizer que o resultado aqui apresentado é apenas uma etapa de um processo sem fim².

Mas vamos ao que a tarefa interpretativa nos reserva.

² Para a discussão dos tempos verbais utilizados na Antropologia, ver Johannes Fabian, *Time and the other - how anthropology makes its object*. New York, Columbia University Press, 1983.

I

O contexto e alguns de seus
traços fundamentais: o espaço
em mutação

Capítulo 2

O bairro da Moóca

"Os senhores do café não moravam na Moóca, tampouco os empresários italianos que se tinham estabelecido no bairro com suas indústrias. Moóca e Brás foram o ABC pioneiro dos começos do século, e poucos entre seus moradores ficaram ricos, e nenhum rico a ponto de ganhar entrada no clube fechado dos donos do poder"¹.

As primeiras impressões

O dia era 8 de Agosto de 1989. Fazia sol e deviam ser mais ou menos onze horas. De dentro do carro, e seguindo as indicações para a Moóca, a rua dos Trilhos aparecia como uma espécie de corredor que nos levava ao coração do bairro. Muito estreita de início, ônibus, caminhões e automóveis iam nela se espremendo. As pequenas casas sem recuo, muito mal conservadas (algumas aparentando o mais completo abandono), os bares nas esquinas, construções sendo demolidas, lojas apertadas e escuras, lixo acumulado nos bueiros e nos cantos das calçadas, espaços vagos nos quais já havia crescido mato - tudo se apresentava com mais detalhes assim que a

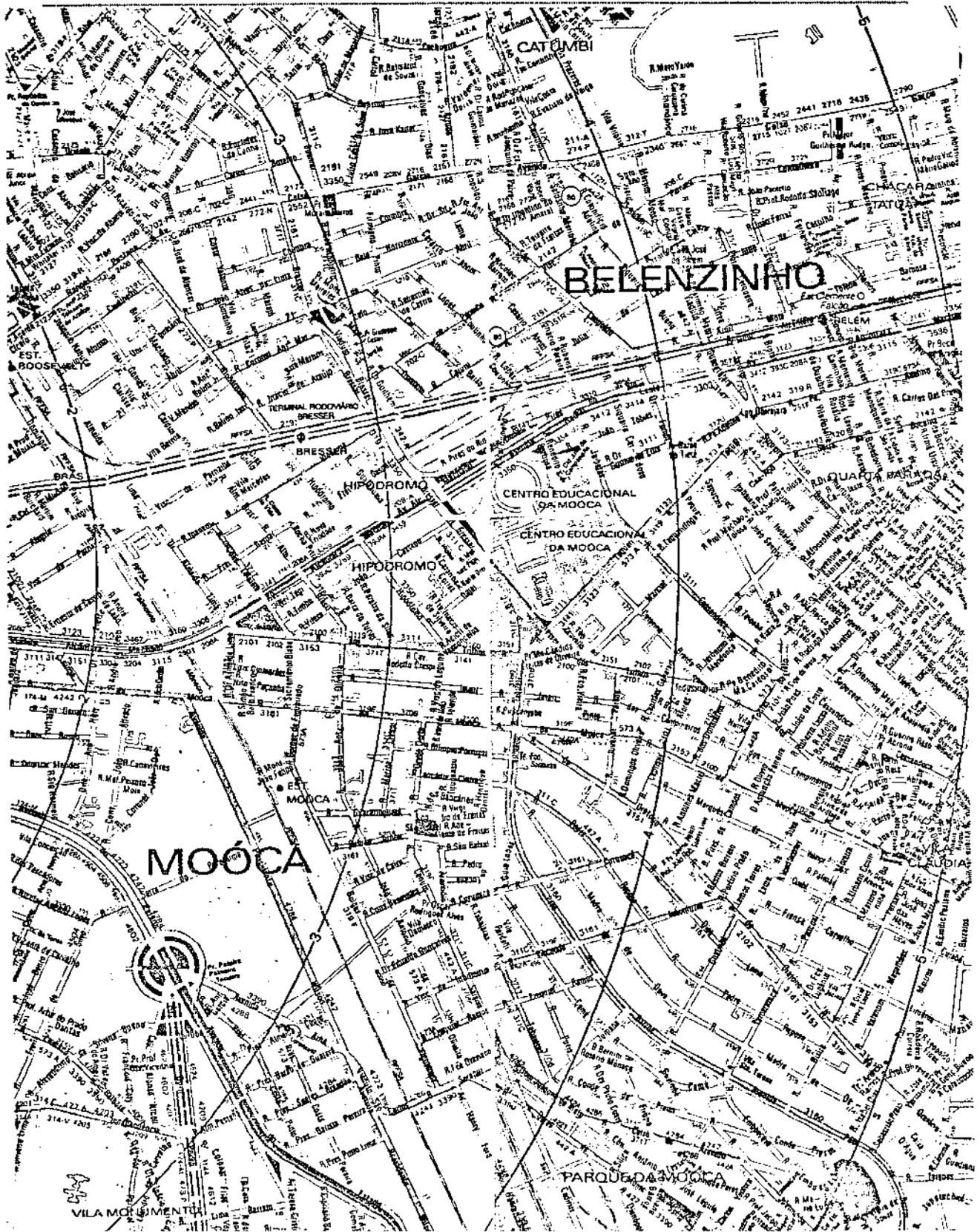
¹ Mino Carta, *Histórias da Moóca (com a bênção de San Gennaro)*. Rio de Janeiro, Berlendis & Vertecchia Editores, Ltda, 1982, p. 68.

velocidade do trânsito permitia. As calçadas eram também pouco largas, mal sendo suficientes para os pedestres, que por este motivo, ou por outros, eram poucos. Bastante gente havia nos pontos de ônibus, que passavam sempre lotados, vindos provavelmente do centro. Dentro dos botecos havia também um grande número de pessoas, na sua maioria operários vestidos em seus macacões azul-marinho.

Depois de cruzar a rua do Hipódromo, a rua alargava-se. À direita, o prédio do antigo Cotonifício Crespi, com seus tijolos à vista, suas janelas enormes cobertas por grades, tudo marcado pelo tempo e pela fuligem; à esquerda, um estacionamento e uma área livre da Prefeitura, na qual tinha lugar uma feira. Senhoras empurrando seus carrinhos iam calmamente fazendo seus trajetos de volta. Mais adiante, as instalações da Universidade São Judas Tadeu, com seus muitos andares, vidros e concreto. Desembocamos na avenida Paes de Barros.

Logo viramos à direita e estávamos na rua da Moóca. Era tão estreita quanto o início da rua dos Trilhos, porém mais movimentada. Muitas pessoas nas calçadas, encobrindo as inúmeras vitrines das mais diversas lojas. Barulhos dos veículos, música, anúncios de liquidação feitos através de alto-falantes, filas muito grandes nos pontos de ônibus, aglomerações nos bares e lanchonetes. Tratava-se do centro nervoso do bairro. Não ficava atrás de qualquer rua de

Mapa 1 - o bairro da Moóca e suas imediações



comércio da cidade. Talvez fosse até mais variado. Havia desde supermercados, lojas de automóveis, eletrodomésticos, móveis, roupas, tecidos, sapatos, até papelarias, óticas, bares, açougues, padarias, armarinhos, fotógrafos, imobiliárias, floriculturas, lojas de discos, locadoras de vídeo, pizzarias, restaurantes, bancas de jornais e revistas.

Saimos desta rua movimentada e percorremos a Orville Derby. O contraste era gritante. Nada de barulho, carros, ônibus, pessoas e lojas. As cenas agora pareciam regidas segundo outro diapásão. Árvores interrompiam vez ou outra o tapete de cimento das calçadas. Casas residenciais predominavam. Eram bem cuidadas. Não muito grandes, de dois a três quartos. A maioria não tinha recuo. A diferença com relação àquelas mais bem conservadas da rua do Trilhos estava no fato de que estas com frequência apresentavam garagens. Era evidente que tinham passado por reformas para dar espaço para os automóveis: a harmonia das fachadas, simples mas bem dosadas entre janelas, portas e pequenos detalhes ao seu redor, sofria reveses consideráveis com a abertura do vão necessário ao estacionamento dos veículos. As garagens sempre tomavam uma parte bastante significativa da frente das moradias, chegando muitas vezes à sua metade. As grades, portões pesados e muros altos eram também recorrentes, o que acabava prejudicando mais ainda a plástica leve e simples daquelas casas.

Uma ou outra fábrica chega a ocupar um quarteirão inteiro; seus operários, uniformizados e descansando sentados nas calçadas, acabavam contribuindo para o andamento mais cadenciado, quase sonolento, que estas imagens agora sugeriam.

O horário influía nestas impressões. Era intervalo de almoço, sol a pino, e quem não morava por perto tratava de repousar ou almoçar da maneira que achava mais conveniente. Estas pessoas eram obviamente as mais visíveis. Os bares aqui serviam refeições a estes trabalhadores: placas nas calçadas anunciavam o prato do dia e o preço para os operários das fábricas, empregados do comércio e vendedores ambulantes. Alguns deles ainda tinham mesas de bilhar, sempre ocupadas, geralmente por duas duplas de jogadores. Em alguns destes estabelecimentos era possível distinguir, bem no alto de suas fachadas, quase na cumeeira, a data de sua fundação. Alguns tinham números romanos indicando o começo deste século.

A rua Pedro de Lucena, próxima à Orville Derby, é um pequeno cotovelo. Suas casas são todas bem cuidadas - pelo menos é o que as fachadas transmitem. Reservavam-se aos portões e grades o maior papel na decoração. Algumas vezes, cobriam a totalidade das casas. Raramente apareciam dois feitios de portões parecidos lado a lado. Formatos, cores, materiais:

um pequeno espetáculo de ostentação, diferença e segurança era oferecido a quem quer que gastasse algum tempo contemplando as grades e portões daquelas residências. Vidros espelhados ou escuros eram frequentes, tanto quanto o eram os carros novos apertados nas garagens. Cães-de-guarda acomodavam-se nos pequenos espaços recobertos de cimento, ou com algum tipo de pedra, entre as frentes das casas e os portões. Algumas crianças se aventuravam a sair do interior das casas, mas logo paravam nas barras de ferro que delimitavam, de modo inequívoco, as fronteiras da segurança.

De qualquer ponto do bairro, e olhando para o horizonte, eram visíveis os muitos prédios. Concentravam-se mais ao redor da avenida Paes de Barros e do Clube Juventus. (Nesta região também ficavam as casas mais luxuosas que até então tínhamos visto). Iam dos mais luxuosos aos mais simples, dos mais altos aos pequenos conjuntos de poucos andares. Tão numerosos quanto os já habitados eram os edifícios em construção. Pelo que as placas indicavam, suas unidades eram vendidas rapidamente.

Notávamos que estes prédios também incorporavam portões e grades semelhantes àquelas encontradas nas casas mais bem guardadas. As guaritas eram amplamente difundidas. Para as áreas de lazer sobrava pouco espaço e, fosse nos prédios sofisticados ou simples, os escorregadores, as piscinas muito pequenas, os balanços e as quadras de esportes, quando

existiam, ficavam espremidos entre os portões e os muros.

*

Estas impressões iniciais resultaram da primeira visita ao bairro, feita com Teresa Caldeira, coordenadora da pesquisa anteriormente citada. Nos dois anos seguintes, ao longo dos quais fui mantendo um contato mais ou menos regular com o bairro e seus habitantes, estas imagens, e as outras que se seguiram, foram ganhando uma série de significados. As conversas com os moradores da região, as idéias que tinham a respeito de seu bairro, e o modo pelo qual o inseriam na cidade e no mundo, tudo isto, devo dizer, nunca padeceu de falta de dinamismo, riqueza e irresoluções.

Complexidade: esta parece ser a qualidade mais adequada para caracterizar o bairro e suas imediações. Não é mais um bairro industrial, como um dia já o fora, embora suas indústrias e fábricas ocupem grandes áreas e empreguem um grande número de trabalhadores; o comércio, apesar de diversificado e abundante, chegando ao ponto de ser considerado por alguns moradores como sendo auto-suficiente, compete com os *shoppings* e hiper-mercados, principalmente os da zona sul; quanto às prestações de serviços, e malgrado o número cada vez maior de bancos, escritórios de contabilidade, despachantes e advocacia que se estabeleciam na Moóca, estes não pareciam ser suficientes para atender

toda demanda que havia. Eram frequentes as idas ao centro da cidade para resolver tarefas deste tipo.

As habitações eram também as mais variadas. Havia desde cortiços, com inúmeras famílias dividindo espaços muito pequenos, passando pelas casas térreas - que por sua vez iam das mais despojadas às mais equipadas com toda espécie de dispositivo para segurança -, até os prédios de apartamentos, destes também havendo exemplares que cobriam todo o espectro possível de sofisticação.

As condições sociais das pessoas do bairro eram tão variadas quanto o eram suas moradas. Operários das fábricas, comerciários, comerciantes; pequenos, médios e até grandes empresários, estudantes, universitários, profissionais liberais; aposentados e donas-de-casa. Como veremos a seguir, a área na qual mais concentrei minhas atenções continha predominantemente pessoas de meia idade, em torno dos 50 anos, de renda média para média-baixa, as casas eram na sua maioria térreas e, não raramente, ficavam próximas a algum cortiço. Mas bastava um pequeno deslocamento, a pé mesmo, e o quadro se modificava radicalmente. Poderiam surgir, tanto um luxuoso prédio de apartamentos, casas grandes e bem cuidadas, quanto uma concentração de cortiços, áreas abandonadas, fábricas desativadas e barracos de papelão e madeira sob alguma ponte. Os contrastes e a variedade predominavam.

Um breve histórico

"Moóca 433 anos.

São grandes os preparativos em torno do aniversário da Moóca. Uma intensa programação foi preparada e neste domingo (13) começa a ser executada.

A Sociedade Amigos da Moóca, com apoio do Clube dos Lojistas local e de várias autoridades civis e militares, conseguirá manter viva a tradição que envolve moradores desta região. A alegria e emoção de ver seu bairro festejando o seu aniversário sem dúvida alguma fará com que eles esqueçam por alguns momentos as situações difíceis enfrentadas pela população e pensem positivamente em dias melhores.

A Moóca assim como qualquer outro bairro de São Paulo, tem os seus problemas que deveriam ser resolvidos satisfatoriamente pelos nossos poderes públicos, porém como tudo é muito lento no atual panorama administrativo, mediante grandes dificuldades financeiras e não por omissão, devemos esperar sem nos precipitar. Devemos sim continuar reinvidicando e batalhando legalmente em prol de nossas necessidades. A conquista dos nossos objetivos será alcançada. Enquanto isso, vamos festejar com ênfase os 433 anos de existência e claro, na condição de vencedor, pois temos um bairro do qual devemos nos orgulhar pois ele é bem estruturado tanto na indústria, como no comércio e em termos residenciais além de sua cultura secular, um legado de nossos antepassados ou seja, de duas importantes colônias: a italiana e a espanhola que ajudaram a construir a nossa história, e que continuam através de seus descendentes a desenvolver importante papel dentro de nossa sociedade.

A Moóca é um bairro hospitaleiro, aceita de braços abertos todas as raças, sem distinção de cor ou credo. A Moóca é democrática. A Moóca é progresso. Vamos

erguer as taças e comemorar o seu aniversário!"².

Os mais de quatro séculos de bairro eram comemorados havia pouco tempo. Até 1981 atribuía-se à Moóca 114 anos de existência. Foi quando o Sr. Lybio Martire, advogado, respeitado na região, tido como profundo conhecedor da história da cidade de São Paulo, resolveu subverter estes dados e apresentar provas para seu argumento. Martire é morador ilustre da Moóca. Ocupa juntamente com sua esposa e o filho uma bela casa na avenida Paes de Barros, uma das poucas remanescentes das épocas de ouro da burguesia local, e comparável às que ainda hoje se encontram na avenida Paulista. Tem um escritório de advocacia no centro da cidade e é frequentador assíduo das sessões de dança e música clássica do Teatro Municipal.

Numa conferência proferida no Salão Nobre da Faculdade São Judas Tadeu, e publicada em 1985³, Martire discorreu sobre as origens da Moóca. "Há diversas versões sobre a palavra Moóca. Uma Moo-oka significa ares secos, enxutos, que faz ares amenos, saudáveis. Esta versão não convence muito. Aqui tínhamos o rio Tamanduateí, o riacho Ipiranga, o rio Tatuapé, o riacho Moóca, Aricanduva e outros que davam condições para que o lugar fosse úmido. (...) Ao que parece, os primeiros habitantes, brancos ou reinóis, começaram suas

² *Moóca News*, São Paulo, 12 a 26 de Agosto de 1989, p. 1

³ *Portal da Zona Leste: Moóca, 1556-1985 Edição Histórica*, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1985, pp. 2,3.

construções de casas, daí a exclamação dos índios diante da novidade: Mooça - faz casa!. E há outra versão que me parece razoável: (...) os seus colegas jesuítas ainda do Tijicuassu enviavam (coisas) através do Tamanduateí então navegável. Por isso é que temos a Ladeira Porto Geral, porque lá era o Porto Geral das Embarcações do Tamanduateí. Então, estes colegas mandavam o barro para os jesuítas daqui, que estavam a poucos metros do Pátio do Colégio, e os jesuítas ensinavam os índios a fazer casa e como eles falavam o Tupi-Guarany diziam Mooça - fazer casa, faz casa, e daí surgiu a história originária desta palavra indígena. Daí a palavra encontrou um meio fácil para fixar-se e popularizar-se"⁴.

A Moóca, afirma nosso conferencista, tem a idade de São Paulo. A data de sua fundação devia ser festejada de acordo com este fato. "Não pretendemos que seja comemorada a 25 de janeiro, mas queremos que esta data se aproxime da fundação de São Paulo porque a Penha, que veio depois, a última a ser descoberta por Brás Cubas, tem mais de 300 anos, o Pari, dizem, 404, também o Belém 82 e a Moóca 114 anos, que história mal contada, não? (risos e palmas). É lá o início de tudo"⁵.

O fato concreto, que comprova as afirmações de Martire, é um achado do Sr. Luciano Junior, que cita Nuto Sant'Anna,

⁴ *Idea*, p. 2.

⁵ *Idea*, p. 3.

jornalista, poeta, romancista, historiador e crítico, falecido em 1975, e que publicou, entre outros, *São Paulo Histórico* na década de 40. É a esta obra que o Sr. Luciano Junior se refere para definir o ano preciso do aparecimento do bairro. O trecho fundamental foi gravado numa placa de bronze, que hoje está fixada num monumento na avenida Paes de Barros. Diz a placa:

*Associação Esportiva e Cultural Pepe
Legal
Origens da Moóca - data de referência*

Há um fato concreto: a 17 de agosto de 1556, dois anos e pouco após a arribada dos jesuítas, a governança de Santo André comunicou aos munícipes estarem todos "obrigados a fazer a ponte do rio Tometeai que passa por junto da vila todas as vezes que disso tiver necessidade.

A ponte deve ser mesmo a nossa e por ela passavam os padres da Companhia de Jesus.

Essa ponte-chave reparou-se ou reconstruiu-se periodicamente por anos e séculos afora. A ponte do Tamanduateí foi sempre a mais notável e tradicional.

Nuto Sant'Anna

Eugênio Luciano Junior - pesquisador

As comemorações do aniversário do bairro, agora tão antigo quanto os mais antigos da cidade, os monumentos que lembravam sua ancestralidade, o apoio das entidades representativas dos mais variados setores sociais da Moóca às festas, e a qualquer coisa que dizia respeito às confraternizações locais, tudo isto alimentava a idéia de

que se tratava de um lugar de tradição. Isto estava presente nas falas das pessoas que ali moravam, principalmente as que lá estavam há mais tempo, como veremos no capítulo seguinte. Ao narrar suas histórias pessoais, os acontecimentos que achavam os mais significativos, estes moradores de alguma maneira filtravam e traduziam para o registro subjetivo fatos dos quais tinham ouvido falar, acontecimentos vivenciados e até, quem sabe, histórias simplesmente imaginadas. Para entendê-las é preciso, não só captar o sentido desta tradição, mas também percorrer o itinerário do bairro, da região e da cidade, pelo menos desde o começo do século, que é de onde partem as narrativas que se encontram nos poucos livros, jornais, edições comemorativas e nas falas das pessoas.⁶

Em 1881, a Cia. Cantareira e Esgotos encomendou ao engenheiro Henry B. Joyner uma planta de São Paulo. Nela aparece, pela primeira vez, a rua da Moóca. Também consta deste mapa o ramal ferroviário que a São Paulo Railway construiu do centro antigo até o Hipódromo da Moóca. Antes

⁶ Desde já fica evidente que a separação das histórias orais, escritas, da tradição veiculada pelos jornais e daquela alimentada nas conversas, não passa de artifício analítico. Embora haja com certeza muitas distorções quando os fatos passam de uma forma a outra, é mesmo assim necessário perstrutar suas várias manifestações. No entanto, mais adiante veremos que é difícil encontrar correspondências entre o que se diz sobre os mais de 435 anos que o bairro hoje teria, e os documentos e informações disponíveis para reconstruir um pequeno histórico da área. É por isso que, apesar de não desprezar o que se diz sobre os mais de quatro séculos de existência da Moóca - sobretudo o sentido simbólico destas afirmações -, focalizo o desenvolvimento da região a partir do início deste século.

disso, assim, podemos supor que aquilo que hoje corresponde à área do bairro não passava de uma paisagem pouco povoada e campestre. De fato, há uma planta da cidade, de 1879, desenhada pelo intendente de obras Gomes Cardim, que denomina de Vila Gomes Gardim um loteamento que hoje corresponde à maior parte da Moóca. Esta vila, "até 1940 não passava de grandes chácaras e até sítios, e somente após esta época entrou em desenvolvimento. Neste mapa constam claramente: o Hipódromo da Moóca, o ramal ferroviário ainda sem existir a rua dos Trilhos, as estradas de ferro São Paulo Railway e Central do Brasil"⁷.

Tabela 1
Evolução da população da cidade de São Paulo, 1890-1991

ano	população	cresc.geométrico médio
1890	64934	-
1900	239820	13.9
1920	579033	4.5
1940	1326261	4.2
1950	2198096	5.2
1960	3781446	5.6
1970	5924615	4.6
1980	8493217	3.7
1991	9480427	1.0

Fonte: Censo IBGE, apud Teresa P.R. Caldeira, *City of Walls: crime, segregation, and citizenship in São Paulo*. Tese de doutorado, Berkeley, 1992, p. 229.

São Paulo, nesta época, era uma cidade pequena cuja população não passava de 65 mil habitantes. Na década que precede a virada do século, porém, ocorre um grande incremento populacional, como podemos verificar na tabela 1.

⁷ Portal da Zona Leste: Moóca, 1556-1985 Edição Histórica. Op. cit., p. 15.

É a época do crescimento industrial, marcada pelo surgimento das indústrias de bens de consumo de massa, que traz com ela uma leva de trabalhadores e a ocupação de áreas urbanas até então pouco aproveitadas. O vale do rio Tamanduateí vai sendo preenchido com indústrias, um pequeno comércio e por casas geminadas - estas últimas frequentemente organizadas em vilas e regidas segundo o apito das fábricas⁹. O Brás, a Moóca, Pari e Belenzinho a leste, Bom Retiro e Barra Funda a noroeste, Ipiranga e mais tarde Vila Prudente ao sul e o ABC estão no centro destes 'acontecimentos'. Por serem regiões baixas, atravessadas por ferrovias, são as primeiras a receber, vindos do Porto de Santos e tendo como destino todo o Estado de São Paulo, café, mercadorias e, principalmente, trabalhadores¹⁰.

Juntamente com as indústrias, o capital e os operários vão aparecendo os desempregados, os ambulantes e toda sorte de biscateiros, que vivem ou à margem do processo, ou de tentam se beneficiar indiretamente. Os menos afortunados espalham-se por São Paulo. A *Folha do Brás*, de 12/11/1899, nos descreve rapidamente a condição deste "exército de

⁹ Ver Cândido Procópio Ferreira de Camargo e outros, *São Paulo-1975 - crescimento e pobreza*. São Paulo, Eds. Loyola, 1981, pp. 23-25.

⁹ Jorge Wilheis, *São Paulo Metrópole 65*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1965, p. 14. O aspecto das vilas operárias desta época era bem parecido com suas correspondentes inglesas, pelo menos no que diz respeito à organização espacial das casas dos operários e dos gerentes e funcionários mais qualificados. Enquanto os primeiros dividiam casas geminadas (cujo modelo são claramente as *back-to-back houses*), aqueles encarregados da administração ou com alguma especialidade eram acomodados em casas mais espaçosas, todavia muitas vezes ao lado daquelas vilas operárias.

¹⁰ Raquel Rolnik, "São Paulo, início da industrialização" in Lúcio Kowarick (org.) *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

reserva": "Em todos os bairros da grande cidade são as casas de habitação coletiva que constituem a regra geral, porquanto mesmo nos arrebaldes mais ricos e luxuosos, encontram-se a cada passo casas com quatro ou mais famílias"¹¹.

Podemos imaginar, pelo menos desde então, que a Moóca não fugia à regra. Habitações operárias, cortiços e casas mais espaçosas estavam muito próximos uns dos outros. Ainda hoje é possível visualizar estes arranjos: algumas vilas operárias permanecem, agora ocupadas por famílias mais pobres e não necessariamente ligadas à indústria, como ocorre na rua dos Campineiros e na João Caetano, por exemplo, perto das quais aparecem casas mais espaçosas. A diferença está no fato de, ao contrário do que ocorria no início do século, aqueles que habitam as vilas estão, geralmente, mais bem acomodados do que os moradores dos casarões: estes transformaram-se, principalmente a partir da década de 70, nos cortiços que atualmente se espalham pelo bairro.

Na década de 1920, a cidade já era um importante centro urbano. Mais de 600 mil habitantes faziam dela a segunda maior do país. Desta população, 36% eram estrangeiros. O apogeu da imigração, atingido na última década do século

¹¹ Apud Lúcio Kowarick e Clara Ant, "Cem anos de promiscuidade" in Lúcio Kowarick (org.) *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

passado, e refletido no fato de que, em 1893, 55% da população paulistana era de origem estrangeira, ainda irradiava suas influências. "A nova onda de 'invasores' ocupou alguns dos velhos bairros proletários ou acampou na periferia da cidade em 'vilas' e 'parques' caóticos, com nomes ironicamente aprazíveis, meros letreiros de ônibus portadores de uma carga cinzenta e malcheirosa, aos olhos da gente mais favorecida"¹². Os imigrantes povoavam não só as partes menos nobres da cidade, como também as colunas policiais dos jornais e as preocupações dos homens da lei e da ordem.

É claro que não eram apenas os estrangeiros os únicos envolvidos com a polícia e alvo de todo tipo de discriminação. Os processos de vadiagem segundo a nacionalidade, para o período entre 1906 e 1908, pesquisados por Boris Fausto, mostram que "a massa de vadios era formada por uma população predominantemente nacional, onde talvez fosse possível encontrar um número significativo de pretos e mulatos, marginalizados de atividades econômicas atraentes nos anos pré e pós-Abolição"¹³.

Embora possamos entrever uma diferença na maneira pela qual os vadios brasileiros e os estrangeiros eram vistos e tratados pelos agentes da ordem - os primeiros

¹² Boris Fausto, *Crime e cotidiano. A criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 10.

¹³ *Ibidem*, p. 45.

sistematicamente colocados sob suspeita, enquanto os últimos apenas o eram segundo a conjuntura¹⁴ -, o fato é que havia na cidade as zonas perigosas, onde uns e outros, brasileiros ou não, condensavam-se nos bairros mais pobres. O Brás era famoso pelos italianos, principalmente aqueles vindos da Calábria, lembrados por seu "sangue quente" e disposição para confusões, bem como por seus cortiços, mulatos, brigas, gafieiras, marginais, jogadores profissionais, etc., como o atesta o *Comércio de São Paulo* de 2/1/1915¹⁵.

É importante lembrar que, nesta época, o Brás e a Moóca não se distinguem a não ser de modo muito artificial:

*"(...) é no mínimo difícil provar que Moóca e Brás não formassem o mesmo bairro, assemelhando-se tão nitidamente às fisionomias dos seus habitantes, sendo iguais crenças e superstições, preocupações e anseios, regida por idênticos princípios a vida familiar, comum a origem e a condição social da larga maioria, e isso tudo ancorado ao longo de ruas que iam de um cabo ao outro naquela região citadina sem solução de continuidade, amalgamando o conjunto, antes que as obras da Radial Leste e do metrô, nos anos setenta, cometessem a prepotência de separar tudo quanto se unira por cima dos patéticos bairrismos"*¹⁶.

A presença nas páginas policiais, as más condições de moradia, a promiscuidade, a pobreza, os estrangeiros e os

¹⁴ "(...) a correlação criminalidade-estrangeiro é conjuntural. Concentra-se nos períodos da imigração em massa, deixando marcas nos relatórios oficiais e nas notícias de alguns jornais". *Ideas*, p. 63.

¹⁵ Apud Boris Fausto, *Op. cit.* p. 51.

¹⁶ Mino Carta, *Histórias da Moóca (com a bênção de San Gennaro)*. Rio de Janeiro, Berlandis & Vertecchia Editores Ltda., 1982, p. 12.

brasileiros, a violência e o medo; esta região da cidade, pelo menos até os anos 30, irá caracterizar-se, principalmente aos olhos das classes dominantes, segundo tais cores. Todavia, para os moradores da Moóca e adjacências, havia mais.

Trabalhava-se nas indústrias Matarazzo, na Grandes Moinhos Gamba, na Casa Vanordem, na Tecelagem Três Irmãos, na Cia de Louças Esmaltadas, no Cotonifício Rodolfo Crespi, na Fábrica de Tecidos Labor e na Fábrica de Meias Mousseline, para citar as maiores. Para aqueles que podiam, as horas de lazer eram às vezes gastas no Cine Teatro Moderno, inaugurado em 1923, ou no Cine Santo André, perto da rua Mem de Sá, que teve sua sessão de estréia em 1928; mais tarde, já nos anos 30, surgiram o Cine Aliança, o Imperial, o Icaraí e o Patriarca. Sinal de que havia público para tanto. Os italianos e seus descendentes, não só de origem calabresa, mas os Napolitanos da região da Campania, Toscanos, aqueles da Basilicata, de Apúlias, da Sicília, de Vêneto e da Emília, muitos deles se reuniam na Sociedade Italiana da Moóca, em frente ao Icaraí. O Jockey Club, instalado na rua Bresser, recebia um público mais sofisticado para suas corridas de todos os domingos, a partir das 13 horas. "Mas o verdadeiro prazer dos mooquenses era o *footing* realizado aos sábados e domingos à noite, entre as ruas João Antônio de Oliveira e Avenida Paes de Barros. Ali é que as 'Dalilas' desfilavam aos grupos ou com seus pares, enquanto os

'Sansões' sem namoradas ficavam apreciando..."¹⁷.

A Moóca era então um arrabalde, periferia, fim de cidade. A iluminação era precária, aliás, quase inexistente: limitava-se a alguns lampiões a gás, bem espaçados uns dos outros, e assim mesmo apenas nas ruas principais. A avenida Paes de Barros, a rua da Moóca e a rua do Oratório (então conhecida como Estrada do Oratório), que são hoje as principais artérias do bairro, até a década de 30 ainda não tinham o calçamento de paralelepípedos. Os moradores mais antigos, que chegaram ao bairro nesta época, lembram que quando chovia muito a enxurrada trazia para a região em torno da rua da Moóca uma água barrenta, que deixava vários centímetros de lama e sujeira, obrigando os moradores a limpar as calçadas para poder transitar. As inundações eram também frequentes, principalmente com as chuvas de verão, que transbordavam o leito do Tamanduateí e se espalhavam pelas partes mais baixas do bairro.

Talvez venha destes tempos o costume, até hoje existente (embora mais raro), de ao final da tarde, depois da jornada de trabalho e da última refeição do dia, as pessoas trazerem suas cadeiras para as calçadas e animarem-se em torno de conversas com seus vizinhos¹⁸. Para a maior parte das

¹⁷ *Portal da Zona Leste: Moóca, 1956-1985 Edição Histórica*. Op. cit. p. 13.

¹⁸ Ver, além do livro de Mino Carta, acima citado, Maria Celestina Torres, *O bairro do Brás*. São Paulo, Prefeitura Municipal, 1969, e a coletânea de contos de Antônio Alcântara Machado, *Novelas Paulistanas*, São Paulo, Livraria José Olimpo Editora, 1976, principalmente "Brás, Bexiga e Barra Funda". Este livros nos fornece algumas descrições da vida cotidiana nestes bairros no início do

pessoas da região, a vida girava em torno dos bairros. Era muito difícil ir à cidade. Fazer compras ou trabalhar fora das redondezas constituía um estorvo. O transporte era precário. Os pequenos carros marca Ford, com 4 bancos e estribos, lentos, conhecidos como jardineiras e, mais tarde, os autobondes, eram poucos e a viagem demorava.

"Confinados em determinadas zonas da cidade, os grupos sociais acabavam controlando seus respectivos territórios e sobretudo identificando-se com eles. Assim o bairro segregado não é apenas um lugar no espaço da cidade, mas é o próprio grupo social que o ocupa e com ele se identifica"¹⁹.

No caso da região na qual se insere a Moóca, podemos dizer que, desde o início, ela inclui muitos grupos sociais, de diversas procedências, rendimentos e ocupações. Estes grupos sociais mantinha uma identificação forte com seus lugares de moradia. Nestes bairros cortiçados, labirínticos, mas que também já abrigavam pequenos comerciantes, empregados especializados e todo tipo de profissionais liberais, reinava a miscelânea social. O território era complexo, com certeza tenso.

Em fotografias dos anos 20, que documentam alguns aspectos da vida da Moóca, vemos as tecelagens, seus inúmeros operários de feições italianas segurando a bandeira brasileira e dispostos em pirâmide à frente da fábrica;

século.

¹⁹ Raquel Rolnik, op. cit., p. 79.

noivos aparecendo na janela de uma casa bem espaçosa na rua da Moóca; pequenos estabelecimentos comerciais em frente aos quais posam jovens casais com seus filhos; turmas de meninos e meninas do colégio Oswaldo Cruz, devidamente separados segundo o esquema vitoriano; mulheres de famílias burguesas de nomes italianos, não raro aparecendo cinco gerações. Estas imagens congeladas, apesar de flagrarem desde os operários até as famílias dos comerciantes, deixam de lado aqueles que não faziam parte destes mundos do trabalho. Não só os desempregados, como também todos aqueles que viviam à margem do sistema produtivo, e mesmo aqueles que se dedicavam a atividades que chamavam a atenção da polícia, todos eles também viviam por perto. É um erro supor que a Moóca e a região na qual se inseria, desde o começo do século, não abrigava um número considerável de pessoas que eram vistas por aqueles que apareciam nas fotografias como marginais. Sob os registros momentâneos da vida local - isentos de qualquer indício de conflito, muito mais preocupados em ressaltar a harmonia familiar, o trabalho e os bens -, oculta-se o fato de que, nestes bairros mais antigos, predominava a proximidade de diferentes segmentos sociais.

O quadro se modifica somente a partir da década de 30. Lugares como o Brás, o Belenzinho e a Moóca, até então zonas muito heterogêneas mas basicamente populares, passam a abrigar uma classe média em proporções cada vez maiores.

Pequenos proprietários e imigrantes mais ou menos enriquecidos tornam-se maioria nesta região. Acomodam-se em casinhas próprias, "guardadas por portões de ferro e cobertas por mostruários de materiais de revestimento"²⁰.

Trata-se de um processo simultâneo de valorização da área e de deslocamento daqueles habitantes mais pobres para zonas mais afastadas da cidade. A Moóca, outrora periferia, se transforma em apêndice do centro. De fato, consolida-se um cinturão de classe média ao redor do centro velho. O antigo e precário sistema de iluminação pública a gás é substituído por uma rede elétrica. Lentamente, as ruas vão ganhando calçamento de pedra. Os carros de tração animal, antes absolutos nas redondezas, vão cada vez mais dividindo espaço com veículos motorizados. Diminui com isto a distância entre o centro e estes bairros.

Antunes, 78 anos em 1990, viúvo e morador de uma pensão na

²⁰ Raquel Rolnik, op. cit. p. 91. Ver também Claude Lévi-Strauss, *Tristes trópicos*, Lisboa, Edições 70, 1986. Neste livro o autor descreve sua passagem pela cidade em 1935. Além das ruínas prematuras, chama a atenção de nesse viajante o ritmo alucinado das construções, do surgimento de novos bairros e da destruição de outros. "E todavia São Paulo nunca me pareceu uma cidade feia: era uma cidade selvagem, como talvez o sejam todas as cidades americanas, com exceção de Washington, D. C., que não é nem selvagem nem domesticada mas talvez prisioneira que definha de tédio na gaiola estrelada de avenidas dentro da qual foi encerrada por Lenfant. Quanto a São Paulo, nessa altura estava ainda por domar. Construída na origem num terraço em forma de esporão, apontando para o norte, no qual confluem dois pequenos rios, os rios Anhangabahu e Tamanduatehy, que desaguam um pouco mais abaixo do rio Tiete, afluente do Paraná, foi no início apenas um simples 'reducto de índios'; centro missionário à volta do qual os jesuítas portugueses se esforçaram, a partir do século XVI, por agrupar os selvagens, a fim de os iniciarem nas virtudes da civilização. No talude que desce em direção ao Tamanduatehy e que domina os bairros populares do Brás e da Penha, ainda subsistiam em 1935 algumas ruínas provinciais e alguns largos: praças quadradas e cobertas de ervas, rodeadas por casas baixas cobertas de telhas com pequenas janelas gradeadas, caiadas, tendo dum lado uma igreja paroquial austera, sem qualquer decoração para além da chaveta dupla que recortava um frontão barroco, na parte superior da fachada" (p. 91).

Moóca, lembra de seu tempo de operário de uma tecelagem neste mesmo bairro, lá pelos idos da década de 40. Ele morava na Vila Alpina, e todo dia vinha trabalhar, quase sempre andando, junto com o nascer do dia e uma leva de trabalhadores que seguiam o mesmo caminho. Eram poucos os que moravam próximo aos seus locais de trabalho. A região das indústrias tinha deixado de ser lugar onde os operários pudessem morar. A expulsão das classes mais pobres para a periferia já havia se iniciado. São Paulo segregava-se.

A partir da década de 40 estas características de ocupação e desenvolvimento urbano se tornam mais acentuadas e terminam por se consolidar.

*"Entre elas destacamos o padrão periférico do crescimento urbano, além da intervenção do Estado na questão urbana e da habitação, a substituição do transporte coletivo baseado no bonde pelo ônibus, o enorme acréscimo de veículos decorrentes da implantação da indústria automobilística em território nacional, com a conseqüente estruturação das cidades em função deste meio de transporte, a rápida e massiva renovação das edificações gerada pela verticalização e por novas formas de intervenção dos empreendedores e, finalmente, o surgimento dos movimentos populares nascidos das contradições geradas por estes processos"*²¹.

As políticas públicas, sobretudo aquelas posteriores ao golpe de 1964, trataram de conduzir as transformações

²¹ Lúcio Kowarick e Nabil Bonduki, "Espaço urbano e espaço político: do populismo à redemocratização" in *As lutas sociais e a cidade*, op. cit., p. 136.

urbanas beneficiando as camadas de poder aquisitivo médio e alto. Ao mesmo tempo, reproduziram-se as periferias sem qualquer tipo de serviço básico. Brotam as favelas²².

É justamente neste período, que vai do início dos anos 40 e que permanece até hoje, que a Moóca sistematicamente perde moradores (ver tabelas abaixo). No crescimento geométrico da população, sobretudo entre 1950 e 1960, verificou-se que as menores taxas foram registradas nos bairros de maior densidade. Lugares como o Brás, Belenzinho, Moóca e Sé, Barra Funda, Bom retiro, Cambuci, Pari e Santa Ifigênia apresentam crescimento negativo, enquanto sua densidade varia entre 61 e 100 habitantes por ha.²³, as mais altas de São Paulo.

Tabela 2 - População dos subdistritos do Brás, Moóca e Sé.

ano	Moóca	Brás	Sé
1940	50519	80225	10243
1950	48180	68138	9482
1960	45056	67297	9367
1970	35239	54391	8049
1980	36175	48588	8207

Fonte: 1940-1960: Governo do Estado de São Paulo, Anuário de 1960, São Paulo, 1961, p. 36; 1970-1980: FIBGE: Censos Demográficos do Estado de São Paulo, *apud* Eder Sader, *Quando novos atores entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p 124.

Ocorre uma mudança de função destes subdistritos contíguos ao centro. O comércio e os negócios expõem um bom número de

²² *Idea*, p. 134.

²³ Jorge Wilhelm, *S. Paulo metrópole 65*. op. cit, pp. 15, 16.

habitantes domiciliados para outras áreas da cidade. A rua da Moóca, em fotografias da década de 50, já aparece como lugar quase exclusivamente comercial. Num registro de 1958, o prefeito Manoel de Figueiredo Ferraz vistoria "o péssimo calçamento" da principal rua do bairro. Há um ônibus passando, alguns transeuntes e várias lojas ao fundo. Os trilhos dos bondes e os paralelepípedos, na ocasião fonte das reclamações, já não constam mais em outra fotografia, desta vez tirada em 1960. É a inauguração do calçamento atual da rua da Moóca, marcada com "grande festa". Prestes Maia é o prefeito e é saudado pelos populares que se amontoam nas calçadas e o vêem passar dentro de um jipe²⁴.

Tabela 3 - taxa de crescimento geométrico médio 1940-1990, para o subdistrito da Moóca

ano	cresc. geométrico médio
1940	-
1950	-0.5
1960	-1.2
1970	-1.9
1980	-0.2
1990*	-0.2

Fonte: Teresa P. R. Caldeira, *A política dos outros - o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 31.

* Projeção do IBGE e Fundação SEADE in SEADE, *Município de São Paulo/1990*, pp. 12-14.

É neste período que o urbanismo paulista, segundo um de seus maiores entusiastas, "atravessa um período brilhante"²⁵. A

²⁴ *Portal da Zona Leste: Moóca, 1956-1985 Edição Histórica*, op. cit. p. 3.

²⁵ Prestes Maia, *Os melhoramentos de São Paulo*. São Paulo, Prefeitura Municipal, 1945.

afirmação referia-se às obras de 1940, entre as quais destacava-se a avenida Leste, "de excepcional importância, (que) cortará o quadrante oriental da cidade, servindo simultaneamente o Brás, a Moóca, o Tatuapé e a Penha, desafogando a avenida Rangel Pestana e as ruas Visconde de Parnaíba e da Moóca"²⁶.

A frase continuaria a valer, e de modo mais vívido, a partir da administração posterior (1965-69), na qual Faria Lima remodela o espaço urbano paulistano de maneira mais radical. Vias expressas, pontes, viadutos, alargamentos e abertura de novas avenidas: essa a maneira encontrada para criar um sistema viário capaz de receber uma frota que, em vinte anos, aumentaria de 160 mil veículos em 1960 para mais de 2 milhões na década de oitenta²⁷.

Os anos da década de 1970 são talvez os mais contraditórios. De um lado, o padrão de exclusão parece cada vez mais consolidado, beneficiando os setores de renda média e alta, que se valem dos financiamentos fartos e fazem saltar a taxa de propriedade dos domicílios de 37,5%, em 1950, para 50% em 1970²⁸. De outro lado - e aqui está a maioria da população paulistana e do país -, a renda média das famílias assalariadas caiu 9,4% entre 1958 e 1969²⁹, tendência que se

²⁶ *Idem*, p. 16.

²⁷ Lúcio Kowarick e Nabil Bonduki, *op. cit.*, p. 148.

²⁸ *Idem*, p. 136.

²⁹ Cândido Procópio Ferreira de Camargo e outros, *op. cit.*, pp. 23, 25.

manteve para os anos que se seguiram. Assim, se entre 1965 e 1970 as horas de trabalho necessárias à aquisição da ração essencial mínima mantiveram-se relativamente estáveis, verificamos que estas mais que triplicaram durante o período que vai de 1970 até 1973³⁰. Nestas novas condições, à classe operária só foi possível participar do mercado de consumo a partir da redução dos gastos de primeira necessidade, como alimentos, roupas, remédios, serviços médicos e outros.

Contudo, para uma considerável parcela da população de São Paulo as vantagens superavam em muito os problemas. Aqueles que habitavam os pedaços da cidade que mais se beneficiavam da situação, para onde eram direcionados os investimentos estatais e dos empreendedores privados, onde as melhoras e ampliações dos serviços públicos aconteciam intensamente, são também aqueles que guardam, hoje, as melhores lembranças do período. Como veremos em capítulos posteriores, os habitantes da Moóca, apesar de não serem os maiores privilegiados deste processo, todavia vêem hoje, com uma certa nostalgia, a época em que compraram ou reformaram suas casas; adquiriram seus apartamentos no próprio bairro e viram muitos outros prédios além dos seus espetarem o horizonte outrora plano; e não eram forçados a conviver com os cortiços e favelas que, desde pelo menos o final da década de 70, rapidamente se multiplicaram.

³⁰ *Ideas*, p. 69.

O bairro hoje

A região da qual faz parte a Moóca, juntamente com os subdistritos da Sé, Liberdade, Bela Vista, Cambuci, Sta. Cecília, Brás, Pari, Belenzinho, Bom Retiro, Barra Funda, Sta. Efigênia, Consolação e parte do subdistrito da Lapa foi denominada por Area Homogênea 2 segundo o critério de Prandi, Pierucci e Mendes³¹. Corresponde ao centro velho e ao cinturão histórico. São antigos bairros industriais, hoje estagnados, que enfrentam problemas de despovoamento e poluição. Apesar disto, é uma área favorecida pela infraestrutura de serviços coletivos e é a preferida pelo comércio varejista.

Nos lugares de implantação mais antiga há um casario deteriorado, onde se verifica a presença de cortiços. Dados da Administração Regional da Moóca - na qual estão incluídos, além do bairro da Moóca, os do Belenzinho e da Vila Formosa - mostram 10% de seus domicílios com renda de 0

³¹ *Folha de S. Paulo*, 30 de novembro de 1985. Este critério na verdade foi primeiro elaborado pela Secretaria de Economia e Planejamento de São Paulo e publicada em 1977. De acordo com este critério, diferentes contextos sociais são estratificados segundo seu padrão de vida. As variáveis que contribuem para a definição deste padrão de vida são as seguintes: renda familiar, densidade demográfica, crescimento populacional, saneamento básico, uso residencial do solo urbano e mortalidade. As áreas assim definidas foram inicialmente numeradas de 1 a 8, sendo 1 a área homogênea mais rica, mais bem equipada, e 8 a área homogênea mais pobre, carente de equipamentos e condições de vida. As cinco áreas homogêneas que aparecem no mapa resultaram do reagrupamento feito pelo DataFolha em 1985, com base em dados mais atualizados.

a 5 salários mínimos, os quais se encontram, em sua maioria, nas antigas vilas dos bairros marcados pela imigração italiana. Todavia, nas faixas de renda média, de 7 a 10 salários mínimos, encaixavam-se, em 1985, 75,3% do total dos domicílios³². O bairro da Moóca parece refletir estes dados. No entanto, é preciso ressaltar que, além da presença nada desprezível de uma população de baixa renda dentro das fronteiras do bairro, há também, na região imediatamente a norte dele, uma população da qual 50% recebem de 0 a 5 salários mínimos mensais³³.

Grande parte da população da Moóca é flutuante: além de seus 32383 habitantes em 1990³⁴, circula muita gente pelo bairro, seja durante a jornada de trabalho, seja utilizando alguns de seus muitos serviços públicos - creches, postos de saúde, hospitais, escolas, seja ainda simplesmente fazendo compras³⁵. Esta característica é própria da região da zona leste mais próxima ao centro, cortada pela linha leste-oeste do metrô, com estações Brás, Bresser e Belém, e pelos grandes eixos viários da Radial Leste e Celso Garcia. Tudo

³² Secretaria Municipal de Planejamento, *Conheça sua região*, Prefeitura Municipal, Série Informes, 1985, p. 30.

³³ Informação não publicada fornecida pela Administração Regional da Moóca.

³⁴ Projeção da Fundação SEADE, *Município de São Paulo/1990*, p. 12.

³⁵ De acordo com dados que se foram dados pela Administração Regional da Moóca, há na região 14 creches, 4 centros de Juventude (para crianças de 7 a 14 anos); um posto de atendimento médico, 5 centros de saúde, um Centro de Referência Saúde do Trabalhador, 1 Instituto Brasileiro de Controle ao Câncer, 2 hospitais conveniados com o INAMPS e um posto do INAMPS. Há também 5 Escolas Municipais que atendem crianças de 3 a 6 anos, 2 para alunos de 3 anos em diante, 17 escolas estaduais de primeiro e segundo graus, 1 Centro de Estudos Supletivos, 1 SESI e 2 SENAI. Há ainda 4 centros esportivos, 1 biblioteca e 1 centro de cultura. Estes equipamentos estão dentro da região chamada Micro I da Administração regional que inclui, além da Moóca, o Alto da Moóca, o Belenzinho, o Brás e a Vila Prudente. Cabe ressaltar que a maior parte destes equipamentos se encontra na Moóca.

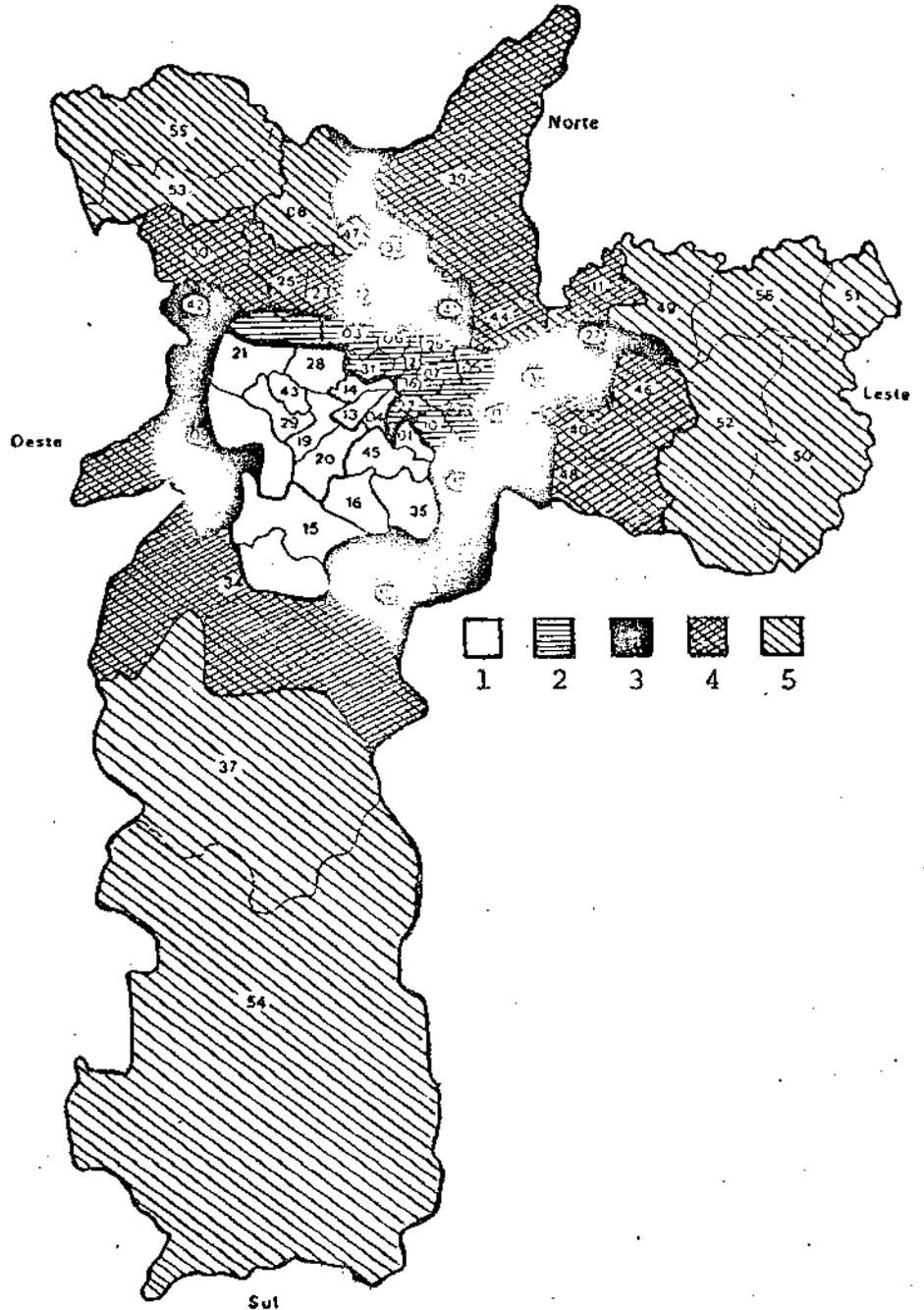
Mapa 2 - Divisão do Município de São Paulo em cinco Areas Homogêneas: da mais rica (AH 1) à mais pobre (AH 5).

Códigos dos Subdistritos

- 01 Aclimação
- 02 Alto da Móoca
- 03 Barra Funda
- 04 Bela Vista
- 05 Belenzinho
- 06 Bom Retiro
- 07 Brás
- 08 Brasilândia
- 09 Butantã
- 10 Cambuci
- 11 Cangaíba
- 12 Casa Verde
- 13 Cerqueira César
- 14 Consolação
- 15 Ibirapuera
- 16 Indianópolis
- 17 Ipiranga
- 18 Jabaquara
- 19 Jardim América
- 20 Jardim Paulista
- 21 Lapa
- 22 Liberdade
- 23 Limão
- 24 Moóca
- 25 N. Senhora do Ó
- 26 Pari
- 27 Penha de França
- 28 Perdizes
- 29 Pinheiros
- 30 Pirituba
- 31 Santa Cecília
- 32 Santa Ifigênia
- 33 Santana
- 34 Santo Amaro
- 35 Saúde
- 36 Sé
- 37 Socorro
- 38 Tatuapé
- 39 Tucuruvi
- 40 Vila Formosa
- 41 Vila Guilherme
- 42 Vila Jaguara
- 43 Vila Madalena
- 44 Vila Maria
- 45 Vila Mariana
- 46 Vila Matilde
- 47 V. N. Cachoeirinha
- 48 Vila Prudente

Código dos Distritos

- 49 Ermelino Matarazzo
- 50 Guaiunazes
- 51 Itaim Paulista
- 52 Itaquera
- 53 Jaraquá
- 54 Parelheiros
- 55 Perus
- 56 S. Miguel Paulista



isso faz com que o trânsito de pessoas e veículos seja intenso, concentrando-se nas artérias principais dos bairros.

Quem passa pela região depara-se com um cenário, além de tomado por um turbilhão de veículos e pessoas, bastante diversificado na sua parte física. A partir dos dados que caracterizam a ocupação do solo da Moóca verificamos que, em 1986, 19,8% da área dos terrenos disponíveis eram destinadas a residências horizontais, enquanto 2% a residências verticais, 20,76% a comércio e serviços, 38,67% a indústrias, 7,4% a outros usos, havendo ainda 10,86% de terrenos vagos³⁶. Trata-se de um lugar de múltiplas funções e, se levarmos em conta que as indústrias necessitam de áreas de instalação maiores que as residências e o comércio, podemos classificá-lo a partir de um certo equilíbrio entre esses tipos de ocupação. O fato é que não se pode falar de um bairro, majoritariamente comercial, industrial ou residencial.

Os prédios de apartamentos são cada vez mais numerosos e têm contribuído para diversificar as cenas. A esse respeito não há séries temporais de dados desagregados para o bairro; todavia, podemos ter uma idéia deste processo a partir dos números da Administração Regional da Moóca - considerando que suas variações indicam variações semelhantes no bairro.

³⁶ Fundação SEADE, *Município de São Paulo/1990*, p. 42.

Em 1987, as áreas dos terrenos ocupados pelas residências verticais correspondiam a 1,5% do solo da região; em 1984 este número sobe para 1,9%. Pode parecer pouca coisa, mas há alguns fatores que ampliam sua importância, quais sejam: a área ocupada pelas residências horizontais diminuiu neste mesmo período, passando de 47,5% para 47,2%; o mesmo ocorreu com as áreas ocupadas pelo comércio e pelos serviços, passando de 9,8% para 9,7%. Ao contrário destas tendências, porém, as indústrias passaram a ocupar maiores proporções da área - de 16% em 1980 para 16,7% em 1984³⁷. Enfim, embora a Moóca seja mais industrial e menos residencial que o seu entorno, verificamos que ela está mais verticalizada e que, ao contrário da tendência mais geral da cidade, as indústrias persistem e até se multiplicam. Permanece, contudo, e no que diz respeito também à ocupação do solo, o caráter heterogêneo da região e do bairro da Moóca: coexistem cortiços, casas espaçosas e prédios luxuosos, indústrias e lojas comerciais.

É preciso deixar claro que tais informações não dão conta de outros processos mais interessantes e complexos. Um deles é a refuncionalização de antigos galpões de indústrias, principalmente têxteis, e de casarões. O caso do Cotonifício Crespi, desativado e posteriormente ocupado pela Faculdade São Judas Tadeu (antes que a Faculdade se transferisse

³⁷ Secretaria Municipal de Planejamento, *Conheça sua região*, op. cit., p. 30. Estas tendências na variação das áreas de terreno ocupadas por indústrias, residências e comércio, repetem-se nas áreas construídas de cada tipo de ocupação.

definitivamente para os prédios da rua Taquari), ilustra o que vem ocorrendo com outras instalações desativadas. Templos religiosos, casas comerciais, restaurantes, lanchonetes, depósitos, oficinas, escritórios, salões de festas, casas noturnas, academias de esportes e, principalmente, cortiços e pensões: é comum, hoje em dia, encontrá-los nos lugares antes ocupados por fábricas ou famílias mais abastadas.

O aumento da densidade populacional de 38,62% no período que vai de 1977 a 1987, verificado na área que engloba, além da Moóca, o Alto da Moóca e o Cambuci, pode ser explicado por essa refuncionalização³⁸. Casas e galpões passaram a ser ocupados por inúmeras famílias. Este processo, aliado à sistemática diminuição da população na região (como visto nas tabelas 2 e 3), e à mínima variação da área construída das residências na área³⁹, mostra que, afinal, o decréscimo populacional foi menos intenso que a diminuição das áreas residenciais. Ou seja, ao longo do tempo, cada vez mais pessoas passaram a ocupar menos metros quadrados de moradia.

*

Heterogeneização social, adensamento populacional, trânsito

³⁸ Ver Teresa P. R. Caldeira, *City of Walls: crime, segregation, and citizenship in São Paulo*. Tese de doutorado, Berkeley, 1992, p. 253.

³⁹ que ocupavam 55,5% do solo da Administração Regional da Moóca em 1980, residências horizontais e verticais somadas, e passaram a ocupar 35,2% em 1984. *Conheça sua região*, op. cit., p. 30.

de veículos e pessoas das mais diferentes procedências, integração com a cidade, multiplicidade de funções: estes processos em curso, talvez mais intensos nesta região da zona leste próxima ao centro, da qual faz parte e bem representa a Moóca, na verdade condensam e expressam transformações da cidade e do país como um todo. No caso específico de São Paulo, desde pelo menos os anos 80, grupos sociais diferentes estão novamente vivendo proximamente. Que fique claro: trata-se de uma proximidade geográfica.

"A nova proximidade entre grupos sociais diferentes, em um contexto de crise, decadência social, incerteza e medo do crime, gera uma nova forma de segregação, expressa de maneira direta e não-metafórica: muros, grades, portões, guardas, alarmes e sistemas eletrônicos de identificação"⁴⁰.

Do ponto de vista das classes sociais e dos lugares que elas ocupam, São Paulo, hoje, é muito mais heterogênea, misturada, do que era na década de 70. Vários estudos nos mostram que o esquema centro-periferia, característico dos anos 70, quando a população mais pobre vivia nas regiões mais afastadas, em bairros precários e em casas autoconstruídas, enquanto os estratos mais favorecidos estavam instalados nos bairros centrais e bem equipados, não dá mais conta da configuração social e geográfica atual. A valorização da periferia, resultado basicamente das melhoras na infra-estrutura conseguidas através de movimentos

⁴⁰ Teresa P. R. Caldeira, *City of Walls...*, op. cit., p. 226.

reivindicatórios iniciados em meados dos anos 70, combinada com o aumento da pobreza, mais intenso nos últimos dez anos, tiveram, entre outros, dois efeitos que explicam a quebra do padrão centro-periferia. De um lado, tornaram a autoconstrução, outrora a saída encontrada por muitos habitantes da periferia para o problema de moradia, mais difícil ainda, quase impossível. De outro, expulsaram aqueles que não tinham como levantar suas casas, pagar aluguel ou se instalar numa das inúmeras favelas, das regiões mais afastadas, para outras mais longínquas ainda, para outros municípios, e mesmo para as áreas mais centrais da cidade. É neste processo que bairros como a Moóca, Brás, Sé, Pari, onde há espaços que são facilmente transformados em cortiços e pensões - fontes de renda fácil para aqueles que alugam estas moradias muito precárias e apertadas -, assistem à chegada de todas estas pessoas e suas famílias⁴¹.

Tais acontecimentos são certamente menos intensos nos bairros de renda mais alta. "Nos Jardins; apesar da proporção da população de baixa renda ter aumentado, elas continuam sendo as áreas mais homogêneas e ricas da

⁴¹ Teresa P. R. Caldeira, *op. cit.*, pp. 244-266. Ver também Jorge Wilheia, *São Paulo, Metrópole 55*, *op. cit.*; Cândido Proença Ferreira Camargo e outros, *São Paulo 1975 - crescimento e pobreza*, *op. cit.*; Vinicius Caldeira Brant (org.) *São Paulo trabalhar e viver*, São Paulo, Brasiliense, 1989; Lúcio Kowarick "Cidade e cidadania: cidadão privado e subcidadão público" in *São Paulo em perspectiva*, São Paulo, SEADE, vol. 5, n. 2, abr/jun. 1991. Vale lembrar que a proximidade de classes sociais distintas não é um fenômeno circunscrito apenas à cidade de São Paulo. Seus traços são mais que evidentes no Rio de Janeiro. Na Europa e Estados Unidos ela adquire configurações às vezes explosivas. Para uma revisão bibliográfica sobre o tema, mais especificamente a respeito do que ocorre nos países da Comunidade Européia, ver Verena Stolke, "The 'right to difference' in an unequal world", mimeo, julho de 1992.

cidade"⁴². Os estratos da população mais rica estão trocando suas casas luxuosas por apartamentos longe do centro da cidade. Ali são recriados ambientes homogêneos e seguros, segregados das zonas tidas como impróprias devido à sua heterogeneidade.

No entanto, para a maior parte dos moradores de bairros como a Moóca, é impossível adotar este tipo de solução. Os imóveis localizados fora das áreas centrais não são feitos para a população de renda intermediária. É esta população, juntamente com os novos habitantes pobres, que protagonizam a nova situação de proximidade social de maneira mais direta. Há as grades, os muros, os alarmes. Contudo, diferentemente do que ocorre na maioria dos condomínios fechados - ambientes socialmente homogêneos e constantemente vigiados -, há lugares públicos, ainda utilizados diariamente, nos quais os contatos são feitos em meio a esta diversidade social.

Da perspectiva daqueles que já estavam nos bairros centrais antes das mudanças mais recentes, e que vivenciam suas transformações, o contexto suscita sentimentos, imagens e atos ambíguos. Há, especialmente no caso dos moradores mais antigos da Moóca, e desde a década de 70, a percepção de melhorias, captadas nos prédios de apartamentos, na abertura de novas avenidas, do metrô, na melhoria da infra-estrutura

⁴² Teresa P. R. Caldeira, *op. cit.*, p. 253.

urbana, enfim, e como veremos nos capítulos seguintes, houve o que eles entendem por progresso.

No entanto, as lembranças com frequência terminam enfatizando processos tidos como deletérios. Os pobres tinham chegado para estragar o bairro. Junto com eles, vieram os cortiços, o medo, a perda de relações sociais, a mutação dos lugares públicos, a crise. Hoje não há mais nenhum cinema ou teatro funcionando na Moóca; o trânsito intenso inibe o lazer nas ruas, antes espaços de jogos infantis e encontros; os parques são muito pouco frequentados, geralmente por serem considerados locais de reunião de marginais; as ruas e avenidas são utilizadas, principalmente quando se está a pé, muito rápida e temerosamente. Enfim, neste contexto de transformações urbanas, econômicas e sociais, no qual estes estratos médios vêem a cidade e seu bairro modificarem-se de maneira assustadora, os novos moradores, em geral trabalhadores pouco qualificados das indústrias localizadas por perto, passaram a concentrar neles os perigos e frustrações que a nova situação sugere. "Estrangeiros": este o termo mais genérico utilizado para denominá-los, base para outras derivações, as quais marcam a suposta origem daqueles mais pobres que passaram a dividir o mesmo espaço. Havia também os "nordestinos", os "baianos", enfim, as classificações eram regidas por uma espécie de xenofobia cujos sentidos estão no centro deste ensaio.

Compreender esta nova situação do ponto de vista daqueles mais antigos no bairro da Moóca implica, portanto, investigar e captar os sentidos desta nova proximidade. Vimos que o bairro é muito mais uma região da cidade do que um isolado; além disto, a referência e os pontos de ligação com a metrópole são inúmeros. Entender as imagens criadas em meio a estes acontecimentos, e os atos que delas derivam - ou que, pelo menos, podem ser entendidos a partir delas -, implica contextualizá-los em processos de ordem mais geral. A referência será a cidade de São Paulo ao longo das últimas quatro décadas, em especial as transformações urbanas e os traços mais óbvios da dinâmica econômica que os acompanham. Ao longo dos capítulos irei apresentando outros dados que julgo serem indispensáveis para o entendimento das várias facetas da situação e do modo pelo qual elas são assimiladas e feitas significativas por esses moradores da Moóca. Além disto, e como já deve ter ficado claro, o bairro tem suas especificidades, suas tradições, enfim, uma história que, se de um lado conforma-se aos fatos que o superam, por outro constitui o ponto de partida de reflexão das pessoas que vivenciam suas mutações. Nesses momentos, muitas vezes o bairro é tomado como um isolado, um lugar *sui generis*. Não precisamos restringir a análise às fronteiras dentro das quais o ponto de vista nativo muitas vezes se encerra. Contudo, quando a matéria-prima de percepção e raciocínio é visivelmente local, ignorar os dados e a situação do bairro

não parece aconselhável. De qualquer maneira, as próprias pessoas dão-se conta das limitações que a perspectiva localizada impõe ao pensamento. Como aparecerá mais adiante, há uma dinâmica de compreensão e formação de imagens que oscila entre o micro e o macro, entre as ruas do bairro e a cidade, o país e o mundo, o presente, o passado e o futuro.

II

O ponto de vista nativo e a
passagem do tempo

Capítulo 3

Os mitos da comunidade

"A Moóca não é um bairro no sentido exato da palavra. É muito mais um estado de espírito ... Esse estado de espírito que só os mooquenses natos conseguem entender, mas não explicar. vem da época em que ali havia tempo e espaço para as conversas nos portões, antes do 'Muro da Vergonha' cortar o acesso da rua dos Trilhos ao centro da cidade, fechando um caminho usado há quatro séculos"¹.

As exaltações das qualidades do bairro

Há várias idéias neste trecho de jornal de circulação local que são recorrentes nas imagens presentes nos discursos e práticas dos moradores mais antigos do bairro. Uma delas é a de que só os autênticos mooquenses, indivíduos que passaram grande parte de suas vidas naqueles arredores, que participaram de sua história, alimentaram suas tradições e viram suas mudanças, só estes são capazes de compreender o que significa viver o lugar. Isto de modo algum exclui as pessoas mais jovens: também entre elas há uma boa parcela, sobretudo masculina, que se apega ao bairro e que, dizem, não o trocam por nenhum outro. "A Moóca é o melhor lugar

¹ Informe Publicitário/Universidade São Judas, São Paulo, 22/8/1991, p.3.

para se viver. Aqui nasci, cresci, e aqui quero morrer".

Estas frases, senão exatamente com estas palavras e nesta ordem, têm seu conteúdo repetido inúmeras vezes a quem quer que pergunte a respeito da região àqueles que se dizem seus legítimos nativos.

O apego ao bairro, a exaltação de suas qualidades, o lamento ligado a algumas de suas transformações mais recentes: tudo isto me pareceu, de início, algo utilizado pelas pessoas das cercanias para transmitir uma identificação com o lugar e deste modo, pensei, diferenciar não só o local, como também suas próprias condições de moradores daquelas encontradas em outros bairros da cidade. A comparação com outros lugares onde as qualidades da Moóca não existiam era uma constante nestes tipos de falas e imagens. Contudo, os seus próprios formuladores eram os primeiros a constatar que o bairro não era feito somente de traços positivos. Erguiam-se novos prédios luxuosos a cada dia, a valorização da área saltava aos olhos, igualando-se às melhores regiões da cidade²; ao

² Este processo de valorização é comum a grande parte da zona leste e norte. A *Folha de São Paulo*, do dia 20 de maio de 1990, p. C1, noticiou tais fatos com a seguinte manchete: "Ilhas de prosperidade" migram do sul para norte e leste de São Paulo". O centro da matéria são pequenos núcleos residenciais, caros e luxuosos, localizados no bairro de Santana, ao norte, e Tatuapé, no leste. Os imóveis destas regiões tinham o mesmo valor de seus semelhantes no Morumbi. A população desses lugares tem alto poder aquisitivo. Em Santana, como no Tatuapé, estes bolsões de prosperidade são ocupados por empresários, industriais e comerciantes que sempre moraram ou trabalharam nestes lugares, "enriqueceram, mas permaneceram fiéis às suas origens". A Moóca tem também seus bolsões de prosperidade. A área ao redor do Clube Juventus, com suas casas luxuosas e prédios de apartamentos imponentes, pode ser classificada deste modo. Em termos de preço médio do metro quadrado de área útil para apartamentos novos - um dado que aponta para o valor imobiliário da região -, na Moóca este era de Cr\$ 1267 mil, enquanto que no Belém era de Cr\$ 1256 mil, Cr\$ 1209 mil no Tatuapé, Cr\$ 1159 mil em Santana e, para efeito de comparação com áreas reconhecidamente mais nobres, Cr\$ 1267 mil no Butantã e Cr\$ 1318 mil no Morumbi. Ver *Folha de São Paulo*, 26 de janeiro de 1992, p. 8-3.

mesmo tempo, os pobres chegavam, os cortiços se multiplicavam, enfim, partes da Moóca se deterioravam.

Era preciso, agora, captar idiossincrasias, problemas e qualidades, não somente por contraste (quando o lugar comparado era tido como pior que a Moóca) e semelhança (nos casos em que a idéia era aproximar o bairro de outros reconhecidamente bons), mas também através de uma espécie de instrospecção. Ou seja, no interior do bairro era possível - e necessário - buscar diferenciações e semelhanças. Por este motivo, as qualidades surgiam relacionadas tanto com o local quanto com o mais geral. Era preciso diferenciar em todos os níveis. Ficavam marcadas, deste modo, as divisões internas da Moóca bem como os matizes que a distinguiam de outros bairros. Apontar as qualidades de um lugar implicava, necessariamente, trilhar estes caminhos.

Afinal, qual o significado destas exaltações? O que estas pessoas expressam através delas? Nos relatos que seguem, procurarei, através de suas várias camadas, o sentido das afirmações das qualidades do bairro. A idéia é procurar conexões entre elas e o modo pelo qual estes moradores da Moóca vêem sua história pessoal, os acontecimentos que envolvem o bairro e a cidade, e o diagnóstico atual. Enfim, as referências às tradições locais e às transformações da cidade permitem a essas pessoas refletir sobre o tema que mais me interessa, a saber, como é vista esta nova situação

marcada pela proximidade da pobreza.

*

Gajanigo

Este nosso informante estava em 1989 com 45 anos; branco, casado, comerciante, tinha dois filhos, morava desde o início da década de 70 na Moóca, e invocava imagens a respeito do bairro muito comuns entre aqueles que conheci.

Encontrei-o por acaso, logo no início do trabalho de campo. Pedi alguma informação a respeito de uma rua. Ele notou que eu estava interessado em conversar sobre a Moóca, sua história e situação atual, e de modo algum achou isto ruim. Sempre que ia ao bairro encontrava-o e falávamos a respeito de generalidades. Perguntava-me sobre o andamento da pesquisa, às vezes dava-me alguns jornais do bairro que tinha guardado, contava alguma história com mooquenses ilustres, outras de tragédias, assassinatos, roubos, comentava a situação do país, jogos de futebol - e assim fomos mantendo um contato regular que durou até há pouco tempo.

Sugeri, meses depois de nos conhecermos, que eu passasse no clube do qual fazia parte. Considerava-o sua segunda casa: estava lá diariamente e fazia questão de cultivar e manter

suas amizades de muitos anos. Foi lá que gravei a entrevista da qual reproduzo algumas partes abaixo.

Além do clube, onde jogava cartas, dominó e bocha com seus amigos, Gajanigo não frequentava outros lugares regularmente. Trabalhava na parte da manhã, cuidando de entregas e supervisionando o serviço de subordinados. À tarde ficava em casa, e quando chegava a noite dirigia-se, a pé, ao clube que ficava bem próximo de sua residência. Sua esposa não saía de casa, a não ser para as compras ou raros encontros com amigas. Iam para Santos nas férias, não alimentavam grandes projetos de vida, a não ser uma reforma na casa, talvez aumentando-a para cima, e sentiam-se realizados: seus filhos tinham estudado, completado o segundo grau, e agora cabia a eles decidir o que fazer de suas vidas.

A preocupação principal do casal, naquele momento, era com relação ao filho. Ele estava chegando em casa sempre muito tarde, frequentava lugares do outro lado da cidade, e suas companhias não eram conhecidas. Por quê, às vezes Gajanigo me perguntava, ele não era como sua irmã? Qual o problema com as pessoas do bairro, com quem sempre conviveu e onde tinha estudado toda sua vida? De qualquer modo, sempre ponderava, ele também passara por uma fase destas na sua juventude, fase de muitas dúvidas e uma certa revolta. Era preciso ter paciência.

Com relação ao bairro, Gajanigo dizia: "se eu puder, eu fico na Moóca até morrer. Eu adoro a Moóca". Era um lugar privilegiado.

"Porque a maioria, eu diria 60 ou 70% dos moradores da Moóca ainda são daqueles tradicionais. Então é diferente você ter um vizinho que você conhece há 20 anos. Eu digo vizinho uma pessoa que mora na mesma rua, que você conhece há 20 anos, que você passa sempre por ele. E amanhã você vai passar por outra pessoa. No lugar desse vizinho mora uma outra pessoa. Quer dizer, até você se familiarizar, até que você saiba a maneira desta pessoa se comportar, até que você conheça o passado dela, então de uma maneira ou de outra gera um clima de insegurança em você. Então é diferente. Eu, por exemplo, no local onde moro (...), ali é um local que ainda não houve infiltração praticamente de 'estrangeiros'. Eu cito a infiltração de 'estrangeiros' aqui na Moóca, aqui perto da avenida Paes de Barros, na rua Madre de Deus, Padre Raposo, rua Isabel, Oratório. Aí há uma infiltração muito grande de 'estrangeiros'. Eu digo 'estrangeiros' com todo carinho porque eles também merecem todo o respeito. Mas só fazendo um paralelo que antigamente essa região era habitada especificamente por pessoas tradicionais, de famílias tradicionais. Então de uma maneira ou de outra esse espaço foi ocupado por outras famílias. Então até que a gente sinta segurança ao lado dessas famílias que vieram é diferente. Você conhece uma pessoa há vinte anos, é diferente, até que você tenha aquela confiança numa pessoa que chega hoje leva muito tempo".

As qualidades do bairro eram percebidas por subtração.

Apesar da chegada de desconhecidos, que não compartilhavam da mesma história dos moradores mais antigos, ainda

predominavam as pessoas estabelecidas por ali há muito tempo. Era preciso diminuir, do total dos habitantes de longa data, a quantidade correspondente de recém-chegados. O saldo indicava o que sobrara da Moóca de antigamente, "habitada especificamente por pessoas tradicionais, de famílias tradicionais".

A referência a uma situação passada, vagamente localizada - neste caso "há vinte anos atrás", e em outros relatos semelhantes aparentemente tão aleatória e imprecisa quanto esta -, é uma constante na construção das imagens a respeito da situação atual. No caso de Gajanigo, o período corresponde à sua chegada no bairro. A mulher com quem se casou era da Moóca, e seus pais já o eram há pelo menos duas gerações. Uma vez casados, ele veio do interior do Estado e, segundo suas histórias, foi recebido como um conhecido de longa data. Ele conta que, no início, teve que trabalhar pesado, era empregado numa feira. Aos poucos foi juntando dinheiro, montou seu próprio negócio e comprou sua casa. De qualquer modo, um primeiro aspecto a ressaltar do seu diagnóstico do presente, da maneira pela qual o bairro é atualmente visto, é o recurso a uma situação passada, mais homogênea e fraterna que a atual.

Ao recuar no tempo e localizar no passado um contexto que serve de parâmetro para avaliar o presente, a construção de impressões como a de Gajanigo se mantém girando em torno do

que seria o bairro, da maneira como seus moradores se relacionavam. A esta altura de seu raciocínio, o lugar é ainda pouco definido. Sabemos apenas que envolve redes de relações entre famílias que há muito se conhecem e que, atualmente, vêm sendo substituídas por pessoas tidas por eles como alienígenas, "estrangeiros". Mais adiante na entrevista, este ponto foi retomado. Perguntei se o medo das pessoas no bairro tinha aumentado depois da chegada destes novos moradores.

"Eu não diria assim especificamente, mas de um modo geral isso é concreto. Porque se você frequenta um ambiente que tradicionalmente é frequentado por pessoas que você já conhece há muitos anos, você sabe os hábitos dessa pessoa, você sabe os costumes, você conhece os pais desta pessoa, os avós, está conhecendo os filhos, é diferente de você começar abruptamente, assim de uma maneira ... Parece que não, mas de 15, 20 anos para cá, isto mudou radicalmente. Então é diferente. Você começa a conviver com pessoas que você não conhece o passado delas, que você não conhece os antepassados delas, pais. Entendeu? Essa é a colocação que eu estou explorando. Não quero colocar nunca em choque o fato de você ter vindo do norte, do nordeste, ser especificamente criminoso. Não é isso. A gente conhece muitos deles, sabe que são honestos e tal. Mas a diferenciação que eu quero fazer é a seguinte: de que a gente conhecia ... a Moóca. (...) Essa a colocação que eu queria fazer. Nunca em termos de dizer que a pessoa que veio é criminoso. Não é isso. Mas que mudou muito para pior, mudou".

O lugar era antes habitado por descendentes de italianos, espanhóis e portugueses, cujas famílias conviviam há algumas

gerações. Nas ruas, bares, praças, enfim, por todo lado, os indivíduos eram mais ou menos conhecidos. Os encontros públicos realizavam-se num clima de confiança mútua. As lembranças de Gajanigo a esse respeito são claras:

"Antigamente acontecia muito de você ficar numa esquina batendo papo com os amigos, jogando dominó, jogando bilhar, num clima amistoso, num clima de camaradagem e de amizade, e você podia ficar tranquilo, despreocupado, porque você sabia que eram só amigos que estavam ali. E hoje não. Hoje em qualquer botequim, qualquer esquina que tenha um boteco ou mesmo uma lanchonete às vezes mais fina, a gente nunca sabe a frequência".

As incertezas com relação aos encontros nas ruas marcam as transformações. Os lugares públicos não são tão fraternos quanto costumavam ser. Não são mais somente os amigos que os povoam. Os novos tempos tinham complicado as cenas, tornando-as menos previsíveis. O passado dos indivíduos, sua história pessoal, de sua família, seus hábitos: tudo isto, atualmente, constituía um conjunto de bens que rareavam.

Todavia, o diagnóstico não tinha nada de absoluto, estático. O quadro modificava-se. Gajanigo fazia questão de frisar, durante as conversas que iam mantendo ao longo da pesquisa, que as imagens que me transmitia eram como fotografias instantâneas. Nada impedia que, no momento seguinte, a situação fosse outra. (Claro que nenhuma revolução ou súbita reviravolta nas tendências eram

esperadas. Mas a cautela não permitia pontos finais ou afirmações peremptórias. Nem todos os novos moradores eram perigosos, nem todos os espaços são proibidos). E, mesmo quando aspectos negativos eram localizados, estes eram logo inseridos no contexto da cidade, muitas vezes do país e do mundo. Afinal, concluía, a situação toda era complicada: havia aspectos que preocupavam, mas nada de tão ruim assim. Quando perguntei a respeito da grande quantidade de casas que já tinham grades cobrindo as janelas, portões e alarmes, ou que estavam em vias de instalá-los, Gajanigo respondeu do seguinte modo:

"Eu atribuiria isso àquele aumento de criminalidade. Não especificamente da Moóca. Eu queria frisar bem isso".

"Uma coisa mais geral", disse eu

"Uma coisa mais geral. Isso não acontece só na Moóca, acontece na Vila Formosa, acontece na Penha, na Lapa, acontece nos Jardins".

"Agora, com relação a esses bairros que o sr. citou, a Moóca estaria em uma situação melhor ou pior?"

"Eu acho que a Moóca é um bairro ainda melhor para se morar nesse aspecto".

"Em São Paulo o sr. diria?"

"Eu diria que sim. Não tenho muito conhecimento dos outros bairros".

"Mas pelo que o senhor ouve..."

"Pelo que eu ouço a Moóca é o melhor lugar para se morar".

As referências variavam. Apesar de se dizer pouco informado

a respeito de outras cercanias da cidade - aliás, coisa muito recorrente entre as pessoas na sua faixa de idade que conheci no bairro -, ele não hesitava em contextualizar as transformações da Moóca dentro da Paulicéia. Desta maneira, os fatos atuais que ele, sua família e seus amigos presenciavam, causa de muitas reticências, eram diluídos por toda São Paulo. O resultado desta operação implicava que, em relação a outros lugares, o espaço que lhe era mais familiar era também o mais apropriado para viver.

Todavia, a relativização dos problemas locais por referência à cidade não excluía um olhar mais crítico sobre o tão prezado bairro. Havia uma tensão nas e entre as imagens do local e da metrópole, que se resolvia, apenas momentaneamente, seja na afirmação das qualidades das coisas mais próximas, seja na atenuação dos problemas cotidianos através da comparação com o que aparecia nos jornais, noticiários da televisão e conversas. Passada esta breve resolução, o processo de contextualização, construção, quebra, ajuste de foco, ampliação e restrição da perspectiva, era reiniciado. Quando indagado a respeito dos encontros atuais, Gajanigo se manteve neste curioso diapasão, espécie de parâmetro modulante, que operava ora no microscópico, ora no mais amplo, mas que acabava se voltando para os acontecimentos de seu cotidiano:

"Olha, eu acho que de um modo geral a maioria dos paulistanos, ou a maioria dos moçoquenses, eles não saem mais de

casa como eles saíam antigamente, não têm mais aquele círculo de amizades, aquela jovialidade que havia, porque é muito custoso você entrar numa rodinha de amigos, tomando um refrigerante ou tomando uma cerveja com os amigos, e muitas vezes você é obrigado a substituir isso por um programa de televisão ou por uma ...".

"Um programa de vídeo", tentei adivinhar.

"Exatamente. Porque a segurança não é igual era antigamente. Mesmo, você veja o seguinte, antigamente, há 20, 25 anos atrás, era comum você até meia-noite, uma hora, você ver uma rodinha de adolescentes batendo papo descontraidamente, sem essa de fumo, droga, sexo".

O que ele falava da juventude atual era moeda corrente entre quase todas as pessoas de sua faixa de idade e condição social que encontrei no bairro. Gajanigo sempre dizia que, ao contrário do que ocorria quando era jovem, hoje as ruas são o palco de encontros furtivos, sempre suspeitos. As reuniões públicas - autênticas porque destituídas de máscaras e simulações, de drogas e permissividade, nas quais os participantes eram todos conhecidos, assim como o eram suas histórias, suas famílias - estavam aos poucos desaparecendo.

As pessoas que têm sua idade, seus amigos, não se arriscam mais a sair de casa, diz ele. Mesmo no clube do qual faz parte, depois das nove horas é difícil encontrar gente.

"Por quê? Porque as pessoas de um modo geral têm medo, mesmo aquelas que têm carro, mesmo aquelas que têm facilidade

de locomoção, mesmo aquelas que moram perto, elas têm medo depois de uma certa hora de ficar andando sozinhas na rua, mesmo se locomovendo daqui até a esquina. E antigamente isso não existia de maneira nenhuma. Antigamente você ficava até 10, 11 horas, meia-noite aqui, ia até sua casa tranquilamente sem que fosse molestado de uma maneira ou de outra. Então essa colocação que eu queria fazer, principal da coisa, a pessoa hoje não sai mais na rua, tem medo de sair na rua, mesmo que ela se sinta segura, mesmo que haja segurança, ela tem medo devido a ouvir muita coisa que acontece e que um dia pode acontecer".

Os lugares antes acolhedores, conhecidos e seguros, hoje suscitam medo. Há os novos moradores, as rodinhas de jovens, o perigo. As histórias que vão sendo passadas de boca em boca se encarregam de confirmar as suspeitas. Gajanigo ouvia e repetia muita coisa "que acontece e que um dia pode acontecer". Impossível sentir segurança, sair à noite tranquilamente. As redes de relações sociais iam diminuindo. No caso de Gajanigo, os amigos dos quais mais falava eram encontrados quase todo dia no clube. Eram poucos, não mais que três. Das pessoas que trabalhavam com ele, não havia nenhum com o qual fossem mantidos encontros depois do expediente. O bairro, além de ser o espaço que ia sofrendo as transformações através do tempo, constituía também as fronteiras de seus relacionamentos.

O mesmo ocorria com sua esposa e sua filha. A primeira às vezes recebia ou fazia uma visita a uma de suas poucas

amigas, pessoas que sempre moraram na Moóca e que não tinham a pretensão de sair. Organizavam compras mensais conjuntamente, quando duas delas iam até um hipermercado do centro ou da zona sul e traziam o que as outras precisavam; participavam de cursos de costura e pintura ministrados no próprio bairro, e às vezes envolviam-se em trabalhos assistenciais coordenados pela igreja local. Os maridos nunca se envolviam em qualquer destas atividades, a não ser para levar e trazer algumas delas, como era o caso de Gajanigo.

A filha também se relacionava com pessoas que eram, na sua maior parte, moradoras do bairro. No seu caso, porém, as redes de relações extrapolavam a Moóca. Algumas de suas colegas frequentavam lugares nos Jardins, por exemplo, onde tinham amizades que, por sua vez, passaram a ser também dela. Mas estes encontros com pessoas de outros lugares da cidade, embora frequentes entre suas amigas, para ela eram mais esporádicos. Talvez por temperamento, talvez por falta de dinheiro ou pela má vontade de seus pais, o fato é que ela não ia para os bares, cinemas e discotecas da zona sul com a frequência de suas amigas. Mais comuns eram as reuniões que faziam na casa de uma delas, que morava por perto, e que terminavam cedo. Ela era solteira, a exemplo de suas amigas, e Gajanigo não sabia nada a respeito de seus planos para o futuro: casamento, carreira etc..

A exceção do filho de 19 anos, dois anos mais novo que a filha, a família de Gajanigo, segundo ele, compartilhava de suas idéias a respeito do bairro. Mesmo com todos os problemas apontados, o encolhimento das redes de relações, a perda daqueles lugares públicos formados por conhecidos de longa data, o medo que disto decorria - ele não tinha muito do que reclamar. Respondeu do seguinte modo uma pergunta minha a respeito da tendência das mudanças:

"Olha, a tendência eu não sei qual seria, mas se estacionar eu acho que está bom. Agora, se continuar progredindo (...) eu acho que vai chegar um dia em que ninguém mais vai sair de casa".

No seu caso particular, a situação estava boa porque, de um jeito ou de outro, desfrutava do convívio regular com seus conhecidos, seus amigos de longa data. No clube conseguia reproduzir o ambiente de amizades que um dia, segundo ele, fora característica das esquinas, ruas e bares. A referência, invariavelmente, era esta situação pretérita.

Idealizada ou não, o fato é que a descrição corresponde à conformação do bairro que se iniciou a partir dos anos 30 e se consolidou nas décadas seguintes: uma classe média composta de imigrantes e donos de pequenos negócios ligeiramente enriquecidos foi se estabelecendo de vez na região. Compraram suas casas no momento em que a área começava a melhorar sua infra-estrutura, deixando de ser

periferia para se tornar apêndice do centro³. Desde então, e num processo que irá se reverter apenas nesta última década, os mais pobres são expelidos para a periferia. Gajanigo chega no bairro em fins dos anos 60, época farta em financiamentos federais para a habitação, marcada por uma política repressora dos movimentos sociais e liberdades democráticas, e pela consolidação, ao menos em São Paulo, do esquema centro-periferia de segregação social. Nas regiões centrais da cidade, e na Moóca em particular, com certeza, os pobres eram bem menos numerosos que o são hoje. É bem provável que seu moradores vivessem menos preocupados com os horários, assaltos e lugares perigosos.

*

As imagens que Gajanigo evoca a respeito do período mais feliz do bairro - no sentido de ser o mais tranquilo, próspero, amigável e seguro -, parecem ser compartilhadas por muitos dos moradores que também as teriam vivenciado. Apesar de as datas variarem de pessoa para pessoa, é possível captar algumas recorrências naquilo que elas marcam. A mais evidente é a ausência dos pobres, cortiçados e migrantes. Só havia conhecidos, na sua maioria imigrantes ou descendentes de italianos, espanhóis, portugueses, e alguns da Europa do Leste, principalmente lituanos, romenos e iugoslavos. Apesar das pequenas querelas, principalmente

³ Ver capítulos 2.

envolvendo os "húngareses" (como eram chamados aqueles vindos da Europa Oriental), perpetuadas através de várias histórias recontadas ao longo dos anos, um clima de fraternidade pairava sobre estes habitantes. As ruas calmas, sem o movimento e barulho de veículos, eram locais de conversas, jogos, e às vezes de festas. As nuances de procedência - nem todos eram descendentes diretos de europeus, havendo muitas famílias vindas de outros Estados do Brasil - não importavam tanto. A visão retrospectiva dos fatos, espécie de homogeneizador social, encarregava-se de aplainar as diferenças de outrora.

Este processo, todavia, não era uniforme. À medida que os acontecimentos iam se aproximando do presente, esta visão retrospectiva voltava-se para os contrastes. O entorno tinha ficado mais heterogêneo - era desta maneira percebido. A passagem do tempo, vista de sua ponta mais recente, e apesar dos aspectos positivos a ela associada, atordoava. Tratava-se de uma intensidade desestabilizadora. As mudanças parecem mais fortes, mais condensadas. No tempo e no espaço, as transformações estavam mais próximas.

Nas impressões de Gajanigo as mudanças têm raízes que extrapolam os bairros e atingem muitas vezes a conjuntura do país. Outras pessoas que conheci também construía suas idéias a respeito da situação atual ora recorrendo ao contexto local - e nestes momentos marcando diferenças

internas do próprio bairro -, ora inserindo-as na metrópole e nas suas transformações. As mutações que vivenciam nunca são inteiramente boas ou más. São, antes de mais nada, sempre ambíguas. Num caso como em outro, havia uma situação passada que era sistematicamente lembrada quando era feita uma avaliação dos acontecimentos mais recentes. A heterogeneidade atual, captada nas impressões destes moradores mais antigos, ganhava suas tonalidades através deste processo. Era assim construída uma ponte de significação entre o presente e o passado: a interpretação de um derivava da compreensão do outro. Cabe aqui a tarefa de investigar os mecanismos, os sentidos e as implicações destes elos. Antes, porém, detenhamo-nos um pouco mais sobre as idéias de outras pessoas.

*

Lamartine

Quando o conheci, em 1990, ele estava com 63 anos. Era neto de italianos, casado, uma filha, estava aposentado, e tinha nascido, sido criado e conhecido sua esposa na Moóca. Morava, junto com ela, em um apartamento próximo ao Clube Juventus. Além disto, mantinha no centro da cidade um escritório de contabilidade, o qual dividia com um irmão. Seu pai tinha nascido em Salto e logo mudou-se para São

Paulo, estabelecendo-se de vez no bairro onde passaria toda sua vida. Fora o Chefe Geral dos Custos do Cotonifício Crespi. Em 1924 foi um dos fundadores do Juventus, fato que muito orgulhava Lamartine. Ele me mostrou diversas fotografias de times de futebol do clube nas quais identificava a maioria dos jogadores - principalmente os que tiveram seus momentos de glória -, seu pai, tios e outros parentes, além, é claro, ele mesmo, mascote dos times.

Passou sua infância na vila da fábrica, conhecida como Cavaleiros Crespi, e tem lembranças do Conde Rodolfo Crespi aparecendo no bairro a bordo de suntuosos automóveis e inspecionando os trabalhos de seus funcionários.

Lamartine era um sujeito aparentemente feliz com a vida. Não tinha muitas reclamações da condição de sua família. A filha havia se casado com um "bom rapaz" e morava em Moema.

Gostava do bairro, assim como gostava de outras partes da cidade. Diferentemente de Gajanigo, dizia-se conhecedor de arredores além daqueles onde habitava. Perguntei a respeito destas outras cercanias:

"É lógico, conheço o Centro. E conheço o Bixiga também, que não podia deixar de conhecer, já que todo bom oriundo de italiano tem que pertencer às cantinas do Bixiga. E eu conheço bem o Bixiga, eu vou inclusive nas festas da Archiropita, conheço bem o Brás, onde eu vou também nas festas italianas na Rua Caetano Pinto. E conheço bastante lugares. Moema, onde minha filha reside, o Ibirapuera, eu vou muito lá no Shopping

Center com minha filha, com o pessoal todo nosso".

O mapa da cidade que tinha para si, apesar de concentrado nos bairros tradicionais de imigrantes italianos, incluía regiões as quais, para a maioria das pessoas de sua idade e condição social que habitavam a Moóca, eram pouco conhecidas. Este alcance alargado não o impedia, no entanto, de se juntar a todos aqueles que consideravam o bairro algo definitivo:

"E desses bairros todos de São Paulo, qual é o preferido do senhor? Se pudesse escolher um desses bairros para morar...", provoquei

"Então vamos fazer o seguinte, emendou Lamartine, como que captando o sentido da pergunta, se eu tivesse que escolher um desses bairros para morar fora da Moóca, porque eu acho que na Moóca eu nasci, na Moóca eu vou morrer, seria Moema mesmo, onde mora minha filha".

"E por que esta preferência", perguntei

"Porque eu acho um bairro bastante gostoso, acolhedor, eu gosto de Moema. O pessoal lá é bastante amigo também, bastante acolhedor".

"E comparado com a Moóca, como é que é?"

"A diferença da Moóca é que a Moóca atinge uma camada social até classe média alta, tem diversos locais (de classe média alta) na Moóca e então (há) uma divisão entre as camadas sociais. Tem diversos locais na Moóca que até atingem a camada de classe média alta, não é isso? Moema começa na classe média alta, essa é a diferença. Começa na classe média alta e não sei até onde vai".

Além da intrigante "na Moóca nasci, na Moóca eu vou morrer",

há outras imagens evocadas por Lamartine que são bastante comuns entre pessoas com o seu perfil etário e econômico. É clara a percepção da heterogeneidade social das imediações onde habita, fato que aqui fica marcado pelo contraste que é estabelecido com o bairro de Moema. Percebemos que Lamartine capta esta diversidade social principalmente nas classes mais baixas. Ou seja, a "divisão entre as camadas sociais" só é nítida da classe média alta para baixo. Desta camada para cima, e apesar de nosso informante considerar possíveis gradações ("começa na classe média alta e não sei até onde vai"), a imagem que é feita aproxima-se muito mais de um bloco. É como se a classificação fosse sensível às diferenças sociais mais familiares, atenta às variações que povoam o ambiente próximo.

Este ambiente social do bairro e das imediações estava se transformando rapidamente. O diapasão utilizado por Lamartine para expressar isto, a não ser pelas datas, é semelhante ao de Gajanigo.

"Desde o tempo em que eu aprendi a me conhecer, as mudanças mais radicais foram na década de 60 para cá. Aí a mudança tornou-se radical mesmo. As novas formas da juventude tratar o próprio ambiente social, a coisa ficou bastante diferente. Antigamente nós tínhamos, na Moóca, de 40 a 45, nós tínhamos aqueles passeios que a gente fazia nas artérias principais, o 'footing', que a gente fazia, mulher de um lado, homem de outro, sábado e domingo... os corsos de carnaval, as coisas mais sinceras, mais leais do que a vida hoje. A vida hoje é um pouquinho

irreal... cada dia que passa a gente vai aprendendo coisas que assustam a gente. Infelizmente".

Os jovens dos dias de hoje, seus comportamentos públicos e privados, são as evidências da decadência dos costumes que acompanha a passagem do tempo. Lamartine refere-se à perda das normas de relacionamento entre estas pessoas. Tudo parece valer.

Todavia, a passagem do tempo veio acompanhada também de melhorias. As imagens de decadência dos lugares públicos, constituídas sobretudo pelos jovens, convivem com outras de progresso:

"Tem coisas que foram para melhor! O método de ensino, a forma da criança hoje conviver, a forma dos próprios pais se envolverem com os problemas da criança, acho que está melhor do que antigamente. Porque antigamente a rigidez era demais, o método de ensino era arcaico, a forma que a gente tinha que aprender... (...) Antes de começar a aula, ter que rezar. (...) Não digo que a gente não tenha aprendido coisas boas, aprendemos, mas isso! Pensando nos dias de hoje, isso não existe mais; é uma forma bem diferente. Eu vejo os meus netos, é tão gostoso a gente ver; até nas próprias lições que eles fazem é gostoso a gente ver. Mudou muito. Essas coisas mudaram para melhor. Mas infelizmente outras coisas pioraram. O terror, os assaltos, as formas das premissas do povo e de obter dinheiro de uma forma ilegal... assalto a banco. Isso antigamente não existia. Madrugada era madrugada para a gente sair das festas de formatura do Pacaembu e ir tomando o leite das casas de grã-finos que viviam no Pacaembu, até porque, tinha que andar para pegar condução na Av. São João - era o bonde - e depois

vir até a Praça da Sé pegar o bonde para a Vila Nova. Vê se tem condição de fazer isso hoje! (...)."

As contradições marcam as mudanças. De um lado, a pedagogia moderna aproxima as crianças dos adultos, acaba com padrões rígidos de disciplina, ensina divertindo; de outro, porém, a tranquilidade da cidade esvai-se. Não só as atitudes em público dos jovens constroem. Há uma intranquilidade nas ruas que é mais básica: trata-se de um temor de ser fisicamente molestado, roubado, enfim, de ser objeto de algum atentado criminoso. "Isso antigamente não existia". A cidade tornou-se perigosa. O processo teve início há cerca de 30 anos: "(...) nas décadas de 60, 70 para cá, o negócio evoluiu de uma forma que ninguém consegue segurar".

Lamartine está atento ao fundo social do problema. A fome é o motor desta intranquilidade. Perguntei se ele achava que havia alguma relação disto com o crescimento da cidade.

"Tem, isso é verdade. O crescimento da cidade e a debandada do pessoal de outros Estados para São Paulo. Embora, esse crescimento e esse progresso a cargo das pessoas que vieram de outros estados, a violência também aumentou por conta disso".

Em meio às ambiguidades dos processos de mudança da vida e da cidade, há algumas relações de causa e efeito que são recorrentes. Lamartine nos dá alguns exemplos: a migração de pessoas de outros Estado do país para São Paulo, de um lado, e de outro o aumento populacional, o progresso e a

violência. Nada caminha apenas em um sentido. As ruas, o bairro e a cidade ficaram mais povoados e perigosos; pessoas de outros Estados são as que mais contribuem para isso; mas também são elas que trabalham e promovem o progresso. A imagem do migrante é contraditória, assim como o é o diagnóstico da passagem do tempo.

De qualquer maneira, a cidade, o bairro e a vida de um modo geral ficaram mais complexos. Há mais gente, veículos, perigos, transformações urbanas, mudanças de comportamentos e no uso dos lugares públicos; enfim, a vida é mais intensa. A questão da segurança, neste turbilhão de novos acontecimentos, tornou-se central.

Todavia, se é esta a perspectiva mais ampla, o mesmo não vale quando o foco é ajustado para o local da moradia. Respondendo à minha pergunta sobre a segurança que havia na Moóca, nosso informante se valeu das seguintes idéias:

"Então eu vou dizer uma coisa: a Moóca, eu não sei se existe índice de segurança ou não, mas a Moóca é um dos bairros mais seguros de São Paulo. É um dos bairros mais seguros de São Paulo. Seguro assim de autoconfiança, da gente se sentir bem".

A exemplo de Gajanigo, o sentir-se bem na Moóca de Lamartine era algo subjetivo, não dependia necessariamente de índices de roubos, assaltos, etc.. Ele morava há 10 anos em um apartamento pequeno, devidamente cercado e vigiado durante

24 horas por guardas que se revejavam na guarita. Isso certamente contribuía para seu bem-estar. Mas não era o principal. Desde sempre ele tinha muitos amigos no bairro. Sua casa era frequentemente visitada. Quando se mudou para o apartamento sua vida social não foi prejudicada. Pelo contrário.

"(...) Nesse apartamento onde moro, por exemplo, eu tenho bastante amigos. Melhorou a minha vida social em matéria de amigos. Além daqueles amigos que eu tenho na Moóca e que são inúmeros. Mas melhorou porque existe... Uma época eu fiquei com pneumonia e os vizinhos de todos os andares colocaram-se à disposição, vieram saber se eu precisava de alguma coisa, locomoção... Então ficou mais junto da gente numa amizade desse tipo".

Sua vida mais imediata estava cercada por pessoas que se importavam com ele. A rede de amizades espalhava-se pelo bairro, concentrando-se no prédio onde morava e no clube que frequentava, com a esposa, quase diariamente. Sentia-se bem com isso. A "autoconfiança" que mencionava, na verdade, derivava desta situação. O mesmo se dava com a segurança. As amizades, a vizinhança e a parentela faziam da Moóca o lugar mais seguro que havia. As fronteiras do bairro coincidiam com os limites de sua rede de relações - pelo menos da fração mais densa desta rede -, e assim constituíam território relativamente estável. Não era um isolado: tais características ficavam nítidas justamente quando contextualizadas dentro da cidade. O movimento de significação de Lamartine não ocorre sem a referência às

transformações mais gerais de São Paulo ao longo do tempo. Trata-se de uma maneira de dar sentido às coisas que opera em vários níveis. A passagem do tempo na cidade, no bairro, na família; as mudanças sofridas pelo espaço mais próximo e pela metrópole; enfim, havia transformações incidindo em várias camadas da vida.

Estas mudanças complicaram as cenas. Quando compara sua vida à de seus pais, Lamartine capta tais mutações, principalmente ao nível da segregação social e espacial:

"(...) Antigamente, por força da própria cultura social, nós éramos polidos no nível da vida da gente. E existia uma situação separatista muito grande entre os níveis sociais maiores e os níveis sociais menores. E a própria vida da gente era restrita, bairristicamente falando. A Moóca era uma cidade nossa; ali vivia, casava, continuava morando e morria. Como hoje existem muitos casos ainda, mas já se espalharam, já mudaram, as pessoas vão debandando. São poucos os que debandam da Moóca porque a Moóca é um bairro gostoso de se morar. Eu sou fanático pela Moóca e não sou muito, vamos dizer, educado para falar da Moóca porque eu sou tarado pela Moóca. Eu gosto da Moóca. Também, 63 anos de Moóca, tem que gostar!"

*

A heterogeneidade social é uma das marcas da situação atual. Perceptível em toda a cidade, ela está presente também no bairro. Até a Moóca, antes quase um isolado no meio da Paulicéia, vê suas fronteiras dissiparem-se. Termina a "situação separatista muito grande entre os níveis sociais".

Há proletários vivendo onde outrora viviam quase exclusivamente pessoas de "níveis sociais maiores".

Os lugares públicos acompanham tais mutações. Violência, medo, desrespeito: não é só a configuração física da cidade que se modifica, com mais pessoas nas ruas, intensificação do trânsito, abertura de ruas e avenidas; são também os costumes. Lamartine e Gajanigo impressionam-se com os jovens, com a falta de decoro que os caracteriza. O processo atinge, com mais ou menos força, todos os recônditos paulistanos.

O tempo pretérito descreve com eficácia os fatos: "*nós éramos polidos no nível da vida da gente*". O contexto todo subleva normas de comportamento tido como civilizado e correto. Tais impressões juntam-se às de adensamento da cidade, da chegada dos migrantes e do aumento da criminalidade. Enfim, o quadro atordoa.

Contudo, ao lado dele - ou melhor, plasmado nele - convivem imagens alentadoras. A perspectiva localizada oferece compensações. É possível viver bem, sentir-se seguro. Apesar da crise econômica, tema constante nestes relatos históricos, e do pessimismo com relação ao futuro, há algumas saídas, ou pelo menos algumas compensações. As redes de amizade e parentesco constituem uma espécie de refúgio. Compartilhar valores, histórias e condição social, e manter

uma convivência regular segundo estas condições, aparece nas vidas de Gajanigo e Lamartine como garantia de bem-estar. O mundo se transforma, o bairro perde sua homogeneidade tranquilizadora, mas as redes de relações, adaptadas aos novos tempos, fornecem algumas bases de apoio. Muitas das interpretações desta realidade, marcada pela proximidade inédita com classes sociais mais pobres, têm como pano de fundo as relações sociais entre semelhantes. Idealizadas ou não, elas são alguns dos parâmetros de avaliação das mudanças no tempo e espaço. Quando o olhar é lançado para o passado, quando se volta para o presente, percorre os pedaços da cidade e se fixa na trajetória pessoal. o que parece dar-lhe um sentido é justamente esta idéia de redes sociais constituídas por semelhantes e sustentadas pelo consenso em torno de normas e valores⁴.

*

⁴ é importante salientar que estas relações sociais entre semelhantes, marcadas por um consenso tácito em torno de alguns valores e normas (os quais irão aparecendo ao longo deste texto), não exclui a vontade de diferenciação que há entre os membros destas redes de relações. Como mostrei no capítulo 2, esta vontade de diferenciação pode ser percebida de maneira vivida nas fachadas das casas, as quais raramente se repetem. No entanto, e como expliquei no capítulo 1, penso que esta vontade de diferenciação é uma espécie de variável dependente de outra expectativa mais fundamental: o restabelecimento da ordem, ou seja, da relativa homogeneidade social entre os moradores do local e, por extensão, dos pedaços da cidade "invadidos" pelos pobres. A condição óbvia para o exercício pleno da diferenciação é, antes de mais nada, a certeza de um mínimo de segurança. Apesar dos próprios aparatos de segurança serem muitas vezes utilizados também com fins estéticos, eles mesmos já denunciam uma tentativa de demarcar fronteiras sociais e, portanto, de relativa homogeneidade e tranquilidade.

Amália⁵

Em 1989 ela tinha 55 anos, nascida na Calábria, viúva, estava desde 1931 no bairro, era professora aposentada e vivia com a irmã Filomena numa casa simpática. A casa parecia ser da década de 50; tinha 3 quartos, um pequeno jardim na frente, a janela da sala era ampla e a grade que a cobria não chegava a quebrar a harmonia das linhas da construção. De fato, este relativo despojamento constituía uma exceção naquelas redondezas.

A rua em que se localizava era calma; as outras habitações ostentavam acabamentos pesados, com grades de diferentes tipos cobrindo a maioria das fachadas, vidros espelhados, e dispositivos elétricos e eletrônicos de segurança. As casas não eram muito grandes e pareciam todas ser originalmente idênticas. Várias reformas escondiam-se sob os diversos tipos de materiais que cobriam as paredes e entradas. Em meio a tanto metal e concreto, para os jardins só sobrava espaço na lembrança.

Seu pai fora um dos diretores da Matarazzo. Amália se recorda do dia em que se mudaram definitivamente para o bairro: a data foi a mesma da chegada da luz elétrica em sua rua. Ela se lembra que grande parte dos habitantes do bairro eram descendentes de italianos, espanhóis e portugueses. Na

⁵ Esta entrevista foi feita por Teresa Caldeira. Eu apenas a acompanhei.

década de 30 e 40 "em consequência das fábricas, os funcionários começaram a construir casas por aqui e morar perto de onde trabalhavam, do seu trabalho. Naquele tempo, embora não era tão difícil o trânsito, mas sempre morar perto era uma economia, não dependia da condução".

Amália gostava do bairro. Quando perguntada sobre os motivos disto, a resposta não foi muito diferente das que foram analisadas anteriormente:

"Não sei por que... tantos anos que eu moro aqui! Então eu conheço uma infinidade de gente aqui. Sabe? Conheço gente demais. Então tenho amigos aqui que não acaba mais. Me dou bem com todos".

Além de seus amigos - muitos dos quais encontrava durante os trabalhos e as missas da igreja -, todos os seus familiares também moravam no bairro. Havia sua irmã, que estava provisoriamente dividindo a sua casa, mas que tinha sua residência naquela mesma rua; sua cunhada, primos, sobrinhos enfim, todos estavam próximos.

"Nós somos amigos da vizinhança toda. Nós não somos muito de visitar demais em casa, mas quando uma pessoa precisa de algo aqui, todo mundo está pronto para ajudar. Sabe, nós ajudamos muito. Esta rua é maravilhosa, embora tem assaltos também né, tem assaltos".

Havia pouco tempo que o bairro tinha se tornado o alvo de bandidos. O lugar já fora mais tranquilo:

"(...) Quando eu vim morar aqui, eu tenho uma entrada lateral aqui da casa,

eu me lembro que eu nunca fechava esta porta, só com um trinco assim né. Então minha família toda, os amigos, nem tocavam a campainha, já abriam a porta e entravam. Hoje você tem que ver, tem grade em todo lugar. Eu mesmo já fui assaltada".

O assalto fora em 1984: "(...) eram dois moleques, passaram por cima da laje e ficaram escondidos no quartinho que tenho no fundo. Eu levantei e fui abrindo as janelas, como eu faço sempre né (...). E eles, quando (...) vim atender o telefone, que tocou na hora, eles pularam e eu fiquei aqui presa com eles. Depois veio.. assim, por sorte eles foram presos dentro de casa, aqui dentro". A prima com quem estava conversando pelo telefone desconfiou que Amália estivesse passando mal, por isso chamou seu genro, que mora por perto e que tem a chave da casa de Amália, o qual foi ver o que se passava. Ele acabou ficando preso com ela dentro da casa sob a mira dos revólveres dos garotos. Sua prima, impaciente com a demora de notícias, chamou os sobrinhos de Amália, que também moram por perto, e estes finalmente recorreram à polícia. No final, os meninos se renderam e a história acabou por aí.

Fatos como esse tinham se tornado comuns, não só na Moóca, como em toda a cidade. A causa principal?

"Eu acho que é vadiagem, né, porque eu acho que a pessoa, por menos que ganhe, dá para viver. Agora, quem não quer trabalhar, então acha fácil assaltar, roubar... Hoje, você pode ver, bancos constantemente assaltados. né. (...) Eu não sei, eu tenho a impressão que quando

começou com a imigração nordestina prá cá, começaram... Porque geralmente... os que vieram, os nordestinos que vieram é sem qualificação nenhuma, né, porque os que têm um emprego, uma profissão, eles ficam na terra deles, não tem necessidade de vir para cá. Então os que vieram geralmente são os mais pobres, né, vieram de serventes de pedreiro e pedreiros, a grande maioria deles né!"

A onda de assaltos era impulsionada pela chegada dos migrantes. O bairro outrora constituído principalmente de filhos de imigrantes italianos, espanhóis e portugueses, vê sua população ser transformada. Pessoas pouco qualificadas, pobres e provenientes do Nordeste tornam o bairro e a cidade mais heterogêneos do ponto de vista social.

Os pobres estavam nas redondezas desde há muito; segundo Amália, há cortiços na Moóca desde a década de 70. No entanto, eles não eram tão povoados e densos como agora. Antigamente chamavam-se quintais, nos quais viviam no máximo 5 famílias. Hoje os cortiços chegam, segundo ela, a abrigar 52 famílias.

"(...) Então eu já fui uma vez num desses cortiços. Cheguei num sábado de manhã, então tinha gente dormindo no beliche em cima, no beliche embaixo, aqui também nos dois beliches e esteira no chão, dormindo no chão também. Então acho que tinha umas 8 ou 10 pessoas dormindo num quartinho daqueles. Então uma promiscuidade, criança dormindo com adulto... na maior promiscuidade. Agora está assim... estão querendo fazer um trabalho pra ver se acabam com esses cortiços né. Esse da (rua) Madre de Deus, não sei, ouvi falar aí na igreja, que estavam querendo comprar, parece que a prefeitura mesmo, para depois

construir um edifício de 4 andares para eles morarem. Não sei. Tem outro aqui na (rua) Canuto Saraiva, também está com... tem um italiano aqui, diretor de um banco, né, veio aqui, tá muito interessado em ajudar nesse trabalho nos cortiços. Estão querendo comprar também esse e construir uma série de casinhas pra eles. Porque é uma unidade... mas é uma loucura aquilo, viu".

A maior evidência dos pobres e de seus abrigos, um tipo de vida bem diferente daquele da maioria dos habitantes do bairro antes da chegada dos proletários, intranquilidade e medo: esses os elementos que constituíam alguns dos traços marcantes do contexto mais recente. O bairro estava mais complexo, misturado e perigoso.

O mesmo valia para a cidade, principalmente a área central. Há 30 anos atrás Amália, seu marido e amigos frequentavam os cinemas do centro. O Lido e o Marrocos (nos quais "homem não entrava sem gravata") eram os preferidos.

"A gente ia ao cinema, depois saía, ia olhar umas vitrines, a Barão de Itapetininga era uma rua boa, lojas boas. Você ia tomar um lanche, ia jantar... ia jantar fora. Hoje você não pode ir para o centro da cidade num domingo, fim de semana, não tem condições de... porque são homossexuais, são travestis, são... barraquinhas. Bom, o centro da cidade está um horror agora, né, com esses marreteiros todos".

A solução para o lazer estava agora nos lugares confinados, protegidos, enfim, em alguma medida seletivos. "Shoppings, parques, Parque Ibirapuera, Parque do Morumbi, Centro Cultural na Vergueiro.. Só isso. O Memorial". Os parques

citados são suficientemente seguros; além de serem localizados em bairros considerados nobres, a presença de pessoas de classes sociais desfavorecidas é pouco marcada.

O espaço preferido para encontros e reuniões, contudo, é a casa. Uma série de obstáculos fazem dela o espaço mais frequente para o exercício da sociabilidade.

"Porque sair pra passear mesmo... uma visita, hoje se visita pelo telefone, viu, porque não se vai fazer visita. Um pouco de dificuldade de condução, de trânsito, medo de assaltos, à noite quase ninguém mais sai de casa, então é o vídeo, a televisão".

A privacidade da casa se transforma em uma opção aos encontros antes feitos em lugares públicos. A tecnologia se adapta e é utilizada na nova situação, tornando-a mais cômoda e segura. Nos espaços privados, assim como nas novas áreas públicas de convivência, lazer e compras, os encontros são protegidos por paredes, portas, grades e portões. A substituição do cinema pelo vídeo é um sintoma da nova situação. Apesar de não se satisfazer plenamente com ela - já que ainda busca programas culturais seguros que a cidade oferece -, Amália não a condena. Pelo contrário. As sessões de vídeo tornaram-se mais um suporte de manutenção das redes de amizade, antes ameaçadas seja pelas dificuldades que os lugares públicos impunham, seja pela monotonia e sentimento de frustração que os ambientes privados sugeriam.

A heterogeneidade social que passou a caracterizar o bairro, assim como as partes da cidade antes utilizadas para as compras e o lazer, aparece juntamente com estas novas formas de convivência. Todavia, este processo não ocorre de maneira semelhante por toda São Paulo. Para Amália, assim como para boa parte dos moradores da Moóca que têm condições de vida similares à sua, o bairro, ou pelo menos a vizinhança mais próxima, conserva uma relativa tranquilidade.

"Aqui eu saio no jardim, passa um vizinho, você troca uma palavra, conversa, todo mundo é amigo".

Os problemas que há são do país como um todo e a violência é própria das cidades grandes: "não é só a Moóca, é Aclimação, é Belém, Penha, Jardins, em todo lugar existem os assaltos". As vantagens, senão exclusivas do lugar, são um bem que rareia mas que ainda se encontra no bairro. Ademais, os novos tempos não são exclusivamente deletérios. O calçamento nas ruas, a eletricidade, as lojas e supermercados são evidências do progresso que houve ao longo dos anos.

As ambiguidades, no entanto, não param nisto. Há melhorias, há perdas; a violência aumenta globalmente enquanto algumas partes do bairro permanecem tranquilas; os antigos espaços de convivência vão desaparecendo ao mesmo tempo em que outras maneiras de convivência são gestadas; enfim, as transformações são vistas, sempre, de pelo menos dois ângulos. Pairando sobre isto tudo, no entanto, é captada uma

crise econômica sem precedentes. As dificuldades financeiras parecem ter, para estas pessoas, sua gênese e apogeu no mesmo período em que as cenas urbanas, principalmente as do bairro, ficaram mais complicadas, com diferentes classes sociais ocupando espaços cada vez mais próximos. Enquanto os pobres avançavam sobre a cidade e o bairro, aumentando o número de cortiços e de seus ocupantes - e com isso fazendo explodir as taxas de densidade demográfica da região, como foi visto no capítulo anterior -, as pessoas da classe média, aquelas que assim se classificavam, percebiam seu padrão de vida despencar. É assim que Amália avaliava o quanto as pessoas de sua classe social tinham sido afetadas por esta crise. A situação, para ela, é catastrófica:

"A classe média desapareceu. Hoje é classe milionária e só. Eu me considerava classe média, hoje eu me considero classe pobre. Hoje eu não me considero classe média porque... se eu não tivesse esta casa, hoje eu não teria condições de comprar uma outra de jeito nenhum. Não teria mesmo. Hoje eu tenho esta casa, tenho um apartamento em Santos, mas se tivesse que fazer isso hoje não teria condições, a não ser que meu marido continuasse trabalhando, aí sim. Mas como viúva eu recebo 60% dos vencimentos dele, da aposentadoria dele, que eu acho um absurdo né. Eu, por exemplo, tenho casa, não pago aluguel. E uma viúva que paga o aluguel? Continua pagando, eles não vão tirar os 40% porque o marido morreu. Então vai continuar pagando aluguel, telefone, luz, água, mesma coisa".

Apesar da retórica, ela ainda se considerava classe média.

Indagada a respeito da classe pobre, ela respondeu que "para

eles eu acho que não está tão ruim porque (...) eles conseguem sobreviver. Não estão vivendo, sobrevivem". E emendou:

"(...) Eu acho que quem está sofrendo mais é a classe média mesmo, que tem que ter uma certa aparência, você tem que ter uma casa razoável, você não vai morar num cortiço, né. É uma dificuldade mesmo né. Prá classe rica tá bom. Haja visto os apartamentos que estão construindo agora, todos de 4, 5 suítes, 5 garagens, tudo nesta base. Sala pra tudo".

Estava difícil custear não só a moradia, mas também a alimentação, o vestuário, o transporte, a saúde e a educação dos filhos. A classe média estava condenada à crise.

*

Estes três relatos de moradores antigos do bairro sintetizam e ao mesmo tempo compõem o quadro de temas, impressões, imagens e preocupações recorrentes entre pessoas com seu perfil social. Em suas inconclusões, descontinuidades, ambiguidades, contradições, recorrências e falhas, em seus lapsos e exageros, estes testemunhos apontam para a possibilidade de generalizar a respeito do modo através do qual as transformações descritas no capítulo 2 são analisadas e feitas significativas por uma parcela de seus protagonistas.

Em primeiro lugar, há em todos eles uma clara volta ao

passado. Mais ou menos distantes no tempo, estes resgates de fatos pretéritos seguem trilhas abertas pelas publicações locais, pelas histórias que são contadas nas festividades do bairro, e que desembocam no universo das tradições locais. Vimos no Capítulo 2 algumas fontes e derivações destas tradições. Nos relatos pessoais percebemos como elas são temperadas pelas histórias de vida e experiências individuais. Em todos eles, contudo, prevalece a imagem, localizada em algum período da história da Moóca, de uma vizinhança socialmente homogênea, relativamente harmônica, respeitosa e trabalhadora.

Em segundo lugar, é generalizada a percepção da heterogeneização social do bairro e de algumas regiões da cidade. Os migrantes nordestinos são os principais agentes destas mudanças. Seus abrigos precários constituem as evidências de seu avanço sobre a Moóca e outras partes da metrópole. As cenas urbanas complicam-se: classes sociais diferentes circulam e vivem mais perto umas das outras; os lugares públicos outrora relativamente calmos e seguros se tornam perigosos e proibidos; a convivência com amigos e parentes, bem como os programas de lazer, compras e passeios, passam a ser feitos em novos locais, mais seletivos e vigiados. Há mais medo.

Em terceiro lugar, e embora seja explícito apenas na fala de Amália, todos sentem, mais ou menos intensamente, a crise

econômica atingindo suas vidas cotidianas, o orçamento doméstico e os planos para o futuro. Projetos de reforma, mudança ou compra de bens imóveis ou duráveis são adiados, muitas vezes simplesmente esquecidos; os vencimentos das mulheres e dos jovens são cada vez mais importantes para o balanço mensal; cultura, lazer e cuidados pessoais vão progressivamente sendo deslocados para o setor de supérfluos.

Estes três pontos na verdade nunca aparecem desta maneira nuclear, autônoma. Eles compõem uma célula de significação a partir da qual a realidade é interpretada. Não é preciso dizer que os arranjos entre suas partes variam segundo cada pessoa. A peculiaridade deste composto é que, a exemplo do que ocorre nas associações químicas, suas propriedades não são redutíveis às suas partes. Ou seja, a maneira pela qual a situação toda é interpretada não depende apenas, por exemplo, dos efeitos da crise econômica. O diagnóstico do contexto que é elaborado por estas pessoas está sempre ligado a pelo menos estes três elementos ao mesmo tempo: a referência ao passado, a percepção da heterogeneização social e da crise econômica.

A fim de compreender melhor o sentido das percepções da realidade apresentadas anteriormente - e que sintetizam, nunca é demais afirmar, muito do que a maioria daqueles que conheci no bairro diziam sobre suas vidas -, farei uma

incursão através da articulação destes três elementos recorrentes. No restante deste capítulo, privilegiarei um deles: o uso de fatos passados nas narrativas. Como já foi dito, separar um desses elementos discursivos e imagéticos dos outros não passa de artifício de análise. Todavia, devo ressaltar o seguinte: ao falar de um deles estarei também abordando, inevitavelmente, outros aspectos que compõem o imaginário e as interpretações destas pessoas. Além disto, ao longo do restante desta monografia, pretendo discutir cada um destes elementos que são recorrentes nas falas e representações aqui abordadas.

*

As reconstruções do passado

É de importância fundamental entender os sentidos e as implicações do uso, nas narrativas pessoais e descrições das mudanças ocorridas ao longo do tempo, dos acontecimentos passados, histórias e tradições mais ou menos consolidadas. O recurso é evidente não apenas quando se trata de descrever - de um ponto de vista sempre impregnado das experiências pessoais - as transformações do bairro, mas também as da cidade de São Paulo. Tentarei compreender, sobretudo, as imagens que são feitas a respeito de uma situação na qual havia tranquilidade, na qual os ambientes públicos eram utilizados sem temores, as diferenças sociais não se

concentravam nos mesmo espaços e na qual existia mais otimismo com relação ao futuro. Afinal: o que querem dizer as imagens deste passado que cada pessoa constrói quando reflete a respeito de sua vida? Se levarmos em conta o que é dito a respeito do passado do bairro e da cidade pelos nossos informantes, e inserirmos isto no quadro apresentado no capítulo anterior, podemos entrever que, de fato, é possível localizar um período no qual - principalmente depois da década de 40 - pelo menos o bairro era mais homogêneo do ponto de vista de sua constituição social. Há uma série de conexões deste tipo que podem ser feitas. Todavia, ao invés de buscar as continuidades entre o que foi apresentado a respeito das mudanças mais genéricas do bairro e de seu entorno e as imagens que as pessoas constroem do processo, tentarei o caminho inverso. Para captar as interpretações destes moradores da Moóca, em especial o que elas ressaltam, deixam de lado, amplificam e minimizam, quero marcar as descontinuidades, os momentos nos quais abre-se uma fresta entre o que diz o indivíduo e aquilo que consta nas publicações especializadas, no senso comum e na imprensa. Não será algo exaustivo. Minha idéia é simplesmente marcar alguns destes distanciamentos e refletir a respeito deles; penso assim poder interpretar suas interpretações, não enquanto apenas reprodutoras de imagens generalizadas e aceitas - o que muitas vezes o são -, mas também, e principalmente, arranjos particulares que carregam uma maneira específica de olhar e atuar no mundo.

*

Começo esta etapa de interpretação através de uma discussão em torno da memória, da reconstrução do passado.

Sabemos que estas reconstruções ganham forma através das narrativas. "Para analisarmos o duplo caráter das palavras faladas - o que eles ocultam e o que eles revelam -, temos que nos colocar perguntas teóricas sobre a memória popular e a consciência histórica, e construir nosso entendimento a partir destas dualidades"⁶.

De uma perspectiva mais geral, podemos dizer que tais narrativas de fatos históricos têm, entre outras, a função de auto-entendimento. É uma maneira através da qual as pessoas objetivam sua inserção no mundo. "Só é possível desenvolver identidades pessoais a partir da constatação de que a sequência das ações individuais constitui histórias de vida que podem ser reproduzidas na forma de uma narrativa; as identidades sociais, por sua vez, só podem ser construídas se as pessoas reconhecem, ao participar de interações, que são partes de grupos sociais, e desta maneira são também envolvidas em histórias de coletividades que podem ser apresentadas narrativamente"⁷.

⁶ Raphael Samuel (ed.), *People's history and socialist theory*. Londres, Routledge & Keegan Paul, 1981, p. xxvii, minha tradução.

⁷ Jürgen Habermas, *The theory of communicative action*, Boston, Beacon Press, 1985, volume 2, p. 136.

Estas narrativas através das quais reconstruímos o passado são particularmente ricas quando referidas ao nível local. As mudanças físicas da vizinhança, as transformações funcionais, a chegada de novos moradores: todos estes fatos, como vimos anteriormente, servem como uma espécie de fermento dos relatos orais. "As mudanças não têm sentido sem a comparação com situações anteriores, e estas comparações de coisas próximas de nós são parte do processo cotidiano de pensamento através do qual, todos nós, reconhecemos onde estamos"⁸.

Este reconhecimento, na maior parte das vezes, é um processo superficial.

*"Simplesmente vemos o que está ao nosso redor, e nos lembramos do que estava antes. Dependendo dos efeitos que tais mudanças têm em nossas sensibilidades estéticas, em nossas conveniências ou em nossa consciência social, decidimos se tais mudanças foram boas, ruins, ou nem uma nem outra, ou se elas foram boas ou más para outras pessoas mesmo que elas não nos tenha afetado. A superficialidade de tais impressões advém do fato de que, a menos que não tenhamos sido agentes destas mudanças, não sabemos como ou por que elas ocorreram. Mais ainda: estas narrativas são superficiais porque tudo é exposto como se elas, as mudanças, tivessem começado dos fatos que conhecemos. Ou seja, o que é lembrado se torna o ponto inicial das mutações"*⁹.

minha tradução.

⁸ Jerry White, "Beyond autobiography" in *People's history and socialist theory*, op. cit., p. 34.

⁹ *idea, ibidem.*

Nas falas das pessoas do bairro esta tendência é clara. Cada locutor geralmente define como o momento inicial das mudanças um fato pessoal: um assalto, uma compra importante, a mudança do local de moradia, etc.. Todavia, é justamente neste tipo de procedimento subjetivo que os fatos adquirem sentido, que se tornam narráveis. Estas distorções, assim, não devem ser vistas de modo puramente negativo. Elas podem fornecer pistas importantes a respeito das atitudes sociais e psicológicas diante dos fatos¹⁰. Ademais, é justamente sobre estas distorções que se erguem as diferentes interpretações das mudanças.

Nas entrevistas em que as pessoas voltavam muitos anos, as distorções são influenciadas por mudanças posteriores nos valores, hábitos e normas, o que, por sua vez, condicionava as percepções atuais¹¹. São comuns os espantos com relação ao comportamento atual dos jovens; e são também recorrentes as descrições dos tempos em que as coisas ainda não tinham degenerado: respeito, harmonia e tranquilidade imperavam absolutos. A ficção aparece nestes momentos; e longe de constituir um empecilho à análise, ela é importante enquanto resultado de uma maneira particular de dar sentido às coisas.

Interpretações, distorções, ficção: abundantes nos relatos.

¹⁰ Paul Thompson, *The voice of the past-oral history*, Oxford, Oxford University Press, 1978, p 110.

¹¹ Paul Thompson, *op. cit.*, p. 100.

elas nos lembram que a reconstrução dos fatos passados é um processo ativo. Processo ao mesmo tempo individual e social, marcado ora por fatos pessoais, ora por acontecimentos coletivos, ele seleciona e qualifica o passado. É por isso que o esquecimento é também parte fundamental das narrativas históricas, portador de sentido e não mera ausência insignificante¹². O resgate do passado é portanto um processo altamente seletivo, que registra alguns episódios e descarta outros.

A característica fundamental destas reconstruções do passado deriva de tudo isto. Na verdade, quando falamos de recortes, descartes, distorções e lapsos, estamos supondo um conjunto de eventos cuja totalidade não é jamais apreendida. Nem para aqueles que constituem o centro deste estudo, e muito menos para quem quer que os analise. Além disto, partimos da premissa de que os fatos passados não chegam até nós sem a mediação da sociedade e dos indivíduos. Pois bem, trata-se de uma espécie de seleção e "releitura de vestígios"¹³, feita a partir de uma situação definida e concreta. Ou seja, são as condições presentes que determinam a maneira pela qual nos referimos ao passado. É o presente que é feito significativo através destes resgates do passado, recortando-o e imprimindo nele um certo sentido.

¹² Isabelle Bertaux-Wiame, "Des formes et des usages d'histoires de famille" in *L'Homme et la société*, n. 90, 1988/4, p. 28.

¹³ Esta é uma expressão de Changeux, citada por Jacques Le Goff, "Memória" in *Enciclopédia Einaudi* (vol. I. *Memória-História*). Porto, Imprensa Nacional, Casa da Noeda, 1985, p. 11.

*

Os olhares e atenções de nossos informantes que voltam no tempo o fazem de um contexto complexo, muitas vezes difícil de ser aceito e entendido. As descrições de Gajanigo, Lamartine e Amália da situação atual do bairro e da cidade, assim como as de boa parte das pessoas da Moóca com quem conversei e que tinham um perfil social e econômico semelhante, são também relatos históricos das mudanças que presenciaram ao longo dos anos. Como não poderia deixar de ser, suas narrativas culminam na tentativa de analisar o presente. Há valores e normas que, além de balizarem estas imagens, regem as vidas destas pessoas. Como captá-los? Percorrer algumas trilhas de interpretação abertas nos relatos aqui analisados é o mais óbvio. O problema é como evidenciar os processos interpretativos.

Foi dito acima que os recortes, lapsos, esquecimentos, exageros, enfim, todos os tipos de manipulação dos acontecimentos constituem o cerne das versões, das interpretações. A tarefa de captá-los, assim, equivale a detectar as influências dos valores e normas. Tais influências podem ser percebidas por contraste e aproximação. Assim, é necessário algum artifício analítico capaz de evidenciar lembranças e lacunas, paroxismos, menosprezos e coincidências nas versões de fatos. Para fazer

isto, selecionei das décadas de 50 e 60 algumas notícias de jornais e propagandas comerciais de épocas que aparecem frequentemente nos relatos de nossos informantes. A idéia é ver qual a relação destes fragmentos do passado com a versão apresentada pelos moradores do bairro.

Começo com o balanço do ano de 1959, publicado em *O Estado de São Paulo* do dia 3 de janeiro de 1960:

"(a manchete dizia o seguinte:)
Insatisfação marcou o ano de 1959 para o paulistano - greves no ano inteiro. (e logo abaixo:) foi um ano de insatisfação generalizada, de mal-estar quase permanente, de agitação, de fermentação social, de apreensão e angústia. Não houve um mês sem greve ou ameaça de greve. Greves em todos os setores de atividades: operários, estudantes, professores, funcionários públicos. Greves simbólicas, greves de imposição, reivindicação, agitação.

Premido pela força da espiral inflacionária, ganhando cada vez mais e comprando cada vez menos, o paulistano médio passou o ano em constante mal-estar, procurando equilibrar, mas sem o conseguir, o precário orçamento doméstico.

A insatisfação generalizada manifestou-se claramente no lamentável episódio Cacareco: na hora de escolher os seus legisladores, os munícipes demonstraram, expressamente, preferir um paquiderme, isto é, manifestaram sua desconfiança nos homens e seu desencanto com o regime.

O paulistano passou o ano lutando contra tudo. Contra a falta de transporte, alimentos, contra a falta de moradia, água. Não viveu, lutou. Andava pelas ruas apreensivo, com medo de torcer o pé nos buracos, buracos que são o sinal que inexistente administração municipal. A noite, voltava apreensivo, temendo ser assaltado numa cidade

despoliciada, em que os ladrões implantaram o gangsterismo. No trabalho, ficava apreensivo com a possibilidade das dispensas, sabedor das dificuldades de obter novo emprego. Nas filas, perdia preciosas horas diariamente, que ninguém lhe pagava e que nem podia aproveitar para repouso. Em 1959 São Paulo foi sobretudo uma cidade angustiada com uma população insatisfeita".

E a matéria continua, sintetizando o último ano da década de 50 para os paulistanos:

"São Paulo trocou de governador no último dia do primeiro mês do ano. Saiu o Sr. Jânio Quadros e entrou o Sr. Carvalho Pinto. O fato constitui um marco na história de São Paulo, pois marca a ratificação popular no reestabelecimento dos bons costumes, dos políticos de respeito, seriedade e honestidade. (...)

O povo esquece. Por isso, quando no mercado acabou a carne e desapareceu o feijão, a população reclamou, como se o problema fosse novo e estivesse surgindo então. Mas quem se der ao trabalho de folhear a coleção de jornais verificará que, no primeiro mês de 1959, já se falava nos preços da carne e na redução das reservas de feijão. (...)

São Paulo não tem mais telefones. A cidade cresceu e o número de aparelhos telefônicos não. Desde 1956 o contrato da telefônica está vencido. Há um déficit de mais de 200 mil telefones.

Choveu muito. O Tietê cresceu, o Tamanduateí também. Houve inundações. O Parnaíba acompanhou seus irmãos. Como de costume São Paulo transformou-se, muitos dias em uma Veneza tropical. (...)

Houve, também, o carnaval, muito fraco, desanimado, decadente. Mais de 500 mil pessoas abandonaram a cidade, fugindo do carnaval e em busca de descanso. (...)

Em novembro começou o flagelo da seca para o paulistano. Como se São Paulo estivesse localizada no "polígono das secas", bairros e bairros passaram a ficar sem água, de uma hora para outra,

sem quaisquer avisos, perdurando a seca durante semanas. Ficaram prejudicados, sobretudo, bairros das zonas leste e norte. Mas faltou água também nos finos bairros da zona sul".

As décadas de 50 e 60 são tidas como períodos de calma, prosperidade e ordem: esta é uma imagem recorrente em quase todos os relatos que ouvi das pessoas do bairro. Se levarmos em conta que as informações contidas neste trecho de jornal têm algum fundo de veracidade, e que tais problemas da cidade e da vida dos paulistanos perduraram pelo menos alguns anos em torno da data na qual o artigo foi escrito, então podemos supor que havia aspectos mais interessantes a serem lembrados do período do que todos estes listados acima. Enchentes, inflação, buracos, falta de telefones, dificuldades no abastecimento de água e alimentos: nada disto foi lembrado por aqueles que conheci e que tinham nesta época idade suficiente para recordar estes fatos. Talvez porque estes problemas eram por demais parecidos com os atuais, talvez ainda porque há outros traços desta época que são, quando vistos dos dias de hoje, mais significativos: de qualquer maneira, a ausência de todos estes detalhes (nada desprezíveis no cotidiano dos paulistanos) em todos os relatos que analisei é algo que não deixa de ser surpreendente.

As pessoas se lembram do *footing* na Moóca, das sessões de cinema no Centro, da camaradagem da vizinhança, do otimismo,

dos planos de viagens, do consumo mais sofisticado, enfim, da ordem e da previsibilidade. Estes aspectos positivos, aliás, podem também ser vislumbrados nos jornais e propagandas de jornais da época.

No *Diário da Noite* de 9 de outubro de 1959, um anúncio de um banco, ocupando a quarta parte da página, dá o tom das lembranças mais comuns a respeito deste período:

(Há um desenho do interior de um sobrado, amplo e aconchegante. Um jovem pai e seu filho estão sentados ao pé da escada. O pai está arrumando o brinquedo do filho, enquanto a fumaça do cigarro, que descansa no cinzeiro, risca no ar um filete vertical. O texto vem escrito ao lado da ilustração).

"Tranquilidade é, em grande parte, equilíbrio econômico. É controle das próprias finanças. A economia construída lentamente. O pecúlio bem empregado ou bem guardado. É saber de quanto se pode dispor, a qualquer momento. Não há homem tranquilo sem uma conta de banco. E esta conta não precisa necessariamente representar uma fortuna. Mas deve significar segurança, controle, equilíbrio (...)"

Não é apenas a tranquilidade momentânea que faz desta propaganda um tipo de ícone das lembranças; mais que isto, é a possibilidade do planejamento, do projeto, da economia. Esta parece ser uma das grandes ausentes dos dias atuais. Para Amália, assim como para boa parte dos moradores do bairro que conheci, alimentar expectativas que envolviam dinheiro e previsibilidade estava fora de cogitação. As incertezas dominam os dias atuais.

As décadas de 50 e 60, todavia, não estavam livres da instabilidade. Em artigo de 30 de abril de 1959 no *Diário de São Paulo* intitulado "O homem e a cidade-metrópole", Florestan Fernandes dizia o seguinte a respeito de São Paulo e de sua classe média:

"Como parte de uma sociedade maior, subdesenvolvida, a cidade nem sempre dispõe de condições sócio-culturais favoráveis à expansão de suas funções urbanas e metropolitanas. Exemplo disso são as flutuações que vêm afetando a formação e o desenvolvimento das classes médias. Estas constituem uma condição importante ao equilíbrio de uma sociedade de classe e à estabilidade do regime democrático. (...) Pois bem, as tendências à ampliação das classes médias em São Paulo e à diferenciação dos níveis de vida no seio delas estão sofrendo duros golpes sob o processo inflacionário. Seus estratos mais baixos tendem a nivelar-se com o proletariado; enquanto os estratos mais altos se encontram na contingência de recorrer ao endividamento para manter um nível de vida conspícuo e salvar as aparências".

Já havia, então, obstáculos semelhantes aos de hoje - talvez menos evidentes - que se colocavam no caminho da sobrevivência e expansão das classes médias. As incertezas econômicas sempre foram uma realidade. Mas isso não é lembrado ou não foi sequer notado. As imagens evocadas para descrever o período têm uma outra coloração, mais viva e triunfante. Recuando um pouco mais no tempo, no ano das comemorações do IV Centenário de São Paulo e da morte de Getúlio Vargas, encontramos elos que fazem a ligação das

lembranças deste período narradas, atualmente.

Em *A Gazeta* do dia 25 de janeiro de 1954, no "Suplemento do IV Centenário da Cidade", encontramos na página 59 a seguinte propaganda:

"Bandeirantes... festejam o IV Centenário de sua cidade. Ontem desbravaram o sertão longínquo, em busca da riqueza, e forjaram com sua rija têmpera a terra de Piratininga, legando para a posteridade uma legenda heróica, imperecível. Os bandeirantes de hoje, em sua própria cidade, de tão ricas tradições, constroem a riqueza com o seu trabalho e empreendimentos vigorosos, e assim estabelecem as bases de um futuro alviçareiro, próspero e feliz (...)".

Neste mesmo número do jornal, um artigo na página 110 se juntava ao clima das propagandas comemorativas escritas em tom eufórico: "Constroem-se 9 casas e meia por hora em São Paulo. Verdadeira febre de crescimento atinge a Capital paulista. Este crescimento decorre do aumento vertiginoso da população. Em 1940 tínhamos 1.326.261 almas e 228.898 construções. Isto representa uma casa para 5,7 pessoas. Em 1950 apresentávamos uma população de 2.227.512 habitantes e 360.336 construções, o que significa uma casa para cada 6,1 habitantes". E São Paulo não era apenas empreendimentos, crescimento, indústrias, trabalho. Ainda no *A Gazeta* de 25 de janeiro de 1954, na página 113, havia outra propaganda comemorativa, assinada pela Ford Motor Company. O diapasão, desta vez, era mais sentimental:

(No centro do texto há um desenho de um

senhor aposentado, sentado no banco de algum parque. Há, no plano mais próximo, além do homem, muita vegetação e alguns pássaros. Ao fundo está desenhado o perfil de São Paulo. Prédios altos e imponentes, uma verdadeira selva de pedra. O texto é escrito como se fosse o velhinho que estivesse falando.

"Eu gosto tanto dela...

A questão é que só falam dela como 'a cidade que mais rapidamente cresce no mundo', 'o maior parque industrial da América Latina', 'O gigante de cimento armado' e outras expressões parecidas.

Tudo isto está muito certo - eu não nego meu orgulho por essas coisas. E eu queria que vocês todos se lembrassem também do 'outro lado' de nossa cidade, o lado humano tão esquecido nos dias de hoje...

Eu gosto tanto dela... Ela é bonita, a nossa cidade. Ela é grande, é bondosa, hospitaleira. É uma cidade generosa e amiga. (...)

Ela tem filhos com nomes de todas as raças... O nome de um é Luigi, o outro é Manoel, há o Salim, o Okamoto, o Zankowski e há outros que nasceram em outras terras e que, por seus corações e por seus filhos, são filhos de São Paulo.

É verdade que ela é rica, mas seu dinheiro constrói fraternidade. É verdade que ela cresce desmesuradamente. Mas seu tamanho é para abrigar mais filhos. É verdade que ela é o maior parque industrial da América Latina, mas as suas fábricas são mais oportunidades para mais gente.

Multiplique a bondade de Anchieta e o espírito de Fernão Dias por 400 anos e você terá São Paulo, a nossa cidade".

Ao lado do progresso e do gigantismo de São Paulo, havia o orgulho de fazer parte, não só de todo este processo, mas também de uma cidade cheia de tradições, acolhedora e generosa. Estas as suas características que, de hoje, são as mais lembradas. As desmesuras do crescimento, as

dificuldades financeiras, enfim, os problemas inerentes a qualquer grande cidade, estes simplesmente foram esquecidos.

Neste mesmo ano de 1954, a *Folha da Manhã* do dia 25 de janeiro, página 14, informava que os problemas do município, a exemplo do que foi relatado na virada da década, como vimos acima, eram vários:

"Ainda grave em 1954 a crise dos serviços públicos em São Paulo. Insuficiência de transporte, de água, de eletricidade, de rede de esgotos, de telefones, de serviço postal, de policiamento, de escolas e outros. As duas causas: crescimento muito acelerado e falta de boa administração".

As narrativas a respeito daquele período, todavia, seguiam outros rumos. Com as taxas anuais de inflação oscilando relativamente pouco, principalmente no começo da década de 50, e a instituição das vendas a prazo no comércio, havia uma sensação de bem-estar, pelo menos para estas pessoas pertencentes às classe médias paulistanas¹⁴.

Além disto, havia ordem. Antigamente, assim dizem os mais velhos, não era esta bagunça: os assaltos praticamente

¹⁴ As taxas de inflação anual para o período, em porcentagem, foram aproximadamente as seguintes: 1954: 27; 1955: 17; 1956: 19; 1957: 14; 1958: 13; 1959: 37; 1960: 28; 1961: 37; 1962: 51; 1963: 70; 1964: 91; 1965: 57. Ver *Realidade*, no.1, Abril de 1966, p. 139. Com relação ao crédito, a *Folha da Manhã* de 25 de janeiro de 1954, p. 10, informava que "contribui decisivamente para o incremento do comércio de São Paulo a instituição do sistema de vendas a prazo. De maneira geral, os artigos domésticos são vendidos a prazo pelo comércio (...). Nas maiores casas do ramo, as duas modalidades de venda chegam a igualar-se em porcentagem, com exceção de alguns meses no ano, em que se verifica ligeira vantagem do crediário. A tendência atual, porém, de acordo com o depoimento de gerentes e diretores de numerosos estabelecimentos desta capital, é para a supremacia do crediário, sobretudo nas casas mais tradicionais, é o caso, por exemplo, de 'A Exposição', 'Clipper', da 'Sears', da 'Sensação', da 'Mesbla', da 'Isnard', etc.".

inexistiam, o centro da cidade e os bairros eram tranquilos, enfim, a lei era cumprida e a polícia funcionava. De fato, podemos encontrar na imprensa evidências da atuação das forças da ordem. Greves, manifestações e "desordens" de todo tipo são os alvos principais dos órgãos de repressão. A *Frente Operária* do dia 24 de abril de 1954 relata um desses acontecimentos¹⁵:

"Bombas e tiros contra os operários. (Aparece logo abaixo uma fotografia de um batalhão de policiais na rua. Todos estão protegidos e armados com revólveres e escopetas). Bombas e tiros contra os operários. Para reprimir as manifestações operárias a favor da greve, o governo capitalista e reacionário de Garcêz lançou a cavalaria e as brigadas de choque do DOPS contra os grevistas e pessoas que transitavam pelas praças da Sé, Bevilacqua e João Mendes. A foto mostra o início do assalto à sede dos Marceneiros".

Os fatos que se seguiram à morte de Getúlio Vargas também revelam esta preocupação com a ordem. Em meio às fotografias de grandes concentrações populares na praça da Sé¹⁶,

¹⁵ Relatos deste tipo são recorrentes nos jornais da década de 50. Tais acontecimentos continuarão se repetindo por muito tempo, sendo seus registros abundantes na imprensa. De fato, a violência e arbitrariedade policiais chegam até nossos dias, não mais amparadas por um regime de exceção, mas por uma conjuntura na qual o poder normativo do sistema judiciário não existe mais, a polícia age atuando sem qualquer controle e as práticas privadas de proteção e vingança proliferam. Ver Alba Zaluar, "Teleguiados e chefes: juventude crime" in *Religião e Sociedade*, n. 15, v. 1; Teresa Caldeira, *City of Walls: crime, segregation, and citizenship in São Paulo*, op. cit.

¹⁶ Por exemplo, no jornal *Ultima Hora*, do dia 25 de Agosto de 1954. O texto dizia o seguinte: "Vargas vive no coração do povo. São Paulo inteiro cobriu-se de luto. Triste, silenciosamente, a multidão chorou ontem e chora ainda hoje a morte do maior dos brasileiros. Na tarde e na noite de 24 de Agosto, as ruas centrais de Piratininga estavam repletas de povo - massa silenciosa que abandonou as fábricas, os locais de trabalho, as oficinas e os escritórios para chorar na praça da Sé, junto à Assembléia Legislativa, na av. São João, em frente às sedes dos partidos populares o desaparecimento de seu líder. Homens humildes, operários de roupas rotas, pedreiros com as vestes ainda manchadas de reboco, metalúrgicos, têxteis caminhavam eudos pelas ruas e praças, empunhando dísticos, faixas e cartazes em que uma figura amiga e conhecida sorria ao povo".

notícias sobre os últimos momentos do presidente e propagandas em tom eufórico das comemorações do IV Centenário da cidade, aparecem pequenos artigos que reafirmam o papel da força policial:

"Prevenção policial na capital. Polícia Civil e Força Pública para evitar aglomerações e manifestações. Policiados também os bairros próximos. O titular da Secretaria da Segurança Pública, assim que teve conhecimento do afastamento do Sr. Getúlio Vargas da Presidência da República e seu posterior suicídio, determinou que fossem tomadas rigorosas medidas de prevenção, no sentido de evitar manifestações de elementos interessados na intranquilidade do povo brasileiro. A Polícia Civil e a Força Pública receberam instruções nesse sentido e, em grupos, passaram a policiar a cidade evitando aglomerações de pessoas no centro. Por outro lado, carros da Força Pública percorreram os bairros próximos e mais populosos"¹⁷.

Os caprichos das reconstruções do passado que analisei fazem desta atuação policial, da proibição das manifestações, partidos de esquerda, enfim, de toda espécie de repreensão, controle e vigilância, símbolos de uma época de bem-estar e segurança. Não é especificamente a força policial que é lembrada, sua atuação em greves e passeatas. É mais um contexto sem grandes agitações sociais, no qual os trabalhadores e proletários eram vigiados de perto. As recordações daqueles dias tranquilos, assim, devem muito a este aparato de repressão e controle social. A militarização do trabalho nas fábricas, os conselhos do presidente

¹⁷ *Diário da Noite*, 24 de Agosto de 1954, p. 3.

chegando diariamente aos lares através das ondas eletromagnéticas, a uniformização do ensino por todo o país; em resumo, havia claros indícios de uma ordem superior pairando sobre as mais diversas esferas da vida¹⁸. Esta ordem, se para nossos informantes implica qualidade de vida, para aqueles que estavam do outro lado da escala social significava coisa bem diferente:

" (...) Evidentemente não se pode dizer que no Brasil haja verdadeira democracia. Vê-se todos os dias, à toda hora, espancamentos e arbitrariedades policiais, contra aqueles que reivindicam seus direitos, pelas maneiras mais pacíficas possíveis. Não existem efetivamente, o direito à reunião, à livre expansão da palavra escrita ou falada, etc., muito embora a Constituição Nacional assegure todos esses direitos. Para se fazer um comício, ou qualquer coisa parecida, é necessário o consentimento da polícia. No caso de se fazer tais coisas sem o consentimento do órgão policial do Estado, fica-se sujeito a levar 'cacetas e pauladas' por parte dos 'mantenedores da ordem pública'"¹⁹.

Nas falas que filtram para os nossos dias esta situação, a imagem que fica é composta de harmonia, cooperação e honestidade. É como se as diferenças sociais estivessem contidas e os conflitos inexistissem. Impressiona a falta de referências às dificuldades da época. Devemos nos lembrar, no entanto, que tais esquecimentos são tão significativos quanto aquilo que é trazido para o presente pelas narrativas históricas. Estes discursos têm neles embutidos as

¹⁸ Ver Alcir Lenharo, *Sacralização da política*. Campinas, Papirus, 1986.

¹⁹ *Frente operária*, 1952, p. 3.

concepções da sociedade e das relações sociais. É uma sociedade, além de próspera, pouco diferenciada - ou melhor, na qual as diferenças não aparecem -, sem contradições de classe; em uma palavra, coesa e relativamente homogênea.

Mais do que descreverem o passado - embora o façam realçando os traços que estas pessoas julgam ser os mais significativos -, estes relatos são um testemunho de suas situações atuais. Carregados de valores, expectativas e tipos ideais de sociedade, eles apontam para o presente: a crise econômica, a intranquilidade e, principalmente, a proximidade inédita de classes sociais diferentes que, cada vez mais, disputam os espaços de moradia da cidade. Todos estes aspectos adquirem suas cores mais dramáticas quando comparados aos velhos bons tempos. Trata-se de um recurso narrativo no qual o presente e o passado são feitos significativos e se tornam comparáveis.

A referência ao bairro e à cidade nestes casos funciona como um operador que unifica espaço e tempo: lugares das misturas, mas lugares também nos quais se podem ler os traços de sua história²⁰. Resta saber que tipo de relação se estabelece com eles, principalmente com o bairro. Vimos páginas atrás que seus habitantes mais antigos dificilmente o trocariam por outro. Depois de analisar a maneira pela

²⁰ Ver Catherine Bidou, *Les aventuriers du quotidien - essai sur les nouvelles classes moyennes*, Paris, Presses Universitaires de France, 1984, p. 86.

qual as narrativas históricas são construídas e, por conseguinte, detectar os valores que as norteiam, é possível agora desvendar mais algumas camadas desta relação com o bairro. Qual sua função simbólica? Quais as implicações desta função?

*

Os mitos da comunidade

Apesar das incongruências, variações e falta de resolução, os pareceres a respeito do bairro, de hoje e de ontem, aglutinam-se em torno de uma série de elementos normativos, de valores a partir dos quais são construídos os diagnósticos do presente e do passado. É através destes valores que nossos interlocutores percorrem os episódios mais marcantes de suas vidas. Em função destas características, é possível classificar estes discursos, organizados em torno de valores específicos, enquanto mitos.

"Um mito diz respeito, sempre, a acontecimentos passados: 'antes da criação do mundo', ou 'durante os primeiros tempos', em todo caso 'faz muito tempo'. Mas o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam também uma estrutura permanente. Esta se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro"²¹.

²¹ Claude Lévi-Strauss, "A estrutura dos mitos" em *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985, p. 241.

O mito desdobra-se. Ao mesmo tempo em que narra uma história, faz desta mesma história um esquema de interpretação de outros fatos. Enquanto recorta e torna significativa uma sequência de eventos passados, permite também avaliar a situação presente. "Nada se assemelha mais ao pensamento mítico do que a ideologia política"²².

Recortes, omissões e exageros fazem parte deste tipo de narrativa. A concatenação das idéias a respeito das mais diferentes realidades se dá neste processo. Nos discursos analisados percebemos que há uma tendência clara a ignorar, entre outros aspectos, as dificuldades econômicas, as diferenças sociais e os conflitos que lhes são próprios. Estas ausências, diria, organizam os diagnósticos das realidades destas pessoas - são parte da essência de seus mitos.

Consequência direta do que foi dito acima é que tais mitos são, enfim, imagens da boa sociedade. As histórias narradas, se por um lado excluem desordens de todo tipo, de outro evidenciam relações sociais marcadas por um alto grau de confiança, envolvimento emocional, identificação moral, coesão e continuidade através do tempo. Tudo isto remete à idéia de comunidade, assim como ela aparece em vários autores, desde Tönnies e Weber, passando por Proudhon,

²² *Ibidem.*

Durkheim, Hegel, Comte e Le Play, até Simmel²³. Fundamental nesta noção é a sua antítese, ou seja, as relações de competição, de conflito. Embora não tematizadas nos relatos históricos analisados, as desigualdades e as contradições acabam direcionando os focos das narrativas, constituindo pontos a serem evitados. Ausentes nos discursos a respeito das mudanças, as relações sociais antagônicas os tornam coesos.

É importante salientar que a homogeneidade postulada através dessa noção de comunidade é algo relativo. Foi visto anteriormente que há uma tendência acentuada e geral de estas pessoas do bairro procurarem diferenciação. As fachadas das casas são um exemplo disso, assim como o são os cuidados com todo tipo de símbolo de pertencimento de classe: roupas, viagens, automóveis, estudos etc. Esta diferenciação, todavia, é algo que deve ocorrer em contextos pacíficos, sem perigos evidentes ou dificuldades financeiras. O fato é que, acima de tudo, as estratégias de diferenciação visam justamente - ou pelo menos ali se realizam mais plenamente através de inúmeras sutilezas - o meio social mais imediato, a vizinhança, os amigos, os conhecidos, enfim, aqueles que podem fazer parte do jogo das

²³ Ver, para um balanço bibliográfico destes autores abordando o tema, Robert Nisbet, *The sociological tradition*. New York, Basic Books, 1966, pp. 47-106. Ver também Florestan Fernandes (org.), *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo, Editora Nacional e Editora da USP, 1973; Louis Wirth, "Delimitação e problemas da comunidade" em Florestan Fernandes, *op. cit.*; F. Tönnies, "Comunidade e sociedade como entidades típico ideais em *idem*"; M. Weber, "Comunidade e sociedade como estruturas de socialização" em *idem*.

diferenças. Ou seja, as narrativas míticas que descrevem órbitas em torno da noção de comunidade não lidam apenas com a homogeneidade. Ao mesmo tempo em que descrevem um contexto isento de diferenças sociais muito acentuadas - ou restritas aos seus devidos lugares, longe do olhar e dos locais de sociabilidade -, fazem desse contexto o ambiente propício para a explicitação dos sinais de classe. As idéias da comunidade são portanto polissêmicas. Se por um lado explicitam as condições ideais de vida social, caracterizada pela demarcação clara dos espaços de circulação e habitação das diferentes classes - e aqui os pobres são o alvo central das preocupações -, por outro consideram, mais do que isso, exigem a possibilidade de distinção. Esta possibilidade, nunca é demais lembrar, e em resumo, aparece como uma variável dependente do estabelecimento da relativa homogeneidade, leia-se, da ausência daqueles que causam ou simbolizam riscos. Que fique claro: esta pessoa querem, antes de mais nada, ter a certeza de que não correm perigo; a ausência desta certeza dificulta (embora não impossibilita por completo, como as grades e os ornamentos de segurança atestam) os jogos de *status*.

Os mitos da comunidade, nesses moldes, ao mesmo tempo em que se referem a acontecimentos pretéritos, constituem uma maneira de interpretar o mundo que permite avaliações do presente e constrói expectativas de futuro.

A relação que se estabelece com o bairro, assim, se por um lado é prática, já que é no nível local onde a comunidade sobrevive (ou tenta sobreviver), por outro, e por isso mesmo, é também mítica. O espaço denominado Moóca - ou pelos menos suas partes que resistiram às transformações - oferece um bom suporte para projeções, além de permanecer um reservatório de sentido. Gostar do bairro significaria não só detectar nele vestígios mais ou menos evidentes da comunidade, mas sobretudo operar o mito que nele se alimenta. Ao tematizarem a Moóca, estes discursos revelam premissas sociais; eles fornecem símbolos com os quais o mundo é feito significativo; enfim, estas construções míticas interpretam os acontecimentos e fornecem uma base a partir da qual as ações entram em cena.

Percebemos então que os mitos da comunidade operam em vários níveis. É disto que provém sua riqueza. Ao mesmo tempo em que, antes de mais nada, constituem narrativas dentro das quais se encontram parâmetros da "boa sociedade, esses mitos se atualizam na redes de relações sociais que seus narradores mantêm. A comunidade, se por um lado existe enquanto idealização, por outro - e embora estando ameaçada: assim afirmam seus participantes - apresenta traços concretos de sua existência nos círculos de amizade, parentesco, associações, festas etc. A aparente confusão que se estabelece entre estas várias manifestações dos mitos - afinal, quando as pessoas os narram e os praticam, e quando

eu os analiso: o que é abstração e o que é fatural? - nada mais é do que a tradução da essência mítica. Estaríamos falando de outra coisa se não constasse, na dinâmica dos mitos, estes "saltos" e "descontinuidades". A lógica dos mitos é, a um só tempo, prospectiva e retrospectiva, abstrata e concreta. Nisto reside a infinitude dos desdobramentos dos mitos. Enquanto metáforas - e este é nosso interesse maior - eles expõem aos indivíduos o seu enraizamento social; concomitantemente, influem nos seus olhares e práticas. É nestes momentos que podemos dizer que "os mitos se pensam nos homens, e à sua revelia"²⁴. As narrativas sobre a comunidade nos oferecem um universo semântico que, colhendo da realidade alguns aspectos significativos, fornecem sentidos ao mundo daqueles que as produzem e reproduzem. Em outras palavras, é possível afirmar que estes mitos da comunidade orientam práticas e significações desses atores sociais cujas visões de mundo privilegiam, acima de tudo, a sua inserção em um contexto ideal marcado por relações relativamente harmônicas, prósperas e homogêneas²⁵. E é claro, ao mesmo tempo em que lidam com estes parâmetros de ordem, estas narrativas

²⁴ Claude Lévi-Strauss, *O cru e o cozido - mitológicas*, São Paulo, Brasiliense, 1991, p. 21.

²⁵ Ver, a esse respeito, Bertrand Badie, "Communauté, individualisme et culture" em Pierre Birbaum, Jean Léca (orgs.), *Sur l'individualisme - Théorie et méthodes*, Paris, Presses de la Fondation Nationale de Sciences Politiques, 1991. Nesse ensaio o autor reflete criticamente sobre os conceitos de comunidade e sociedade utilizados nas ciências humanas. As idéias de Tönnies, Weber, Gurvitch e Parsons, entre outras, são discutidas à guisa de uma nova formulação desses conceitos. O autor conclui por formas menos fechada, homogêneas, capazes de abranger as significações dadas pelos atores sociais às situações vivenciadas. Ou seja, seria necessário que a sociologia se voltasse para "a compreensão da gênese destas representações comunitárias e individualistas e desse sentimento subjetivo que é a base dessa visão das relações sociais" (p. 121).

trazem, ao menos em estado latente, as tensões, as ambiguidades e o conflito.

*

Embora inexistentes de modo explícito nos relatos de épocas anteriores, as desigualdades e os conflitos são abundantes quando se trata de descrever o presente. Vimos anteriormente que os mitos da comunidade se tornam mais efetivos justamente em contextos que trazem, ao menos potencialmente, a possibilidade de sua negação.

Assim como a cidade toda, o bairro da Moóca, e sobretudo durante a virada da década de 80, assiste uma heterogeneização social cada vez maior. Como foi mostrado no capítulo anterior, há mais famílias pobres morando no bairro. Os cortiços se multiplicam e, por conta disso, a densidade demográfica do bairro aumenta vertiginosamente. Da perspectiva das pessoas que já moravam na região antes destas mudanças, e que agora as presenciam em toda sua intensidade, estas diferenças sociais constituem uma ameaça. Em meio a uma crise econômica sem precedentes, ao aumento da violência urbana, estes indivíduos pertencentes às classes médias se vêem, no mínimo, incomodados com estas presenças. Os diagnóstico que fazem da situação atual passam, invariavelmente, por considerações sobre estes novos moradores.

As questões que se colocam agora são as seguintes: Como operam estes mitos da comunidade quando se trata de descrever esta situação mais recente? E entre os mais jovens, que não têm as mesmas lembranças daqueles cujos discursos foram analisados?

Para abordar estes problemas centrarei a análise nas imagens que são feitas, pelas pessoas pertencentes às classes médias do bairro, sobre aqueles moradores mais pobres que habitam a mesma área e que são cada vez mais numerosos. Este é o intuito do capítulo seguinte.

Capítulo 4

As diferenças do presente

"Quando entramos em um ambiente novo, de estimulação complexa, passamos por momentos de atordoamento. Tudo é uma mancha confusa que hostiliza os sentidos"¹.

Alguns traços da crise atual

Migrantes, "nordestinos", "baianos", "vagabundos" e "bandidos" ocupam grandes espaços no imaginário das pessoas do bairro. Ao falarem sobre a situação atual, não só das redondezas, mas também da cidade e até mesmo do país, os relatos muitas vezes tentam sistematizar o significado da presença cada vez mais próxima e numerosa de pessoas pobres. Foi visto no capítulo 2 que estas pessoas são, em sua maioria, trabalhadores pouco qualificados da indústria e comércio locais. Os cortiços e favelas são a solução de moradia encontrada na maior parte dos casos. Expulsos da periferia em decorrência da valorização imobiliária, ou recém-chegados de outras cidades e estados do país, estes proletários vão se instalando, como podem, em lugares próximos, não só de

¹ Eclée Bosi, "Entre a opinião e o estereótipo" em *Novos Estudos Cebrap*, n. 32, março 1992.

onde trabalham, mas de famílias pouco acostumadas com sua presença.

A evolução da população favelada registrada pela Administração Regional da Moóca nos dá uma idéia deste processo. Notamos na tabela abaixo que, entre 1973 e 1987, a porcentagem da população favelada com relação à população total da área da qual faz parte a Moóca aumentou 12 vezes. Este incremento, apesar de menor que o registrado em outras áreas da cidade, é o dobro daquele relativo à média do Município.

A fim de avaliar estes dados, é importante lembrar que as Administrações Regionais estão longe de constituir áreas homogêneas do ponto de vista social e da infra-estrutura urbana. O bairro da Moóca, neste sentido, corresponde, aproximadamente, a um meio-termo entre os bairros que compõem a Administração Regional que o envolve. Não se trata de um lugar predominantemente luxuoso, como o é o Alto da Moóca, e tampouco o caracteriza uma população de baixa renda, que é o caso dos bairros mais ao norte desta região, como o Catumbi e o Hipódromo.

De qualquer maneira, o bairro da Moóca propriamente dito tem poucas favelas. São mais comuns os cortiços e as pensões, que precariamente abrigam esta população pobre. Os dados da Administração Regional a respeito da população favelada,

Tabela 4 - Evolução da população favelada por Administrações Regionais 1973-1987.

Administração Regional	pop. favelada	% sobre pop. total
Moóca	1973	1109
	1980	6815
	1987	13612
Pinheiros	1973	4017
	1980	2743
	1987	3189
Santana/ Tucuruvi	1973	520
	1980	3438
	1987	15080
Total do Município	1973	71840
	1980	375023
	1987	812764

Fonte: Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano. SEADE, *Município de São Paulo 1990*, p. 63.

todavia, importam na medida em que nos dão uma indicação do entorno imediato do bairro. Vimos que esta área atrai um grande número de pessoas por seu comércio, indústria e serviços. A Moóca é o centro nervoso desta região: indústrias, comércio e serviço estão concentrados por suas ruas e avenidas principais. É de se supor que os moradores das favelas da região circulem também pelo bairro. O aumento porcentual desta população carente sobre o total de habitantes das imediações teria o efeito de adensar, não só seus locais de moradia, como também a região do entorno. E embora os 2.4% sobre o total da população possa parecer pouco expressivo, há que se lembrar, como visto anteriormente, que a população mais abastada destes locais tem diminuído sistematicamente ao longo dos anos. Este fato

atuaria como uma caixa de ressonância com relação à chegada desta parcela menos favorecida, cujo crescimento acompanha o decréscimo dos moradores tradicionais das classes médias. Em suma, e com relação especificamente ao bairro que está no centro de nossas atenções: a despeito das favelas e seus ocupantes não serem numerosos dentro da Moóca, eles estão sem dúvida mais próximos dela. Próximos e em expansão.

Quintais, cortiços e corticados

Mais visíveis ainda são os "quintais", antigos casarões subdivididos à exaustão e a principal forma de moradia dos trabalhadores menos favorecidos que se estabelecem na Moóca. Operários das fábricas Alpargatas, Linhas Corrente, Açúcar União, Antártica, Vicunha, Triton, Fundação Brasil, Piratininga, Lorenzetti, Bernardini e Metal Gráfica, para citar algumas, são a maioria dos ocupantes dos cortiços. Eles e suas famílias enfrentam todo tipo de problema: desde as péssimas condições de higiene, os riscos de desabamentos, até os preços abusivos dos aluguéis e as constantes ameaças de despejo.

Em agosto de 1990, estes moradores de cortiços, organizados na União dos Moradores dos Quintais da Moóca, enviaram uma carta de reivindicações à Secretaria de Habitação do Município. O documento é interessante porque, através dele,

podemos entrever alguns conflitos em estado latente. Mais adiante retomarei estes mesmos problemas da perspectiva dos moradores mais abastados. Por enquanto, detenhamo-nos um pouco nos sentidos e implicações da carta destes moradores dos cortiços.

Depois de expor rapidamente todos os problemas dos "quintais de casarões", dizer que os salários são insuficientes para alugar casas com melhores condições e para comprar moradia própria, o documento vai ao ponto:

"(...) nossa reivindicação desde o início tem sido a de conseguir moradia perto de onde já moramos. Porque não é justo continuar empurrando o trabalhador para os bairros distantes e deixar as áreas melhores para os mais abastados. Temos o direito de morar perto do trabalho e aproveitar os recursos que já existem em nossa região".

A vontade desta população carente é cristalina: melhores condições de moradia - o que envolve, necessariamente, a proximidade dos locais de trabalho. Há uma série de argumentos que embasam o pedido. No trecho acima é mencionado o direito de usufruto da infra-estrutura urbana pública;

"(...) Além disso, como já mostramos outras vezes, o custo imediato maior que representa a construção de moradia nos bairros centrais é compensado pela infra-estrutura já existente, o que vai economizar aos cofres públicos o investimento necessário num bairro periférico, como: escolas, creches, transportes, asfaltos, etc."

Trata-se aqui de um raciocínio técnico. No entanto, o argumento mais difícil - no sentido de ser aquele que parece se debater contra a oposição mais ferrenha -, vem expresso num tom que mistura indignação e esperança:

"Nas administrações anteriores, que só defendiam os interesses da classe dominante, sempre riam de nossa 'ousadia' em pleitear um espaço que, para eles, nunca caberia à classe trabalhadora. Pela primeira vez, na atual administração, encontramos apoio nesta proposta, daí os projetos da Celso Garcia e Madre de Deus. Mas as necessidades são muitas, por isso reivindicamos a desapropriação de mais três conjuntos de cortiços, para que no lugar sejam construídos três conjuntos habitacionais para essa população de baixa renda".

Havia uma idéia estabelecida segundo a qual a Moóca não era para proletários. As administrações municipais anteriores à do Partido dos Trabalhadores, segundo a informação acima, tratavam do problema de moradia das populações cortiçadas nas áreas centrais da cidade de acordo com esta premissa. Era como se estes bairros, relativamente homogêneos do ponto de vista de suas classes sociais, devessem permanecer assim indefinidamente. Os moradores desses cortiços sabiam que a questão era delicada. Não era apenas o poder oficial que se colocava contra sua permanência na região; como veremos logo mais, a má vontade das prefeituras era apenas uma tradução morna da maneira pela qual a população local - principalmente as classes médias - via a presença e aumento dessas famílias pobres. As hostilidades contra elas, e a

inédita disposição da prefeitura a discutir essas reivindicações, talvez expliquem, ao menos em parte, os comentários pouco elogiosos que eram feitos a respeito da prefeita Luiza Erundina por aqueles que não assimilavam com bons olhos e ouvidos esta nova situação.

A despeito de tudo isto, o fato era que os cortiços já se espalhavam por todo o bairro. Os que concentravam o maior número de famílias estavam organizados em associações e eram assistidos por diversas entidades civis e religiosas. (Um fato interessante, e que marca as ambigüidades das posturas das pessoas das classes médias é que, apesar de partirem delas as maiores reclamações da presença dos cortiçados, muitas mulheres do bairro se prestavam a todo tipo de ajuda aos trabalhos da igreja católica junto a estas famílias carentes. Amália era uma delas). Na relação dos grupos de cortiços que a União dos Moradores dos Quintais da Moóca sugeria desapropriar para construir em seu lugar conjuntos habitacionais, percebemos que, além de ocupar áreas centrais do bairro, eles abrigavam um número muito alto de famílias. No total, tratava-se de 253 famílias espremidas numa área total de 8114 metros quadrados².

² O primeiro grupo situava-se no quarteirão da rua da Moóca com a rua Pires de Campos e a Marquês de Valença, no qual existem os seguintes quintais: 1) o da rua da Moóca, na altura do número 3420 (onde fica o Cinema velho), ocupado por 74 famílias; 2) rua Pires de Campos, nos números 57 e 59, com 7 famílias em cada endereço; 3) rua Marquês de Valença, nos números 337 e 347, com 21 e 19 famílias respectivamente; 4) e rua da Moóca, nos números 3446, 3448, 3440 e 3440, onde habitam 32 famílias. A área total aproximada deste conjunto de cortiços é de 5790 metros quadrados, com um total de 160 famílias.

O segundo grupo ficava na rua Cuiabá, nos números 415, 405 e 395, totalizando 1824 metros quadrados ocupados por 71 famílias.

Ao analisarmos as imagens que são construídas a respeito dos pobres, e dos cortiçados em particular, notaremos que as perpassam a idéia bastante generalizada de que eles são provenientes de outros Estados do país. Os termos segundo os quais são tratados - "baianos" e "nordestinos", por exemplo - denunciam isto. Apesar de alguns moradores destes quintais terem fisionomias que lembram aquelas descritas por Euclides da Cunha em *Os sertões*, e que são geralmente classificadas como sendo a de nordestinos, a experiência empírica e a prudência analítica não permitem generalizar. Além de serem trabalhadores pobres, habitando em péssimas condições, e organizados no intuito de melhorar suas vidas, nada permite enquadrá-los segundo termos muito genéricos. Há brancos, negros, mulatos; crianças, jovens, adultos e idosos; solteiros, casados, descasados, juntados; famílias nucleares, expandidas, famílias pulverizadas; baianos do norte, baianos do sul, pernambucanos, mineiros - muitos mineiros -, paulistas e, principalmente, paulistanos. Existem também as prostitutas, caféteis e cafetinas, ladrões, traficantes e viciados, enfim, gente de todo tipo. A impressão corrente de que se trata basicamente de bandidos e nordestinos é portanto falsa.

Ainda com relação às afirmações de que os cortiçados são

O terceiro grupo estava na rua da Moóca, esquina com a rua Conselheiro João Alfredo, na altura do número 122B, onde se concentravam 22 famílias numa área de 500 metros quadrados.

principalmente pessoas chegadas há pouco dos Estados do nordeste, é preciso abordar a questão mais atentamente. Antes de mais nada: a chegada na Grande São Paulo de pessoas vindas de outros Estados do país não é um fenômeno novo. A região metropolitana deve boa parte de sua expansão populacional a este processo. E embora o ritmo de crescimento venha diminuindo desde 1960, o papel da migração continua sendo, com efeito, fundamental. "É importante assinalar que a maior responsável pelo considerável crescimento foi sempre a migração. Entre 1940 e 1950, 73% do crescimento experimentado pela Grande São Paulo deveu-se ao saldo migratório. Nas duas décadas seguintes ele respondeu por 60% do incremento da população. Ainda que a importância relativa das migrações tenha diminuído, o aumento populacional entre 1970 e 1980 ainda se deveu em 51% a elas"³.

A influência da migração na população do município é semelhante ao que ocorre no seu entorno. As suas dimensões se traduzem em números bastante expressivos, como mostra a tabela 5.

Qual a relação entre, de um lado, os processos de heterogeneização social e de aumento de densidade demográfica (sobretudo de multiplicação de habitações coletivas) e, de outro, a migração? A questão aponta para

³ Vinícius Caldeira Brant (coord.), *São Paulo trabalhar e viver*. São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 19.

Tabela 5 - Evolução da população do Município de São Paulo segundo seus componentes 1950-1980

Anos	População	Crescimento no decênio (%)		
		total	vegetat.	migratório
1950	2198096	65.74	18.31	47.43
1960	3781446	72.03	30.36	41.67
1970	5924615	61.58	26.53	35.05
1980	8493217	43.35	24.15	19.20

Fonte: IBGE, Fundação SEADE em Fundação SEADE, 1990 - *Município de São Paulo*, p. 10.

possibilidades, mais do que para relações de causa e efeito. Vimos no capítulo 2 que os processos de adensamento acelerado são recentes: o aumento de quase 40% na densidade populacional da Moóca e de seu entorno imediato se dá entre 1977 e 1987. Este período, na cidade, é marcado pela diminuição relativa da importância da migração no seu crescimento.

Destas rápidas informações é possível constatar que, de um modo geral, não há uma relação direta entre fluxo migratório e adensamento da região onde se localiza a Moóca. Poderíamos afirmar, no entanto, que a despeito da diminuição, em termos do município, da importância da migração no seu crescimento, a parcela de migrantes que continuou se dirigindo para São Paulo o fez preferindo certas áreas. Teriam contribuído para isso, entre outros, dois motivos: a valorização imobiliária da periferia e a proximidade dos locais de trabalho que as moradias nos bairros de implantação urbana mais antiga oferecem. É na década de 80 que o aluguel e a casa própria

tornaram-se ainda mais difíceis para os pobres: além das dificuldades econômicas, a periferia tornou-se foco de especulação imobiliária, os lotes tiveram seus preços elevados, e os esquemas anteriores de construção da casa própria se viram definitivamente inviabilizados⁴. Morar em cortiços como os da Moóca se transformou numa opção para aqueles que não queriam se afastar mais ainda do centro da cidade ou ir para outros municípios.

As associações entre migração e aumento dos quintais, feitas pelas pessoas das classes médias que habitam esta áreas, embora sem os detalhes do processo mais amplo, derivariam destes fatos. Neste caso, a impressão destes pequenos proprietários e de suas famílias de que os nordestinos estariam invadindo seu bairro teria um fundamento empírico. O quadro ganharia tons ainda mais dramáticos quando fosse considerada a diminuição, em termos absolutos, da população tradicional destes locais.

Todavia, e como já foi dito acima, nem todos os cortiçados são migrantes - mesmo os que o são não provêm exclusivamente dos Estados do nordeste. De qualquer maneira, e por mais que o peso da migração neste processo todo não seja desprezível, saliento que outros aspectos, relativos às especificidades do contexto paulistano e de sua população, têm também sua importância. Ao analisar a situação daqueles pertencentes às

⁴ Vinicius Caldeira Brant (coord.), *São Paulo Trabalhar e viver*, op. cit. p. 71-101.

classes médias do bairro da Moóca não podemos perder de vista estas outras possibilidades. Do contrário, o risco é assimilar suas impressões enquanto retratos fiéis da realidade e, desta maneira, perder de vista o seu caráter de interpretação, de derivação de uma visão de mundo que realça e oculta.

*

No capítulo anterior analisamos as reconstruções do passado dos moradores da Moóca pertencentes aos seus estratos médios. Vimos que, aos olhos desta parcela social que vivenciou as mudanças da cidade e do bairro ao longo dos últimos 30 anos, a passagem do tempo é feita significativa a partir de mitos da comunidade. A ausência de conflitos, a ordem, estabilidade, prosperidade: estas as principais características do passado; os tempos atuais, na melhor das hipóteses, são reflexos opacos daquilo que foi um dia.

As exaltações das qualidades do bairro na verdade provêm das possibilidades que ainda há de manter uma vida regida de acordo com normas comunitárias. Em meio às várias camadas de transformações sociais, urbanas e econômicas, às contradições destes processos - e às oscilações a que são forçados os pensamentos a fim de acompanhá-los -, o mundo, afinal, podia ser feito e vivido segundo alguns valores. Tratava-se de uma questão de fronteiras: era necessário

estabelecê-las. O público e o privado deviam ser repensados. Com a heterogeneização social da cidade e dos arredores, o aumento da violência, e a atual crise econômica, os lugares públicos de sociabilidade e as possibilidades de consumo encolhiam. Isto, é claro, quando comparados ao que ocorria no passado. Ao mesmo tempo - o que é fundamental para entender a situação destes moradores - estavam sendo gestados e colocados em prática novos mapas mentais da cidade e dos arredores; novas formas de lazer, convivência com amigos e parentes; e uma nova escala de consumo. Esta maneira de viver e entender tentava conciliar, de um lado, as transformações do mundo e, de outro, seus valores e expectativas.

A fim de compreender os sentidos destas maneiras de conceber as transformações e nelas se localizar - em outras palavras, para desvendar o modo pelo qual a situação atual destes moradores da Moóca é vista por eles mesmos -, centrarei a análise nas imagens que são feitas a respeito daqueles que são as evidências mais fortes dos novos tempos: os "nordestinos", "baianos", "vagabundos", enfim, os moradores pobres dos cortiços que se multiplicam pelo bairro. Nesta etapa, deixarei de privilegiar exclusivamente os relatos dos mais velhos; como se trata de impressões sobre a situação presente, os jovens ganham voz e se manifestam. Veremos de que maneira suas narrativas e práticas se distinguem e se aproximam dos mitos da comunidade.

*

Antes, porém, mais algumas informações que ajudarão a contextualizar os relatos abaixo. Quando abordam os tempos atuais, todos eles se referem ao custo de vida, à crise econômica sem precedentes. Em que pese os preços ao consumidor em São Paulo, de 1951 até 1988, os dados são apresentados na tabela abaixo. Notamos que é a partir da década de 80 que a variação registra seu patamar mais alto. Em 1985 a inflação medida pelo IBGE atinge 1062.4%, baixando para 145.2% em 1986 por conta do Plano Cruzado, sobe para 229.7% em 1987, atinge 682.3% em 1988, em 1989 alcança e ultrapassa o índice de 1985 com a marca de 1287.0%, explode em 1990 com 2968.0%, e recua em 1991 nos 465%⁵.

⁵ Ao longo de 1992, a inflação do Brasil é a segunda maior no mundo: só a Rússia, com uma taxa acima de 2000%, supera nosso índice. Em São Paulo, a Fipe (Fundação Instituto de Pesquisa da Universidade de São Paulo) constatou que quatro setores foram os maiores responsáveis pela aceleração inflacionária: alimentos, fumo e bebidas, transportes e serviços profissionais. Por outro lado, artigos de vestuário e produtos "in natura" impediram que a alta fosse maior. Embora estas informações provêm de estudos realizados entre famílias com renda de dois a seis salários mínimos - conjunto ao qual não pertencem as pessoas que constituem o centro desta monografia -, elas nos dão indicações de características da economia que certamente se irradiam para além destes setores sociais. O Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos), englobando uma faixa de renda que vai de 1 a 30 salários mínimos apurou que a inflação durante 1992 foi de 1127,53%, valor pouco diferente daquele elaborado pela Fipe. Ver *Folha de São Paulo*, 12 de janeiro de 1993, p. 2-1.

Tabela 6 - índice médio anual de preços ao consumidor do Município de São Paulo - 1951-1972^e.

(base para 1951-1972: média de 1951=100)

anos	total	alimentaç.	hab.	transp.	vest.	saúde	desp. pess.	educ.
1951	100	100	100	100	100	100	100	100
1952	123	129	123	100	112	108	113	...
1953	150	174	133	115	121	135	137	...
1954	177	207	140	161	155	175	179	...
1955	212	247	173	190	193	184	233	...
1956	258	305	209	299	229	240	267	...
1957	308	341	258	353	269	322	349	...
1958	355	383	319	393	299	344	392	...
1959	488	552	403	510	380	371	555	...
1960	657	796	458	817	505	555	767	...
1961	908	1073	643	1331	743	749	976	...
1962	1386	1694	948	1901	1121	1046	1425	...
1963	2404	2817	1760	3474	2018	1787	2505	...
1964	4495	5533	2962	5393	3536	3490	5167	...
1965	7269	8306	5168	9512	6015	6214	10415	...
1966	10659	12298	7696	15938	8216	8535	14458	...
1967	13810	15173	10337	20607	10645	12527	18786	...
1968	17153	18316	12816	25907	14129	15985	26445	...
1969	21138	22861	14676	31527	17576	21854	33936	...
1970	25171	26802	15526	36565	20302	28642	48010	...
1971	30479	33202	18785	44514	23851	35450	55882	...
1972	35927	39670	21959	52449	25527	41859	65073	...

O trabalho de campo e o registro das narrativas que constam neste trabalho concentraram-se entre 1989 e 1990. Vemos que se trata do período auge da variação dos preços. A tematização da crise econômica não é sem motivos. A deterioração nas condições de vida da população como um todo é evidente. E apesar do auge deste processo ser recente, ele todavia vem se manifestando mais nitidamente durante a última década.

^e Obs: os dados de 1988 são relativos ao mês de setembro.

Fonte: IBGE, *Estatísticas históricas do Brasil - séries econômicas, demográficas e sociais de 1950 a 1988*. 2a. ed., Rio de Janeiro, 1990, pp. 285-297.

Tabela 7 - índice médio anual de preços ao consumidor do Município de São Paulo - 1972-1988

(base para 1972-1988: média de 1977=100).

anos	total	alimentação	habitação	transporte
1972	28	27	31	25
1973	32	32	34	28
1974	40	41	41	36
1975	53	54	53	49
1976	71	72	72	71
1977	100	100	100	100
1978	138	141	138	138
1979	208	221	193	224
1980	370	406	327	489
1981	724	780	606	1041
1982	1372	1438	1148	1938
1983	3238	3834	2344	4756
1984	8818	10775	5980	13278
1985	26633	33677	16432	41620
1986	61189	81043	34441	90056
1987	196380	232380	124225	382993
1988	1671394	2158817	938080	3073961

anos	vestuário	saúde	desp.pess.	educação
1972	33	26	29	25
1973	36	30	33	29
1974	41	36	40	41
1975	52	50	54	53
1976	70	70	70	69
1977	100	100	100	100
1978	129	135	139	133
1979	189	198	204	187
1980	308	362	334	337
1981	588	765	695	741
1982	1148	1437	1416	1561
1983	2172	3351	3128	3322
1984	6245	8564	8377	7973
1985	23022	27715	24501	26833
1986	63200	60721	55581	50142
1987	162964	203378	182794	187422
1988	1249884	1801463	1493070	2341769

Pela primeira vez desde 1950 o ritmo do crescimento médio do Produto Interno Bruto foi inferior ao crescimento vegetativo

da população. Entre 1981 e 1990 este valor correspondeu a apenas 1,68%, com algumas taxas anuais negativas, fato que não ocorria desde o Pós-Guerra.

Ainda neste período que vai de 1981 a 1990, a renda *per capita* registrou um crescimento médio anual negativo de 0,07%. Marcada pela aceleração inflacionária, pelas altas taxas de juros e pelas margens de lucro dos setores oligopólicos, além da apropriação da produtividade social do trabalho pelos setores do capital, esta conjuntura caracteriza-se, entre outros, pelo aumento gritante da concentração de renda. Desde a década de 60, apenas os 10% mais ricos da população não vêem sua participação na renda nacional diminuir. Em contrapartida, neste mesmo período os 10% mais pobres diminuíram sua participação na renda nacional em mais de 40%. A tabela 8 ilustra este processo.

Atualmente, cerca de 1% da população economicamente ativa, que corresponde a não mais que 620 mil pessoas em todo o Brasil, controlam 15,9% da renda nacional. Isto corresponde a uma quantia superior aos rendimentos dos 50% mais pobres, que respondem por 14,5% da renda⁷.

Este quadro, inequívoco com relação às suas extremidades, o é também no que diz respeito aos setores intermediários da

⁷ Os dados complementares provêm do *Jornal do Economista - Órgão do Conselho Regional de Economia do Estado de São Paulo*, No. 51, novembro de 1992, especialmente o artigo de Edmilson Costa, p. 3.

sociedade. Notamos que, à exceção das variações apresentadas pelos 10% mais pobres, são justamente as faixas médias de participação na renda as mais prejudicadas: desde a década de 1960, elas vêm tendo perdas que giram em torno dos 30%. Ou seja, não só aumentou a pobreza absoluta, como também ficaram mais pobres as classes médias. Se por um lado o Relatório do Banco Mundial indica que o contingente de pobres aumentou de 23,1 milhões em 1981 para 33,2 milhões em 1986, por outro, é fácil imaginar que a parcelas significativas dos setores médios assistem a uma queda drástica na sua qualidade de vida. Em São Paulo, especificamente nos bairros de implantação urbana mais antigas, estes processos são nítidos. Seus habitantes tradicionais se vêem em dificuldades econômicas crescentes e o número de famílias pobres nas redondezas se multiplica.

Tabela 8 - Distribuição da renda da população economicamente ativa, segundo decís, dos mais pobres aos mais ricos, 1960-1980^e.

decis	distribuição da renda %			variaç.% 1960/1980
	1960	1970	1980	
10 ⁻	1,9	1,2	1,1	-42,11
10	2,0	2,2	1,9	-5,00
10	3,0	2,9	2,6	-13,33
10	4,4	3,7	3,2	-27,27
10	6,1	4,9	3,9	-36,07
10	7,5	6,0	5,1	-32,00
10	9,0	7,3	6,7	-25,56
10	11,3	9,9	9,4	-16,81
10	15,2	15,2	15,1	-0,06
10 ⁺	39,6	46,7	51,0	28,79

^e Fonte: IBGE, *Estatísticas históricas do Brasil...*, op. cit., p. 77.

Os tempos atuais e as narrativas

Romão

Ele morava na Moóca desde 1957. A época em que o conheci tinha 60 anos, era casado com uma descendente de lituanos, quatro filhos - três mulheres e um rapaz de 21 anos -, sendo que as duas mais velhas haviam concluído seus respectivos cursos superiores. Elas estavam casadas, cada qual tinha dois filhos, e todos se encontravam nos almoços de domingo.

O pai de Romão era português e casara-se com uma mulher que conhecera em Pernambuco. Destes fatos ele gostava de realçar a primeira parte e fazer pouco caso da segunda. Outra coisa da qual se orgulhava era de ser o dono de uma pequena fundição, localizada num bairro próximo. Dizia-se um empresário que dera certo sem a ajuda de ninguém; e apesar de se sentir incompreendido por eles, tratava bem seus funcionários.

A casa onde morava aparentava ter passado por muitas reformas. O muro que dava para a rua tinha mais de três metros de altura e um portão automático. Suas paredes, assim como as de boa parte do interior da casa, não tinham qualquer acabamento a não ser uma camada fina de cimento por

cima dos tijolos. A sala, Romão iria me contar depois, já fora maior. Mas como tinha se tornado arriscado deixar os automóveis na rua, ele optou por aumentar a garagem: os veículos ganharam mais abrigo enquanto os móveis da sala tiveram que se espremer no espaço que sobrou. Nesta operação, Romão ainda optou por colocar a janela da sala numa altura maior do que estava antes. Ele escolheu uma moldura de alumínio com vidros escuros, daqueles que impedem olhares de transeuntes ao mesmo tempo em que permitem, para quem se encontra do lado de dentro, perscrutar sossegadamente o que se passa lá fora. O único problema era que, com todas estas mudanças, a luz natural acabou encontrando obstáculos demais, e desistiu de se fazer presente na maioria dos cômodos. As lâmpadas tinham que ser ligadas nos horários os mais estranhos.

O importante era que a casa aumentava e ficava mais segura. Em setembro de 1989, Romão estava investindo na verticalização de sua moradia. Para os lados não era mais possível expandir: a construção já chegava nos limites do terreno. De qualquer maneira, sua idéia era fazer mais alguns quartos sobre os que já existiam. Haveria deste modo espaço para seus filhos e netos. Ele alimentava a esperança de vê-los algum dia morando sob aquele mesmo teto.

Assim como todos aqueles de sua idade, Romão guardava boas lembranças dos velhos tempos. Quando veio morar na Moóca, em

1957, o bairro era "uma beleza, era calmo". Os operários que trabalhavam nas fábricas habitavam bairros contíguos, alguns mais longínquos: "vinham da Vila Zelina, Vila Alpina, São Miguel, era de onde vinha esse pessoal..., era a região de onde eles vinham".

As qualidades do bairro ainda permaneciam, apesar de alguns problemas:

"Hoje é um lugar muito bom, porque, você vê, nesses anos todos que eu moro aqui já houve, eu não vou dizer que já não houve alguma coisa, mas já... Sempre tem alguém que quer perturbar a vida da gente, mas diante de outros lugares por aí, aqui é uma beleza! Como você disse... essa quantidade de ferros.... minha casa é uma fortaleza, mas é tranquilo. Portanto... é um bairro como qualquer outro... Mas é bom o pessoal não descobrir né, mas ainda tá bom. Não sei se é porque... uma razão é fácil de... porque o pessoal, a maioria daquela época vem morando até hoje, são conversados, um pessoal meio calmo, ... de João, meu vizinho. A mulher dele quando criança foi criada aqui. Então o pessoal se conservou; a Moóca ainda tá nessa..., ainda tem isso de bom".

Ainda havia vizinhos conhecidos de longa data, com quem era possível conversar, e cujas histórias e procedência eram sabidas. Mas a situação não era completamente tranquila: "sempre tem alguém que quer perturbar a vida da gente". Quem seriam eles? A resposta veio rápida, sem as hesitações da fala anterior.

"A pessoa que tem um certo conforto, ele tem como viver, ele atrapalha menos. Na verdade, se ele não tem onde morar, ele

atrapalha mais. A maioria desse pessoal que mora nessas favelas tem culpa também porque o sujeito se acomoda com essa vida, fica aí, não sai dali, não parte para a luta, acontece que vem perturbar a vida da gente. Mas a maioria mesmo se acomoda. Se acomoda e..."

Os mendigos, ambulantes e favelados são as pessoas que despertam o medo de Romão. Acomodados a sua situação, sem ânimo para o trabalho, eles estão prontos para ganhar a vida sem muito esforço. É nesses momentos que as famílias como a dele, "que têm um certo conforto", se tornam alvos preferenciais.

Todavia, situações de assalto ainda eram raras. O bairro permanecia longe das favelas. Na sequência da conversa, Romão reconstituiu o que seria o mapa das zonas seguras da Moóca.

"(...) se você pegar as casas, se você sai daqui para o Juventus, lá do outro lado da avenida Paes de Barros, são tudo casas boas. Depois de você começar daqui da Regional da Moóca, até sair na avenida Sapopemba, olha que é uma distância grande - o senhor conhece né?"

"Conheço".

"É longe. É como a distância do Cemitério da Quarta Parada, lá do outro lado da Moóca, lá na chácara dos Paes de Barros... Olha, eu acho que o Sr. não sabe do que estou falando, é muito chão".

Romão estava dizendo que, por mais que se andasse pelas cercanias, não se encontrariam favelas facilmente: "dá uns 15 quilômetros né, sem favelas... Pro lado da cidade também

não tem. A mais próxima do bairro é mesmo na Vila Prudente".

Com relação aos cortiços, no entanto, a situação era outra. A rua principal do bairro era o testemunho mais evidente de que famílias pobres estavam vivendo por ali.

"(...) Então a rua da Moóca em si tem um pessoal que mora numas casas de três andares, de forro de madeira, que dá para ouvir o que o de cima e o de baixo estão fazendo".

A rua do Hipódromo também era considerada uma região deteriorada, mas segundo ele não pertencia à Moóca:

"Aí geralmente são esse pessoal que vem do norte, que ali tem muito cortiço. E aqueles donos daquelas propriedades se prevalecem disso. Alugando para essa gente aqueles cortiços, aqueles quartos, por uns preços absurdos, que essa gente não tem condição de fazer outra coisa. A maioria fica por ali porque trabalham na base de um aluguel de fome e não têm mais nada. Mas sempre tem algum esperto que vai embora. Aí quando sai um entra outro. Quer dizer, então aquilo continua a mesma coisa. Continua sendo o Brás, aquele Brás de sempre..."

A expressão "o Brás de sempre" era utilizada para marcar a sua característica principal: a sua heterogeneidade social. Desde há muito o lugar se diferencia da Moóca por este motivo. Romão considera este bairro vizinho um território perigoso:

"Brás, ali é fogo: ali tem de toda espécie: ali tem do meio para baixo, do médio para baixo e aí é uma miscelânea aquilo que..."

A palavra-chave para entendermos a avaliação de nosso interlocutor é "miscelânea". Apesar de haver moradores das classes médias neste lugar, havia também gente de classes sociais mais baixas. A mistura social era a marca do Brás. O casario deteriorado, as pensões e cortiços que abrigavam os mais pobres: tudo isto marcava uma nítida fronteira com relação à Moóca.

A chegada destas pessoas mais pobres no bairro e na região ao redor teria ocorrido durante os anos 60, quando "a cidade começou a ficar muito grande. Esse pessoal vinha de todo... De cima, de lá, de cá...". A vida modificara-se radicalmente. O bairro encolhera. A segurança passou a ser uma preocupação: portas e janelas não ficavam mais abertas como antes. Grades de ferro e fechaduras reforçadas tornaram-se indispensáveis. A prova de que algo de novo ocorria vinha da experiência pessoal. Há 12 anos atrás roubaram-lhe um de seus carros que estava na garagem.

"Aí nós começamos a fechar a casa, porque a gente fazia um pedaço, depois fazia outro pedaço e ia... Então já comecei... na medida em que você vai fazendo, vai fazendo mais seguro. Ferro, alumínio e concreto. Uma medida de segurança. Mas graças a Deus ainda não está de assustar. A gente vai segurando né".

Com as devidas precauções, Romão vivia relativamente sossegado. Afinal, comparada com outros bairros, principalmente os vizinhos, a Moóca "é uma chácara aqui

dentro de São Paulo. A não ser por seus pontos críticos - que ademais, quando convinha, eram excluídos do perímetro daquilo que considerava sendo parte do bairro -, tratava-se ainda de um lugar caracterizado por um "ambiente de trabalho", formado por um "pessoal mais ou menos preparado, compreensivo".

Todavia, o contexto era contraditório, e as mudanças impunham certas acrobacias mentais quando se tratava de avaliá-las. Além do perigo dos assaltos, havia certas mudanças na vida, no ritmo da cidade e do bairro que o deixavam inseguro. A sociabilidade decaía. Os encontros com amigos e vizinhos eram agora mais raros. E se anteriormente ele tinha dito que o bairro ainda conservava boa parte de seus moradores mais antigos, aqui Romão reconhece certas transformações de maior impacto nos relacionamentos. As pessoas continuavam amigas, mas se viam menos frequentemente. As causas? Havia muitas. A televisão teria feito com que "cada família ficasse em sua própria casa. Não afastou as pessoas, de forma nenhuma, mantém a mesma amizade, o mesmo ritmo de consideração, mas afastou as pessoas". Neste caso o raciocínio é curioso: para Romão isto ocorreu pela disseminação dos aparelhos de televisão. Se no final da década de 50 "dava para se contar as pessoas que tinham aparelho de televisão em casa", e "toda a vizinhança se reunia para ver o programa", esta convivência se perde quando cada família adquire o seu.

O ritmo mais intenso da rotina das pessoas foi lembrado como outro obstáculo à sociabilidade. A vida estava difícil, mais cara. Era necessário trabalhar mais e o desgaste era maior - este era o motivo do corre-corre de seus vizinhos e amigos. Tudo isto contribui para a intensificação do cotidiano do bairro e da vida de um modo geral.

"Hoje... um chefe de família para manter uma família numa cidade como São Paulo ou no Brasil atual, precisa ter muito bolso. Primeiro que se alimentam... a alimentação é péssima. Hoje para você ter uma boa apresentação, andar bem arrumadinho, bem vestido, bem calçado, é muito caro. Tudo que é necessário para um cidadão viver bem, que é o normal de uma pessoa, é difícil. Talvez eu esteja vendo mal, mas eu acho que não: vai preocupando as pessoas e vai encurtando a vida de cada um. (...) Esse meu filho que tá com 21 anos, mas 39 ele vai estar com algodãozinho, vai andar já tremendo das pernas, não vai chegar como o pai, eu. Isso não é só em São Paulo, é no mundo todo".

O resultado era que não havia mais "aquele ambiente", formado por pessoas atentas, conhecidas, que compartilhavam aspirações e certos valores - Romão deixara de ir à Igreja que ficava muito próxima de sua casa devido ao fato daqueles que passaram a frequentá-la lhe serem estranhos -, enfim, sua rede de amizades tinha afrouxado, limitando-se basicamente ao núcleo doméstico.

Outro fator de distanciamento dos conhecidos e amigos era o medo de sair de casa. "Talvez seja a falta de segurança.

Isso é grave". Para aliviar o isolamento, a solução estava nas redes de parentesco mais imediato:

"Formar aquele seio nas famílias outra vez, reunir. Vamos afastar esse fantasma que está aí apertando a gente".

O "fantasma" era um ser complexo. Custo de vida, rápidas transformações na vizinhança e na cidade, perda ou diminuição dos encontros sociais. E havia mais: os criminosos e os temores multiplicavam-se ao ritmo da chegada de migrantes de outros Estados. Estávamos conversando sobre as penas adequadas para aqueles que cometessem crimes. Romão era contra a pena de morte; preferia que as infrações fossem pagas com trabalho. Segundo ele, isso ajudaria a incutir nestes "bandidos" - "desocupados" por definição - a vontade de trabalhar, e diminuiria assim sua propensão ao crime. Esta solução, todavia, estava distante. A população da Casa de Detenção concentrava todos estes problemas e ilustrava suas idéias. Perguntei a respeito da procedência dos detentos:

"(...) tem uns de São Paulo, mas a maioria vem de fora. Pessoal mal formado, sem um nível de cultura nenhuma, sem experiência nenhuma, chegam aqui, eles pensam que da maneira deles agir, vai executar e não vai acontecer nada com ele. Vem muita gente de fora, do Norte. Não que eu seja contra, eu sou sangue daquela gente, mas vamos condenar aquilo que deve ser condenado. Vamos educar a pessoa lá em cima".

A idéia era manter os nordestinos em sua terra natal. "O pessoal de lá é muito mais rico do que aqui". O problema

todo é que eles não estão devidamente preparados para o trabalho. "Vamos dar escola de um ano a cem anos, todos na escola. Não vamos deixar a criança vir de lá para cá sem condições, não pode". Com relação ao tipo de educação que seria o mais adequado, Romão foi direto. Falando a respeito das soluções para o país - às quais voltaremos em capítulos posteriores - ele disse o seguinte:

"(...) a melhor maneira de disciplinar o ser humano é abrir a moringa dele e colocar o que ele deve fazer".

Ao tentar organizar suas idéias a respeito, não só das mudanças dos últimos trinta anos, mas também do contexto atual, nosso informante se atém a noções de ordem e desordem. Teriam aumentado o custo de vida, a violência, a insegurança e, como que plasmando tudo isto, o número de pobres. Nas imagens que Romão constrói do presente, eles simbolizam riscos ao bem-estar, má administração pública e, muito significativamente, uma certa essência. Os pobres assim o seriam devido a fatores antes de mais nada divinos. Referindo-se a um grupo de mendigos que às vezes se instalava na rua onde morava, disse o seguinte:

"De vez em quando vem esse pessoal; não têm coragem de chamar... chamo eles de maloqueiros. Eu acho que é o destino de cada um, sei lá, Deus decide..."

Os desígnios da Providência recaíam sobre alguns escolhidos. Para o bem ou para o mal, o destino de cada um era um dado definitivo. Aqueles que não conseguiam vencer na vida

estavam determinados para tanto. Romão explicava: a indisposição para o trabalho era algo contra o que estes "escolhidos" não conseguiam lutar. Era necessário mostrar-lhes o caminho. A educação formal ajudaria a discipliná-los. Os métodos deveriam ser compatíveis com a dificuldade em atenuar os propósitos divinos: "abrir a moringa deles" se fosse necessário. Todavia, a tarefa não era das mais fáceis:

"É uma falta de garra, uma obrigação aí para o cidadão cumprir. Não é escravizar, é ordenar: "meu amigo, você tem tantas horas por dia para trabalhar, para estudar, para se tratar, e para o seu lazer".

*

A maior parte dos problemas dos tempos atuais estaria resolvida se os pobres, em primeiro lugar, fossem mantidos em seus locais de origem, e em segundo lugar, recebessem treinamento pedagógico para se adaptarem ao trabalho. É curioso notar nas idéias de Romão que o custo de vida elevado atinge somente as famílias que pertencem aos estratos mais favorecidos da sociedade, que compartilham alguma parcela da riqueza produzida. As vidas dos pobres não têm nada a ver com isso. Os poucos momentos em que eles, por vontade própria, entram em contato com as pessoas que fazem parte do mundo do trabalho, ocorrem quando pedem esmolas, assaltam, ou passam a morar em lugares próximos.

Independentemente da inflação alta e da impossibilidade de acesso à educação formal, os mendigos, favelados e cortiçados estariam nesta mesma condição. Romão se atém ao

princípio de que nasceram deste jeito, e na melhor das hipóteses poderiam ser treinados para algum ofício. Neste caso, o controle tem que ser rígido: a sua natureza, afinal, estaria constantemente tentando se manifestar, desviando estas pessoas de suas obrigações.

Para Romão, enfim, os pobres pertenciam a uma outra ordem de existência. O problema todo era que, juntamente com a crise econômica e as rápidas transformações na cidade, estes indivíduos se tornaram mais visíveis, multiplicaram-se. A insegurança, com isto, aumentou. As casas se transformaram em fortalezas, os encontros com os amigos diminuíram - e apesar do bairro manter ainda um bom número de antigos moradores, e não apresentar um índice muito grande de violência, a situação não é mais como já fora antigamente. A evidência mais marcante disto é o número de cortiços e favelas que se espalham pelas redondezas. A antiga comunidade e os mitos que a narram defrontam-se com pessoas de outra natureza cuja expansão os ameaça. A imagem da boa sociedade exclui a convivência com tamanhas diferenças. Resta a família, núcleo fundamental de convivência e coesão moral, base dos princípios comunitários. A reconciliação com o bairro, a cidade e o país passa, necessariamente, pelo restabelecimento e alargamento destes laços.

Cícero

Nascido em São Paulo em 1967, ele e sua família se estabeleceram na Moóca quatro anos depois. Desde então eles vêm morando na mesma casa. Cícero sempre estudou no bairro, desde o primário até o segundo grau. Foi conhecer pessoas que não moravam por perto na faculdade, onde concluiu o curso de jornalismo.

As recordações que tem de sua infância são boas: nos finais de semana passeava com seu pai no parque da Administração Regional da prefeitura; ia para a escola a pé juntamente com vários colegas; assistia o movimento da feira que era montada bem próximo à sua casa; e às vezes frequentava o Clube Juventus, coisa que deixou de fazer à medida que foi ficando com sócios demais. Seus amigos, assim como os de seus pais, moravam então todos por perto; a vizinhança era toda conhecida e eram frequentes as reuniões em casa, bem como as festas que, muitas vezes, tomavam a rua e as calçadas.

Cícero tinha uma idéia clara do que seria um bairro ideal.

*"Que minha concepção de bairro o que é?
É você ter a sua casa em lugar adequado,
é você ter acesso às necessidades
básicas comerciais - eu me refiro a
padarias, farmácias, essas coisas. Ter
um relacionamento bom com seus vizinhos,
com a comunidade próxima. É ter assim...
uma coisa que eu exijo particularmente é
um lugar de cultura, um lugar onde você*

possa se informar... Infelizmente, a prefeitura não se preocupa muito com as bibliotecas do bairro, porque o material aqui é pouco".

De acordo com estes parâmetros, ele estava satisfeito com o lugar onde morava:

" (...) dentro desta minha concepção de bairro, eu até que não posso reclamar muito, porque eu tenho um bom relacionamento com as pessoas que moram perto de mim, tenho bom acesso às minhas necessidades básicas, encontro tudo aberto..."

Esta situação, no entanto, estava mudando. A comunidade quase ideal estava num processo de deterioração. Perguntei a ele a respeito do caráter destas transformações:

"Olha, a gente vai cair num ponto comum. Infelizmente... eu tenho... eu fico imaginando como era este bairro antigamente. Aliás, eu peguei uma época que ainda era boa. Morava na Radial Leste, mas ela não era... sei lá. Não tinha tanta poluição, a própria vizinhança era menos poluída. Meus pais tinham um bom relacionamento com os vizinhos, a ponto de final de Corinthians e Palmeiras, todo mundo ia comer pipoca na casa do outro e assistir o jogo junto. Hoje em dia esta coisa acabou, não tem mais. Nossos vizinhos são... de um lado ainda são os mesmos. Mas outros que a gente tinha uma relação, um contato mais caseiro, a gente perdeu este contato. E em substituição caiu bastante, os vizinhos. Os moradores seguintes são, sem dúvida nenhuma, de um nível muito mais baixo".

"De onde vêm estes moradores?"

"Esses moradores, eu acredito que são imigrantes.

"Norte, nordeste?"

"Norte. Baianos, paraibanos, pernambucanos. Eles vêm e parecem que... está certo, todos têm que lutar para sobreviver, mas a luta deles parece que alarma a vizinhança. Eles trabalham com as coisas mais... o comércio mais baixo, vamos dizer assim. Bares, botecos, coisas que atraem infelizmente as pessoas mais deslocadas. E começa aquela bebedeira, aquelas arruaças, música muito alto. Eu tenho um vizinho lá que... eu tinha sossego até um certo tempo atrás, vêm estas coisas e... é isso que eu digo do circo... exalaram uma coisa... chegaram... e porra, rádio no último volume o dia inteiro, é coisa que nunca tinha imaginado que iria acontecer comigo".

Cícero tem saudades de um tempo que não viveu. A tranquilidade do bairro de antigamente, as ruas pouco movimentadas, a vizinhança conhecida e solidária eram coisas das quais tinha apenas ouvido falar. Ele ainda chegou a vivenciar resquícios deste clima de comunidade. Mas as mudanças foram rápidas. As ruas e avenidas deixaram de ser pacatas, fisionomias familiares foram logo sendo substituídas por outras, de pessoas de nível social mais baixo e de costumes pouco sutis. O bairro perdera sua tranquilidade.

O processo que ocorria localmente tinha raízes profundas. A migração, segundo ele, era apenas um de seus muitos aspectos. "A política, as relações econômicas, a falta de iniciativa privada, (...) sem contar a vida normal do assalariado que é cada vez mais baixa". O resultado desta conjunção era que "as relações se tornam mais difíceis. As

peessoas ficam mais tensas, parece que não têm mais tempo para nada".

Diferentemente de Romão, Cícero parecia captar um fundamento social para as mudanças que ele percebia em todos os níveis da vida: desde o país até a sua vizinhança mais imediata. As temíveis famílias do nordeste que agora habitavam o bairro eram apenas um dos resultados da conjuntura mais ampla.

Com relação à cidade, Cícero a achava mais desumana, mais perigosa, e isto se devia, além de todos os problemas já apontados, ao crescimento sem planejamento. Havia mais pessoas ocupando o mesmo espaço. A desorganização das relações estáveis, a violência e o medo eram decorrência desta explosão demográfica associada a todos os problemas de ordem política e econômica. Perguntei a ele de que maneira todos estes problemas o afetavam:

"Olha, muda para mim psicologicamente. Vou tentar explicar. Eu, por exemplo, se eu pudesse... eu sei que está se tornando mais violento, principalmente à noite que... às vezes eu chego tarde em casa. Mas isso é por necessidade. Se eu não tivesse essa necessidade... necessidades de compromissos que eu tenho que chegar tarde em casa, não iria, não facilitaria muito. Mas a própria necessidade de você ter um dia-a-dia de chegar à uma e meia da noite, meia noite que seja, que extravase um horário comercial... sabe, estas coisas ficam na minha cabeça. Mas eu vou seguindo a rotina, eu tenho que chegar à uma e meia em casa eu vou, eu tenho que ir. Fica meio a Deus dará. Eu tenho que fazer isso, sei que é ruim, por outro

lado, se protegido... me proteger assim em termos de chegar dez horas em casa, mas depois, sabe? Você chegar em casa, sentir que está em casa, que tudo bem, que passou. Mas pô, estou preso! Poderia estar na rua, poderia estar com os colegas um pouco mais tempo. Entende? É uma faca de dois gumes: ou você está livre para fazer suas coisas, mas você está com seu pensamento que pode ter alguém diferente naquele momento, ou você está em casa seguro mas, pôxa, por quê estar aqui?"

A cidade estava repleta de riscos. A opção que se colocava era a seguinte: dobrar-se ou não a eles. Cícero tinha escolhido manter seus compromissos e encontros a despeito dos perigos. Isso não significava ignorar os perigos dos assaltos e de outras violências; pelo contrário, tudo isto o acompanhava no pensamento. Este, afinal, era o preço que pagava para manter sua sociabilidade.

Ao contrário de todos os moradores do bairro cujas idéias até aqui analisamos, a rede de relações de Cícero não estava de modo algum circunscrita às fronteiras da Moóca. Seus amigos moravam todos espalhados por São Paulo. Os locais de encontro variavam: iam desde a casa de um deles, até os cinemas da região dos Jardins, Paulista, Consolação, ou qualquer outro programa cultural em cartaz que valesse a pena. O que importava, na verdade, era manter esses relacionamentos - um bem que ele considerava em extinção.

Certos acontecimentos-limite se encarregavam de ilustrar o grau de indiferença a que chegaram as pessoas de uma maneira

geral. Cícero lembrou-se de um assalto ocorrido com ele na área central da cidade:

"(...) Estava com um relógio Champion, eu estava subindo no ônibus, botei a mão assim naquele apoio, e o cara chegou por trás e 'dufi'..., eu já estava dentro do ônibus, primeiro degrau... as pessoas de dentro do ônibus vendo, as pessoas de fora do ônibus vendo e o cara saindo também vendo: vendo todo mundo parado. Mas eu não recrimino... tudo bem sabe? Talvez eu faria a mesma coisa. Não sei por que. Aí já cairia numa coisa que foge à minha pessoa, é um momento que vem mais de fora para dentro do que... mais forte que eu".

As premências individuais eram as que contavam: esta a regra das multidões. A maioria das pessoas tinha incorporado uma atitude *blasé* com relação às demais. O problema era que isto acabava encorajando a ação dos assaltantes. Aliás, não só encorajava como acabava os gestando. Em meio a um contexto com as características que Cícero detectava no país e na cidade, poucos eram aqueles que não eram delinquentes em potencial. A descrição que fez da pessoa que o assaltou na verdade é uma tentativa de explicar estas idéias:

"Essa pessoa, eu imagino que ela pode até ser desempregada, possa ser uma pessoa que... olha, para cair nestas condições é muito fácil. Basta você ter, por exemplo, um mau relacionamento familiar, basta você ter uma esposa que... sei lá, um mau relacionamento em geral. Um insucesso no trabalho. Basta pequenas coisas. E também tem um detalhe: basta você ter uma moral fraca, uma educação insignificante, basta você ter uma cultura medíocre. O que que é isso? Isso, infelizmente, é a maioria. Então é desta maioria que surge estas coisas. O assaltante pode até ter vindo

de uma família classe média. Outro pode ter vindo realmente da favela. Então eu acho que favorece, essas coisas gerais, sociais, que é da cultura, que atinge todo mundo pode favorecer".

Os tempos atuais careciam de suporte social, capaz de amparar os indivíduos. O problema era complexo. As dificuldades econômicas representavam apenas uma parte daquilo que atingia a população da cidade e do país. Faltava cultura, educação, coisas básicas indispensáveis à convivência civilizada. O crescimento desordenado tivera o efeito de amontoar as pessoas e destruir os antigos laços comunitários. Nada havia sido posto no lugar: nos interstícios da massa humana das grandes cidades existia apenas vácuo.

A perspectiva de Cícero, apesar de constituir um contraste com relação àquelas que até agora vimos, também mantinha algumas semelhanças com elas. A mais evidente é o modo de dar sentido às transformações recorrendo a vários níveis de generalização e, neste processo, relativizar cada impressão de acordo com o contexto dentro do qual é inserida. Um exemplo disto são as imagens que ele constrói a respeito dos migrantes. Vimos anteriormente que no bairro eles eram os principais sintomas da desordem: neles estavam simbolizados grande parte dos processos de crescimento desordenado da cidade, a falta de educação, o medo e, principalmente, a quebra dos laços comunitários que um dia existiram. Pois bem. Ao longo de seu raciocínio percebemos que novos

elementos vão sendo agrupados em torno da idéia central, qual seja; a do isolamento crescente das pessoas. A crise econômica, de cultura e educação, a explosão demográfica sem planejamento: tudo isto se junta ao argumento e, se por um lado o torna válido para contextos mais gerais (neste caso permite a ele sair da Moóca e pensar na conjuntura da cidade e do país), por outro o força a ponderar suas impressões iniciais. No caso específico dos migrantes, se no bairro eles respondiam por grande parte da deterioração que ali ocorreu, quando se tratava de analisar a cidade os nordestinos eram apenas um entre vários aspectos de uma crise mais ampla.

Falar dos migrantes, assim, significa abordar uma das muitas facetas da desordem atual. Ou seja, a época dos nordestinos é a época do caos: eles são uma das marcas de um contexto desprovido de medida - a não ser, talvez, a própria falta de ordem. Se no nível local eles representam a perda da tranquilidade, das relações amigáveis de vizinhança, no contexto mais geral sua chegada se dá ao mesmo tempo em que a incompetência administrativa, a ineficácia das instituições socializadoras básicas e da justiça ficam escancaradas. "Há lei sobre lei e isto já é um ato falho, porque lei sobre lei é a mesma coisa de algo sintético, algo anti-natural". Os labirintos jurídicos eram sinônimo de atraso, mais um dinamo da confusão geral. Os organismos da ordem não eram exceção: "polícia para mim também é

corrupta". A instabilidade era crônica. Fazia-se necessário um princípio ordenador.

"(...) O que a gente precisa é de um poder constante, durável. Não adianta chegar um poderoso e fazer uma coisa maravilhosa no país e de repente... é a mesma coisa que construir um castelo na areia. Construir um maravilhoso castelo em cima de areia movediça, mole, de água".

Os caminhos dos pensamentos de Cícero revelam preocupações de ordem local convivendo com outras de alcance planetário. O ponto de partida são as relações interpessoais. Entendê-las implica buscar liames por todo lado, do micro ao macro, no tempo e no espaço, do bairro ao mundo. A referência à Moóca não é mais que uma maneira de exemplificar o seu diagnóstico: ali chegam reflexos de um processo que atinge todo o país. A desagregação social perpassa as mais diversas camadas da vida, e é a partir dela que Cícero faz suas opções, constrói suas utopias. No final desta conversa gravada, perguntei a respeito de sua situação atual.

"Para terminar, você acha que tem um nível de vida melhor que o de seus pais atualmente?"

"Nível de vida? Não sei. O que você quer dizer por nível de vida?"

"O que você entende por nível de vida. De acordo com tudo aquilo que você falou logo no começo: vizinhança, cultura, ... necessidades básicas."

"Eu vou entrar num conceito que é pouco falado. O conceito de individualidade. O conceito de individualidade quando ele é falado, ele é falado de forma egoística, forma sempre pejorativa. Mas se eu

dissesse que - eu já ouvi falar e já li muito a respeito - que a individualidade pode salvar uma coisa que está doente, uma massa doente. De repente um líder é uma figura individual e sobe sozinho; se ele não fosse indivíduo ele estaria com a massa e todo mundo subiria, e no entanto, são sempre seres individuais que dão rumo à existência da humanidade, sempre se chega a uma pessoa que dá a palavra e esta palavra é seguida. O meu nível de vida, vamos dizer assim, eu tenho muito este conceito, o individual. Entendo por individual a minha consciência como ser humano, como ser individual que é um ser único... aliás sou filho único, isto me deixa com mais consciência de minha posição, eu acho que eu tenho um nível de vida muito privilegiado, muito bom".

Num mundo cada vez mais pulverizado, desumano e perigoso, Cícero encontra refúgio consigo mesmo. Sente-se privilegiado por isso. Ao olhos de seus pais, que nasceram e passaram boa parte de suas vidas em ambientes mais simples, esta atitude seria incompreensível.

"Porque os meus pais não são de São Paulo, eles não sabem o que é ser educado desde pequeno numa metrópole gigantesca e não sabem o que se passa na cabeça de uma criança quando milhões de informações são jogadas ao mesmo tempo. O processo deles sempre foi mais tranquilo, passo a passo, mais integrado, muito mais conciso, muito mais conservador. Existem os prós e os contras, eu vejo coisas nos meus pais... eu vejo eles como crianças às vezes, porque eu tomei consciência de coisas que eles nunca tomaram consciência".

Seu universo de bem-estar deriva da possibilidade de cultivar seus pensamentos e atividades: "no meu âmbito imediato, eu comigo mesmo sou feliz". Os poucos amigos que

tem atuam da mesma maneira, e a convivência entre eles se dá através da troca das experiências individuais:

"(...) os nossos encontros se dão muitas vezes em casa, ou na minha casa, ou na casa de alguém. Porque a casa da gente é o lugar propício para a gente criar o ambiente que a gente quer, que é falar, conversar, ouvir uma música. Ter os paralelos, uma limonada, um chá, uma bebida e basicamente conversar. Nosso relacionamento de amigos é basicamente humano. A gente não precisa de caiaque para se curtir, a gente se curte assim na humanidade que nós somos mesmo, no nosso pensamento. As minhas amizades são assim bastante... eu não vou dizer que são intelectuais, mas são assim bem voltadas para o pensamento, as pessoas pensam bastante e são bastante criativas. E nisto já dá para divertir bastante".

De uma maneira geral, tudo que lhe é mais próximo e familiar o tranquiliza: seus pais, sua casa, seus colegas. Para além destas fronteiras, dominam as preocupações, a indiferença, o ritmo frenético, o caos.

"É lógico que eu não sou só fechado neste meu universo, eu tenho vontade e me preocupo de forma mais abrangente, aí eu sou infeliz de ver a sociedade assim".

Estas preocupações sociais, no entanto, eram abordadas através do prisma individual, psicológico. Era esta a maneira de tornar significativo o contexto desordenado. Mais que as determinações de ordem mais ampla, importavam as singularidades, os indivíduos e suas histórias. No caso de Cícero não se trata de ignorar os problemas estruturais; muito ao contrário: é justamente por causa deles - mais

especificamente, é por causa de um de seus efeitos mais perversos, qual seja, a desagregação social – que se tornou necessário individualizar. Somente assim, pensa ele, podemos restabelecer vínculos autênticos.

E eu acredito muito no microcosmo. (...) Se você não pode ser feliz aí no mundo inteiro, você vai ser feliz no seu canto, alguma coisa você tem que construir. Eu me relaciono com as pessoas assim, eu procuro ignorar a situação social dela, mas vejo a situação individual dela. Uma pessoa que me pede esmola, eu procuro ignorar a coisa triste que é uma sociedade onde há mendigos, e procuro entender a situação individual dela, procuro ver as coisas mais fortes e humanas, como a força que ela tem de viver, a experiência por mais ínfima que seja dela".

*

O testemunho de Cícero é importante por vários motivos. Ele marca claramente continuidades e descontinuidades com os anteriores. A diferença mais evidente com relação à maioria das pessoas mais velhas do bairro é que a sociedade é tomada como um todo: as classes sociais estão sob as mesmas influências políticas e econômicas: todas vivenciam, cada uma a seu modo e possibilidades, a crise que se abate sobre o país. Os pobres são os mais prejudicados, não porque têm uma essência diferente, que os desqualifica para usufruir das benesses que a riqueza proporciona – como o quer Romão e muitos daqueles com quem conversei –, mas devido à má administração, à falta de planejamento, enfim, às injustiças sociais que são cometidas pelos poderosos. Assim pensa

Cícero.

Outra discrepância com relação à maioria dos relatos anteriores é que, ao refletir sobre a presença dos migrantes e dos pobres na cidade, Cícero os tem como vítimas do crescimento desordenado. Embora sua presença tenha contribuído para a perda definitiva dos laços comunitários - idéia muito comum entre os moradores da Moóca e bairros adjacentes -, eles são muito mais uma decorrência da crise do que a própria crise. (É importante salientar que, apesar dos outros informantes muitas vezes não dizerem explicitamente que os pobres de todo tipo, sobretudo os nordestinos, eram os agentes da decadência, uma coisa e outra era seguidamente confundidas). As suas imagens a respeito do presente, se conferem aos migrantes e pobres em geral um destaque especial, isto se deve a outros motivos. Para Cícero, eles seriam os mais atingidos pelas dificuldades dos tempos atuais. O "desespero econômico", como ele coloca, aliado à falta de educação formal e de cultura, os levaria a praticar todo tipo de crime. No entanto, a crise espalhava-se por outras camadas sociais, o que fazia de um grande número de pessoas - agora não apenas pobres e migrantes - bandidos em potencial. Pensar a respeito dos nordestinos, assim, equivalia a refletir não somente sobre a atual crise, mas também sobre as atitudes que grande parte da população, neste contexto, seria capaz de adotar.

E era justamente por causa da disseminação da crise atual que as ligações autênticas, a solidariedade, a identificação com o outro estavam se tornando cada vez mais raras. Causava espanto ao nosso entrevistado a indiferença das pessoas na rua, incapazes de se comoverem com os apuros alheios. Apesar de haver muita coisa em comum entre elas - o medo, a pressa e as dificuldades - isto só as separava mais ainda. Esta situação marcava os tempos atuais. Os lugares públicos, sobretudo as ruas e praças do centro da cidade, além de hostis, se tornaram meros caminhos de passagem.

Qual é o parâmetro desta avaliação? Cícero é claro a este respeito. Trata-se uma sociabilidade pautada sobre princípios comunitários, a partir dos quais os relacionamentos se baseiam num alto grau de envolvimento pessoal, coesão e estabilidade. Obviamente, não haveria como estabelecer uma sociedade inteira a partir destas premissas. No entanto, elas deveriam ser o ponto de partida - no seu caso determinavam a maneira pela qual definia e mantinha suas amizades.

Vemos então que a imagem que ele tem da boa sociedade se parece com aquelas que analisamos anteriormente. Afinal, ela se ergue sobre laços de confiança, estáveis e duradouros, mantidos entre pessoas altamente identificadas. O contexto atual, tanto na narrativa de Cícero quanto nas precedentes,

marca a antítese deste projeto. Os migrantes, apesar das diferentes maneiras pelas quais são entendidos, representam a desintegração da comunidade. Isto porque, além do medo, encarnam a pulverização social. Esta pulverização é tida ora como resultado da atmosfera de temor que os migrantes semeiam (como aparece nos relatos que os têm como invasores), ora como decorrência do processo de decadência social mais amplo.

As idéias de Cícero, no entanto, radicalizam alguns aspectos da comunidade idealizada pelos mais velhos. Sem a referência espacial, que obrigatoriamente aparecia nas construções da boa sociedade daqueles que se identificavam com o bairro - jovens do sexo masculino e pessoas em torno dos 50 anos -, seu esboço de comunidade é, antes de tudo, metafísico. Cabe às pessoas conhecerem-se; para tanto, vale a reflexão e o convívio com outros que compartilham desta mesma intenção; a harmonia se estabelece assim que cada experiência individual é transmitida para outra pessoa; um grupo se forma no momento em que vários indivíduos têm reflexões comuns - neste processo, há que se notar, o núcleo fundamental da organização social é filosófico. A exemplo do que aparece nos escritos de Heidegger, o auto-conhecimento, a intimidade, a autenticidade e a solidariedade calcada nestas noções consitituem formas superiores de existência no mundo⁹. A pulverização, a desordem e os perigos da sociedade

⁹ Ver Martin Heidegger, *Ser e tempo (parte II)*, Petrópolis, Vozes, 1985. Agradeço Gustavo Muller Ayrosa

encontram nesta atitude uma forma de resistência; o mesmo se dá com aquele que é considerado um dos maiores males dos tempos atuais: o isolamento.

Veremos adiante de que maneira suas idéias se aproximam e se distanciam daquelas de outros jovens.

*

Carmela e Bianca

Estudantes da Universidade São Judas (particular e localizada no bairro), estas duas jovens tinham, em outubro de 1989, por volta de vinte anos. Ambas eram nascidas e criadas na Moóca; seus pais eram descendentes de italianos, espanhóis e portugueses, e não só tinham nascido e crescido no bairro, como também trabalhavam nele: comerciantes e funcionários públicos. As duas famílias viviam em casas próprias e eram católicas praticantes.

A exemplo de Cícero, elas não eram tão apegadas ao bairro como o eram as pessoas de mais idade. Seus amigos, namorados, lojas e programas preferidos eram dos Jardins. A Moóca era, segundo elas, um dos muitos lugares "razoáveis" de São Paulo - não era, de forma alguma, o melhor. O adjetivo "médio" era o mais utilizado para caracterizá-lo -

por esta sugestão sugestão bibliográfica.

"os rapazes são legais médio", "é médio para se morar", "é médio para se fazer compras" etc.. Segundo elas, tratava-se de um bairro tipicamente "residencial, com pessoas mais tradicionais de classe média, média alta". Segundo Carmela, "tem aquela coisa de todo mundo conhecer todo mundo. Se você pega os outros bairros, tem aquela coisa de um vizinho praticamente não conhecer o outro".

Esta situação ultimamente vinha se transformando de maneira contraditória. A seus olhos, algumas regiões do bairro estavam se tornando mais elitizadas. Os prédios luxuosos que agora havia em torno do Clube Juventus estavam modificando a região. "Agora a classe alta também vem para a Moóca. Antigamente eram só de imigrantes italianos". Esta vinda de pessoas mais ricas, por um lado, teria enfraquecido as antigas e estáveis relações de vizinhança: "vizinhos que se conhecem, de repente vem uma pessoa da classe alta e já separa". Por outro lado, de acordo com Bianca, havia agora mais pessoas interessantes por perto. Estes novos habitantes seriam mais "esclarecidos", bem diferentes daqueles tradicionais das cercanias.

Outras mudanças estavam também ocorrendo. O problema da violência, embora algo disseminado por todo o país, atingia o bairro de modo claro. Carmela e Bianca tinham um repertório bastante grande de casos ocorridos na vizinhança mais próxima. Assaltos às residências aconteciam com

frequência. Os pobres e desocupados eram os culpados. "Sei lá, de repente uma pessoa não consegue emprego. Tem gente que já começa a roubar...". Trata-se, em alguns casos, de uma natureza íntima que os levaria a praticar estes delitos: em outros, situações de desespero seriam as causas: "tem outros que têm uma família para sustentar e às vezes num momento de fraqueza ele se pega nisso, sabe...".

Havia, porém, outros tipos de "bandidos". Eram jovens envolvidos com drogas, não só das camadas sociais mais baixas, mas também provenientes das classes médias. Na Moóca havia muitos deles: reuniam-se nas festas domingueiras do Clube Juventus, nos bares e boates, e sua presença era sempre marcada por muitas discussões e brigas. De acordo com a explicação delas, os assaltos na rua eram geralmente praticados por este tipo de "marginal".

Com estas caracterizações, elas construíam uma classificação dos tipos de crimes que, de acordo com Bianca, definia o seguinte:

"Geralmente, eu acho assim, assalto a residência é classe baixa, que rouba tudo. Aí sim. Mas assalto a pessoas, é quando tão fora de si, aí sim tem droga envolvida. Porque esses não tão muito preocupados em levar muito... eles só querem umas coisinhas".

Dé qualquer modo, a segurança era um problema sério. No bairro existia o agravante representado pela proximidade de

diferentes classes sociais. Havia a parcela mais rica, que se instalava ao redor do Juventus e que atraía a atenção dos ladrões, os pobres, espalhados pelo bairro mas concentrados principalmente na favela da Vila Prudente, e as famílias tradicionais de classe média, entre as quais viviam alguns assaltantes e viciados em drogas. O quadro era complexo. Entre a valorização de certas áreas e a decadência de outras, a Moóca exigia alguns cuidados. Para elas, isto ficava nítido quando a comparavam com outros pedaços da cidade. "A gente ficar conversando no carro aqui na Moóca é mais difícil. Agora, lá nos Jardins, a gente já fica com o pessoal, sabe, porque é bem mais movimentado à noite".

O movimento ao qual elas se referem é de um tipo bem particular. Trata-se, basicamente, de pessoas das classes sociais mais ricas, que circulam numa região da zona sul da cidade onde ficam os bares, as boates e os seus cinemas preferidos. "É classe alta que mora lá. Só tem condições de morar lá quem é classe alta, porque os apartamentos são caros. Então são filhinhos de papai, mais convencidos. Mas depende, isso vai muito da pessoa". Apesar desta concentração de pessoas ricas constituir um atrativo para os ladrões, elas se sentiam mais seguras em sua companhia. (As vezes percebiam-se diminuídas por elas, mas isto não importava tanto).

Carmela expressou estas idéias ao falar sobre a situação do

bairro e do lugar onde gostaria de morar:

"A gente mora em sobrado, então não tem muita segurança e meu pai tava querendo mudar para apartamento. Aí no caso a gente sairia da Moóca. Eu tô querendo fazer a cabeça deles prá Vila Mariana - uma bairro legal, eu acho".

Vila Mariana, assim como Moema e Pinheiros, eram tidos como lugares mais homogêneos que a Moóca. Nas descrições que faziam deles, havia sempre a referência às classes sociais de seus moradores. Além disso, e embora tanto quanto difuso, este desejo de habitar o outro lado da cidade trazia embutido uma expectativa de ascensão social. De bairros, pessoas e ambientes "médios" elas já estavam saturadas - "enjoadas", diziam elas. A proximidade dos pobres, dos cortiços, das favelas e até de algumas famílias médias eram fatores depreciativos do lugar onde moravam.

O problema da segurança era visto como um fenômeno generalizado por toda a cidade. Além de estar associado ao crescimento da pobreza e do consumo de drogas, ele denunciava a incompetência das autoridades públicas. A onda de sequestros era a prova de seus argumentos. Não só a polícia, mas também a Prefeitura era responsável. A impunidade servia como incentivo. Faltava alguém de "pulso mais firme" no comando, capaz de instituir a pena de morte para sequestros e estupros seguidos de assassinato.

A gestão de Luíza Erundina era o exemplo da ineficácia. Não só a passagem de ônibus aumentava seguidamente, como também, e ao contrário do que fizera Jânio Quadros, os pobres haviam se instalado em lugares inadequados. De acordo com elas, o centro da cidade foi o mais afetado:

"Ela liberou os camelôs", indignava-se Bianca; "Você anda assim na Praça do Monumento, na 24 de Maio, tem até cabrito ali", completava Carmela.

*

É interessante notarmos que, da perspectiva destas moradoras do bairro, a onda de sequestros e a falta de segurança tinham aumentado na administração do Partido dos Trabalhadores: Luíza Erundina, a prefeita, carecia de autoridade, o que ficava nítido com a presença dos pobres na região central da cidade; enfim, a associação que é feita é entre insegurança e a presença concentrada de pobres. Faltava "pulso" para confiná-los em lugares adequados - como Jânio Quadros tentara fazer, lembravam-se -, coibir e castigar os crimes de maneira a desencorajar a sua repetição.

Ao refletirem a respeito da situação atual, elas organizavam suas idéias em torno das diferenças sociais. O bairro era considerado um lugar que estava passando por um processo de heterogeneização: aumentava o número de ricos, de pobres, e diminuía as famílias médias tradicionais. As cenas tinham

se tornado mais complexas, menos solidárias e mais perigosas. Os lugares ideais da cidade eram justamente aqueles que, de sua ótica, não eram tão atingidos por tais acontecimentos. Elas reconheciam que nesses bairros considerados nobres a possibilidade de assalto existia - talvez até mais do que na Moóca; no entanto, importava mais o fato de sua composição social ser mais homogênea. Claro: homogênea e rica.

Esta característica talvez explique a atração que elas têm pelo outro lado da cidade. A associação entre homogeneidade social e segurança é óbvia. Além disto, suas redes de sociabilidade estão concentradas nestes bairros da zona sul. Amizades e relacionamentos íntimos são estabelecidos de preferência longe de seu bairro de origem. Como Cícero, elas não fazem questão nenhuma da Moóca.

Outras jovens do bairro cujas famílias estavam por ali há muito tinham uma visão parecida. Havia uma expectativa bem difundida de ascender socialmente através, seja da formação universitária, do trabalho, seja do casamento. Na verdade estes caminhos estavam na maior parte dos casos todos inter-relacionados. O intuito principal, no entanto, consistia em mudar-se para outras partes da cidade. A ascensão social passava pelo deslocamento geográfico. Apesar de haver a percepção de que regiões da Moóca estavam se elitizando, outros locais, principalmente os da zona sul, eram

geralmente preferidos.

*

Jovens do sexo masculino

Algo diferente ocorria com os rapazes. Pelo menos entre os que conheci, pertencentes à parcela mais tradicional dos arredores, que tinham entre 18 e 25 anos e não pensavam em sair do bairro. A exemplo do que se passava com Bianca e Carmela, suas famílias estavam há muito por ali, e seus rendimentos vinham principalmente do comércio e indústria locais - muitos dos pais destas famílias eram empregados de longa data nestes setores; os pequenos comerciantes e industriais eram mais raros. Eles ocupavam pequenas casas próprias na mesma região que as nossas informantes, e não seria descabido dizer que alguns destes rapazes encaixavam-se perfeitamente na descrição que elas faziam dos jovens mooquenses. (Aliás, eles se referiam às "meninas da São Judas" de modo pejorativo e resumiam sua antipatia dizendo que elas só gostavam dos rapazes "de fora"). De uma maneira geral, eles tinham o secundário completo, não pretendiam fazer curso universitário, tinham alguma experiência de trabalho em escritórios e lojas, e estavam desempregados. Reclamavam da falta de dinheiro, problema que seus pais muitas vezes não tinham como resolver.

Eles gostavam do bairro. Suas amizades eram quase todas da região e os lugares de encontro preferidos estavam na Moóca. Havia um grupo deles que se reunia aos sábados para jogar vôlei: armavam a rede onde havia a quadra pintada no asfalto, fechavam as extremidades da rua e se divertiam a tarde toda. A isto se seguia um programa na boate local, onde não raramente arranjavam confusões e iam parar na delegacia. As brigas eram geralmente com gangues rivais vindas de outros bairros. As turmas do Tatuapé eram especialmente odiadas; as de Santana eram aturadas.

O conhecimento que tinham de outras partes da cidade era restrito. Algumas sessões de cinema e apresentações de grupos de rock esporádicas e nada mais. Os motivos não eram exclusivamente de ordem econômica: sentiam-se bem naqueles lugares do bairro que frequentavam de forma assídua. "Daqui eu não saio" era quase um lema. A ele se seguiam frases do tipo "Minha vó mora aqui há cinquenta anos, desde que ela nasceu". A região era familiar. "A gente conhece todo mundo, pessoal lá de baixo, lá de cima"; "o bom da Moóca é que o pessoal é todo unido"; "A gente se conhece pra caramba".

No entanto, algo de novo estava acontecendo. A violência aumentava. O perigo estava nos lugares onde circulavam pessoas de outros bairros, especialmente ao redor da estação do metrô. As escolas, lojas, fábricas e postos de saúde que havia na Moóca atraíam gente de toda a região, e isto fazia

com que a incidência de roubos e assaltos fosse maior.

*"Aqui também é um lugar violento,
dependendo da parte da Moóca, você é
assaltado em dois minutos".*

O resultado disso é que as áreas seguras estavam diminuindo. Vale dizer que o mapa mental do bairro sofria modificações: não era mais possível circular a esmo com se fazia.

*

Para estes rapazes o contexto atual é marcado sobretudo pelo desemprego - e a dependência financeira com relação aos seus pais -, e pelo aumento da violência no bairro e na cidade. Há mais bandidos por perto; são eles os responsáveis pelo encolhimento das regiões seguras da Moóca. É interessante notar que não há qualquer referência aos nordestinos, cortiçados ou favelados. Os agentes da desordem vêm de outros bairros - "pivetões" como são chamados. O termo se refere evidentemente às práticas conhecidas destes assaltantes e ladrões. Mas há uma outra dimensão que ajuda a entender a imagem que é feita a seu respeito.

A referência a um bairro coeso, formado por famílias que há muito se conhecem e se ajudam é uma constante. É a partir dela que a situação presente adquire suas tonalidades mais preocupantes. Os bandidos passam a agir e a desestabilizar estas redes de solidariedade. Seus alvos são pessoas

geralmente amigas, e isto termina espalhando temores para o restante da comunidade.

É claro que, por outro lado, este perigo que vem de fora reforça os laços de solidariedade. A imagem do bairro unido serve de anteparo aos perigos cada vez mais numerosos. Percebemos, assim, que a desordem atual captada por estes rapazes não é algo plenamente negativo. Se por um lado os força a redefinir as zonas seguras por onde podem circular - como gostam de dizer -, por outro reforça a idéia de uma grande família, ameaçada mas solidária.

A crise econômica é em grande parte feita significativa por eles segundo estes mesmos termos: o desemprego que os atinge evidencia a importância do respaldo familiar. Apesar de todos os inconvenientes que esta situação de dependência financeira gera, ela reforça as ligações com o ambiente doméstico e com a vizinhança.

Vemos que não há qualquer tipo de reflexão mais profunda a respeito da situação da cidade, como ocorre no relato de Cícero. As idéias destes jovens prescindem de grandes elocubrações sociais ou psicológicas para descrever o contexto em que vivem; suas imagens manipulam alguns elementos que são recorrentes e que, afinal, gravitam em torno da noção de comunidade. Família, vizinhança, solidariedade e permanência são fundamentais, assim como o

são as suas antíteses, os riscos a que estão expostos.

*

Fortunata¹⁰

Em setembro de 1989, quando a conheci por intermédio de uma freira, ela tinha por volta de 60 anos. Nascida na Moóca, filha de pai comerciante emigrado da Itália, esta mulher passou sua vida inteira nessas imediações. Há 6 anos mudara-se para um apartamento da região nobre do bairro. Seu marido era um corretor de imóveis que trabalhava por conta própria. Seu filho, dentista, casara-se há pouco, morava no prédio em frente e não raramente fazia suas refeições junto com seus pais.

Ao falar da Moóca - assunto para o qual marcamos a conversa -, Fortunata iniciou por aquilo que considerava o progresso: as casas, escolas, fábricas, hospitais, a universidade. A região onde morava, em particular, tinha progredido muito. "as casas mais bonitas eram na Paes de Barros, eram os palacetes. A rua era residencial, hoje é comercial". Há quinze anos, segundo ela, estas transformações tinham deslocado a região nobre do bairro para a área em volta do famoso clube: "A elite da Moóca hoje é o bairro novo, o

¹⁰ O registro que tenho da conversa foi feito por Teresa Caldeira, a quem acompanhei na ocasião. Fortunata não permitiu que o diálogo fosse gravado, de modo que as falas que se esquecem são aquelas que puderam ser transcritas na hora.

Juventus".

Tais mudanças, ao que parecia, não eram as que mais lhe causavam espécie. "O que estragou muito a Moóca foram as favelas. Aquela da Vila Prudente é uma cidade. Tem 50 e tantas mil pessoas!". A exemplo do que grande parte das pessoas da Moóca diziam, áreas daquele tipo marcavam os limites do bairro: perguntada a respeito da localização da favela, Fortunada respondeu que "a Vila Prudente é quase parte da Moóca, fica no fim da Paes de Barros". Pequenos detalhes fazem toda a diferença, e a sutileza da frase não é exceção à regra. Embora próxima, a favela não pertence às fronteiras do bairro. De qualquer modo, constitui uma vizinhança incômoda que, por algum motivo, prejudica o ambiente mais imediato.

Mais grave, porém, era a presença dos cortiços. Localizados dentro do bairro, ocupando antigos casarões, eles eram a maior causa de preocupações desta senhora que passou a vida toda nas imediações.

"Tem muito cortiço na Moóca desde que vieram gente do norte. Tem 300 cortiços, cada um tem 50 famílias só com 3 privadas - como é que se pode viver assim?! O que tá prejudicando é isso aí. é a pobreza. Tem classe média, classe rica, é uma diferença muito grande, a pobreza, dos nordestinos".

O número de moradias coletivas correspondia aos dados da Pastoral que dava assistência a esta população e para a qual

Fortunata contribuía regularmente. Isso não impedia, contudo, que ela condenasse esse estado de coisas. A indignação de Fortunata resultava da vinda em grande número dos migrantes para o bairro. As classes médias e ricas estavam sendo forçadas a viver próximas da pobreza. Segundo ela, a "diferença muito grande" que havia entre os pobres e os habitantes mais favorecidos constituía um mal.

A piora do bairro, a heterogeneização, o aparecimento de "diferenças muito grandes" eram todos efeitos de uma mesma causa: a chegada da "turma do norte".

"De uns 15 anos para cá a Moóca regrediu nesta parte. A Moóca teve muito progresso, mas regride pela população pobre".

Antes disso, não só o bairro como a cidade toda eram mais agradáveis, calmos. As ruas eram lugar de sociabilidade, que exigiam um certo rigor na apresentação:

"A gente saía de chapéu, os professores andavam de chapéu. Eu usava luva e chapéu. De 15 a 18 anos eu saía na rua de chapéu. A praça da Sé, a rua Direita, era uma finura. Hoje a gente não vai lá, não é possível, você sabe como é".

Há neste trecho associações curiosas. A década de 40 é tida como exemplo de harmonia. Época na qual a região central da cidade era ponto de encontro da alta sociedade. A decadência que acompanha a passagem dos anos chega ao seu ápice quando estes locais são tomados por camelôs, marreteiros, enfim, por pessoas que encarnam todo tipo de temor e repugnância.

Tudo se passa como se ela e aqueles de sua classe social se vissem privados do usufruto dos lugares públicos e, talvez mais grave, da ostentação que era ali realizada. A chegada dos migrantes não representava apenas a proximidade com os pobres e os temores que disso resultam; era também, afinal, uma espécie de aprisionamento, no qual certas áreas se tornam proibidas. A seus olhos, a cidade primeiro, e depois o bairro, foram sendo literalmente invadidos. A situação atual chegara a um limite: "Hoje não se pode nem sair de casa".

O processo chegava com toda força ali onde morava. "A pior coisa que existe na Moóca é que o povo fica com medo. É muito crime, é muito assalto". Quem eram estes criminosos? Não havia dúvida:

*"Pessoal que assalta é tudo nortista,
tudo gente favelada (...) Gente do
bairro e de fora do bairro".*

O perigo morava ao lado - há pelo menos 15 anos.

"Nortistas", "nordestinos", "maloqueiros", "ladrões", "marginais" e "criminosos" estavam agora por toda parte.

*"Eles empestiaram tudo, deviam voltar
tudo pra lá".*

A segurança tinha se tornado uma preocupação central para os moradores do bairro. Tanto que, segundo ela, as pessoas que pôdiam estavam deixando suas casas e procurando apartamentos, muitas vezes em outras regiões da cidade:

"População fina vai embora e os nordestinos vão chegando, nós vamos dando espaço prá eles".

No seu caso, isto ocorreu depois que foram assaltados. Ela e sua família moravam numa casa reformada, com piscina e churrasqueira - "não pra esnober, mas para dar conforto para a família" -, e bem protegida "com portão eletrônico, interfone, doberman". "Um dia, às 7 horas da manhã, meu marido foi na garagem, um cara pulou sobre ele, tampou a sua cara e deu uma punhalada no coração dele. Depois desse dia, meu marido nunca mais teve saúde, é cardíaco". Os assaltantes levaram todas suas jóias e fugiram ao verem os cachorros que Fortunata conseguiu soltar do canil.

Os ladrões, apesar de terem "cara boa", eram de origem certa. "Um era baixinho, moreninho, você vê que era do norte. O outro tinha cara branca, mas sempre nortista, devia ser do Ceará".

Seu caso particular na verdade ilustrava um risco que tinha se abatido, não apenas no bairro, mas sobre toda a cidade. No que diz respeito ao nível local, o quadro era o seguinte: "Lá no Juventus tem casas lindíssimas, mas tudo de grade. Nas ruas têm guardas com guaritas... Na Moóca, aqui fica todo mundo trancado,

o ladrão fica pra fora e a gente tudo trancado".

O mesmo se dava em outros lugares: "Não é só a Moóca, é São

Paulo todo". Os assaltos multiplicavam-se e, cada vez mais, a tranquilidade só tinha lugar nas recordações.

"Antes era maravilhoso, as crianças ficavam nas ruas, o povo ficava nas portas conversando, existia mais amizade, as pessoas se visitavam. Hoje vive-se com medo na Moóca. Hoje, perguntando na rua, cada um tem uma história pra contar, se não foi assaltado, tiraram a corrente, o anel, a carteira".

A perda das relações comunitárias é concomitante ao aparecimento das favelas, cortiços e de seus moradores.

"Agora as pessoas só se encontram em enterro. Círculo de amizades, de conterrâneo, de patricio está se desfazendo, vai se distanciando a amizade devido ao medo de sair à noite. (...) E os carros? O que tem de roubo de carro!"

A desintegração das redes de relações sociais ocorria devido aos temores que eram associados às ruas e à noite - espaços e horários tidos como propícios às ações dos bandidos. A chegada dos migrantes e a multiplicação dos cortiços e favelas havia transformado o ambiente calmo e amigável do bairro em uma terra de ninguém, dominada por uma população alienígena e perigosa.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Romão e de grande parte das pessoas de sua idade e condição social, Fortunata achava que estes migrantes, e os pobres de uma maneira geral, pertenciam a outro tipo de natureza - natureza esta que era completamente incompatível com os princípios da boa

sociedade.

"Pobre é pobre. Quando não pode comprar as coisa que precisa, assalta. É falta de cultura também".

Esta "falta de cultura" não é algo que pode ser compensado facilmente. Faz parte de uma maneira de conceber o mundo que não considera os bons costumes e o trabalho. Era bem difundida a idéia de que os ladrões eram pessoas preguiçosas, inaptas para a vida honesta.

"Pior é favela. Bandido tá dentro de favela. Eles recebem pouco, mas se você entrar dentro de uma favela, vê um monte de televisão, vídeo, som, de onde é? Tudo roubado...".

Talvez por esta natureza distinta, Fortunata e boa parte dos moradores do bairro, segundo ela, são favoráveis à pena de morte: "não teria tanta criança na rua, que mãe coloca filho na rua sem pensar, por pobreza, ou por sem-vergonhice". E mais adiante, retomando o tema: "Eu sei que a Igreja condena a pena de morte, mas a meu ver tem que ter um castigo para uma pessoa que comete erro. Por exemplo, uma pessoa que está com 200, 300 anos de pena, ela vai ter tantos anos de vida? Caso tivesse pena de morte, outra pessoa não faria o mesmo".

O contexto atual suscitava uma série de inconvenientes cuja eliminação passava basicamente pelo reestabelecimento da ordem, vale dizer, por um governo capaz de controlar o influxo dos migrantes. Era necessário combater as causas principais - senão as únicas - de todos estes males. Os

nordestinos deveriam ser contidos pela administração pública.

"Eles empestiaram tudo, devia voltar tudo pra lá. O governo devia dar casas pra eles".

Por trás dos deveres aparentemente humanitários do governo - "dar casas para eles" -, jaz uma tarefa mais importante, esta sim fundamental para o bem estar dos "cidadãos". Era necessário manter os pobres em seus lugares de origem, "fechar a exportação", como dizia Fortunata. Só assim para ter novamente uma vida calma, sem riscos e, conseqüentemente, poder cultivar as amizades, andar nas ruas sossegadamente, enfim, usufruir as compensações que o trabalho e o esforço proporcionavam. Segundo a visão de Fortunata, ela e as pessoas de sua classe social estavam engaioladas: dentro de casas fortemente protegidas ou apartamentos mais seguros e certamente menos confortáveis, privadas da convivência com os amigos e da circulação pela cidade.

*

Ao falar e refletir sobre a situação atual, nossa informante capta mudanças dramáticas em sua vida. A passagem do tempo traz para a cidade um grande número de migrantes; no bairro e alhures eles desencadeiam uma série de fatos que terminam por desestabilizar o cotidiano de pessoas como ela,

acostumadas à convivência com os amigos, a um bairro calmo e conhecido, em resumo, a um tipo de organização social isenta de "diferenças muito grandes", como insistia Fortunata. A referência aos princípios comunitários aqui é clara.

Poderíamos dizer a ela que "diferenças" sempre houveram e que permanecem até hoje: ela mesma, em diversas passagens, descreve regiões no bairro mais elitizadas, ocupadas por casas e apartamentos luxuosos, bem diferentes da maioria das habitações da região. No entanto, algo é evidente: as "diferenças" importam quando as distâncias sociais são medidas para baixo, e não para cima. Não causa mal algum e não constitui uma ameaça à integridade social dos nativos a valorização de algumas áreas por perto; muito pelo contrário - prédios luxuosos e mansões comparáveis às melhores da cidade fazem parte do "progresso" do bairro. Espanto, desgosto e medo causam os pobres recém-chegados. São eles o motivo da heterogeneização social dos arredores. Com sua aversão ao trabalho, sua propensão à procriação e ao crime, eles desintegram redes de relações e os espaços nos quais elas se davam.

As várias menções ao "empestiamento", neste sentido, são tentativas de dramatizar os processos de desordem. Podemos notar que, além do medo, a situação causa revolta. É como se pessoas que trabalharam a vida inteira em busca de algum conforto se vissem, subitamente, privadas da fruição da

riqueza acumulada com muitas dificuldades ao longo dos anos. Mais do que isso, é a possibilidade da distinção que está ameaçada. As "diferenças muito grandes" e a insegurança que as acompanham impedem a explicitação integral dos símbolos de diferenciação social. Fortunata percebe restrições à exibição de *status*.

*"não dá para ter o privilégio de possuir
o sacrifício que você fez".*

Os prédios de apartamentos simbolizam de várias maneiras estes inconvenientes: além de serem geralmente menores que as casas, inviabilizando piscinas e churrasqueiras privativas, eles submetem seus moradores a certas regras de convivência e segurança. Há, por exemplo, vigias 24 horas por dia lembrando as pessoas que o perigo está espreitando. No caso de Fortunata, isto é assimilado como diminuição da liberdade, da ostentação, e muitas vezes, por isso mesmo, a faz lamentar a venda de sua casa. De qualquer maneira, a opção prevalece: nada é pior que a vulnerabilidade às vontades perversas dos bandidos.

A "peste", no entanto, é um mal que deve ser combatido. Marca a situação presente a falta de princípios ordenadores, encarnados numa autoridade pública. O caos a que chegou a cidade só pode ser solucionado com medidas enérgicas. "Se eu pudesse, eu tirava a prefeita, punha um homem mais ditador". Fortunata referia-se à Luiza Erundina e a associava à multiplicação dos nordestinos e dos problemas que vinham com

eles. O prefeito ideal é "um homem mais durão, um homem mais homem, mais ditador".

Foi visto que a instauração da pena de morte é outro passo fundamental para a erradicação da intranquilidade e do crime. Juntamente com uma política que proibisse a migração de nordestinos para São Paulo, estas medidas atingiriam o centro nervoso da crise atual.

É interessante notar que a descrição que Fortunata constrói da crise prescinde de argumentos de ordem econômica. Este período recente de sua vida é marcado muito mais pela experiência traumática do assalto do que pelas altas sucessivas de preços. Sua perspectiva, assim, se por um lado passa ao largo de problemas de ordem mais geral - aumento do custo de vida, da pobreza, desemprego, etc. -, por outro realça parâmetros de ordem os quais, poderíamos dizer, organizam o ponto de vista nativo. A aversão à convivência próxima com a pobreza, redes de relações densas e estáveis, o trabalho, a propriedade e a harmonia familiar - estes são os parâmetros básicos que organizam seu olhar. Assim como boa parte daqueles que têm perfis semelhantes ao seu, ela considera os princípios comunitários a base da boa sociedade. Os migrantes encarnam a sua antítese e, por isso, são os principais alvos das retaliações daqueles que vêem seu projeto de vida sucumbir à força da passagem dos tempos.

*

O contexto atual, a desordem e os intrusos

Estes relatos e as representações neles contidas não podem ser considerados exclusivamente acontecimentos pessoais. Sua complexidade e riqueza provêm do fato de serem percepções sociais filtradas através das experiências individuais¹¹. Mesmo a narrativa de Cícero, um contraponto óbvio com relação às demais, opera através de elementos comuns principalmente às jovens do sexo feminino, qual seja, a não coincidência entre os limites das redes de relações e as fronteiras do bairro; além disto, a preocupação com determinações sociais, a partir das quais o contexto atual é pensado, também é relevante para outras pessoas.

Enquanto percepções sociais, estas narrativas estão inseridas em uma situação mais ampla. Ao longo dos capítulos vimos esquematicamente alguns traços desta situação: dados históricos, demográficos e econômicos. Eles representam fatos que interferem inevitavelmente nas percepções construídas a respeito do quadro atual. Tais percepções são maneiras através das quais seus formuladores se colocam diante do mundo; em assim fazendo, estas pessoas também

¹¹ A este respeito, ver Jean-Paul Sartre, *Questão de Método*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967; George Marcus, "Past, present and emergent identities: requirements for ethnographies of late twentieth century modernity worldwide", mimeo, 1989; Center for Contemporary Cultural Studies, *Making Histories - studies in history - writing and politics*, Birmingham, Hutchinson & Co. Ltd., 1982; Marshall Sahlins, *Ilhas de história*, São Paulo, Zahar, 1990.

reforçam seu vínculo a determinadas coletividades, reais ou imaginadas. Deste modo, ainda, ficam marcadas as distâncias com relação a parcelas da sociedade que, por um motivo ou por outro, são tidas como alteridades.

Num contexto de crise econômica, aumento da violência (cujos dados aparecem no capítulo 6), e no nível local caracterizado por um adensamento demográfico, multiplicação de cortiços e favelas, percebemos que, nos relatos de nossos informantes a esse respeito, há alguns temas recorrentes. É possível dizer que ao redor destes temas giram as impressões a respeito do presente. A seguir, farei uma breve análise de como um destes temas - a proximidade com os marginais, bandidos ou pobres - é abordado, buscando convergências e discrepâncias entre as imagens. A idéia é extrair algum sentido entre suas várias camadas.

Início reafirmando o que foi dito de maneira pontuada ao longo deste texto: há em todos os relatos analisados uma noção mais ou menos clara da comunidade. Com ou sem base geográfica, o fato é que nossos informantes constroem a idéia da boa sociedade - e dela avaliam o passado e o presente - a partir dos seguintes elementos: alto grau de envolvimento pessoal, emocional, coesão e continuidade através do tempo. É preciso deixar claro que o fato de construirem suas visões de mundo sobre estas bases não os impede de maneira alguma de pensar, inserir-se e participar

de uma realidade que extrapola e muitas vezes nega completamente suas premissas. Pelo contrário: vimos como, apesar de todos os problemas que estas pessoas constataam ao seu redor, elas mesmo assim vivenciam intensamente as transformações e tentam adaptar-se a elas. Isto algumas vezes significa lamentar-se; muitas vezes, porém, implica manter, criar ou reconstruir um tipo de sociabilidade que se julga estar em perigo ou já extinta.

Decorre diretamente destes parâmetros comunitários que a crise presente, por mais ou menos elaboradas que sejam as representações a seu respeito, implicam a presença de acontecimentos que dificultam a manutenção ou construção da boa sociedade. Os "migrantes", os pobres, os "nordestinos", os "vagabundos" e os "bandidos" são, antes de mais nada, indivíduos extra-comunitários. A sua proximidade é sinal, seja de perigo (porque eles seriam dotados de uma natureza que os predisporia a toda sorte de transgressões), seja de má administração (que não exclui sempre os perigos iminentes e que revela desleixo das autoridades públicas no trato da questão), ou de ambos. De qualquer maneira, existe a ameaça que vem de fora; o caos atual, com ou sem raízes que vão além do nível local (e que muitas vezes vão), com suas múltiplas facetas, inclusive as contraditórias, ganha uma forma simbólica e concreta muito eficaz para dar conta do que se passa. A desordem se instala com os recém-chegados.

"Estrangeiros", "nordestinos" e "baianos": além de todas as qualidades pejorativas que são associadas a cada um destes nomes, há um elemento comum de significação que denuncia as premissas de quem os utiliza. Trata-se da origem longínqua. Vimos no começo deste capítulo que não há qualquer ligação causal entre o auge da migração para a cidade de São Paulo e o aumento da densidade demográfica da região que compreende a Moóca; muito menos é possível afirmar que parte considerável dos cortiçados e favelados da área sejam migrantes. O sentido destes nomes, assim, é muito mais ideológico: mascara o fato destas famílias carentes serem de São Paulo ou estarem aqui há mais tempo do que é atribuído à duração da crise, serem excluídas da participação na riqueza produzida, e ressalta para nós, finalmente, o caráter de tais representações -; qual seja, diferenças muito acentuadas impedem a participação de seus portadores na boa sociedade: diferenças sociais, étnicas ou culturais. Em cada um dos relatos percebemos como são aproximados os sentidos das palavras "desordem" e "diferença". A harmonia é estabelecida basicamente entre pessoas ou famílias que se conhecem há muito ou que compartilham intensamente uma série de normas e valores - é nestas situações também, vale frisar, que as práticas de distinção podem ocorrer sem muitos transtornos: a estética da segurança que aparece nas grades é apenas uma das várias maneiras de diferenciação que fazem parte de um repertório muito maior e que, nestas condições de incerteza, fica reprimido. A instabilidade

aparece justamente quando este equilíbrio é rompido pelo surgimento das diferenças tidas como irreconciliáveis.

Este, porém, é apenas um dos muitos níveis em que operam as representações a respeito das diferenças. Ao pensarmos nas oscilações do custo de vida e em todos os tipos de privações que elas implicam, no aumento da violência urbana e na multiplicação do número de pobres que passam a habitar regiões da cidade até há pouco tempo relativamente homogêneas, percebemos que os indivíduos tidos como perigosos por algum motivo encarnam com facilidade toda esta gama de fatos. Afinal, trata-se de um desequilíbrio com relação ao esperado - ou seja, com relação às imagens de uma sociedade homogênea e próspera -, que pode ser facilmente associado à presença dos indivíduos extra-comunitários. Eles estariam, senão no centro, ao menos bem evidenciados no meio destes acontecimentos, seja enquanto traço característico de uma época de crise econômica, desleixo administrativo e desorganização das instituições, seja enquanto ameaça real, encarnando bandidos de todo tipo.

A constelação de acontecimentos com os quais se defrontam estes moradores do bairro, além de ser muitas vezes feita significativa através de reflexões em torno das diferenças dos tipos os mais variados, é também frequentemente traduzida em termos de dificuldades em manter a sociabilidade. Os encontros com amigos estão rareando: senão

em número, pelo menos em intensidade. Vimos alguns dos motivos alegados, entre eles o ritmo mais intenso do cotidiano, as dificuldades financeiras e, não menos importante, o medo que é associado a alguns lugares públicos e horários. Entre as pessoas que tinham em torno de 50 anos, a referência aos migrantes é explícita: são eles uns dos principais responsáveis pela diminuição dos contatos e do temor que se tem de circular pelas ruas principalmente à noite. Juntamente com as alegadas dificuldades em estacionar ou se locomover pela cidade, os preços elevados dos restaurantes, cinemas e espetáculos, todos estes fatos vão transformando a maneira pela qual a vida social é praticada. As reuniões são feitas de preferência em casa e com poucas pessoas, sem muitos gastos e riscos. É claro que podemos nos perguntar se isto de fato constitui algo de novo ou se é mais uma maneira de expressar, nem tanto a diminuição das redés de relações, mas principalmente as dificuldades econômicas, a falta de segurança e a presença mais acentuada dos pobres, na cidade e no bairro. Seja como for, a restrição da sociabilidade é uma maneira de dar conta de todos estes aspectos; factual ou não, indica que há uma percepção generalizada de mudanças no comportamento das pessoas, e que tais mudanças são próprias dos tempos mais recentes.

Para aqueles moradores mais antigos do bairro as transformações são talvez mais intensas: vimos nos capítulos

anteriores que a sua idéia de comunidade repousa também sobre o território. A história do bairro e da região teria contribuído para este apego: afinal, eles deixam de ser arrabaldes distantes da cidade somente na década de 1940: até então havia muitas dificuldades para ir até o centro e a vida de seus habitantes ficava quase restrita aos seus arredores. Depois desta época, e principalmente com a abertura de novas avenidas, linhas de ônibus e do metrô, podemos imaginar que pouco restou do antigo isolado. No entanto, permanece o mito da comunidade, do qual geralmente não é dissociada a idéia de uma unidade também territorial. Falar a respeito da situação presente, para estas pessoas que articulam muito de suas idéias a partir de narrativas deste tipo, implica portanto falar também da desintegração territorial da comunidade. A deterioração das áreas ocupadas pelos cortiços e favelas e o medo de andar pelas ruas antes pacatas: estas também são maneira de falar a respeito do presente e dos entraves à boa convivência.

Entre os mais jovens, e principalmente entre os de sexo feminino, esta relação com o espaço é menos marcada. São mais significativas as transformações na composição social da cidade e do bairro: a heterogeneização e o adensamento demográfico, principalmente relativos aos pobres, são vistos como um estorvo à sociabilidade adequada. Diferenças muito acentuadas são sinônimo de desordem, e deste modo trazem perigos e desestabilizam as relações sociais.

O presente, de uma maneira geral, é marcado por uma tendência crescente de isolamento entre as pessoas. As novas práticas de sociabilidade são maneiras, seja de reverter o processo, seja de se adequar a ele. Proteção e seleção social são indispensáveis - interiores de casas, *shopping centers*, clubes, enfim, locais considerados bem guardados e bem frequentados. As diferenças demasiadamente acentuadas (as "diferenças muito grandes) e próximas não são vistas com bons olhos. A idéia de que "os nordestinos empestiaram a Moóca", além de explicitar isto, se desdobra numa série de atitudes e pensamentos que se deparam com um contexto marcado sobretudo pela instabilidade. Não é apenas a instabilidade econômica e institucional; é também a instabilidade causada pelos (ou que é associada aos) indivíduos estranhos às concepções da sociedade ideal daqueles que se vêem ameaçados. A passagem do tempo e suas transformações não trazem somente aspectos negativos: muitas narrativas citam melhorias urbanas, facilidades de locomoção, avanços tecnológicos e políticos. Todavia, as contradições parecem não resistir às evidências da crise e às suas múltiplas manifestações. Se esperanças há, elas parecem seguir parâmetros que, se por um lado captam, classificam e dão sentido à desordem atual, por outro apontam algumas soluções mais radicais.

Vimos nestes dois últimos capítulos de que maneira o diagnóstico a respeito do passado e do presente leva seus elaboradores a certas práticas sociais que, em meio a um contexto instável, funcionariam pelo menos como medidas compensatórias. No capítulo seguinte, pretendo analisar de que maneira estas narrativas do passado e do presente se cristalizam quando se trata de pensar no futuro. Para tanto, concentrarei minhas atenções nas imagens que são feitas de alguns políticos.

Capítulo 5

Os políticos e a ordem futura

*"As classes médias e a 'intelligentsia' são centrais para a democracia e a consolidação democrática. E, dependendo de sua posição na política, elas podem constituir-se no bastião mais importante para a consolidação democrática ou no risco mais sério para sua implosão"*¹.

As idéias a respeito do passado e dos tempos atuais que analisamos trazem, ao menos de modo implícito, caminhos que deveriam ser tomados a fim de serem solucionados os problemas captados. Muitos destes caminhos têm como ponto de partida o restabelecimento de uma administração pública competente, capaz de ordenar a sociedade segundo os parâmetros adequados. Veremos a seguir de que maneira estes parâmetros se concatenam em torno da imagem do político. Vale dizer que procederei o estudo das representações e ações destas pessoas através de uma tentativa de compreender os sentidos que emergem das suas idéias a respeito do futuro. Os tempos vindouros, dizem eles, dependem muito dos rumos imprimidos pelos homens públicos.

¹ Francisco de Oliveira, "Medusa ou as classes médias e a consolidação democrática" in Fábio Wanderley Reis & Guillermo O'Donnell (org.), *A democracia no Brasil: dilemas e perspectivas*, São Paulo, Vértice, 1988.

A fim de ampliar a contextualização destas imagens dos políticos e do futuro, farei inicialmente um breve mapeamento de dados eleitorais do bairro da Moóca e da região, sobretudo durante a década de 1980. Com isto, e mais as informações espalhadas nos demais capítulos, poderemos intensificar nosso exercício de familiarização e estranhamento com relação a estas pessoas. Quando falam do passado e do presente, quando projetam a sociedade ideal, de várias maneiras, distintas e semelhantes entre si, elas externam de modo o mais vívido possível a vontade de intervir nos rumos das transformações.

O voto é um dos canais institucionalizados para tanto. A ação, contudo, de modo algum se esgota no preenchimento da cédula. Há todo um processo de elaboração de imagens da realidade que, de um modo ou de outro, alcança o ato derradeiro na urna. Neste processo de elaboração de imagens, ao mesmo tempo retrospectivo e prospectivo, explicitam-se não somente o caráter da sociedade que é almejada, mas também a maneira pela qual ela deve ser conduzida. Podemos dizer que é no complexo simbólico que gravita em torno da imagem do político onde ocorre, talvez de modo mais claro, a passagem das normas à prática: as narrativas a este respeito são menos contemplativas e mais incisivas - é de soluções que elas falam.

A Moóca e seu histórico eleitoral: base geográfica da direita

Mapear os números eleitorais da Moóca e de seu entorno implica, sobretudo, acompanhar uma característica de um grupo de bairros paulistanos que não deixa de ser surpreendente: não só durante a década de 80, mas pelo menos desde o início dos anos 50 os candidatos de direita obtêm entre eles, sistematicamente, seus maiores índices de aceitação na cidade. A despeito de todos os tipos de transformações que incidiram sobre São Paulo, que modificaram a fisionomia social destes lugares, eles permanecem como bases geográficas dos políticos conservadores ao longo de todo esse tempo. Vejamos a situação mais de perto.

A trajetória política de Jânio Quadros é significativa a este respeito. Podemos dizer que se trata de um político cujo apoio principal modifica-se com o passar dos anos. A análise dos dados eleitorais mostra que "sua base social desloca-se ao longo do tempo dos setores populares para as classes médias"². O curioso é que, apesar disto, os lugares onde ele obtêm seus maiores índices de aceitação permanecem inalterados. Assim, "(...) é possível constatar que a

² Maria Teresa Sadek S. de Souza, "A trajetória de Jânio Quadros" in Bolivar Lamounier (org.) *O voto em São Paulo*, São Paulo, Idesp, 1985, p. 75, citada por Antônio Flávio Pierucci, "A direita mora do outro lado da cidade" in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 10, vol. 4, junho de 1989, p. 48.

distribuição espacial dos votos de Jânio Quadros é praticamente a mesma desde os anos 50"³.

E onde está, afinal, esta base geográfica? Em 1953, os maiores percentuais de Jânio Quadros foram registrados nos distritos administrativos da Moóca, Alto da Moóca, Belém, Tatuapé e Vila Prudente; Vila Maria, Vila Guilherme e Tucuruvi. Estes distritos situam-se nas zonas Leste e Norte mais próximas ao centro, e neles continuarão a ser registradas estas características até 1962⁴.

Em 1985, nas eleições para a prefeitura do Município de São Paulo, e apesar de algumas novas áreas, o reduto geográfico de Jânio continua praticamente inalterado e se concentra nestas mesmas zonas Norte e Leste próximas. A tabela abaixo ilustra o seu desempenho por Zona geográfica e Areas Homogêneas.

"Em suas recorrentes indicações, os resultados por distritos eleitorais e subdistritos administrativos, zonas geográficas e áreas homogêneas mostram que, no tocante ao janismo, na cidade de São Paulo, independentemente de alterações outras de qualquer ordem - urbanísticas, demográficas, sócio-econômicas -, o que tem ocorrido é a permanência e o enraizamento de adesões em certos bolsões geográficos"⁵.

³ Antônio Flávio Pierucci, *idem*, *ibidem*.

⁴ *idem*, *ibidem*.

⁵ Antônio Flávio Pierucci, *op. cit.*, p. 48.

Tabela 9 - As 20 maiores votações de Jânio Quadros em 1985 para a prefeitura do Município de São Paulo.

Distrito Eleitoral	Distrito ou Subdistrito Administrativo	Votos %	Zona Geograf.	A.H.
Vila Maria	Vila Maria	50,6	Norte	4
Tatuapé	Tatuapé	46,8	Leste	3
Vila Palmeira	Casa Verde	45,7	Norte	3
Tucuruvi	Tucuruvi	45,1	Norte	4
Vila Medeiros	Tucuruvi	45,0	Norte	4
Moóca	Moóca	44,8	Leste	2
Pari	Pari	44,6	Centro	2
Penha de França	Penha de França	44,6	Leste	3
Alto da Moóca	Alto da Moóca	44,3	Leste	3
Cidade Mãe do Céu	Tatuapé	44,3	Leste	3
Pedra Branca	Tucuruvi	44,3	Norte	4
Vila Carrão	Tatuapé	44,1	Leste	3
Belém	Belenzinho	44,0	Leste	2
Vila Prudente	Vila Prudente	43,9	Leste	3
Vila Mazzei	Tucuruvi	43,5	Norte	4
Brás	Brás	43,4	Centro	2
Vila Guilherme	Vila Guilherme	43,4	Norte	3
Vila Formosa	Vila Formosa	43,2	Norte	4
Vila Sabrina	Tucuruvi	43,2	Norte	4
Vila Ede	Tucuruvi	42,9	Norte	4

Fonte: Antônio Flávio Pierucci, "A direita mora do outro lado da cidade", op. cit., p. 49.

Nestes bolsões geográficos concentram-se basicamente setores intermediários da população paulistana. De acordo com Pierucci, esta caracterização sociológica deriva de três motivos principais: em primeiro lugar, "são estratos intermediários entre a base e o topo da sociedade", em segundo lugar, "vivem em bairros intermediários entre o centro e a periferia", e finalmente, exercem "muitas vezes suas atividades econômicas nos setores de intermediação (pequeno comércio e serviços)"⁶.

⁶ *idem*, p. 51.

É importante acrescentar que a votação de Jânio é melhor entre os mais velhos e os menos instruídos que pertencem a estes estratos intermediários de São Paulo⁷. Tais características, juntamente com o fato destas parcelas estarem concentradas em áreas geográficas específicas, nos faz refletir a respeito de uma visão de mundo que opera em meio a elas. Estas camadas médias

*"têm nessas referências sócio-espaciais algo que peculiariza seu 'status' social no conjunto da cidade, que marca seus modos e hábitos, seu estilo de vida, suas ilusões e frustrações a respeito de si mesmas, a percepção de seu passado e as aspirações quanto ao futuro de seus filhos e filhas; e, conforme se pode ver com base nos dados eleitorais, seu comportamento político e sua força eleitoral"*⁸.

De uma perspectiva generalizante, podemos afirmar que, de fato, as referências sócio-espaciais são importantes no entendimento das representações e práticas das pessoas que habitam as áreas da cidade em questão. Vimos no caso específico da Moóca que o apego ao bairro, as percepções de seu progresso e decadência, tudo isso se plasma em diagnósticos da realidade diversos e complexos. Contudo, também percebemos que as referências espaciais e sociais são algumas entre muitas outras referências. O custo de vida, o adensamento demográfico, a crise institucional e o aumento da violência urbana são alguns dos fatos que também são filtradas para a ótica de cada uma dessas pessoas.

⁷ *idem, ibidem.*

⁸ *idem, ibidem.*

É por isso que considero este comportamento político, mais que uma peculiaridade destas camadas médias que habitam as zonas Leste e Norte próximas, parte de um processo mais complexo e contraditório de inserção no mundo - este sim, talvez específico. Ou seja, a grande aceitação que os políticos de direita têm nestes bairros emerge de um pano de fundo - esta inserção no mundo - do qual são elaboradas as diversas imagens da realidade. A maior aceitação dos políticos de direita nestes locais indica uma tendência acentuada; contudo, os dados são incapazes de explicar os motivos específicos desta aceitação. É a partir destas especificidades que pretendo analisar as imagens dos políticos e as preferências eleitorais desses moradores da Moóca.

Antes, porém, cabe ampliar um pouco mais o pano de fundo eleitoral da região. Seguindo a análise de Pierucci a respeito do desempenho dos candidatos de direita em São Paulo na década de 80, detenhamo-nos sobre os resultados obtidos na Capital por Paulo Maluf na eleição de 1986 para governador do Estado. Dados do TRE mostram que ele é o terceiro mais votado, com 19,4% dos votos, atrás de Antônio Ermírio de Moraes, do PTB, com 31,4% e Orestes Quércia, candidato do PMDB que se saiu vitorioso no cômputo geral do Estado, mas que na cidade de São Paulo recebeu 26,6% das preferências. Os números do TRE também indicam que Maluf

consegue sua maior aceitação na Área Homogênea 2 - alcançando 23% dos votos -, na qual estão contidos os bairros do Centro Velho e seu cinturão histórico, habitado principalmente por famílias de renda média. Mais especificamente, é na Área Homogênea 2 da zona Leste - com 26% dos votos -, especialmente nos subdistritos da Moóca e do Belenzinho, onde ele alcança seus maiores índices.

É portanto nas áreas mais próximas ao centro e menos pobres da zona Leste onde predomina o eleitorado da direita autoritária. Nesta parte da cidade coincidem o malufismo e o janismo em suas bases eleitorais⁹. As piores votações de Franco Montoro para o governo do Estado em 1982 e de Fernando Henrique Cardoso para a prefeitura em 1985 também ocorrem nestes lugares. O mesmo se deu com Lula em 1982: seus piores resultados concentraram-se parcialmente nesta mesma região que inclui o Tatuapé, a Moóca, Alto da Moóca, Belenzinho e Penha¹⁰.

Nas eleições de 1988 para a prefeitura de São Paulo, Luiza Erundina, candidata do PT, vence o pleito ainda de único turno com um total de 29,8% dos votos da capital. Conforme os dados eleitorais que aparecem agrupados segundo Áreas Homogêneas na tabela 10 acima, os piores índices obtidos por ela vêm das regiões mais ricas e centrais da cidade.

⁹ *idem*, p. 58.

¹⁰ *idem*, p. 61.

Tabela 10 - Resultados da eleição de 1988 para prefeito do Município de São Paulo por Áreas Homogêneas (em %).

Área Homogênea	Erundina	Maluf	Leiva	Serra	Mellão
AH 1	23,1	35,5	9,6	10,3	8,9
AH 2/3 ¹¹	28,6	29,2	11,7	5,4	6,3
AH 4	31,1	22,1	15,6	4,7	5,0
AH 5	31,4	17,5	18,6	3,9	2,9
Total da Capital	29,8	24,5	14,2	5,6	5,4

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, citado em Antônio Flávio Pierucci, "A direita que flutua" in *Novos Estudos Cebrap*, n. 29, março de 1991, p. 22

Por outro lado, o candidato da direita, mais uma vez Paulo Maluf, consegue a maior parte de seus votos exatamente nestas regiões mais favorecidas. A análise da migração de votos ocorrida nos três dias que antecederam a eleição mostra que é também nestas Áreas Homogêneas onde se verificam as maiores variações favoráveis a Maluf: "Na AH 1, a mais rica, ele salta de 26% para 36% (10 pontos a mais) e sobe de 22% para 27% na AH 2, que engloba os bairros do Centro Velho (mais 5 pontos)"¹². Nas outras áreas, ele permanece estável ou perde votos.

Em 1989, no primeiro turno das eleições para presidente da República, podemos imaginar um quadro semelhante no que diz

¹¹ Esta fusão das Áreas Homogêneas 2 e 3 foi a maneira que o autor encontrou de compatibilizar os dados de 1986 a 1990. Com isto a classificação das 5 áreas passou a ser a seguinte: AH 1, zonas eleitorais do Jardim Paulista, Pinheiros e Indianópolis; AH 2/3, zonas eleitorais de Santa Ifigênia, Moóca, Jatuapé, Vila Prudente e Ipiranga; AH 4, zonas eleitorais do Tucuruvi, Ermelino Matarazzo e Vila Formosa; AH 5, zonas eleitorais de São Miguel Paulista, Itaquera, Capela do Socorro, Itaim Paulista e Guaianases. Ver Antônio Flávio Pierucci, "A direita que flutua", *op. cit.*, p. 16.

¹² Antônio Flávio Pierucci, "A direita que flutua", *op. cit.*, p. 22.

respeito aos resultados de Lula e Maluf nas diferentes Areas

Tabela 11 - Resultado do primeiro turno da eleição de 1989 para presidente da República por Areas Homogêneas do Município de São Paulo (em %)

Area Homogênea	Covas	Maluf	Collor	Lula	Afif
AH 1	39,9	21,9	15,5	7,9	7,3
AH 2/3	29,0	29,8	14,9	14,6	4,1
AH 4	32,7	24,5	16,5	14,9	3,1
AH 5	29,3	19,0	19,7	19,9	2,2
Total da Capital	31,9	23,4	17,0	15,2	3,9

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, citado em Antônio Flávio Pierucci, "A direita que flutua", *op. cit.*, p. 24.

Homogêneas da cidade. É justamente a região que engloba o Centro velho e o seu cinturão histórico que confere a Maluf o seu melhor desempenho na Capital Paulista. O mesmo ocorre com o candidato paulistano, ex-secretário municipal e malufista histórico Guilherme Afif Domingos. Mário Covas registra nesta área os seus piores índices de aceitação em São Paulo, o que também vale para Collor. No caso de Lula, a votação que ele obtém nesta Area Homogênea só é melhor àquela registrada na região mais nobre da cidade, constituída por bairros como o Morumbi e os Jardins, na qual se verifica alta valorização imobiliária, elevada escolaridade média e grande concentração de renda dos eleitores.

O fato de Collor também registrar sua pior votação na Area

Homogênea que envolve bairros como o Belenzinho, o Brás e a Moóca, não deixa de ser curioso. Qual o motivo para tamanha rejeição? Por mais dúbio que fosse o mote de seu discurso durante a campanha, a sua identificação com os candidatos da direita não seria algo difícil. Devem ter prevalecido outras razões para não escolhê-lo. Veremos abaixo que a procedência geográfica dos candidatos, quando convinha, constituía um argumento forte para desqualificá-los. É claro que as opções eleitorais não seguiam sempre e exclusivamente este caminho; todavia, a importância deste fator não deve ser desconsiderada - juntamente como o tipo de discurso e as promessas que eram feitas, a origem dos políticos contava às vezes de modo decisivo para sua aceitação.

Mas voltemos às eleições. O pleito de 1990 para governador do Estado de São Paulo marca uma mudança considerável no patamar de aceitação de Paulo Maluf. Na capital ele é o mais votado nos dois turnos. No primeiro turno o candidato que melhor representava a direita (devido ao seu passado político - prefeito e governador biônico gestado no regime militar - e às suas propostas de governo centradas na questão da segurança¹³), obtém 34,3% dos votos do Estado e 37,9% daqueles apurados na capital. Isso significa que, em quatro anos, o eleitorado malufista na capital praticamente dobrou¹⁴.

¹³ *idem*, p. 12.

¹⁴ *idem*, *ibidem*.

Consequência disto, sem dúvida, é que a parcela da população que apoia a direita - ou pelo menos que vê em Paulo Maluf a solução dos problemas que a aflige - se espalhou pela cidade, não ficando mais concentrada apenas nos bairros de classe média da zona Leste próxima ao centro. A tabela que ilustra o primeiro turno da eleição de 1990 aponta para interessantes características destes eleitorado.

A exemplo do que já tinha ocorrido em 1986, os bairros mais centrais da zona Leste e Norte apresentam as maiores votações para Maluf. A Moóca, com surpreendentes 49% de votos malufistas, encabeça a lista que conta ainda com o Tatuapé, Penha, Vila Formosa e Vila Prudente à Leste, e ao Norte Vila Maria, Santana e Casa Verde. Os dados do segundo turno praticamente repetem este desempenho, sendo que a zona eleitoral da Moóca aparece novamente em primeiro lugar na lista das maiores votações obtidas por Maluf - 56,6%¹⁵.

Ao longo da década de 80 e início dos anos 90, vemos que umdos fatos mais marcantes ocorridos na esfera eleitoral diz respeito ao aumento do número de votantes que optam pela direita, ou melhor, que vêem em Paulo Maluf uma solução para os problemas da cidade e de suas vidas.

¹⁵ *idem*, p. 19.

Tabela 12 - Resultados do primeiro turno da eleição de 1990 para governador do Estado de São Paulo por zona eleitoral do município da Capital (em %).

Zona eleitoral	Maluf	Covas	Fleury	Plínio	Br+nl
Moóca	49,0	14,9	13,5	8,6	13,2
Jardim Paulista	47,6	17,7	18,0	6,6	9,4
Indianópolis	46,1	18,8	17,2	6,8	10,4
Tatuapé	45,6	16,5	14,0	9,4	13,9
Vila Maria	44,1	14,2	15,8	8,0	17,2
Santa Ifigênia	43,6	14,5	16,8	8,4	15,8
Santo Amaro	43,6	17,4	15,7	9,0	13,7
Vila Mariana	43,0	20,2	16,9	8,8	10,5
Lapa	42,6	17,3	15,9	10,0	13,4
Perdizes	42,5	19,1	17,1	9,5	11,0
Santana	42,2	18,6	16,0	8,9	13,5
Penha de França	42,2	18,4	14,5	9,8	14,4
Vila Formosa	42,1	16,3	15,4	9,8	15,8
Pinheiros	41,2	22,4	17,1	10,0	8,6
Ipiranga	40,2	15,7	15,7	11,3	16,3
Vila Prudente	40,1	15,3	15,1	12,6	16,1
Casa Verde	40,1	18,5	15,3	9,1	16,2
Bela Vista	40,0	18,9	16,9	10,2	13,3
Tucuruvi	39,5	17,9	17,6	8,9	15,2
Vila Matilde	38,9	19,0	15,5	9,9	15,9
Jaçanã	38,7	17,2	17,6	9,3	16,3
Saúde	38,2	20,4	16,0	10,9	13,8
Jabaquara	37,5	18,9	16,2	10,3	16,2
Butantã	38,0	19,5	17,0	10,0	14,8
Nossa Senhora do 0	35,0	18,8	15,5	10,1	19,7
Pirituba	34,7	17,3	16,2	11,0	20,1
Ermelino Matarazzo	33,5	19,6	17,0	10,6	18,5
Cidade Ademar	33,0	15,4	17,8	10,4	22,5
Capela do Socorro	32,5	16,5	16,5	10,4	23,2
Guaianases	32,4	18,6	16,9	10,0	21,3
Sapopemba	30,9	14,9	16,6	16,0	20,9
Itaquera	30,7	18,3	16,3	13,7	20,1
Campo Limpo	30,1	17,1	18,3	10,0	23,8
S.Miguel Paulista	28,9	19,1	19,2	10,2	21,8
Itaim Paulista	24,4	20,8	20,4	9,4	24,2
Total da Capital	37,9	17,8	16,5	10,1	16,9

Fonte: Prodam in *Folha de São Paulo*, 13.10.1990, citado por Antônio Flávio Pierucci, "A direita que flutua", *op. cit.*, p. 18.

A novidade apresentada pelo escrutínio de 1990 foi que o eleitorado malufista não só aumentou de maneira inédita como

também ganhou adeptos principalmente entre os mais ricos e instruídos, gente da Area Homogênea 1, que envolve as zonas eleitorais do Jardim Paulista, Pinheiros e Indianópolis¹⁶. Estes eleitores, que outrora tendiam majoritariamente para o centro e a esquerda do espectro político, agora depositavam suas esperanças no representante mais persistente da ditadura.

E se esta persistência não o consagrou ainda em 1990, o pleito seguinte para a Prefeitura iria finalmente recompensar a ele e a seus cada vez mais fiéis e numerosos simpatizantes. A eleição de 1992 na verdade representa o apogeu de uma tendência que se manifesta pelo menos desde 1988. Desde então a mancha malufista se espalha pela cidade, extrapolando seus redutos históricos das zonas Leste e Norte próximas ao centro. Uma pesquisa realizada a poucos dias da eleição de 1992 revelava justamente isto: a penetração eleitoral de Maluf não variava mais segundo as Areas Homogêneas, e apresentava um expressivo índice de intenção de votos em torno de 40% para cada uma delas. Os dados constam da tabela 13 abaixo.

Apesar de todas estas mudanças nas preferências do eleitorado paulistano, sobretudo daquele localizado nas áreas mais abastadas da Capital, algo permanece. A Area Homogênea 2, embora não mais constituindo-se no reduto

¹⁶ *idem*, p. 20.

Tabela 13 - pesquisa de intenção de voto para a eleição de 1992 para a prefeitura de São Paulo (em %), realizada em 23/09/1992.

Area Homogênea	Maluf	Suplicy	Aloysio	Feldmann
AH 1	41	22	10	8
AH 2	37	15	14	8
AH 3	42	26	2	9
AH 4	42	23	4	12
AH 5	41	19	3	16

Fonte: DataFolha, *in Folha de São Paulo*, 28/9/1992, p. 1-10.

malufista por excelência - que aliás na pesquisa acima revela-se a região onde ele é menos bem aceito -, no entanto se destaca como o lugar no qual a rejeição pelo candidato do PT, Eduardo Suplicy, é a maior que ele registra em toda a cidade.

Seja lá qual for o motivo, o fato é que esta mesma Área Homogênea 2, na qual estão os bairros do Centro Velho e de seu cinturão histórico, vem sistematicamente apresentando, senão os maiores apoios aos candidatos personalistas da direita autoritária, ao menos os índices mais baixos de votos favoráveis aos políticos pertencentes à esquerda do espectro eleitoral. O bairro da Moóca, enquanto parte desta área da zona Leste próxima ao centro, condensa todas as características eleitorais e sócio-geográficas associadas às bases da direita; aliás, às vezes destaca-se, como ocorreu no primeiro e segundo turno da eleição para governador de 1990, quando a zona eleitoral que o engloba registrou para Paulo Maluf seus maiores percentuais de aceitação em toda

São Paulo.

O espriamento das bases da direita por sobre a Capital paulista registrado por Pierucci, se de um lado acentua a volatilidade e tendência à "direitização" de parte considerável do eleitorado, principalmente aquela oriunda dos estratos médios superiores¹⁷ - que ora vota em candidatos progressistas, ora veste a camisa, enfeita o carro e se empolga com os *slogans* malufistas -, de outro registra um foco de permanência e estabilidade no que diz respeito a uma parcela considerável dos eleitores. Trata-se exatamente dos lugares onde o malufismo mais se manifesta. Por baixo do processo de generalização crescente das simpatias pela direita, que anexa áreas da cidade até há pouco imunes aos discursos conservadores e reacionários, sobrevivem os tradicionais e leais pontos de apoio às sucessivas candidaturas de Maluf. Se existe o fenômeno da volatilização, existe também o seu oposto.

*

Esta breve análise dos dados eleitorais, concentrada na década de 80 e que atinge alguns escrutínios do início da presente década, se junta ao contexto mais amplo constituído pelos dados demográficos, econômicos, históricos e pessoais que figuraram ao longo do texto. Estes acontecimentos formam

¹⁷ *idem*, p. 76.

uma constelação em meio à qual as representações de nossos informantes ganhariam algum sentido. No que diz respeito mais especificamente às imagens que são associadas aos políticos e feitas deles, estes fatos ajudariam na sua compreensão enquanto uma espécie de atmosfera dentro da qual cada uma destas pessoas, cujas idéias e práticas procuramos entender, fazem suas reflexões e escolhas eleitorais. E mais: tais reflexões e escolhas na verdade extrapolam o contexto específico das eleições - compreendê-las implica buscar conexões no tempo e no espaço diferentes daquelas derivadas exclusivamente da situação eleitoral. Assim, para desvendarmos as camadas de significação que sustentam as reflexões a respeito do mundo da política, dos políticos e administradores públicos - que se tornam mais agudas justamente às vésperas dos pleitos -, devemos levar em conta esta multiplicidade de influências e as direções para as quais elas apontam. Falar a respeito dos políticos implica não só fazer uma certa escolha eleitoral; implica uma concepção do passado, da situação presente e, principalmente, uma projeção futura; estas implicações, por sua vez, estão carregadas de valores e normas a partir dos quais estas realidades são assimiladas e idealizadas. Captar e entender tais valores e normas, bem como algumas de suas consequências práticas, é o intuito desta etapa.

Nos capítulos anteriores foram analisadas as diversas maneiras pelas quais o passado e o presente eram feitos

significativos por vários moradores do bairro. Estas ideias certamente estão informando os valores e normas que sustentam as imagens dos políticos e norteiam, de alguma maneira, as suas escolhas eleitorais. Veremos de que maneira tudo isto se articula quando essas pessoas, mais ou menos imersas nos mitos da comunidade, buscam no mundo da política saídas para os problemas com os quais se deparam.

É importante lembrar que os relatos que se seguem, bem como aqueles que constam de outros capítulos, foram registrados no período que se estende de setembro de 1989 ao final de 1990. Ocorre aí a eleição para presidente, a primeira depois do longo jejum autoritário, e as narrativas que se inserem neste lapso de tempo não só se defrontam com as dúvidas pré-eleitorais, como também com os primeiros impactos da era Collor.

*

Cenas de bar

Nas semanas que antecederam o primeiro turno da eleição presidencial de 1989, o clima na Moóca, assim como em boa parte do país, estava tenso. Isto podia ser percebido não só nas conversas que mantinha com alguns moradores do bairro, mas principalmente num dos lugares preferidos para discussões: os bares. Apesar de muitos dos nossos

informantes dizerem que o antigo clima de camaradagem e confraternização havia acabado, presenciei e participei, quase diariamente, de acaloradas conversas num dos inúmeros botequins que se espalham por todo o bairro. O que talvez assustava alguns mooquenses era a diversidade social das pessoas que passavam por estes lugares: havia os comerciantes, os gerentes, bancários, e toda sorte de profissionais liberais e aposentados; e estavam lá também, e em bom número, os operários e empregados das muitas empresas das cercanias, os ambulantes e apostadores.

Na rua da Moóca e no seu entorno, especialmente na região próxima à avenida Paes de Barros, cenas como esta faziam parte da rotina diária. O diálogo entre os extremos não era comum: os balcões e mesas dividiam-se de acordo com as ocupações das pessoas. Todavia, o fato de frequentarem os mesmos lugares já relativiza a idéia de uma intranquilidade permanente que emerge em muitos dos relatos que foram vistos anteriormente.

Em todas as rodas de conversa eram atualizados muitos boatos, os quais temperavam os assuntos relativos às eleições. Um dos temas preferidos girava em torno da seguinte pergunta: o que iria acontecer ao país caso Lula, o candidato a presidente pelo Partido dos Trabalhadores, ganhasse as eleições?

Uma das pessoas com as quais sempre conversava quando passava por um destes bares era Fernando. Tinha por volta de 40 anos, nascido, criado, casado e estabelecido na Moóca. Há pouco tempo conseguira finalmente adquirir sua própria oficina de funilaria e pintura, localizada no bairro e cuja freguesia também era das imediações. Empregava meia dúzia de ajudantes, menores de idade e sem carteira de trabalho assinada, e dos quais reclamava constantemente: "esses baianinhos são fogo - virou as costas e já tão largando o serviço!". Na hora do almoço deixava-os na oficina e se dirigia para seu bar predileto, mantido por um casal de portugueses, onde tomava "umas canas" para abrir o apetite e em seguida almoçava.

Suas conversas, talvez para me impressionar, talvez por costume, eram frequentemente conduzidas através de muitos casos de violência: mortes, estupros, brigas, contados em tom indignado que magnetizava boa parte do público ao seu redor. Facas, revólveres, gangues, caminhoneiros, sangue e, quase sempre, "baianos" recebiam atenção especial nas suas histórias. Uma ou outra pessoa apresentava casos semelhantes, o que animava Fernando a prosseguir com seus enredos. Futebol e mulheres, os outros assuntos mais recorrentes, não o animavam tanto.

A medida que as eleições iam se aproximando, Fernando e os frequentadores de bar deixaram estes temas e se concentraram

nas discussões a respeito do que viam e ouviam na propaganda eleitoral gratuita, nos noticiários e da boca de amigos e conhecidos. Lula era o centro das atenções. Ele e seu partido suscitavam imagens e atitudes as mais fortes. Fernando achava, e a ele se juntavam muitas outras pessoas com a mesma opinião, que caso ganhasse, o Partido dos Trabalhadores iria não só desapropriar aqueles que tinham mais de uma casa, como também obrigar cada família das classes médias a dividir suas residências com pessoas sem teto. Para aqueles mooquenses, isso significava abrir mão do maior símbolo de trabalho e dedicação ao longo dos anos - a casa própria - em favor justamente daqueles tidos como preguiçosos, promíscuos e não raramente bandidos: os temíveis "baianos", "nordestinos" e "maloqueiros".

As imagens que eram construídas a este respeito eram várias. O coro de temor e indignação podia ser ouvido em toda parte. Embora o dono do bar a que me referi fizesse pouco caso destas insinuações, sua esposa e grande parte do público ali presente contribuíam para aguçar as imaginações mais temerosas. Enquanto ela preparava os pratos, arrumava as mesas e fritava alguns salgados, proferia num sotaque português misturado com a acentuação italiana típica dos arredores:

"você já viram a cara daquele Lula e dos amigos dele? Tudo barbudo, cachaceiro, que nunca trabalharam. Eles têm uma raiva desgraçada daqueles que fizeram a vida com trabalho, suaram,

vocês vão ver só".

Vanderlei, outro frequentador assíduo daquele bar, negro, pedreiro, por volta de 40 anos, vindo de Feira de Santana há oito anos e morador do bairro desde então, fazia que não ouvia. Era uma exceção. A maioria palpitava. Um rapaz que todo dia pontualmente recolhia as apostas do jogo do bicho e fazia os pagamentos da semana anterior àqueles que tinham ganhado alguma coisa afirmava que o PT iria por no paredão, fuzilar todos aqueles que não trabalhavam. Apesar de contrariar o que tinha sido dito pela senhora que cuidava do bar, o fato é que sua fala se juntou ao clima de ansiedade e repúdio à candidatura da esquerda. A atmosfera ficava cada vez mais carregada. As discussões, já não muito silenciosas de praxe, estavam se transformando em gritaria. Uma pequena senhora coreana, que ainda tentava aprender os rudimentos do português, alheia a tudo aquilo ria e emprestava à cena um detalhe pitoresco.

De minha parte, limitava-me a pôr em dúvida algumas das afirmações de Fernando, o que era motivo para mais gritaria e indignação. Ele chegava mais perto de mim, punha a mão sobre um de meus ombros, destacava o indicador da outra mão apontando-o para cima, e recomeçava com seus argumentos nada ladinos.

A apreensão e os boatos não eram exclusividade do bairro. Os jornais da época não se cansavam de noticiar as intenções de

mais de 800 mil empresários em deixar o país caso Lula se sagrasse presidente. O PT e a Frente Popular representavam para muitos o acirramento da desordem. Alguns supunham ainda que a poupança seria confiscada para o pagamento da dívida interna. Enfim, expectativa, confusão e boatos conviviam; as semanas que antecederam o primeiro turno das eleições presidenciais transcorriam neste diapasão. Vejamos mais de perto o que se passava entre alguns moradores da Moóca e as expectativas que nutriam com relação aos políticos.

*

Pulso firme

Gajanigo percebia as eleições como uma oportunidade de resolver alguns dos problemas mais sérios do país. A violência urbana e intranquilidade que a acompanhava constituíam, no seu modo de ver, um dos maiores desafios aos "governantes". Vimos no capítulo 2 que os "estrangeiros", os migrantes nordestinos que se espalhavam pela cidade eram para ele um dos motivos da diminuição na frequência dos encontros entre amigos e do medo que era associado a muitos lugares públicos antes frequentados. A heterogeneidade social, ou seja, a proximidade inédita de camadas menos favorecidas da população, era uma das marcas dos tempos atuais, uma das causas principais de sua decadência, e tinha que ser resolvida. Perguntei a ele se tinha alguma solução

para estes problemas:

"Não tenho solução nem tenho idéia. Eu acho que isso cabe aos nossos governantes. Eu tenho muita esperança de que agora com essa eleição que vai acontecer no dia 15 de novembro ou 17 de dezembro, que o novo chefe da nação ele tenha um pouco mais de pulso pra punir a criminalidade".

A proximidade inédita com os pobres, o aumento dos cortiços, a intranquilidade e a criminalidade eram partes de um mesmo conjunto de fatores que se alimentavam mutuamente e que davam ao presente suas cores mais sombrias. Faltava "pulso". Mas o que queria dizer isso? Vimos acima que "pulso" e "punição" caminham juntos. A desordem seria resultante da impunidade.

"Eu acho que crime tem que ser rigorosamente coibido. Se se pegou um criminoso, um cara que matou alguém, estuprou alguém, uma cara que colocou alguém 60 dias num cativeiro, se se pega uma pessoa dessa, eu acho que tem que... se pegar, eu acho que tem que fazer o máximo para esses crimes imundos, eu acho que tem que fazer o máximo possível pra achar o responsável ou responsáveis e dar um castigo pra que todo mundo... Um castigo exemplar. Porque a gente vê a impunidade. A gente vê: matou alguém, jogou alguém do vigésimo andar, descobriu que foi fulano de tal, o Zé da Esquina e tal, e não se vê falar que o cara pelo menos recebeu uma punição exemplar. Você vê as pessoas sendo presas e amanhã sendo soltas, sei lá por que motivo. Eu não sei a que atribuir isso. Mas eu acho que se todos esses crimes fossem punidos com severidade - eu não deveria dizer nem pena de morte, não chego a dizer isso -, mas pelo menos uma punição exemplar eu acho que diminuiria pelo menos uns 50% a criminalidade no país".

O país, a cidade e o bairro eram atingidos, cada qual a seu modo, por essa onda de criminalidade que decorria em grande parte da falta de coibição e castigos exemplares. O problema vinha há muito. A culpa não devia ser colocada "na Erundina, no Jânio Quadros, no Quéricia, no Montoro, no José Sarney, no João Batista Figueiredo.

Eu acho que foi tudo uma questão de degraus, foi uma questão de continuação".

O processo ameaçava atingir no futuro próximo graus mais alarmantes que os atuais. Gajanigo percebia uma tendência de desrespeito generalizado, que se manifestava não apenas nos crimes mais graves, mas também em incidentes os quais, julgava ele, eram inconcebíveis no passado. As pixações, por exemplo. "Qualquer muro da Moóca hoje está pixado. Ora, será que isso não pode ser evitado de uma maneira ou de outra?". A solução passava pelo restabelecimento de autoridades e regras de conduta efetivas:

"Antigamente o jovem não fazia isso, por exemplo, na presença de um adulto. Se tivesse um adulto por perto ele não faria. Poderia até fazer escondido, hoje não".

Transgressões de toda ordem tinham uma raiz comum:

"Isso é a impunidade. Se pegasse uma pessoa dessa e desse uma advertência... não é o termo advertência, pelo menos uma punição tipo prisão, pelo menos 24 horas na cadeia, eu acho que a pessoa não ia fazer mais e os amigos também não iam fazer mais. Eu acho que isso é a impunidade, as pessoas vendo as outras fazer e não falam nada. Entendeu?"

A continuar neste ritmo, a integridade do país e de seus cidadãos estava em risco. Gajanigo lembrou que, se as pessoas resolvessem tomar suas providências contra a criminalidade isoladamente, protegendo suas residências e andando armadas,

"esse caminho aí seria o extremo, seria o fim da nação, seria o fim do governo. Se o governo não consegue conter o ímpeto da criminalidade, seria o fim, seria o caos".

As considerações a respeito do político e do administrador competente nutriam-se principalmente da constatação da impunidade. Faltavam ações mais enérgicas capazes de extinguir a criminalidade e restabelecer a ordem. Vimos no capítulo 3 que Gajanigo tem uma visão clara a respeito das mudanças na cidade e no bairro que acompanharam a passagem do tempo. Os "estrangeiros" e parte dos jovens encarnavam a dissolução dos costumes que ele julgava civilizados e com isso tornavam a sociabilidade mais difícil. A tranquilidade voltaria somente quando o governo fosse capaz de vigiar e punir efetivamente.

Jânio Quadros era um exemplo de bom administrador. Na sua gestão à frente da prefeitura a cidade ficara mais limpa. Não havia tantas pixações, os jardins públicos e as ruas eram melhor cuidados. O "pulso firme" se manifestava nestes detalhes. A sujeira atual era também sinal de desordem, e evitá-la cabia aos homens públicos.

Vemos assim que a impunidade, o medo, a heterogeneização social e a sujeira constituem alguns dos principais sinais da desordem atual. "Há um ano atrás a cidade de São Paulo era limpa, era linda. Você via as pessoas varrendo a rua diuturnamente". A prefeitura petista, e a maioria dos governantes anteriores não souberam refrear tais problemas, e Gajanigo tinha esperanças de que alguém com autoridade suficiente fosse capaz de controlar a situação. Era esta a qualidade principal que ele buscava nos candidatos à presidência. Em conversas reservadas ele me confessava sua admiração por Quércia, seu esforço para aumentar a segurança da população. Entre aqueles que concorriam à presidência, todavia, ele se decidiu apenas às vésperas do pleito: optou por Mário Covas, "que já foi prefeito de São Paulo, fez uma boa administração e conhece nossos problemas". Com relação a Maluf, em quem "muita gente ia votar devido ao seu passado", ele achava que "em termos de cidade de São Paulo, eu cito que a época que o Paulo Maluf era governador a insegurança era maior do que é hoje". Ou seja, de seu ponto de vista, o problema fundamental dos tempos mais recentes, qual seja, a violência urbana e o medo que é a ela associada, não tinha recebido tratamento adequado por este candidato.

Com relação aos demais concorrentes, Gajanigo não conhecia a maioria deles. Lula era uma exceção. Era clara, para ele, a sua vinculação com a prefeitura municipal de então. A falta

de pulso que Luiza Erundina estava demonstrando, segundo ele, era própria daqueles que se congregavam no Partido dos Trabalhadores. Eles sinalizavam a desordem: sujeira, insegurança e medo. O período mais recente da cidade era marcado sobretudo pela evidência inédita dos pobres, favelados e cortiçados. Os "estrangeiros" manifestavam-se, organizavam-se e tinham um canal de acesso à prefeitura. Isto o assustava, assim como deixava intranquilos muitas das pessoas do bairro. Definitivamente, o PT e seus correligionários não serviam: faltava-lhes pulso suficiente para vigiar e punir adequadamente; o seu flerte com os pobres era mais uma prova de sua inaptidão administrativa.

*

O mesmo diapasão era retomado por diversas pessoas que conheci no bairro. Romão, por exemplo, achava que grande parte dos problemas da cidade, como a violência e os assaltos, eram provocados pela chegada dos "maloqueiros", migrantes nordestinos que, segundo ele, haviam se instalado em São Paulo. Tratava-se de "um pessoal mal formado, sem um nível de cultura nenhuma, sem experiência nenhuma" (ver Capítulo 4). A solução para estes problemas estava no combate ao que era considerado sua causa principal: a própria migração. "O pessoal de lá é muito mais rico do que o daqui. Muito mais fértil, muito melhor. Tem tanta terra. Vamos dar escola de um a cem anos: todos na escola. Não

vamos deixar a criança vir de lá para cá sem condições, não pode". Condições para eles havia, faltava um governante que lhes mostrasse o caminho.

"Só precisa de um homem de pulso, de punho".

Romão estava em dúvida com relação ao seu candidato. Isto não implicava, todavia, que não estivesse certo das qualidades que deveriam compor seu perfil e dos lemas que deveriam nortear suas ações:

"Olha, a solução para o mundo inteiro seria a liberdade e a democracia, não adianta. Olha a Argentina: Deus me livre, eles estão 150 anos atrás da gente..."

Pulso, liberdade e democracia formavam os pilares do bom governo. Vejamos de que maneira isto é possível. Ao discorrer sobre a democracia e as benesses deste regime, Romão entrou no assunto da educação. Parecia que sem o ensino o governo democrático não funcionaria. Mas havia mais. Retomemos um trecho de sua fala abordado no capítulo anterior e vejamos como ele se completa:

"Que a melhor maneira de disciplinar o ser humano é abrir a moringa dele e colocar o que ele deve fazer. Então chega a época da eleição, enche aqueles caminhões de gente, gente que vai votar, e você pergunta pra eles pra quem votou e eles não sabem. Agora isso favorece a quem? São os interesses de alguns, não da população. É por isso que precisamos de autoridades brasileiras, os jovens, ter pulso, ter vontade de tomar conta disso daqui".

A educação formal implicava disciplina: disciplina para o trabalho, para a permanência na terra de origem e para a obediência às autoridades. Era na verdade uma maneira de inculcar as obrigações e a ordem àqueles que representavam as maiores ameaças à integridade das grandes cidades prósperas do Sul. Todo este processo de ordenação, no entanto, só seria desencadeado por algum administrador público que tivesse "vontade de tomar conta disso aqui", vale dizer, que fosse capaz de imprimir nos rumos do país todas estas premissas de ordem e estabilidade. As atitudes tinham que ser enérgicas: "abrir a moringa" daqueles que ainda não tinham entendido qual era sua função na sociedade. Só assim para consolidar a "democracia" e a "liberdade". O "pulso firme" era fundamental.

Não era apenas a segurança que aumentaria. A tranquilidade como um todo seria desta maneira restabelecida. A crise econômica que estava vivenciando seria também amenizada: não haveria mais quem "atrapalhasse" os processos de produção, não só com roubos e assaltos, mas também com má formação e inabilidade para o trabalho. Perguntei-lhe como a vida se modificaria caso alguém norteado por estes princípios chegasse à presidência do país:

"Mudaria tudo. Porque desde quando o sr. tem uma tranquilidade, o sr. está tranquilo; o sr. não está preocupado que amanhã tem uma conta para pagar, o sr. tem mais tempo para pensar no lugar onde o sr. mora, onde eu moro, o sr. tem mais condições de chegar para o vizinho:

'olha, vamos fazer isso, vamos melhorar aquilo''.

Ações governamentais firmes tranquilizariam a sociedade como um todo. Apesar de Romão achar que sua vida é bem razoável, principalmente quando comparada com a de outras pessoas que habitam outros bairros (que são tidos como mais violentos que a Moóca), que não têm a mesma disposição para o trabalho que ele sempre teve e que continua tendo (que é o caso dos "maloqueiros") e, acima de tudo, porque se sente efetivamente protegido dentro de sua casa, um "homem de pulso" significaria outras melhorias. Seria a promessa da reconstrução da comunidade. A começar pela vizinhança, as relações sociais voltariam a ser frequentes e diretas. O ritmo de vida atual, que impede a regularidade dos contatos, seria substituído por uma atmosfera mais pacata. As preocupações financeiras e com a segurança desapareceriam. Com os nordestinos e os pobres confinados em sua terra de origem e devidamente treinados para o trabalho, o país reencontraria seu caminho de paz e prosperidade.

"Seria a coisa mais linda do mundo. Até no cinema você já viu aquela cidade Nova Jersey nos Estados Unidos? É proibido colocar... as casas são livres (ele está se referindo aos muros e grades). E tem outras cidades aí pelo mundo afora. Hoje a intenção é de colocar mais grades. Não é o meu caso, mas muita gente por aí está pensando. O Sr. não teria mais fome, porque eles estariam com a barriga cheia, não teria doença, porque ele estaria curado, não teria vagabundo, porque ele teria trabalho. Melhoraria a Moóca, ficaria mais tranquilo".

Tais imagens estavam longe de sua realização. Os tempos atuais eram como que sua antítese. O governo atual não funcionava. O PT e a Erundina?

"Péssima. Nunca vi. Tá ruim. Se o sr. subir esta rua aqui, nós temos uma opinião: se o Sr. perguntar para cada um, todos vão dizer a mesma coisa. E por quê? Porque na frente da minha vizinha tem um buraco. Puseram até uma madeira porque senão caem dentro dele. Aqui tem sempre festa, ginásio, que vem nessas festas aqui não é do bairro: o sujeito não sabe que tem um buraco no meio da rua. Ele vai cair dentro do buraco se não puser madeira em cima".

Além da pouca atenção dispendida com os buracos do bairro e da cidade, Erundina pecava pelo desleixo com relação à limpeza - o mesmo problema detectado por Gajanigo. O problema todo, em resumo, era que ela não conhecia a cidade. O que isto queria dizer?

"Para administrar sua casa, você precisa conhecer sua casa: seu pai, sua mãe, eles conhecem sua casa, não é?! Pelo menos se não conhecer, procura conhecer. E as pessoas que estão agora administrando São Paulo não conhecem São Paulo. Não conhecem. Não sabem o que é... não sabem nem se existe essa rua onde moro que é, do centro de São Paulo, a 4 Km da praça da Sé".

O fato de o buraco na sua rua ficar meses e meses descoberto só vinha a confirmar tais idéias. Afinal, não era a prefeita também uma nordestina? Era isto que Romão estava dizendo. O fato de ter curso universitário, estar há muito tempo na cidade e ocupar um dos cargos mais importantes do país não diminuía o peso de suas origens. Ela personificava o avesso

do "pulso firme" já que, além do pouco caso com os problemas de limpeza e manutenção da cidade, não tratava da questão dos pobres. Aliás, eles estavam mais visíveis e numerosos do que nunca. Maluf era a pessoa que resolveria todos estes problemas. Apesar da idéia generalizada de que ele não era dos administradores mais honestos - "a turma fala... é aquela velha história, não posso condenar o que não vi, não é verdade?" -, ele representava uma possibilidade mais efetiva de melhoria. Além de conhecer São Paulo como conhecia sua casa, o candidato do PDS já demonstrara anteriormente ter pulso suficiente para comandar o país. Como governador do Estado de São Paulo, segundo Romão, ele cumpriu corretamente com suas obrigações. De que maneira? Delegando e assumindo autoridade.

O país estava uma "baderna".

"Então vamos aproveitar que a casa é grande e os moradores são poucos. Dá para corrigir.

"Corrigir como Sr. Romão?

"Dar autoridade a quem é autoridade. Dar autoridade mas a quem é autoridade. Não ao sujeito que diz 'eu sou autoridade', só prá dizer que é, que é o que tá cheio. Tá cheio. Maluf, na época do governo Paulo Maluf, ele deu autoridade a quem era autoridade.

"E na época resolveu?

"Deu. O povo que se deu com a polícia em cima do sindicato, dos operários das fábricas. Sim, você tem que jogar. Você tem que fazer alguma coisa porque vem 100 homens de lá pra cá querendo

destruir tudo, alguém tem que segurar. O povo diz que Maluf jogou a polícia para cima deles, mas nesse ponto ele segurou um pouco".

A imagem do chefe é marcante. O administrador deve ser respeitado e temido, o mesmo devendo ocorrer com seus auxiliares. Como pequeno empresário, Romão tinha um temor especial com relação ao que considerava desordens trabalhistas: greves e ameaças de danos às instalações. A repressão a movimentos reivindicatórios era uma necessidade que se impunha na maior parte das vezes. Nestas situações-limite é que ficava evidenciada a eficiência do governo e a firmeza daquele a quem cabia resolver este tipo de problema. Uma autoridade temida e respeitada era necessária para colocar um fim ao caos atual. "Tem que aparecer um homem aí que tente acabar com isso, que Deus é bom".

A "baderna" não dizia respeito somente aos desvarios dos trabalhadores. A inflação também resultava em grande medida da carência de atitudes enérgicas. Instabilidade: este o resultado do desmando. A grande variação de preços e a falta de produtos no mercado realçavam a sua impressão de bagunça generalizada:

"A gente nunca sabe quem está ganhando bem. E não pode saber nunca porque minha mulher foi agora comprar um quilo de açúcar que não tem. Eu não sei quanto custa, mas se sexta-feira já não tinha e hoje tem, se sexta-feira custava 5 cruzados hoje deve custar 8. Então ninguém sabe que é que está ganhando. Não, é difícil, é difícil".

A exemplo de Gajanigo, Romão temia pela deterioração definitiva do país. O que era apenas uma tendência ameaçava tornar-se regra:

"Se a coisa continuar desenfreada como vai indo no Brasil, numa hora nós vamos chegar numa população - se chegar - porque aí você vai subir numa rua, cada casa é uma delegacia. Na Moóca você vai descer, todas as casas são delegacias. Parecem cadeias, não delegacias".

A referência mais evidente é a insegurança: com o seu aumento e a permanência da impunidade, as relações sociais que já estavam prejudicadas tornar-se-iam definitivamente impraticáveis. Cada cidadão trataria de sua proteção, fechando sua casa ao máximo e assim evitando o pior.

Há também no trecho acima a tentativa de ilustrar um processo de crescimento: a continuar o país nesta falta de rumos, sem "assistência" às populações pobres, sem uma política de contenção da migração, ocorreria uma explosão demográfica. Não uma explosão demográfica qualquer, mas justamente daquela parcela de pessoas do país que estariam tornando-o cada vez mais inviável: os pobres. São eles, de acordo com Romão, os mais propensos a se multiplicar e a tomar conta definitivamente das cenas nas grandes e prósperas cidades. O absurdo da situação apareceria na condição a que ficariam relegadas as pessoas como ele, que sempre trabalharam e que agora assistiam à deterioração da cidade: ameaçados, trancar-se-iam dentro de suas casas, que

agora mais se pareceriam com prisões devido à quantidade de grades, portões, cães e todo tipo de aparato de segurança. A "falta de pulso" - vigilante, "pedagógico" e repressivo - teria desencadeado todo o processo. Não havia mais respeito pelas autoridades, assim como inexistia um princípio ordenador bem definido. O mundo tendia a virar de ponta cabeça: os pobres soltos, tomando conta dos espaços da cidade e roubando (pelo menos) a tranquilidade dos outros, e as pessoas de bem, como Romão se via, trancafiadas dentro de casa, presas pelo medo.

Era em meio a estas reflexões que Romão pensava nas eleições para presidente. Apesar dos elogios a Paulo Maluf, e da certeza de que ele era a pessoa mais indicada para solucionar estes problemas, outros candidatos gozavam de sua simpatia. Afif e Covas, por serem paulistas e terem certa experiência administrativa - o último ainda tinha "passado na prefeitura aqui de São Paulo, ele deixou muito bem" -, eram possibilidades para o segundo turno. Perguntei a respeito de Lula.

"Não, não! Pelo amor de Deus! O Brasil para em 24 horas! Não é assim que se faz política, eu não entendo! Mas eu sou um cidadão, sou um pequeno empresário, eu sei como vai fundir, pelo amor de Deus!"

O candidato do PT e da Frente Popular não teria preparo suficiente para governar: "O que ele fala? Eu nem vejo o que ele fala como administrador, como presidente da República".

"(...) para meus filhos, aceitar o que eu digo eu devo estar preparado. E tem mais outra, os que eu mais conheço são o Covas, o Afif, o Maluf e o próprio Ulisses Guimarães, que é da nossa terra também".

A origem geográfica de Lula pesava como mais um fator negativo. Além do despreparo que Romão percebia através de seus erros de concordância, seu passado enquanto torneiro mecânico, havia o fato de ele não ser de São Paulo. Vimos que isto inviabilizava a administração de Luiza Erundina à frente da prefeitura municipal, e de acordo com este raciocínio o mesmo se daria com Lula na presidência. Afinal, por ser um "nortista", não conhecia os problemas do Sul. Mais grave talvez, era um "nortista" despreparado e pobre, características opostas àquelas necessárias para reordenar o país. Romão via nele mais uma ameaça de agitação dos trabalhadores, do aumento da inflação, da intranquilidade e do alastramento da pobreza. Seu discurso, dirigido às camadas mais desfavorecidas, assustava-o. Romão era um daqueles que se dizia disposto a deixar o país caso Lula ganhasse. Com ele ocupando o cargo mais alto do Brasil, as tendências que se manifestavam naquele momento tornar-se-iam definitivas: a "baderna" estaria instalada - disciplina, trabalho, tranquilidade e ordem diriam, junto com ele e seus amigos, adeus ao país. Nada havia em Lula e no seu partido que transmitisse uma imagem de "pulso firme".

Sua preferência por Maluf na verdade derivava de uma

admiração mais antiga. Jânio Quadros, para ele, era o exemplo mais bem acabado de administrador competente. Sua imagem funcionava como parâmetro de avaliação de outros políticos.

"(...) o Jânio, com a centena de defeitos que ele tem - qualquer homem tem -, mas ele é um homem seguro. Ele tem, ele sabe mandar. Não sou janista, mas votei nele para vereador quando ele era professor da Escola Politécnica de São Paulo lá na Av. Tiradentes. Dali ele saiu... prá vereador de São Paulo. Depois prefeito, depois governador, depois deputado, depois presidente da República".

"o Sr. votou todas as vezes nele?"

"Sim. A decepção que ele deu prá todos os eleitores dele, as 'forças ocultas' dele que nunca disse quem era, esperto prá chuchu", disse ele rindo.

Saber mandar e ser seguro plasmavam-se na qualidade indispensável a qualquer homem público:

"Mas ele tem, tem pulso firme. O filha da mãe. Ele é autoridade, ele impõe as leis dele na prefeitura que o governo não tira".

Só alguém como ele para restabelecer a disciplina, o trabalho, a ordem. "O Brasil é grande, a população pequena, tá na hora de corrigir isso aí".

*

A idéia do "pulso firme", que encontramos também nas narrativas dos jovens, como Bianca e Carmela (que votaram em

Maluf em 1988, que reprovam a administração de Erundina e querem uma solução definitiva para a invasão de camelôs no centro da cidade, a onda de violência e os sequestros), é um tema recorrente quando se trata de projetar a cidade e o país ideal. As escolhas eleitorais muitas vezes seguem estes caminhos. Os traços de desordem são tidos como reflexos das más administrações. Cabe aos governantes superar estes problemas e reger suas ações de acordo com as premissas da boa sociedade. É deles que devem partir as iniciativas, assim como resultam de suas inabilidades os mais variados males que recaem sobre os cidadãos.

Todavia, é com relação à parcela mais pobre e "despreparada" da população que os governantes devem ficar especialmente atentos. É ela o foco da maioria dos problemas do país e a ameaça mais evidente ao bom funcionamento das instituições.

*

Corrigir o que havia de errado implicava, não só para Gajanigo e Romão, mas para grande parte daqueles que conheci no bairro, conter a migração. Fortunata expressava esta idéia de maneira a mais dramática e vívida. A cidade e o bairro estavam "empestiados": a insegurança aumentara, as ruas tornaram-se proibidas e os encontros ficaram mais raros. Para completar o quadro (que vimos mais detalhadamente no capítulo anterior), o bairro estava sendo

tomado pelos cortiços - tornava-se portanto mais feio.

O "progresso" da cidade e do bairro - os novos edifícios, escolas, hospitais, avenidas e o metrô - estava sendo prejudicado por estes habitantes indesejados. A exemplo de Gajanigo e Romão, ela achava necessário contê-los nos seus lugares de origem: "A Moóca regride pelos cortiços. Devia acabar com essa vinda de gente prá cá. Devia dar condições pra eles lá".

A prefeita de então, Luiza Erundina, recebia de Fortunata as mesmas impressões da maioria dos moradores do bairro. Foi visto no capítulo anterior que seu defeito principal era não ser um "homem mais durão, um homem mais homem, mais ditador. Um prá por ordem na cidade".

O presidente José Sarney não era melhor visto que a prefeita: "devia ter dado enfarto nele, esse desgraçou o Brasil". Nas eleições que se aproximavam, Fortunata já tinha desde há muito decidido em quem votar.

"Ladrão por ladrão, eu punha o Maluf, que pelo menos fez algo. O Lula é ignorante, ele adquire votos porque vai nas fábricas, é a classe operária que está apoiando".

Ela se referia aos tempos em que Maluf era governador do Estado e realizou, segundo ela, uma centena de obras: estradas, hospitais e escolas. Lula era sua antítese. O fato de ser apoiado pela "classe operária" já o desqualificava

para qualquer função pública. "Maluf não tem chance, mas ele fez algo, e ele já é de berço rico": estava implícito, não só que seu candidato não precisava roubar (apesar do seu "ladrão por ladrão"), como também que Lula, por ser de origem humilde, estaria propenso a tomar tais atitudes.

Com relação a Collor, os motivos de seu alto índice de aceitação eram os mesmos que a deixavam pessimista com relação aos dias vindouros: "O pessoal tá se encantando com o Collor porque é tudo analfabeto, ignorante". Ou seja, o brasileiro de uma maneira geral - sobretudo os mais pobres - "ele não tem uma visão ampla, é como carneiro, onde vai um vai todo mundo".

Por tudo isto é que o país precisava de alguém que restabelecesse a ordem. Isto implicava, para o caso de São Paulo, fechar suas fronteiras para os migrantes nordestinos pobres e educá-los para o trabalho. Para os que insistiam em ficar e cometiam crimes, medidas mais enérgicas e definitivas eram necessárias. A pena de morte era a solução (como visto no capítulo 4).

Um governante mais "ditador", "durão", não hesitaria em instituir esta prática. Fortunata via esta possibilidade em Maluf. O que a fazia crer nisto? Não ficamos sabendo - ao menos explicitamente não há qualquer menção a esse respeito. Todavia, podemos supor que pelo fato de "já ter feito algo"

- reprimiu greves, aumentou o policiamento - seus métodos tinham se tornado conhecidos. A ordem que Fortunata idealizava, com menos pobres por perto, mais tranquilidade, segurança e prosperidade, só poderia ser alcançada através das ações de um "ditador". Vigilância, punição e trabalho: estes os pilares do bom funcionamento da cidade.

*

O mundo da política e a demora do futuro

Ao considerarmos estas imagens a respeito do mundo da política e dos políticos, inserindo-as num contexto mais amplo formado não só pelos dados eleitorais apresentados no início deste capítulo, mas também pelos indicadores demográficos e econômicos, além das experiências pessoais que a eles se entrelaçam, deparamo-nos com uma série de conexões possíveis entre estes vários níveis. Esta atmosfera social dentro da qual nossos informantes e muitos dos moradores do bairro formulam suas visões de mundo impregna, inevitavelmente, as reflexões sobre os políticos e o futuro. O inverso é também obviamente válido, e é nesta teia de determinações recíprocas que tentarei detectar alguns sentidos para suas tendências e escolhas eleitorais.

Antes de mais nada, é preciso atentar para a mais explícita das referências evocadas nas narrativas sobre os políticos e o futuro: a presença, mais próxima do que nunca, de pessoas

tidas como extra-comunitárias. Este parece ser o núcleo a partir do qual nossos informantes pensam a maioria dos problemas atuais e na maneira pela qual eles deveriam ser sanados no futuro. De fato, refletir e falar sobre os "nordestinos", os "maloqueiros" e os "bandidos" implica também fazer referência a características mais amplas da sociedade e de sua condução. Implica formar imagens e se localizar em meio à heterogeneidade da sociedade, às incertezas de toda ordem que pairam sobre os cidadãos, à maior ou menor possibilidade do conflito aberto, à confiança nas instituições e, não menos importante, implica optar por um rumo desejado. Este rumo não raramente é associado a uma pessoa, um político ou administrador público - às vezes a um partido -, em função dos quais o caminho para uma situação de ordem é tido como sendo o mais provável.

De qualquer maneira, percebemos que o mundo político, longe de constituir um universo autônomo, está articulado e é feito significativo a partir de valores e opiniões mais ou menos difusos os quais, por sua vez, nutrem-se de determinações de alcance mais generalizado. Pois bem: vimos que a Moóca de uma maneira particular, e a zona Leste próxima ao centro de um modo geral, constituem o que podemos chamar de uma base geográfica da direita na cidade de São Paulo: se não é ali onde se verificam as maiores votações dos candidatos da direita, ao menos é onde os políticos da esquerda, notadamente os do PT, constatarem seus piores

índices em toda a Capital paulista.

Restringindo a análise às décadas de 80 e 90, notamos que neste período não só o custo de vida atinge patamares inéditos, como também, e principalmente na área em questão, ocorre um adensamento geográfico sem precedentes. Vimos no Capítulo 2 que este último fenômeno se deve, em grande medida, à multiplicação das habitações coletivas - quintais e cortiços - que passam a abrigar famílias carentes expulsas das regiões mais afastadas da cidade. A referência a este processo é uma constante nas narrativas dos moradores do bairro: a ele são atribuídas, ou associadas, as mais diversas dificuldades com as quais se deparam os moçoquenses. Não são apenas as dificuldades financeiras - nada desprezíveis, aliás -, mas também as de relacionamento e de segurança.

Em meio à constelação de fatores que influem na escolha de um ou outro político, podemos assim pensar em algumas relações entre, de um lado, este processo de heterogeneização social (ou seja, de proximidade com os pobres) e as instabilidades das mais variadas naturezas que o acompanha, e de outro, as preferências eleitorais destas pessoas da Moóca. Claro que estas relações não esgotam os motivos possíveis das escolhas. Todavia, a análise dos discursos - não só os gravados, mas aqueles do cotidiano, das cenas nas ruas, bares e lojas - indica a recorrência de

associações entre estes acontecimentos: são por demais frequentes as falas sobre o mundo da política que manipulam fatos relacionados com os "nordestinos" e outras pessoas tidas como estranhas à comunidade, e vice-versa. Estas visões de mundo, se por um lado são carregadas de irresolução, contradição e pontos obscuros, por outro buscam insistentemente princípios ordenadores capazes de restabelecer uma situação social idealizada.

É nesta busca por princípios de ordem que acredito haver algumas pistas para pensarmos na identificação de grande parte dos moradores do bairro com os discursos e os personagens políticos. Em um contexto marcado sobretudo pela instabilidade e por ameaças de todo tipo, e levando em conta as idealizações da comunidade que grande parte dos moradores do bairro têm, não parece descabido supor que pelo menos algumas destas idéias encontrem ressonâncias na política. Vimos nas narrativas sobre os administradores públicos que a idéia de um "pulso firme", de uma "autoridade" capaz de refrear o avanço dos pobres, o aumento dos preços e a escalada da violência urbana permeava os projetos da sociedade futura. A questão que se coloca é por que tais idéias terminavam quase sempre se concatenando em torno de candidatos como Jânio e Maluf ao mesmo tempo em que se distanciavam de outros políticos mais à esquerda.

As imagens evocadas a respeito das soluções para os

problemas atuais - "pôr ordem na casa", "fechar a exportação" (de migrantes), "abrir a moringa" (daqueles tidos como inaptos para o trabalho e a disciplina), "acabar com a impunidade", etc., -, são construídas sobre algumas premissas que norteiam as impressões e escolhas dos entrevistados.

A mais óbvia delas diz respeito aos pobres e aos migrantes. Nunca é demais lembrar que são eles, segundo a maioria das pessoas do bairro que conheci, os que melhor representam os malefícios dos tempos recentes. As privações de consumo, circulação e sociabilidade são associadas a estes novos e cada vez mais numerosos moradores das redondezas e cada vez mais visíveis por toda a cidade. O que importa ressaltar, todavia, é que os problemas que eles personificam - literal ou simbolicamente - são difíceis de ser resolvidos. Isto porque remontam a uma série de características próprias de grande parte da população brasileira a qual, segundo os entrevistados, não preza a disciplina, o trabalho, os bons costumes e a ordem. Fortunata, assim como boa parcela dos mooquenses, lançava mão das seguintes imagens para expressar esta opinião:

"O Brasil tem as cidades mais ricas, sem plantar cresce... A terra é boa, o povo é que é ruim".

O "povo", neste caso, obviamente serve para classificar os pobres. A sua indisposição para a boa conduta era própria de

uma natureza particular. Afinal, aqueles dotados de força de vontade e disciplina "venciam na vida". As desigualdades sociais eram frequentemente vistas a partir deste ângulo, de modo que os infortúnios dos menos favorecidos eram consequência direta de sua congênita falta de empenho e disciplina. Como representavam sérios riscos ao bom funcionamento da sociedade e àqueles que regiam suas vidas de acordo com os bons costumes e o trabalho, eles deviam ser objetos de vigilância e punição. Vimos anteriormente que a "educação", da maneira como aparece na narrativa de Romão, funciona como um instrumento para atingir estes fins. Manter os "nordestinos" em sua terra natal também se junta às ações tidas como indispensáveis para a harmonia do Sul e das vidas destas pessoas das classes médias.

Todas estas medidas, no entanto, dependiam de um bom "governante" para serem implementadas. A resolução dos problemas é no mais das vezes tida como assunto dos "poderosos". Gajanigo estava se referindo a isso quando, respondendo a uma pergunta minha a respeito das soluções para os problemas que ele detectava, iniciou dizendo que "não tenho solução nem tenho idéias. Acho que isso cabe aos nossos governantes". De uma maneira ou de outra, todos concebiam analogamente as funções dos administradores públicos: a eles cabia zelar pela ordem, o que vale dizer, muitas vezes, vigiar e punir aqueles que a ameaçam. É de Fortunata a idéia que sintetiza isto: é de um "bom pai de

família" que o país precisa.

É esta então uma outra premissa que está por trás das digressões dos entrevistados e dos moradores do bairro a respeito do mundo da política. Mais especificamente: o voto é dado a alguém cuja capacidade é indubitável e que independe das atitudes e cobranças de seus simpatizantes e da sociedade de uma maneira mais geral. Ou seja: entre o que se passa no cotidiano dos cidadãos e aquilo que é função das esferas administrativas não há qualquer ponto de contato, a não ser nos períodos eleitorais, quando as atribuições dos políticos são repensadas, as administrações passadas avaliadas, os problemas detectados e a sociedade ideal é projetada. Delegam-se obrigações e poderes aos "governantes"¹⁸.

Nos demais momentos, é dever de cada cidadão levar sua vida da maneira a mais correta possível, e obrigação das autoridades cumprir seus desígnios relativos à ordem. A este respeito, é interessante percebermos que, nas situações de crise generalizada - como era encarado o período no qual a eleição de 1989 para presidente transcorreu -, atitudes isoladas, isto é, não originárias dos aparatos de repressão e de uma política social definida, implicavam sérios riscos à integridade do país. As medidas privadas de segurança

¹⁸ A este respeito, ver uma série de artigos de Guillermo O'Donnell sobre a democracia brasileira recente, especialmente "Transições, continuidades e alguns paradoxos" in *A democracia no Brasil: dilemas e perspectivas*. São Paulo, Vertice, Editora Revista dos Tribunais, 1989.

foram frequentemente lembradas segundo este diapasão. "Esse caminho aí seria o fim da nação, seria o fim do governo. Se o governo não consegue conter o ímpeto da criminalidade, seria o fim, seria o caos", insistiu Gajanigo. Ou seja, cada pólo da relação governo-cidadão constitui, em sua separação e em suas especificidades funcionais, a garantia da existência da própria sociedade. Ações privadas voltadas para problemas tidos como públicos - a segurança, a inflação, etc. - colocavam em risco a legitimidade do "governante", já que o destituíam de suas funções principais. Isto ocorreria não só porque os indivíduos tomariam para si tarefas tidas como exclusivas dos poderes maiores, como também, e numa espécie de círculo vicioso, levaria à insubmissão generalizada.

Devemos notar que, além de independentes, os "goverantes" têm que ter "autoridade" suficiente para enfrentar os males da sociedade. Isto quer dizer que, muitas vezes, eles devem fazer leis e cuidar para que elas sejam cumpridas. As expectativas que muitos tinham com relação ao fim da impunidade, com "castigos exemplares" e até a pena de morte seguia este caminho. Um político de "pulso" não se furtaria a instituir tais práticas. Ele não está necessariamente sujeito à lei; pelo contrário, deve submetê-la a fim de governar "corretamente".

E governar "corretamente", enfim - e aqui segue outra

premissa subjacente às avaliações e expectativas com relação ao mundo político -, implica, para aqueles que ocupam os cargos mais altos da administração pública, estar atento às especificidades regionais, neste caso do Sul, de São Paulo e, não raramente, do bairro. A escolha do político adequado também passa por uma reflexão sobre sua atuação passada, o grau de preocupação que demonstrou com as regiões às quais se identificam estes eleitores e a possibilidade que ele encarna de sanar os problemas que afloram. As justificativas dadas para apoiar Maluf muitas vezes incluíam o fato de ele ser, além de "competente", "duro" e "autoridade", conhecido de há muito na cidade e no Estado. E não era só. O que ocorria no bairro em cada administração, fosse ela estadual ou municipal, também servia de base para avaliar um determinado candidato. Este critério terminava por favorecer o ex-prefeito Covas e o ex-prefeito e governador Maluf. Geremia, 59 anos em 1990, nascido e morador desde então da Moóca, comerciante, casado, duas filhas, escolheu Maluf no primeiro turno das eleições de 1989 porque "ele é conhecido de São Paulo".

Nas eleições para a presidência, assim, tais parâmetros não estiveram ausentes. Entre as pessoas que conheci, poucos deixavam de direcionar suas preferências para candidatos de São Paulo, ex-governadores e ex-prefeitos, nesta ordem crescente. É claro que os fatores que analisamos acima também se aglutinavam em torno de um nome, e muitas vezes a

origem geográfica do político não contava tanto quanto sua aparente disposição para exercer a "autoridade" e "pôr ordem na casa". Em todo caso, não são desprezíveis as considerações que remontam ao fato dos candidatos serem mais ou menos conhecidos e portanto confiáveis.

Podemos apreender esta propensão pelos políticos conhecidos não só nas referências explícitas às suas origens, mas também nas aproximações que são feitas entre a boa administração doméstica e o governo competente. Não raramente são evocadas imagens do "bom pai de família" para descrever as qualidades dos políticos preferidos. Sua missão na sociedade é análoga àquela que os pais exercem nos lares. Constatamos isto na narrativa de Fortunata, assim como em muitos outros depoimentos. É de Romão, no entanto, a imagem que sintetiza muitas das associações deste tipo que ouvi: segundo ele, para administrar a casa, os pais devem conhecer detalhadamente o espaço doméstico; o mesmo deve ocorrer com os "governantes", sendo portanto indispensável não só um conhecimento técnico adequado (que era reconhecido naqueles que "tinham estudado", que "eram de família boa"), mas uma familiaridade com a "casa" na qual iam se instalar e que passariam a comandar.

*

Ao refletirmos a respeito destes modos de atribuição de

sentido ao mundo da política - os quais, como vimos, indicam o tipo de sociedade que é projetada para o futuro - deparamo-nos, mais uma vez, com os princípios comunitários vistos nos capítulos anteriores. A "boa sociedade", constituída por famílias que vivem harmonicamente, aglutinadas em torno de valores tais como o trabalho, a dedicação e a disciplina, rege boa parte das imagens que são construídas a respeito da situação ideal. O uso frequente da nomenclatura familiar nas ideias a respeito de um país melhor que o atual, se de um lado constitui um recurso de expressão facilmente articulado, por outro denuncia a força de um projeto comunitário cuja base, ao menos simbólica, é o núcleo familiar.

A função do "chefe" neste projeto é de fundamental importância. Além de vigiar e punir os indivíduos extra-comunitários, ele deve cuidar da perpetuação de sua coesão interna. Isso significa reforçar os grupos domésticos. Refletindo a respeito do perfil ideal do "governante", Romão disse o seguinte:

"homem competente, o homem que tem a força, o homem que pode mandar prender e mandar soltar. Esses homens têm que abrir a cabeça pra voltar a reunir as famílias". (...) Vamos afastar esse fantasma que está aí apertando a gente. Tem meio de afastar".

É através deste viés que muitas das imagens vistas neste capítulo se formam. Se pensarmos na noção de "público" que

está aí embutida, ou pelo menos a noção do "bom público", verificamos que se trata de um espaço povoado por pessoas vistas como semelhantes e onde inexiste o medo. São assimilados como distorções, resultantes de má administração, as áreas nas quais as pessoas tidas como respeitáveis são forçadas à proximidade com outras mais pobres, consideradas perigosas. Ao "bom governo" deveria caber a segregação daquelas famílias que, devido à sua condição social - a qual, aliás, é pensada pelos entrevistados como resultante de uma natureza diversa -, não podem participar da comunidade. Na expressão de Fortunata, paradigmática porque exprime uma idéia recorrente, é preciso resolver os problemas das "diferenças muito grandes".

Enfim, o mundo da política é pensado segundo parâmetros de apreciação relativos à comunidade. Temos a impressão de que qualquer ideologia de redistribuição da justiça social, ou qualquer apelo à solidariedade com estes que povoam suas ideias e que são reconhecidamente fracos e carentes não têm sentido algum.

Aliás, parece mesmo que o ódio aos extra-comunitários é estendido aos partidos e aos políticos que a eles se dirigem. As administrações para "os pobres", como muitas vezes foi lembrada a gestão de Luiza Erundina na Prefeitura Municipal, na verdade representam mais desordem. O absurdo de suas propostas redistributivistas, participativas e

humanitárias é proporcional à indignação advinda da situação de proximidade com os pobres, a insegurança e a restrição à circulação e à sociabilidade. Podemos assim dar um sentido possível aos espantosos retrospectos eleitorais do bairro e da região.

O problema se torna maior para os moradores que pensam mais ou menos desta maneira uma vez que o futuro idealizado não dá mostras confiáveis de estar a caminho. Mais do que isso, é comum a impressão de que os problemas estão ficando mais agudos. Ou pelo menos era até a vitória deste ano de Paulo Maluf - mas as pesquisas de opinião da última semana do mês de janeiro de 1993 indicam que, pelo menos no curtíssimo prazo, o "pulso firme" de Maluf ainda não surtiu efeitos. Em todo caso, enquanto o "governante" não resolve definitivamente os problemas da migração e da impunidade e os extra-comunitários continuam por perto, muitos moçoquenses mantêm suas críticas e seus sentimentos com relação a este contexto de incertezas econômicas, proximidade com os pobres e medo. Veremos a seguir de que maneira se manifestam os temores e as atitudes que são tomadas em função deles.

III

Consequências e limites: o
projeto de sociedade
excludente

Capítulo 6

O medo e o encolhimento do mundo

"Todas as distâncias que o homem criou em torno de si surgiram a partir deste temor de ser tocado. As pessoas se fecham em suas casas nas quais ninguém pode entrar, e somente dentro delas é que elas se sentem realmente seguras. O medo do ladrão não diz respeito apenas às suas intenções de assalto, mas também de um temor de ser tocado por um ataque repentino e inesperado vindo das trevas"¹.

Entre as múltiplas idéias dos moradores da Moóca a respeito das mudanças recentes, em meio às mais variadas impressões relativas à proximidade inédita com os pobres, a crise econômica, a violência urbana e a impunidade, nas inúmeras camadas de paradoxos, irresoluções, certezas, continuidades e interrupções - enfim, neste universo de representações e práticas que tento compreender mediante alguns de seus traços, subjaz um sentimento, mais ou menos generalizado, que ilumina certas facetas destas visões de mundo. Trata-se do medo.

Abordar o assunto é delicado. A bibliografia a esse respeito é escassa, e se for desconsiderada a parte exclusivamente

¹ Elias Canetti, *Massa e poder*, São Paulo, Melhoramentos, Ed. Universidade de Brasília, 1983, p. 11.

psicológica ou filosófica, reduz-se basicamente ao trabalho de Delumeau² o qual, em essência, ou seja, na sua parte historiográfica, não nos ajuda muito. Permanece a questão de saber como tornar significativo este sentimento que aparece, mais ou menos evidente, não só em muitos dos relatos, mas também na fachadas das casas, na desconfiança com relação a certos lugares, horários e pessoas, e nas imagens que são construídas do presente e projetadas para o futuro.

O motivo pelo qual este capítulo segue os demais já é, na verdade, uma primeira tentativa de compreensão e indica o caminho que pretendo trilhar. Ao tentar interpretar os sentidos do medo - como ele aparece nos relatos e em outros momentos da vida dos entrevistados - levarei em conta tudo que foi até agora visto como sendo parte do universo de entendimento destas pessoas. Em outras palavras, partirei da idéia de que o medo, mais que um sentimento isolado, é parte de um complexo de imagens e acontecimentos dos quais vimos, nos capítulos anteriores, algumas de suas derivações: estatísticas, narrativas, posturas e projeções. Ele está articulado à constelação de fatos que, de um modo ou de outro, chegam até as pessoas. Esta é uma primeira característica. Mas não basta.

² Jean Delumeau, *História do medo no Ocidente: 1300-1800*, São Paulo, Cia das Letras, 1990. Ver também Georges Lefebvre, *O grande medo de 1789 (os camponeses e a Revolução Francesa)*, Rio de Janeiro, Campus, 1979; Louis Chevalier, *Classes laborieuses e classes dangereuses à Paris, pendant la première moitié du XIX siècle*, Paris, Hachette, 1984; Marilena Chauí, "Sobre o medo" in Sérgio Cardoso (org.), *Os sentidos da paixão*, São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

De que maneira se dá esta articulação? Em primeiro lugar, é preciso atentar para o caráter social deste sentimento. Há um repertório mais ou menos comum a respeito dos males que atingem a sociedade e que incidem, de uma maneira ou de outra, sobre cada vivência particular. Em segundo lugar, o medo surge quando o que se apresenta não se conforma às premissas da boa sociedade: a "classe perigosa" parece livre e as "autoridades" não demonstram "pulso" suficiente para coibi-la. Destas duas características é possível entrever que os objetos do medo são definidos, uns de modo mais claro, outros de maneira difusa, uns e outros confundindo-se e, ao mesmo tempo, clareando-se: não são apenas os visíveis e concretos "nordestinos", os "bandidos" e outros "marginais"; mas são também a insegurança, o custo de vida, e todas as privações que os acompanham - consumo, sociabilidade, trânsito pelas ruas, previsibilidade e ordem.

O fato da referência ao medo ser uma constante nos relatos e algo que se evidencia, por exemplo, nas fachadas das casas, nos muros altos, grades, portões e alarmes, nos faz pensar a respeito das dinâmicas de atribuição de sentido destas visões de mundo. Longe de constituir um todo organizado, coerente e tranquilizador, os mitos da comunidade que analisamos, se por um lado fornecem alguns elementos com os quais as diversas situações ao longo do tempo são feitas significativas, por outro não têm o poder de integrar todas as características da realidade que se lhes apresenta

segundo um conjunto coeso e harmônico. Em outras palavras: os diversos perigos, as privações e a desordem que são captados por estas pessoas do bairro não fazem parte da "boa sociedade" que têm idealizada. Suas situações atuais são representadas, na maior parte das vezes, como um momento a ser superado. Uma série de medidas provenientes dos "poderosos" são necessárias para o restabelecimento do bom funcionamento do país e da cidade. Mas enquanto elas não vêm, resta demarcar as práticas possíveis dentro deste contexto adverso. Assim, apesar das experiências das pessoas serem verbalizadas, há uma descontinuidade recorrente quando se trata de pensar o presente: nele estão ambientados os riscos e os objetos de temor, motivo pelo qual ele deve ser rapidamente corrigido.

Neste interregno dos tempos atuais, assim, florescem os mais variados tipos de medo. Colocado em outros termos, diria que a eficácia simbólica dos mitos da comunidade encontra aí alguns de seus limites: quando se trata de analisar o presente, o olhar se depara com uma situação pouco estável e ordenada. De fato, seu significado é negativo, e as narrativas que gravitam em torno destas idéias da "boa sociedade" só encontram sua continuação de modo virtual, ou seja, num tempo futuro cuja concretização é incerta.

Devemos ter em conta que esta maneira de ver as coisas constitui um modo muito particular de dar sentido à

realidade. Nos capítulos anteriores, verificamos que as imagens a respeito dos "nordestinos", assim como dos tempos passados, nutrem-se de uma série de distorções, as quais ficam evidentes quando analisamos, por exemplo, outras possíveis reconstituições históricas dos anos 50 e 60 e a composição social, a procedência e as ocupações dos moradores dos quintais e cortiços da região. São estas distorções, seus lapsos e exageros, que conferem especificidade às visões de mundo destas pessoas. É por isso que devemos estar atentos também à natureza de seus temores. Eles provêm, em alguma medida, deste prisma interpretativo que dificilmente consegue assimilar as diferenças sociais de uma maneira outra que não seja negativa.

Em todas as suas contradições e seus "pontos cegos", esta teia de significados, com efeito, articula em alguma medida as experiências destes moradores do bairro. A procura do tempo perdido que está embutida nos mitos da comunidade constitui uma espécie de matriz da qual são retiradas as cores associadas ao presente. Podemos dizer, enfim, que

*"o poder traumatizante de uma situação qualquer não pode resultar de seus caracteres intrínsecos, mas da aptidão de certos acontecimentos, que surgem num contexto psicológico, histórico e social apropriado, para induzir uma cristalização afetiva, que se faz no molde de uma estrutura preexistente"*³.

³ Claude Lévi-Strauss, "A eficácia simbólica" em *Antropologia Estrutural*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, Tempo Brasileiro, 1985, p. 234.

O conjunto destas "estruturas preexistentes" Lévi-Strauss denomina de "inconsciente". É a partir dele que elementos inarticulados ganham algum significado, são organizados em um discurso e assim socializados⁴. Importa aqui frisar a proeminência desta estrutura - uma entre outras tantas possíveis e talvez não tão coerente quanto sua denominação indica - sobre os acontecimentos. Os "bairanos", os "nordestinos", a inflação e a violência urbana, mais do que constituírem significações já dadas, estão sujeitos às elaborações daqueles que os vivenciam. No caso das pessoas que estão no centro de minhas atenções, com quem conversei e de cuja realidade compartilhei, vimos que algumas de suas elaborações podem ser compreendidas como estando vinculadas, mais ou menos efetivamente, a certas premissas de bom funcionamento social, que por sua vez evidenciam-se nas narrativas sobre a passagem do tempo e da situação atual.

A fim de interpretar o significado dos temores que advêm da situação estudada, é necessário levar em conta, portanto, não só os acontecimentos *per se*, mas a sua "aptidão" de provocar tais sentimentos. Vale dizer: os medos provêm de uma maneira particular de assimilar os fatos, maneira esta que deriva, em maior ou menor grau, de um universo de valores e normas específico. Ao que tudo indica - e veremos se isto se verifica nos relatos - há uma relação entre o medo e a discrepância que é constatada pelos indivíduos

⁴ *idem*, p. 235.

entre o que deveria ser e o que de fato é.

*

A constelação dentro da qual estas pessoas do bairro elaboram suas opiniões e agem pode ser pensada como estando atravessada pelos acontecimentos expostos ao longo dos capítulos anteriores. A heterogeneidade social, o adensamento demográfico, as interpretações do passado, o custo de vida, enfim, as mais variadas imagens a respeito da realidade, num processo contínuo do qual captei apenas alguns momentos, vão sendo aglutinadas e feitas significativas.

O medo nutre-se de todas elas, mas reporta-se mais nitidamente a algo ainda não abordado neste estudo: a violência urbana. São recorrentes os relatos de assaltos, mortes e de situações de perigo. A associação mais comum é com os "nordestinos", sua chegada na cidade e sua visibilidade cada vez maior. Não faltam as narrativas que citam a crise econômica, a impunidade e a decadência das instituições e dos órgãos de repressão como fomentadores do medo. Veremos de que maneira todos estes fatos são trazidos à baila quando se trata de expressar temores. Antes, porém, detenhamo-nos sobre a questão da violência urbana e vejamos de onde partem (ou não partem) as ideias a seu respeito.

*

Medo e violência: o contexto paulistano

Podemos afirmar que durante a década de 1980 a violência em São Paulo intensificou-se. Ao considerarmos dados que vão de 1981 a 1987, verificamos que "a participação dos crimes violentos no total de ocorrências criminais registradas aumentou consideravelmente desde 1982"⁵. Como indica a tabela abaixo, houve uma mudança no padrão de criminalidade, a qual se tornou mais violenta.

Tabela 14 - Participação percentual dos crimes violentos no total de ocorrências criminais da Região Metropolitana de São Paulo - 1981-1987 (%)⁶.

	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987
Munic. de S.P.	21,5	20,8	28,2	29,8	29,0	27,9	27,3
Demais munic.	22,6	22,8	29,1	30,9	29,9	30,3	29,9
R.M.S.P.	21,8	21,3	28,4	30,1	29,2	28,6	28,5

Fonte: Anuários estatísticos do Estado de São Paulo - Fundação SEADE, 1981-1987, apud Vinícius C. Brant, *São Paulo trabalhar e viver*, op. cit., p. 153.

No município de São Paulo, assim como em toda a região metropolitana, a participação dos crimes violentos no total das ocorrências aumentou em quase 50% entre 1982 e 1985, permanecendo neste patamar nos anos seguintes. De fato, os homicídios foram os crimes cuja frequência mais aumentou na

⁵ Vinícius Caldeira Brant (org.), *São Paulo trabalhar e viver*, op. cit., p. 152.

⁶ Os dados de criminalidade violenta são relativos às ocorrências registradas de homicídios e tentativas de homicídio, roubo, latrocínio, lesões corporais dolosas, estupro e tentativas de estupro.

década tanto no município quanto na região metropolitana⁷.

É preciso ressaltar, no entanto, que os níveis mais altos do aumento da violência foram verificados na periferia, onde a maioria de sua população é de baixa renda. O mesmo ocorre quando consideramos toda a região metropolitana: é nos seus municípios mais periféricos onde são registradas as taxas mais elevadas de crime violento⁸.

Estes dados, apesar de serem provenientes da única fonte possível - oficial e, como qualquer estatística, distorcida segundo uma visão específica da realidade social⁹ -, são ademais insuficientes para captarmos o complexo que é o fenômeno do aumento da violência em São Paulo. A quantificação não alcança aspectos fundamentais que compõem o quadro da criminalidade atual, agravado pela perda da legitimidade do sistema judiciário. Contribuem para a situação o apoio o desrespeito aos direitos individuais, a disseminação de atitudes privadas e ilegais com relação à criminalidade - a contratação de "justiçeiros" e "profissionais" afins -, e as ações violentas da polícia.

Além disto, há uma outra importante mudança ocorrida nesta última década que não aparece nas estatísticas: o aumento do crime organizado. Juntamente com as atitudes apontadas

⁷ Teresa Caldeira, *City of Walls*, op. cit., p. 140.

⁸ idem, p. 142.

⁹ idem, p. 113.

acima, estes acontecimentos formam uma espécie de círculo vicioso. Muitas vezes ocorre que a polícia e o sistema judiciário são ignorados, as práticas privadas de vingança e prevenção tomam seu lugar, e assim a violência e a ilegalidade são reforçadas¹⁰.

São estas as razões pelas quais as explicações centradas exclusivamente seja nas motivações econômicas, seja nas de natureza psicológicas, seja ainda nas sociais (que ora ligam a incidência de crimes à urbanização, migração, pobreza, industrialização, etc., ora a associa ao desempenho das instituições), devem ser assimiladas com cautela. Há estudos que colocam em questão a associação que é feita entre, de um lado, pobreza e urbanização, e de outro, a criminalidade¹¹. De qualquer modo, parece fundamental considerar, ao lado destas variáveis, o círculo vicioso apontado acima. Ao refletirmos sobre os temores dos moradores do bairro devemos inseri-los neste universo constituído, não só por adensamento demográfico, empobrecimento, crise econômica, mas também pelo aumento dos crimes violentos, no descrédito das instituições jurídicas e policiais, e no consequente sentimento de desamparo da população paulistana.

*

¹⁰ Ver, a respeito da perda de legitimidade do sistema judiciário, Alba Zaluar, "O diabo em Belíndia", *Religião e Sociedade*, 1985; "Teleguiados e chefes: juventude e crime", *Religião e Sociedade*, 1990; "Gênero, Justiça e Violência", *Padas*, v. 34, n. 2, 1991. Ver também Teresa Caldeira, *City of Walls*, *op. cit.*, pp. 158, 176.

¹¹ Ver, para um balanço desta bibliografia, *City of Walls*, *op. cit.*, pp. 148-153.

No decorrer desta análise percebemos que as falas dos moradores do bairro, ao fazer referência às transformações recentes da cidade e de suas vivências mais imediatas, associam grande parte dos males da situação atual à multiplicação dos pobres, dos "nordestinos" e "criminosos" de uma maneira geral. Foi visto que estas associações constituem meios através dos quais uma gama de outros fatos se tornam significativos. É em meio a uma crise econômica, de costumes e de autoridade sem precedentes que os tidos como extra-comunitários trazem com eles a intranquilidade e o medo.

Paradoxalmente, o medo parece exercer um certo fascínio sobre as pessoas. Ao mesmo tempo que lamentam os perigos das ruas e de certos horários, elas sempre têm um caso de violência para contar. Fortunata, como vimos, é um bom exemplo disto. Ela descreve as mudanças no bairro, as restrições na sociabilidade e na ostentação a partir dos temores que suscitam os "nordestinos" e "vagabundos" de todo tipo. Eles teriam "empestiado" os arredores, os quais se transformaram em objeto de vários medos: medo dos roubos, das agressões e mesmo da morte. Prova disto é a sua experiência de assalto, narrada como um divisor de águas: antes sua vida e a de sua família era harmônica e próspera; depois tudo se transformou, mudaram-se para um apartamento, e foram privados da convivência com os amigos e do conforto

de sua antiga residência. O apartamento onde viveu seus últimos dias, apesar de localizado numa das regiões mais valorizadas do bairro, era considerado por ela um reflexo pálido da casa em que morava antes de ser assaltada; o isolamento em que se encontrava, talvez agravado pelo fato de temer sair de casa, ela o expressava dizendo que "hoje em dia só encontramos os amigos nos enterros".

O medo que sentia das ruas e de certos horários, dos "baianos" e "nortistas", de morar em casa (mais sujeitas a assaltos que os apartamentos), de ser assaltada, de não ver mais os amigos - estes vários medos eram narrados e sentidos enquanto parte de uma realidade que desviava daquilo que era esperado. O desvio ficava nítido quando era considerado o passado o qual, idealizado ou não - pouco importa - caracterizava-se pela ordem, segurança e previsibilidade. Ao invés disso evidenciavam-se, cada vez mais, seus exatos opostos. As imagens da boa sociedade saíam de foco, e em primeiro plano, dominando as cenas, surgiam os personagens e um ambiente os mais inesperados. O poder traumatizante da situação descrita pelos moradores do bairro resulta deste contexto marcado pelas incertezas; estas incertezas, por sua vez, são amplificadas por um universo simbólico pouco permeável às diferenças sociais e à convivência próxima com aqueles considerados essencialmente estranhos à comunidade ideal.

Atitudes e idéias análogas à de Fortunata são comuns entre vários moradores da Moóca. Romão não se mudou juntamente com sua família para um apartamento depois que foi assaltado. Mas protegeu-se daqueles que lhe roubaram um carro e que estão, segundo ele, prontos para agirem novamente. Vimos nos capítulos anteriores que sua casa mais parecia uma fortificação. Os raios de luz natural encontravam dificuldades para penetrar no interior de sua residência, tamanho era o número de obstáculos que havia entre ela e a rua. Muros de mais de 3 metros de altura; portão de ferro; janelas com vidros espelhados, colocadas acima do nível normal, menores e protegidas ainda com grades; portas com diversas fechaduras; alarmes conectados em quase todas as possíveis entradas; cães.

Romão também achava que a vida no bairro e na cidade estavam se modificando. Além do ritmo mais intenso da vida dos tempos atuais, da inflação e das dificuldades financeiras, faltava segurança. Na verdade, a cidade, assim como o país de uma maneira mais geral, careciam de uma "autoridade competente", capaz de restaurar a ordem. Isto queria dizer, como vimos, "abrir a moringa" dos pobres, educá-los para o trabalho e manter aqueles de outros estados em sua terra de origem. Enquanto tais medidas não ocorriam, a solução era cada família de bem proteger-se. No seu caso, tratava de reformar sua casa de maneira a inviabilizar qualquer invasão. Desde o final da década de 70, quando foi assaltado

pela primeira vez, até o crepúsculo dos anos 80 - época em que o conheci -, Romão estava às voltas com o erguimento de muros, deslocamentos de janelas, instalações de alarmes, troca de portas e fechaduras e criação dos mais diversos tipos de cães. Com relação a estas reformas ele gostava de dizer que "na medida em que vai fazendo vai fazendo mais seguro". A insegurança sempre aumentava, os objetos do medo pareciam multiplicar-se sem fim: os pobres e bandidos em potencial estavam não só espalhados por toda cidade, principalmente no centro, mas também na Moóca - os cortiços, quintais e pensões denunciavam seu avanço e a negligência das "autoridades" a esse respeito.

A situação só não suscitava mais medo porque, afinal, grande parte dos moradores da região ainda eram conhecidos: nisto concordavam muitos dos entrevistados, inclusive os mais jovens. Ainda era possível reconhecer pessoas pelas ruas, caminhar sossegadamente em alguns lugares - mas este território seguro diminuía. A medida que avançavam os cortiços, evidenciavam-se seus moradores, o mapa mental do bairro encolhia. O "Brás", a "Moóca de baixo", a "Vila Prudente", enfim, os lugares que são tidos pelos diversos entrevistados como sendo perigosos (porque, afinal, mais pobres que a Moóca), estavam se sobrepondo a áreas mooquenses. As fronteiras das zonas perigosas estavam em expansão. O medo as acompanhavam. Continuasse este processo no ritmo atual e "cada casa vai virar uma fortaleza",

advertia Romão.

Ficavam cada vez mais em evidência os pobres, suas moradias e os temores que eram a eles associados por aqueles que assistiam atônitos o processo de heterogeneização social do bairro. A "classe perigosa" estava no horizonte daqueles que se viam forçados a remodelar seus esquemas de sociabilidade e consumo, suas expectativas com relação à sociedade e o lugar que nela lhes caberia. Enfim, o medo vicejava justamente ali onde a realidade contrariava o que se esperava dela.

*

A casa: refúgio num mundo de temores

Nos processos de reordenamento que percebemos ao longo das várias narrativas - reordenamento da convivência, dos mapas dos lugares seguros a serem frequentados, dos usos das ruas da cidade e do bairro, das precauções contra a violência - estava implicada uma característica destes novos tempos comum a quase todos os entrevistados: a valorização do espaço doméstico enquanto lugar privilegiado da segurança, da tranquilidade, da liberdade, e para o exercício da sociabilidade autêntica. Não é apenas Romão que prefere conviver com seus amigos e familiares dentro de casa; vimos no Capítulo 3 que Amália também, cada vez mais, organiza

seus encontros na sua residência, evitando assim as dificuldades com estacionamento, os preços elevados dos programas e, fundamentalmente, o medo de ser assaltada.

De uma maneira ou de outra, os moradores do bairro, jovens ou não, tendem a exercitar sua sociabilidade em ambientes selecionados, devidamente vigiados e seguros. Carmela e Bianca, por exemplo, apesar de dizer que se sentem seguras nas ruas da zona Sul, na verdade procuram ambientes onde predominam pessoas das classes mais favorecidas e devidamente protegidos. Os *shopping centers* da região da Paulista e dos Jardins são, neste sentido, lugares ideais.

Entre a parcela que é maioria na Moóca, que têm em torno dos 50 anos, e principalmente entre os homens, os clubes são também muito apreciados: Gajanigo e Lamartine são assíduos frequentadores de associações recreativas do bairro e, muito significativamente, os chamam de "nossa segunda casa". Aqui também se trata de lugares protegidos, relativamente homogêneos do ponto de vista social (quando não de ocupação e de local de moradia), livres das ameaças que povoam as ruas e outros lugares públicos.

Os objetos do medo, assim, são de um modo geral associados aos espaços públicos abertos, nos quais não se exerce qualquer tipo de controle mais rígido. Os bandidos, segundo estes habitantes dos estratos médios do bairro, espreitam

pessoas e bens da rua: é ali que eles vivem e mais cometem seus crimes. Em uma situação de crise econômica e falta de "pulso", estes indivíduos considerados perigosos ficariam ainda mais à vontade para agir. Com a grande quantidade de histórias de crimes ouvidas, repetidas e muitas vezes aumentadas, a situação se torna repleta de temores. Tudo se passa como se houvessem, cada vez mais, pessoas, espaços e horários perigosos. "As festas de antigamente" eram frequentemente lembradas como acontecimentos impossíveis de se repetirem: além do movimento nas ruas, hoje "existe muita mistura", ou seja, há gente cuja procedência é desconhecida e que, por isso, suscitam medo.

A "boa sociedade" encolhia na medida em que a vida, nos seus vários níveis, se tornava crescentemente adversa; na medida em que as expectativas de prosperidade e harmonia não se concretizavam; na proporção em que os lugares perigosos avançavam sobre os espaços outrora conhecidos e seguros; enfim, os horizontes destas pessoas pareciam cada vez mais restritos, já que os temores se multiplicavam na razão inversa em que as transformações tomavam os rumos desejados.

Este encolhimento de horizontes - é preciso deixar isto bem claro - associa-se a toda uma gama de novas práticas de sociabilidade, de consumo e de visões com relação ao passado, presente e futuro. Vimos nos capítulos anteriores que, longe de constituir um empecilho ao pensamento e à

análise da realidade, esta situação, na verdade servia de fermento para projetos e ideações dos moradores que vivenciavam as mutações de seu bairro. O que estou querendo ressaltar é que, muitas destas práticas e representações - as idéias a respeito do passado, as atitudes com relação aos considerados extra-comunitários, as preferências eleitorais, as medidas de proteção, etc. - estão vinculadas a uma noção de comunidade, causa e consequência de um sentimento inequívoco de medo.

É preciso lembrar que isto não é algo absoluto e imutável, já que, além das percepções positivas sobre o bairro e o país, há sempre a esperança de melhoras - a insegurança perpassa muito da maneira pela qual a situação atual é vista. Insegurança de ordem econômica, de posição social ("onde a classe média vai parar?" perguntavam-se muitos), com relação à "ordem" do país e, não menos, relativa aos seus bens, sua integridade física e sua liberdade. É esta insegurança que faz com que, não apenas os mapas mentais do bairro e da cidade se modifiquem, não raramente encolhendo, como também fiquem suas ideações a respeito da boa sociedade restritas no plano do dever ser, menos no concreto e mais na imaginação. Neste sentido, podemos dizer que seu mundo imaginário encolhe e que eles se recolhem a um universo físico restrito: tanto no que diz respeito a circulação segura pelos pedaços da cidade, como a atualização dos valores e normas - há menos situações, lugares e pessoas a

que eles podem ser vinculados. Se há os momentos de confraternização, de sociabilidade agradável e segura, também há os costumes, as práticas e os lugares que provocam desaprovação: eles parecem cada dia mais numerosos e ameaçadores.

Foi dito que é deste encolhimento dos lugares de circulação e da "boa sociedade" - da crescente impossibilidade de sua concretização - que surgem os temores. Se revermos as idéias destes moradores a respeito dos pobres, dos "migrantes" e das classes pobres de uma maneira geral, podemos verificar que, ao mesmo tempo em que estão carregadas de medo, elas também trazem muito de intolerância. O "pulso forte", a "autoridade competente" na verdade são um meio de restabelecer posições e distâncias sociais que são julgadas as mais corretas. Medo e intolerância, pois, vêm frequentemente juntos. Especialmente quando informados pela idéia irrealizável (ao menos é o que lhes parece) de uma comunidade homogênea e fechada - sem as "diferenças muito grandes" e ao mesmo tempo propícia para diferenciações que denotem *status*.

*

A casa, literal e simbolicamente, revelaria muito do que foi dito acima. A maneira pela qual ela é utilizada e

representada por estas pessoas do bairro nos ajudaria a pensar em algumas consequências deste encolhimento de mundo, do medo e da intolerância.

Descrevi a casa de Romão no capítulo 3. Recordemos alguns de seus aspectos: proteção abundante, grades, janelas pequenas e altas, nenhum adorno ou detalhe estético. As paredes e grades permaneciam sem acabamento já havia alguns anos. Andando pelo bairro e prestando atenção nestes detalhes, anotei em vários diários de campo preocupações semelhantes com a segurança. Em alguns lugares do bairro, no entanto, era possível ver fachadas as quais, apesar de tão protegidas quanto a de Romão, não descuidavam do acabamento. As grades eram pintadas combinando com as janelas; as paredes eram recobertas por cores e materiais (pedras, pastilhas, massa corrida) de vários tipos; enfim, notava-se algo que denominei de estética da segurança. Nas áreas em que apareciam casas deste tipo o observador mais atento percebe uma espécie de competição entre cada arranjo arquitetônico. Os materiais utilizados, as cores e as combinações nas fachadas raramente se repetem em mais de uma residência. É nítido o desejo de destacar-se do vizinho e, desta maneira, exercitar algo que parece cada dia mais difícil: a arte da diferenciação. O problema é a heterogeneidade social, que simboliza insegurança, crise econômica e toda sorte de instabilidades. A solução, como já vimos, passa pelo restabelecimento de uma relativa homogeneidade social dentro

da qual tais práticas poderiam se desenvolver sem os percalços contemporâneos.

Por ora, importa ressaltar que, para o transeunte que se depara com estes portões, grades, interfonos e cães - e divagações estéticas à parte -, a mensagem que é transmitida pelas fachadas destas casas é clara. O lar é inviolável.

Mais que isso, talvez,

"(...) a casa, o domicílio, é a única barreira contra o horror do caos, da noite e da origem obscura; encerra em suas paredes tudo que a humanidade pacientemente recolheu ao longo dos séculos; opõem-se à evasão, à perda, à ausência, pois organiza a sua ordem interna, sua civilidade, sua paixão. Sua liberdade desabrocha no estável, no contido, e não no aberto ou no infinito"¹².

As contradições que as narrativas captam na cidade e no bairro são banidas do interior das casas. Os temores que fazem parte de muitos espaços públicos são mantidos longe pela harmonia doméstica, o convívio com os amigos e parentes, e pelas medidas de segurança necessárias. É neste espaço onde os germes da boa sociedade vicejam. O modelo da casa, na verdade, serve de avaliação de outros lugares de convivência adequada. Onde quer que haja harmonia, segurança, comunhão de alguns valores e normas, e uma relativa homogeneidade social, então o sentimento será o de

¹² *La maison de Kant*, apud Michelle Perrot (org.), *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

"estar em casa"¹³.

Não é apenas a família nuclear, os amigos e os parentes que compõem este ambiente protegido e fraterno. O simbolismo envolvido na imagem da casa alcança outras dimensões.

*"a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que não raro interferem, às vezes se opondo, às vezes excitando-se mutuamente. Na vida do homem, a casa afasta contigências, multiplica seus conselhos de continuidade"*¹⁴.

Fundamental na casa é a possibilidade que ela abre para a atualização de alguns parâmetros da comunidade. Os mitos que encerram as premissas do bom funcionamento social encontram neste espaço não só acolhida garantida, mas sobretudo um ambiente no qual eles se perpetuam, na prática e no discurso, através do reconhecimento mútuo (mesmo que este reconhecimento implica não raramente a hierarquização familiar, de deveres e obrigações), coesão e solidariedade.

As intenções de Romão de aumentar sua casa para cima, de modo a acomodar as famílias de suas filhas sob o mesmo teto,

¹³ Roberto DaMatta, em *A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 48 nota o seguinte: "(...) a casa demarca um espaço calmo, dominado por um grupo social que, no Brasil, é concebido como natural. (...) Em todo caso, se a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que se soma e define nossa idéia de 'amor', 'carinho' e 'calor humano', a rua é um espaço definido precisamente ao inverso. A rua é um local perigoso. Aliás, sempre foi assim, e as descrições deste espaço como zona livre são copiosas".

¹⁴ Gaston Bachelard, *A poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 1989, p. 26.

são neste sentido paradigmáticas. Uma série de influências e pensamentos concorrem para isto. O preço elevado da moradia, as dificuldades de financiamento da casa própria, a percepção da deterioração da vida comunitária, a crise de autoridade e a impunidade: tudo isto forja a noção de que é necessário "começar tudo de novo" - "vamos reviver a família e afastar estes fantasmas".

Nestes ambientes coesos, homogêneos e protegidos - cujo modelo é a casa mas que adquirem as mais variadas conformações - estão as possibilidades de concretização das células do "bem viver". As ideias a respeito do passado, dos problemas do presente e das soluções futuras encontram ali condições ideais de florescimento.

"Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços de estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer 'suspender' o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço"¹⁵.

Não sem motivos, portanto, as narrativas do passado e da situação atual, analisadas nos capítulos anteriores, não se faziam sem uma clara referência ao espaço, seja da cidade, do bairro, ou mesmo das moradias. A importância crucial do espaço, pelo menos entre os moradores cujas visões de mundo se apoiavam sobre a perspectiva comunitária, adquire um

¹⁵ *idem*, p. 28.

diapásão mais trágico quando estes parâmetros da boa sociedade se viam ameaçados ou impossibilitados de se concretizar. Neste contexto, não é apenas a materialidade da casa, dos bens e da integridade física que estão correndo perigo, mas são também as lembranças (e os esquecimentos), o passado, enfim, uma série de valores e expectativas.

Se levarmos em conta que o fluxo do tempo, dos bons tempos, tem suas descontinuidades no presente, ou seja, que as falas sobre as mudanças da cidade e do bairro encontram na situação atual fatos que impedem a realização dos mais diferentes projetos de vida individual e social, podemos interpretar o pessimismo com relação ao futuro - ou pelo menos as reticências sobre os dias atuais - como uma negação de boa parte das transformações. É como se estas pessoas se voltassem para a valorização de seus parâmetros e das possibilidades que ainda têm de atualizá-los, e relegassem o tempo - atual e futuro - ao plano do incerto, do perigoso.

A insistência em demarcar fronteiras, em classificar os lugares e horários seguros da cidade e do bairro, em definir o caráter daqueles considerados inaptos para o bom convívio - e finalmente, a elaboração das áreas adequadas para a sociabilidade e o lazer, derivada em alguma medida do modelo da casa -, tudo isto remete a modos específicos de considerar o tempo e o espaço próprios destes universos conceituais. Que modos são estes?

O tempo é descontínuo. Vimos que o presente marca, seja a ruptura com relação à continuidade da comunidade (embora traços de sua permanência ainda sobrevivem), seja as incertezas com relação ao futuro que se multiplicam (apesar das esperanças difusas associadas aos dias vindouros). Estas discontinuidades podem ser captadas nas diversas narrativas que constam deste trabalho. Nas impressões a respeito do bairro, das mudanças na cidade e nas mais variadas esferas da vida, os entrevistados muitas vezes verbalizam estes processos temporais, atribuindo-lhes um sentido.

As narrativas, assim, são indissociáveis do tempo já que

*"o tempo se torna tempo humano na medida em que é organizado de acordo com a maneira de uma narrativa; a narrativa, por sua vez, é significativa na medida em que retrata aspectos da experiência temporal"*¹⁶.

Há portanto uma relação dialética entre o tempo e a narrativa: a narrativa dá forma e sentido à experiência temporal enquanto que a experiência temporal constitui uma sustentação da narrativa.

Destas considerações é possível entrever que, ao detectar aspectos na sociedade que lhes causavam os mais diferentes tipos de temores, as narrativas dos moradores do bairro

¹⁶ Paul Ricoeur, *Time and narrative (v.1)*, Chicago, Univ. of Chicago Press, 1984, p. 3., citado em Renato Rosaldo, *Culture & Truth - The remaking of social analysis*, Boston, Beacon Press, 1989, pp. 134-135.

marcavam também uma interrupção no fluxo temporal. A boa sociedade estava sob riscos. O presente, espécie de terra de ninguém cujo desenlace é incerto, é o tempo das incertezas, do medo. Por este motivo, e malgrado as reelaborações dos mapas da cidade e das práticas individuais e sociais, a passagem do tempo que aparece nas narrativas, sobretudo as das pessoas de mais idade, é interrompida nos dias atuais. O futuro é uma incógnita, e o fluxo narrativo e temporal só é restabelecido mediante esperanças e projetos cuja realização situa-se no mundo das probabilidades.

Para além dos espaços conhecidos, relativamente homogêneos do ponto de vista social e moral, próprios para o convívio social, aumentam o efêmero e os perigos.

Uma das possibilidades de restabelecer o fluxo temporal, isto é, integrar o passado, o presente e o futuro, é dada justamente pelos e nos lugares adequados. A concepção de espaço que perpassa muitas das visões de mundo analisadas na verdade constitui, além de um parâmetro de avaliação da realidade que se lhes apresenta, a configuração de como deve ser esta realidade. O espaço ideal é povoado por famílias que partilham valores e normas, cercadas por um alto grau de envolvimento pessoal, e que compõem uma situação de harmonia, estabilidade e previsibilidade. Trata-se de um espaço protegido, coeso e de continuidade ao longo do tempo garantida. A casa, a família e a comunidade formam o modelo

subjacente a estas construções. É nestes ambientes que, não só o núcleo da comunidade sente-se à salvo das incertezas externas e mantém suas relações, mas é também onde os mitos da boa sociedade são narrados, encontram acolhida, e projetam soluções futuras. É portanto no espaço, neste tipo de espaço, que as narrativas ganham continuidade (apesar de virtual), a sociabilidade adequada é atualizada e os medos diminuídos.

Os lugares esquadrihados e seguros oferecem, pois, uma compensação às incertezas que acompanham a passagem do tempo. Em meio a um turbilhão de acontecimentos que atordoam, há uma tendência nada desprezível em buscar verdades, segurança e estabilidade. A admiração por políticos carismáticos, "duros" e "competentes", o apego a instituições básicas (literal ou metaforicamente) como a família e a comunidade e a busca de raízes históricas: estas são algumas das atitudes que se intensificam à medida que o mundo se mostra cada vez menos permeável - justamente - a estas maneiras de agir e pensar.

Deparamo-nos, portanto, com um processo de atribuição de sentido e ação que tem suas raízes (algumas delas, pelo menos) nas dificuldades que estas encontram em se ramificarem. Colocado em outras palavras: na medida em que a cidade, o país e o bairro se mostram cada vez mais distantes e diferentes das imagens da boa sociedade que estas pessoas

têm, mais elas buscam refúgio nestas mesmas imagens. Disse acima que o medo se instala justamente depois de constatados os rumos indesejados que o mundo toma. Mas não é só. O medo também aumenta porque, afinal, avançam as fronteiras dos lugares e territórios daqueles tidos como perigosos. O universo de valores, por sua vez, fica cada vez mais restrito a espaços e tempos encolhidos. Concretamente, ele diz respeito, sobretudo, a ambientes como a casa, os lugares vigiados e seletivos, e principalmente ao passado já que o futuro é motivo de dúvida. É neste diapasão que são elaboradas muitas das novas práticas sociais, em meio às quais têm lugar privilegiado a intolerância e o medo.

Capítulo 7

paroxismos da cordialidade

"(...) um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorvente, do núcleo familiar - a esfera, por excelência dos chamados 'contatos primários', dos laços de sangue e coração - está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre fornecem o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós. Isso ocorre mesmo onde as instituições democráticas, fundadas em princípios neutros e abstratos, pretendem assentar a sociedade em normas antiparticularistas"¹.

A heterogeneidade social é uma das marcas das transformações que tiveram lugar na cidade de São Paulo ao longo desta última década. Classes sociais diferentes passaram a compartilhar espaços próximos de maneira inédita. Principalmente nos bairros centrais e de implantação mais antiga, este processo de heterogeneização social adquire suas tonalidades mais intensas.

Foi visto nos capítulos anteriores que, da perspectiva de seus moradores mais antigos, sobretudo aqueles pertencentes aos estratos e famílias de renda média - pequenos

¹ Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 20a. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1998, p. 106.

proprietários, comerciantes, profissionais liberais, funcionários públicos etc. -, o aumento dos cortiços e favelas dentro e ao redor dos bairros que consideram seu território suscita reações as mais indignadas.

"Estrangeiros", "nordestinos", "vagabundos" e "marginais" de todo tipo instalam-se ali onde, segundo eles, havia confraternização, harmonia e solidariedade. As imagens evocadas para descrever o contexto, além da nostalgia de um passado idílico e dos temores associados aos novos habitantes das redondezas, incorporam também impressões sobre a crise econômica sem precedentes, o mundo da política, a violência urbana e as soluções necessárias ao restabelecimento da ordem. O passado, o presente e o futuro adquirem sentidos desta maneira, e as narrativas que os descrevem e os conectam têm muitas das características dos mitos. Parâmetros da "boa sociedade" emergem deles. As falas sobre a passagem do tempo e as expectativas com relação aos fatos vindouros evidenciam relações sociais marcadas por um alto grau de envolvimento emocional, identificação moral, coesão e continuidade através do tempo. A noção de comunidade aqui implicada é uma das medidas a partir das quais são avaliadas as mais diversas situações. Vimos como ela atravessa valorações, escolhas e projetos: os pobres - considerados extra-comunitários - são associados às práticas e pensamentos os mais deletérios e avessos aos bons costumes e à moral; os homens públicos "competentes" o são devido à sua inequívoca capacidade para o mando, repressão e

restabelecimento da ordem (leia-se distâncias sociais, trabalho, prosperidade, e castigos exemplares a quem merecê-los) - capacidade esta que não raro recebe a alcunha de "pulso firme"; a cidade, os espaços públicos e os pedaços do bairro são adequados na medida em que se conformam às exigências de relativa homogeneidade social, isto é, livres dos pobres e dos perigos a eles associados.

Nesta situação marcada pelas incertezas, o medo se apresenta justamente onde os acontecimentos vivenciados contrariam a imagem da sociedade ideal. Vimos nos relatos dos moradores mais antigos da Moóca - bairro que condensa de modo talvez paradigmático todos os fatos e pensamentos acima expostos - que as restrições de consumo, circulação e sociabilidade são logo associadas à crise atual. Esta crise, apesar de suas várias facetas e manifestações, é no mais das vezes apreendida como resultado da presença dos "nordestinos" no bairro e na cidade. Enquanto não for restabelecida a ordem, enquanto um político "de pulso" não punir e segregar os pobres perigosos, cabe a cada família "de bem" se resguardar das ameaças: este é um pensamento comum entre os mooquenses dos estratos médios. Paulo Maluf, campeão absoluto das preferências eleitorais da região é o "chefe" talhado para a missão. Além de ser conhecido dos paulistanos, de berço - e apesar de pequenos desvios... - ele já demonstrou que sabe punir e colocar as coisas no lugar. Muitas das pessoas que conheci no bairro viram, depois de longos anos de espera,

uma luz no final do túnel com a vitória de seu candidato à prefeitura.

Malgrado todos os aspectos negativos captados pelos moradores da Moóca - e que fazem eco aos dados relativos à explosão da densidade demográfica da região (devida principalmente ao aumento dos cortiços e todo tipo de habitação coletiva), ao aumento da violência urbana e à crise econômica -, o bairro continua sendo, senão o melhor, um dos mais adequados lugares para se viver. Por quê?

Há vários motivos para esta preferência. Grande parte dos habitantes que têm por volta de 50 anos pouco conhecem outros bairros da cidade e suas famílias estão ali há algumas gerações. Outras razões têm um fundo mais pragmático: a Moóca e seu entorno comportam todo tipo de facilidades ligadas ao comércio, aos serviços e ao lazer (o Clube Juventus, por exemplo), de maneira tal que os deslocamentos pela cidade com estes intuitos são muitas vezes desnecessários. São também comuns os casos em que as pessoas trabalham ou já trabalharam no mesmo bairro em que habitam, o que contribuiria mais ainda para o apego à localidade. Há que se ressaltar que a valorização imobiliária de algumas regiões - verificada sobretudo ao longo da última década, como vimos em capítulo anterior - constitui um motivo a mais de ênfase das qualidades da Moóca. Os prédios luxuosos, cujos preços se igualam àqueles

das áreas consideradas "nobres" da cidade, marcam cada vez mais o horizonte outrora plano.

Todavia, muita gente há que circula por toda a cidade, trabalha em bairros distantes, faz compras nos hipermercados da zona Sul e se diverte onde quer que haja uma programação atraente. Outra qualidade do bairro constantemente enfatizada é a sua proximidade com o centro e o restante da cidade (ao mesmo tempo em que, as pessoas se apressam em dizer, ele ainda está suficientemente longe de seus problemas). O que parece ser fundamental para entendermos o que significa gostar da Moóca para aqueles que dizem que não o trocam por nenhum outro bairro - "aqui nasci, cresci, casei, e aqui quero morrer" - está no que vem a seguir. Para grande parte de seus moradores, as fronteiras físicas da Moóca coincidem com as de suas redes de relações sociais. Os parentes e amigos estão concentrados no bairro. Assim, apesar da presença cada vez mais marcante dos "nordestinos", ainda é possível uma vida social regida segundo os parâmetros comunitários. É claro que os tempos são outros: as ruas, bares e parques do bairro, assim como os da cidade, dizem eles, estão agora povoados por muita gente perigosa. Os encontros ideais devem ocorrer mediante certas precauções. São necessários ambientes seletivos do ponto de vista social e protegidos dos assaltos e de outros tipos de atentados.

Ao longo dos capítulos anteriores vimos que, se de um lado há nas narrativas e nas práticas destas pessoas a clara percepção de que os espaços outrora seguros e próprios para o exercício da sociabilidade estão diminuindo, de outro é possível entrever nelas novas maneiras de convívio sendo gestadas. Os programas noturnos são evitados, assim como o são as zonas perigosas do bairro, tidas como território das classes pobres. A casa, senão o lugar preferido para os encontros, serve de modelo para avaliar os lugares de lazer disponíveis na cidade. As grades, muros reforçados, portões eletrônicos, alarmes e cães que as protegem são cada vez mais disseminados e requisitados. É nestas condições que muitos dos moradores do bairro querem viver e conviver. A salvo dos imprevistos das ruas e horários perigosos, dos temores que acompanham os contatos com os extra-comunitários, os ambientes seletivos e relativamente homogêneos, nos quais apenas "gente de bem" tem acesso, são a base das imagens construídas a respeito, não só da situação presente, mas também do passado e do futuro. Podemos dizer, em resumo, que tais imagens organizam parte considerável da "boa sociedade" que estas pessoas idealizam; elas influenciam escolhas eleitorais e projetam a cidade e o país de acordo com as premissas comunitárias nelas embutidas. Que fique claro: tais premissas visam a garantia da manutenção de suas comunidades depuradas daqueles que sugerem desordens e ameaças. Se projeto de nação há, ele emerge destas idéias. O Brasil, dizem estas pessoas,

reencontrará seu rumo assim que resolver esta "questão social". O raciocínio vai do nível mais localizado - a vizinhança, o bairro -, até ordens de grandeza superior: os Estados e o país. Em cada uma dessas instâncias é preciso distinguir, separar, ordenar; é fundamental esquadriñar os pobres. Não se trata de fazer da nação uma comunidade, no sentido genérico de transformá-la numa grande família, e sim derivar dessa idéia de comunidade específica os princípios ordenadores do país, vale dizer, privilegiar a coesão interna (de cada nível comunitário) e a exclusão dos estranhos como medidas de organização social. A harmonia do todo orgânico é obtida dessa maneira. Assim como o bairro ideal não comporta a convivência com os pobres, o mesmo vale para o Estado ("os nortistas deveriam voltar para sua terra") e o país (que "não aguenta mais tanta gente despreparada"). Irreconciliáveis, tais diferenças, próximas e ameaçadoras, são a prova da anomia atual: não há lugares para elas a não ser longe das fronteiras da "boa sociedade". Há que se demarcar distâncias, evitar as divisões internas muito acentuadas. Pouco importa se entre cada comunidade se concentra tudo aquilo que é rejeitado por elas e que as ameaça. Trata-se de algo inevitável, quase "natural", assim como o são as diferenças sociais.

*

Nesta última etapa de interpretação minha idéia é analisar

estas visões de mundo de uma perspectiva crítica, vale dizer, refletir sobre alguns limites e impasses a elas inerentes. A lógica interna deste modo de conceber as transformações e a sociedade, regido em grande parte pelos mitos da comunidade, ficará como pano de fundo da análise. Importa agora pensar de que maneira estas pessoas dos estratos médios paulistanos, imersas em uma situação inédita de heterogeneidade social e proximidade com a pobreza - além, é claro, de índices crescentes de inflação e violência urbana -, contribuem ou não para a consolidação de regras democráticas e civilizadas de comportamento cosmopolita. Para tanto, farei uso, inicialmente, das impressões daqueles que, embora habitem o bairro, não se vêem como moçoquenses natos. Este artifício permitirá captar algumas das consequências das atitudes daqueles que não só evitam as diferenças sociais, como as associam à deterioração da cidade, do bairro e de suas vidas particulares. Afinal, como são vistos os moçoquenses dos estratos médios por aqueles que não compartilham seus valores comunitários?

Sabemos que os habitantes dos cortiços têm clareza a respeito da maneira pela qual grande parte dos moradores mais abastados da Moóca, assim como as administrações municipais anteriores à que teve início em 1988, os consideraram. Suas reivindicações por melhores condições de moradia dentro do bairro esbarravam sistematicamente nas alegações de que o lugar não era para eles. Isto durou até a

gestão do PT, quando suas propostas foram discutidas, construiu-se um conjunto habitacional nas imediações para a população de baixa renda que morava nos cortiços, e Luiza Erundina ganhou definitivamente a antipatia generalizada da região...

Estas informações têm interesse na medida em que confirmam a aversão de parcela considerável dos moçoquenses aos pobres e habitantes dos cortiços; elas também reforçam a noção corrente de que o bairro ideal não comporta diferenças sociais muito acentuadas, sobretudo para baixo.

Todavia, se considerarmos os depoimentos daqueles que pertencem também aos estratos médios do bairro mas que não compartilham as premissas comunitárias excludentes, teremos outro tipo de impressões - elaboradas a partir de uma maior proximidade física - a respeito daqueles que lamentam a passagem do tempo (embora também captem aspectos positivos a ela associada), esperam por um "político competente" e de "pulso", e vêem nos pobres a personificação de muitos dos males atuais.

*

Entre as pessoas que conheci no bairro - em torno de 100 - e os 40 depoimentos gravados que analisei ao longo desta dissertação, poucos se diziam descontentes com o lugar em

que moravam. Mesmo aqueles que percebiam certas limitações naquilo que a Moóca oferecia - lazer e algum comércio mais especializado - não raramente reconheciam que se trata de um lugar tradicional, relativamente calmo e mais fraterno que outros pedaços da cidade. Marinaro, 35 anos à época que o conheci, branco, casado, 3 filhos, pedagogo, funcionário público e em 1989 há 8 anos no bairro, é uma exceção.

Veremos que na sua narrativa as impressões que tem do bairro e de grande parte de seus moradores denunciam a posição da qual fala: trata-se de uma perspectiva externa aos mitos da comunidade excludente, ao ódio nutrido com relação aos "baianos" e "nordestinos", aos discursos humanitários e de cunho redistributivistas, e geralmente ao PT. As imagens que ele evoca sintetizam muito daquilo que outros habitantes mais críticos da Moóca percebem e expressam.

A base de comparação é o bairro onde ele e sua família moravam anteriormente. Localizado num dos municípios industriais da Grande São Paulo, o lugar é a antítese do que, segundo ele, ocorre na Moóca. Falando a respeito de suas primeiras impressões ao chegar no bairro, Marinaro disse o seguinte:

"lá (onde morava anteriormente) tem uma coisa ainda meio de interior, as pessoas se conhecem, a gente tem vizinhos, e eu morava... sempre morei em lugares onde sempre tinha pessoas muito próximas. (...) E a Moóca, totalmente o inverso disso. Uma coisa assim bem de classe média que está tentando ascender a um status maior".

As relações de vizinhança são a principal ausência da Moóca. Ao contrário do que disseram quase todos os relatos que analisamos anteriormente, inexistia qualquer contato com as pessoas que moravam próximas umas das outras.

"(...) as pessoas não se falam, as pessoas formam guetos, são fechadas, não se relacionam. Então os vizinhos ao lado eu não conheço. Eu moro praticamente há oito anos lá. Não tenho amizade, nenhuma relação".

Trata-se de uma característica do bairro todo. De acordo com Marinaro, esta indisposição entre as pessoas estava relacionada à vontade generalizada de distinção. Isso podia ser captado nas casas, cujas fachadas iam sofrendo transformações sucessivas: "as pessoas colocam, depois mudam, tiram tudo, botam de novo, botam outra coisa, vai ampliando uma casinha que às vezes não é nada... quer dizer, hoje não é nada, sabe, então quer crescer mas não tem espaço, é meio apertado".

"(...) as pessoas fazem certas competições. Por exemplo, eu pinto o muro de vermelho, o outro vai e pinta o muro cor-de-rosa. O vizinho bota pastilha na frente, o outro vai e bota uma bruta fachada".

Esta "competição" pode de fato ser apreendida por quem quer que caminhe por algumas ruas do bairro. Descrevi em capítulo anterior as variações nos arranjos dos materiais e cores utilizados nas fachadas de algumas residências. Chama a atenção o cuidado em não repetir a combinação do vizinho.

Para nosso informante, todavia, estes cuidados na verdade denotam um comportamento que é a negação do reconhecimento do outro, pautado não só pela indiferença mas às vezes até pelo desrespeito.

"E as pessoas são muito mal-educadas. Por exemplo: a minha casa fica praticamente colada num prédio de apartamentos de 10, 11 andares. As pessoas jogam coisas. Entende? Você corre risco de vida. De repente você está no quintal, cai uma pilha de rádio em cima. Você olha para cima, a pessoa que atirou não está mais na janela. Jogam assim barbaridades, papel higiênico, absorvente, entendeu? E você percebe que não é coisa de criança, é coisa de maldade. Caroço de azeitona. A Moóca adora uma pizza, então tem muitas casas de pizza, disk-pizza, não sei o quê, então jogam azeitona, caroço de azeitona, embalagem de pizza. Na minha casa inclusive constantemente, praticamente uma vez por mês eu tenho que fazer uma boa limpeza no telhado, sabe, porque tem pano, tem tapete, sujeira de tudo quanto é espécie".

O que era detectado no bairro não era, contudo, privilégio daqueles arredores. Assim como ocorria nos raciocínios de boa parte daqueles que conheci, os problemas percebidos eram sempre contextualizados na cidade, muitas vezes no país. As dificuldades de convivência com os moradores da Moóca, da perspectiva de Marinaro - da mesma maneira que para aqueles que não o viam como "o melhor lugar do mundo" -, tinham raízes mais profundas. Perguntei qual seria sua explicação para este comportamento:

"Aí que tá. Na realidade eu percebo mais ou menos o seguinte. Claro, para mim assim, eu estou falando especificamente

do meu bairro, onde eu moro, a região em que vivo. Eu acho que isso ... tem alguns bairros em São Paulo que essa característica não é tão acirrada, mas eu acho que a grande maioria, sabe, é a própria cidade que leva a isso, o clima de violência que você vive, o clima de muito movimento, de muita agitação, de muita insegurança, instabilidade, as pessoas têm que trabalhar muito, no mínimo 2, 3 empregos para poder sobreviver de uma forma mais ou menos digna. De repente você se mata para poder no mínimo conseguir pagar o seu aluguel do mês, poder se alimentar, poder se vestir de uma forma básica. (...) Mas eu acho que é uma característica da cidade, que está crescendo cada vez mais, e os problemas de uma cidade, de uma grande metrópole, praticamente são difíceis de serem solucionados, então vai criando mesmo, as pessoas frias, as pessoas isoladas, sozinhas, separadas, cada uma olhando para seu umbigo".

O aumento da violência, as dificuldades financeiras, o ritmo intenso da vida próprio das grandes cidades: o quadro de instabilidade é o solo fértil sobre o qual vicejam os comportamentos sociais baseados na indiferença. Marinaro, a exemplo do que vimos na maioria dos relatos anteriores, percebe esta constelação de fatos e a associa aos mais variados temores dos tempos atuais. As imagens que constrói têm todas os tons da desintegração das esferas da vida social. Todavia, elas se distinguem das elaboradas pela maior parte daqueles que conheci pelo seguinte: não há um bode expiatório, um símbolo privilegiado que representa estes processos de insegurança física, econômica e de apoio social. Em quase todos os relatos que analisamos anteriormente este mesmo tipo de parecer terminava

ênfatizando a chegada dos "nordestinos" e "migrantes": a partir deles é que as transformações da cidade, as dificuldades de todo tipo que as acompanhavam, a insegurança e o medo, tudo isto era muitas vezes verbalizado como resultado do aparecimento dos novos moradores pobres.

Marinero se esquivava destas associações. E se para ele, de um lado, o que ocorre na Moóca é parte de um processo que atinge todas as grandes cidades, por outro este mesmo processo se atualiza no bairro de acordo com as especificidades do lugar:

"A Moóca tem uma característica muito especial, é um bairro muito mais tradicional, sabe, praticamente assim fugindo do centro, Brás, Moóca, de repente eu acho que o Brás não é tanto, mas a Moóca para mim, a conclusão que eu chego, histórica, é que de repente a Moóca teve de alguma forma se elitizar um pouco, sabe, aquela coisa que era o Brás, de repente você está muito próximo do Brás, e começou a se elitizar de uma forma criou a coisa do novo rico, entendeu?"

Para aqueles que não seguiam os esquemas de causalidade centrados nas imagens dos novos moradores pobres, as medidas de proteção e distinção forjadas em meio a este processo de heterogeneização social visavam, antes de tudo, a explicitação das diferenças. À medida que os cortiços se multiplicavam, as cercanias e a cidade ficavam mais perigosas e violentas, o custo de vida subia - mais atenção era dispensada à demarcação dos lugares sociais e dos seus símbolos. Marinero, avesso a estas práticas de distinção,

percebe suas manifestações de uma perspectiva privilegiada: ele está suficientemente próximo destas pessoas para apreender as sutilezas destas demarcações, ao mesmo tempo em que mantém um olhar distanciado que lhe permite ser crítico.

"As pessoas fazem questão de mostrar a fachada de sua casa, o seu carro do ano, entendeu? Tem esta preocupação. Se você não tem seu carro do ano, se você mora numa casa de fundos, se você tem um outro tipo de vida, que não é o padrão daquela comunidade, daquela coletividade, você está à parte".

Havia uma comunidade que delimitava seus domínios e selecionava aqueles que podiam a ela se integrar de acordo com símbolos bem definidos de *status*.

"(...) a gente percebe que a discriminação é exatamente... a gente percebe que é em torno dos bens materiais, bens de consumo".

Podemos supor, com base no que foi visto nos capítulos anteriores, que a "discriminação" da qual fala Marinaro é composta de várias camadas de práticas e representações. As grades e a exibição de certos bens de consumo constituem, apesar de importantes, a epiderme de uma visão de mundo. Escondem-se por trás deles - ao mesmo tempo em que neles se atualizam - os medos relativos, basicamente, ao despreparo administrativo em todos os níveis, evidenciado através da escalada inflacionária e do aumento dos cortiços e pobres na cidade. Prevalece, afinal, a percepção de que seus parâmetros da "boa sociedade" - harmônica, próspera e relativamente homogênea do ponto de vista de sua composição

social e moral - encontram cada vez mais dificuldades de se concretizarem.

"Discriminar", assim, implica tanto explicitar uma condição social "superior", que transpareceria nos ornamentos das casas, quanto demarcar proteção e distância com relação aos perigos que vêm de fora da comunidade. Mais especificamente, os pobres são os objetos do medo, alvo de diferenciação e mal que deve ser erradicado (por um "homem forte, de pulso") a fim de que a "boa sociedade" seja restabelecida.

Da perspectiva daqueles que não fazem parte deste projeto de "boa sociedade" - seja por opção, seja porque não têm os requisitos exigidos para dele participar (ser pobre, migrante, ou reger seus atos e ações por uma moral "duvidosa") -, o contexto que se apresenta é hostil. O excesso de proteção nas casas na verdade é uma tradução do que ocorre nos contatos sociais rotineiros. O isolamento, a falta de lugares públicos de convivência, o medo, o desrespeito: o quadro que as pessoas como Marinaro presenciam é de desintegração das esferas mais amplas de sociabilidade. Os círculos de amizades nos quais os comportamentos civilizados de reconhecimento e respeito são exercidos se fecham, tornam-se mais seletivos. As normas que regem tais atitudes têm duas faces: uma delas se aplica aos ambientes conhecidos e seguros - neles impera a harmonia e o reconhecimento; a outra se evidencia quando se trata de

lidar com o que extrapola estes ambientes comunitários - desrespeito e exclusão.

O projeto de sociedade de Marinaro vai por outro caminho. Ao discorrer sobre as soluções para amenizar estas tendências que se evidenciam não só no bairro, como em toda a cidade, ele deixou explícitos alguns aspectos que ele considera indispensáveis para as práticas sociais mais saudáveis. Era necessário

"ter centros de lazer, sabe, ter centros culturais, escolas com um projeto educacional legal, entendeu? Fazer a coisa acontecer mesmo. Não sei como fazer isso. Acho que tem que ser uma integração, né, de mudança de mentalidade das pessoas, das cabeças estarem preocupadas, voltados para este tipo de problema. (...) Eu sinto que é muito difícil enquanto as pessoas ficam preocupadas consigo mesmas, fechadas dentro de suas casas de pastilhas, de qualquer coisa assim, preocupadas com seu vídeo, com seu pedacinho de pizza. Vai ser terrível, sabe. Não existe uma preocupação com o trabalho social".

Notamos que, além da "mudança de mentalidade", há que se reconstruir os espaços públicos de encontros, lazer e atividades culturais. A situação atual do bairro, sem um único cinema ou teatro, com os parques públicos descuidados e pouco frequentados - ao mesmo tempo em que se multiplicam as locadoras de vídeo e as casas de entrega de pizza e outros pratos -, na verdade sintetizava uma tendência que ele achava ser da cidade como um todo.

O maior obstáculo para a recuperação destes espaços e destas práticas estava expresso justamente em todos os problemas apontados. Desrespeito, isolamento, indisposição para novos contatos sociais: havia uma concepção de viver comunitário que, se por um lado delimitava suas fronteiras, definia normas, buscava sua inspiração na reconstrução do passado e projetava a cidade e o país ideal, por outro excluía tudo aquilo que não se conformava às suas premissas. Diferenças sociais irreconciliáveis (expressas em termos naturais, raciais ou teológicos) exerciam força centrípeta sobre muitas das práticas e representações: no mínimo eram ignoradas, e muitas vezes eram objeto de fortes sentimentos que ora se traduziam em intenções eleitorais, ora se refletiam nas impressões a respeito dos pobres e de sua essência. O mundo destas pessoas - o mundo dos valores, da sociabilidade, das regras de conduta civilizadas - terminava onde havia heterogeneidade, imprevisto e medo. O limite da comunidade é o limite da civilização. Igualdade, respeito mútuo, possibilidade de interação e distinção aceitável, comunicação, intersubjetividade: sua atualização depende, antes de mais nada, da certeza da ausência das diferenças e do (mesmo que apenas virtual) conflito.

*

Um "público" encolhido

O que este entrevistado percebe pode ser descrito como o processo que leva ao "fim da cultura pública", se por isto entendermos a validade das normas impessoais e universais de conduta independentemente das fronteiras comunitárias. A expressão é de Richard Sennett, e é o título de um dos capítulos de seu livro *O declínio do homem público*². Mais especificamente, e voltando nossas atenções para os contextos urbanos, a decadência da cultura pública pode ser pensada como o processo no qual perde lugar o cosmopolita. Ou seja, o homem que "se movimenta despreocupadamente em meio à diversidade, que está à vontade em situações sem nenhum vínculo ou paralelo com aquilo que lhe é familiar"³, é uma espécie em extinção.

Não são apenas os relatos críticos com relação às práticas de muitos dos moradores mais antigos do bairro que descrevem este processo de esvaziamento das práticas e lugares públicos mais alargados, da vida que se passa fora da família e das esferas de amizade e parentesco. Vimos nos capítulos anteriores que as pessoas que tornam significativa a passagem dos tempos e as transformações no espaço de acordo com os mitos da comunidade também percebem o encolhimento da cidade e dos lugares adequados à boa

² Richard Sennett, *O declínio do homem público*, São Paulo, Cia. das Letras, 1988. De agora em diante DHP.

³ DHP, p. 31.

convivência. Os pobres que se instalaram nas regiões centrais da paulicéia tornam essas áreas perigosas, imprevisíveis - em uma palavra, impróprias. Assim são descritos os viadutos, as praças, ruas e calçadas nas quais há pobres em grande número. Os aspectos positivos que acompanham as transformações da cidade derivam da possibilidade que ainda há em manter certas práticas de sociabilidade, um padrão de consumo aceitável e planos para o futuro a salvo destas presenças indesejadas e ameaçadoras.

A crise econômica, o adensamento demográfico do bairro, o aumento da violência, a desordem institucional e a falta de punições exemplares comandadas por um "homem de pulso" são alguns dos principais acontecimentos que contribuem para a retração ao universo das relações estáveis, conhecidas e privadas.

Podemos nos perguntar se em alguma época de fato houve lugares nos quais estas relações eminentemente privadas não davam o tom dos encontros "públicos". A análise das narrativas sobre os "bons tempos" nos mostra que, idealizadas ou não, as imagens que as dominam são compostas pelo "respeito", a "ordem" e a delimitação clara dos lugares sociais. Os pobres não participavam das sessões de cinema e outros programas "chiques" que ocorriam no centro velho: mais do que isso, eles nem mesmo eram visíveis aos olhos dos protagonistas desta sociabilidade idílica. Homens de gravata

e chapéu e mulheres devidamente vestidas explicitavam os signos de distinção e inserção de classe. As décadas de 40, 50 e 60 são lembradas a partir desta ótica, a qual alimenta (ao mesmo tempo em que atualiza) as visões de mundo e práticas de alguns dos moradores mais antigos e nostálgicos do bairro.

É deste universo simbólico que derivam os novos "públicos" que estão sendo gestados. A ordem pública mais ampla, esta na qual participam e estão visíveis as pessoas que causam temores de toda espécie a boa parte dos estratos médios da cidade, é um território do qual se quer distância e proteção. A base da sociabilidade, da avaliação dos espaços de convivência, é dada pelas relações familiares. A heterogeneidade social é considerada um mal a ser evitado.

Recorrer a Sennett é uma maneira de ampliar o escopo das implicações destas práticas e desta simbologia. Esbocei ao longo deste trabalho aspectos de uma realidade social que estariam encorajando algumas pessoas a negar radicalmente a atitude cosmopolita. E é esta uma das preocupações centrais desse autor. De acordo com ele, transformações urbanas e econômicas que se intensificaram sobretudo a partir do século XIX estão na base das mutações ocorridas nas esferas públicas e privadas burguesas européias. "Gradualmente, a vontade de controlar e de moldar a ordem pública foi se desgastando, e as pessoas passaram a enfatizar mais o

aspecto de se protegerem contra ela. A família constituiu-se num desses escudos"⁴. Do ponto de vista de boa parcela dos atores desses processos, o contexto era de instabilidade. Em grande parte porque "a cidade (...) deve ter sido a imagem que cada homem fazia de uma vida a ser evitada: multidões de pessoas desamparadas, desenraizadas e ameaçadoras, sendo a manutenção de uma vida decente uma questão de sorte mais do que de vontade"⁵.

Ecos desta atitude ressoam ainda hoje, e para Sennett eles emanam de uma espécie de ideologia cujos pilares são os seguintes:

*"relacionamentos sociais de qualquer tipo são reais, críveis e autênticos, quanto mais próximos estiverem das preocupações interiores psicológicas de cada pessoa"*⁶.

Ou seja, o movimento de atribuição de sentido aos fatos vivenciados cada vez mais se restringe às influências pessoais; as orientações de cunho impessoal, de alcance coletivo, estas vão desaparecendo. Os acontecimentos importam na medida em que vibram na mesma frequência do eu privado.

Numa atmosfera social marcada pelas incertezas, desigualdades e violências, para certos paulistanos - e numa

⁴ DHP, p. 35.

⁵ DHP, p. 178.

⁶ DHP, p. 317.

dimensão que talvez escape ao olhar de Sennett⁷ - os ambientes seletivos e protegidos se tornam refúgios privilegiados. Neles se desenvolve, como vimos, toda uma gama de práticas de sociabilidade. Mas não é só. Princípios de ordem ganham ressonância nestes espaços e regem as projeções da sociedade ideal. Os desejos de estabilidade, quase sempre difíceis de se concretizarem no mundo que se apresenta, encontram ali esperanças de atualização. O passado, a família, os "políticos de pulso" encarnam as possibilidades do restabelecimento dos ideais de harmonia e identificação social. É necessário restaurar a homogeneidade da cidade e do país e eliminar tudo aquilo que não se enquadra dentro das premissas que, por enquanto, sobrevivem com vigor apenas nos âmbitos privados.

Em *O declínio do homem público*, o predomínio das práticas

⁷ De fato, vários autores que lidam com o retraimento às esferas privadas não incluem nestas situações os acontecimentos e pensamentos relativos às mais variadas formas de violência, que vão desde a criminalidade urbana, passam pela ineficácia e os assassinios da polícia, as práticas privadas de prevenção ao crime, até as injustiças sociais. Talvez por estarem lidando com contextos menos selvagens que este que presenciamos, ou por não embasarem suas assertivas sobre trabalhos empíricos, seus textos expõem esta psicologização das mais variadas esferas da vida como algo associado a processos de ordem mais geral, transformações nas esferas da produção das mercadorias e da divisão do trabalho, da instabilidade das relações que se dão sob o signo do capitalismo (pós?) moderno, da pluralidade de experiências bombardeadas pelos meios de comunicação de massa, pela crescente interferência do Estado na esfera familiar, etc. Ver, para tanto, Peter Berger, B. Berger e H. Kellner, *The Homeless Mind - modernization and consciousness*, New York, Vintage Books, 1974; Christopher Lasch, *O mínimo eu - sobrevivência psíquica em tempos difíceis*, São Paulo, Brasiliense, 1986; deste mesmo autor, *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991. Anthony Giddens, em *The consequences of modernity*, Stanford, Stanford University Press, 1991, expressa tais processos de modo talvez menos peremptório e unidirecional. Há, segundo ele, claras evidências de privatismo, ausência de "engajamento contestatório"; todavia, ao lado das mesmas podem surgir atitudes exatamente opostas (pp. 148, 149). Seguindo este diapasão das contradições do mundo moderno, Giddens aponta para as transformações na configuração urbana das grandes cidades. Ao lado dos *skyscrapers* de arranha-céus, impessoais e localizados nas áreas centrais, "(...) é também característica (destes tempos) a recriação de espaços pequenos (*of relative smallness*) e informais" (p. 142).

privadas sobre diversas instâncias da vida social resulta da "(...) aspiração de se desenvolver a personalidade através de experiências de aproximação com outros"^a. Este traço característico da ideologia da intimidade captada por Sennett deve ser por nós assimilado com certa cautela. Já sabemos que não são quaisquer "outros" os objetos de aproximação; tampouco existe, na situação por nós estudada, esta quase compulsão para a troca de experiências pessoais. Pelo contrário, um clima de hostilidade domina a rotina do bairro e talvez de muitas regiões do seu entorno. No entanto, podemos afirmar que, dentro dos ambientes selecionados, seguros e povoados por aqueles considerados aptos para o bom convívio, existe de fato a vontade de compartilhar valores, contar histórias, revelar segredos e assim consolidar a rede de amizades. É nestas situações que, senão a personalidade, ao menos a sociabilidade é exercitada e assim criada uma atmosfera da qual se retira segurança e uma certa satisfação. Um vínculo emocional advém destas práticas.

Enfim, "o declínio do homem público", no que reserva semelhanças com o caso paulistano, restringe o universo de possibilidades de contatos sociais. Não implica aventuras rumo à alteridade. De maneira alguma. Mas elabora práticas e representações vinculadas essencialmente às esferas privadas e restritas, conhecidas e seguras, homogêneas e harmônicas.

^a DHP, p. 318.

A pluralidade, sobretudo aquela que advém de diferenças sociais - notadamente as de baixo da escala de participação na riqueza e da distribuição dos benefícios - é algo que, para a maioria das pessoas do bairro cujas narrativas e ações analisei, simplesmente não deve existir.

O autor se refere a estas atitudes enquanto parte do "medo da impessoalidade, que governa a sociedade moderna"⁹. Aqui, mais uma vez, devemos pensar nas suas idéias com uma certa cautela. Muito mais que o "medo da impessoalidade", o que aparece (sobretudo, mas não exclusivamente) nos relatos dos moradores mais antigos da Moóca é algo menos difuso. Trata-se dos temores de assaltos, dos lugares considerados ermos, das incertezas econômicas e políticas, os quais não raramente gravitam em torno das imagens a respeito dos extra-comunitários. É por estes e outros motivos que, ao tentarmos desvelar aspectos desta situação inédita de heterogeneidade social mediante pistas fornecidas por Sennett, devemos manter o contato com as especificidades da situação da pesquisa.

Feitas estas ressalvas, podemos sincronizar as idéias de Sennett com a situação em foco e afirmar, junto com o autor, que este medo "prepara as pessoas para verem a comunidade numa escala cada vez mais restrita. Se o eu ficara reduzido a intenções, o compartilhar desse eu fica também reduzido a

⁹ DHP, p. 322.

excluir aqueles que são muito diferentes em termos de classe, de política, ou de estilo"¹⁰. Embora Sennett esteja partindo do pressuposto de que o mundo social moderno é feito significativo segundo termos psicológicos (o que vimos não ser exatamente o caso para a situação analisada, na qual certas normas e condutas advêm da idéia de comunidade, derivação óbvia da família, portanto de um núcleo social mínimo), ele aponta uma consequência destes temores que para a compreensão de nosso caso é fundamental. A sociedade se vê despojada de sua civilidade. O que isto implica?

*"'Cidade' e 'civilidade' têm uma raiz etimológica comum. Civilidade é tratar os outros como se fossem estranhos que forjam um laço social sobre esta distância social. A cidade é esse estabelecimento humano no qual os estranhos devem provavelmente se encontrar. A geografia pública de uma cidade é a institucionalização da civilidade"*¹¹.

A ausência de civilidade significa a negação do provável, da diferença, dos estranhos. Esta ausência é nítida na aversão às regiões centrais da cidade, povoadas por pessoas tidas como ameaçadoras. "Marreteiros", "trombadinhas" e "camelôs" – quase sempre "nordestinos" – sugerem incertezas, desordem. O que se quer é o estável, a repressão, o restabelecimento das distâncias. Enquanto eles não se instalam, a cidade encolhe, o bairro deteriora, o país regride. Nas entrevistas analisadas há uma clara recusa em se colocar diante daquilo

¹⁰ DHP, p. 322.

¹¹ DHP, pp. 323-324.

que não se conforma às premissas do bem viver comunitário.

Neste apego ao contido, ao certo e à ordem, a perspectiva de Sennett novamente ilumina algumas de suas consequências. É da incivilidade que estamos tratando. Uma de suas manifestações é a seguinte:

"Quanto mais estreito for o escopo de uma comunidade formada pela personalidade coletiva, mais destrutiva se tornará a experiência do sentimento fraterno. Forasteiros, desconhecidos, semelhantes, tornam-se criaturas a serem evitadas; os traços da personalidade compartilhados tornam-se cada vez mais exclusivos. (...) A fraternidade se tornou empatia para um grupo selecionado de pessoas, aliado à rejeição daqueles que não estão dentro do círculo local"¹².

As certezas dos círculos restritos de convivência implicam a exclusão daqueles que representam, explícita ou simbolicamente, as instabilidades das mais variadas ordens. Para as pessoas pertencentes a alguns dos estratos médios paulistanos, que muitas vezes vêem sua condição de classe como um resultado de suas aptidões pessoais - na mesma medida em que enxergam as condições dos pobres enquanto produto de suas inaptidões intrínsecas -, trata-se de constituir e manter relações as mais próximas e seguras. Sendo as diferenças (na verdade sociais, mas consideradas imanentes e) irreconciliáveis, a possibilidade que há de uma vida relativamente fraterna e solidária está nas práticas e

¹² DHP, p. 325.

mecanismos de exceção: eliminar da convivência tudo aquilo que implica riscos. O "fechamento" de muitas das pessoas do bairro percebido por gente como Marinaro é simplesmente a manifestação desta prática. As grades, alarmes, muros, cães e guardas, de fato, apenas vêm expressar uma de suas facetas; constituem meios de garantir a coesão e integridade comunitária, sendo que este é o verdadeiro fim destas - estas sim - compulsões.

As multidões, as classes perigosas e os desconhecidos constituem o horizonte a ser evitado pelos "cidadãos respeitáveis" e combatido pelos "políticos competentes". A ordem só pode ser mantida, portanto, em espaços inequivocamente demarcados, simples e pouco povoados¹³, nos quais cada família ou indivíduo conhece aqueles com quem mais convivem. A ordem comunitária idealizada segundo estes parâmetros, mesmo que não se atualize tão nítida e coerentemente, traz uma série de consequências que apontam para seus limites, internos e externos.

Com relação aos limites internos, a vontade de esquadrihar, conhecer e vigiar, que permeia estas ideias e muitas vezes as transcende para a prática, desempenha um papel crucial. Foi visto nos capítulos anteriores que os parâmetros comunitários se atualizam em pequenos grupos dentro do bairro, atingem alguns clubes recreativos, raramente

¹³ DHP, p. 365.

extrapolam a localidade, mas sempre redundam em práticas de sociabilidade e visões de mundo avessas a estranhos e aos riscos da cidade. Isto implica, muitas vezes, desconfiar dos espaços e pessoas que estão mais próximos. A narrativa de Marinaro - assim como as dos moradores dos cortiços e daqueles que não se integram aos grupos "tradicionais" do bairro - evidencia de que maneira esta desconfiança se traduz, não raramente, em medidas ostensivas de segurança. Como existe a impressão generalizada de que os extra-comunitários e os perigos que os acompanham estão tomando conta, não só da cidade, mas também do bairro, estas medidas de segurança devem se voltar, antes de mais nada, para aqueles suspeitos que circulam e habitam as imediações. Apesar de a Moóca ser considerada, em comparação com outros lugares (dos quais, aliás, geralmente pouco se conhece) um bairro amigável e calmo - onde ainda é possível cumprimentar conhecidos pelas ruas, nomear vizinhos e manter círculos de amizade -, os cuidados devem existir. É por isso que, finalmente, a desconfiança campeia. Os "guetos"¹⁴ apontados por Marinaro traduzem estes sentimentos para o plano das relações interpessoais, que excluem de sua órbita tudo que diverge desses princípios de ordem. Assim, malgrado as imagens de um bairro coeso e fraterno, quase uno, que

¹⁴ Louis Wirth, em "The Ghetto" in Albet Reiss Jr. (ed.), *On cities and social life*, Chicago e Londres, Univ. of Chicago Press, 1964, inclui em sua conceituação o fato de que o ghetto, só pode ser compreendido se visto como um fenômeno, não só ecológico, mas também sociopsicológico. Ou seja, não é apenas um fato de natureza física (a área ocupada por determinada comunidade), mas também um estado de espírito, à *state of mind* (p. 98). O que a narrativa do entrevistado vem enfatizando pode ser entendido desta maneira.

emergem das reconstruções do passado e das projeções futuras - e que subsistem no máximo como reminiscências daquilo que já foi ou que deveria ser -, há uma clara tendência à pulverização. Os círculos de sociabilidade são cada vez mais seletivos e portanto menores.

Os limites externos decorrem destes mesmos fatos. A mentalidade da comunidade está voltada contra o que a extrapola. "Somos uma comunidade; somos seres reais; o mundo exterior não está correspondendo em termos daquilo que somos; portanto, algo está errado nele; ele nos frustrou; portanto, não temos nada a ver com ele"¹⁵. As palavras que Sennett utiliza para expressar o "fratricídio" a que estão sujeitas as práticas e as organizações comunitárias em confronto com o que as transcende parecem ressoar do contexto analisado nesta dissertação. O fato de a realidade que se apresenta não corresponder às expectativas de harmonia e prosperidade que grande parte dos estratos médios de São Paulo - e porque não do país - nutriram ao longo de vários anos é um dos motivos pelos quais, vimos nos capítulos anteriores, têm lugar a nostalgia do passado, o medo e desgosto dos "nordestinos", a esperança nos políticos autoritários e personalistas da direita, enfim, a impressão generalizada de que os rumos das transformações seguem caminhos contrários àqueles desejados. As restrições de consumo, circulação e nos projetos de vida que a inflação e

¹⁵ DHP, p. 366.

a violência urbana impõem contribuem decisivamente para a frustração destas pessoas. A constatação comum de que "a classe média está acabando" é um dos sinais disto.

Um dos resultados mais prováveis destas práticas e ideias é a sua intensificação. Frente à complexidade da situação e aos problemas que nela são captados, "o que está em questão é o grau de possibilidade de riscos em que a pessoa está disposta a se engajar. Quanto mais local for o senso do eu que ela puder compartilhar com os outros, menos riscos estará disposta a correr"¹⁶. O argumento de Sennett é que, ao utilizarem as relações íntimas como base para a relação social - e numa escala maior, ao recusarem assimilar e explorar a realidade exterior à escala paroquiana -, estas pessoas terminam se colocando contra a própria essência da sociabilidade, qual seja, o intercâmbio¹⁷.

"Finalmente, a 'Gemeinschaft' moderna é um estado em que se sente 'maior' do que a ação. As únicas ações sustentadas pelas comunidades são as de manutenção emocional da casa, purificando a comunidade daqueles que realmente não pertencem a ela, por não sentirem como as outras pessoas. A comunidade não pode fazer entrar, assimilar e se incrementar a partir do exterior, porque então se tornaria impura"¹⁸.

Embora as indicações de Sennett sejam pertinentes para nosso estudo quando abordam as armadilhas da perspectiva

¹⁶ DHP, p. 378.

¹⁷ DHP, pp. 378, 379.

¹⁸ DHP, p. 379.

comunitária, elas derivam de uma explicação básica que não nos basta. Pertencer ou não a uma dada coletividade é algo que, para o autor de *O declínio do homem público*, deriva diretamente de compartilhar ou não certos sentimentos. Deste modo, por exemplo, as comunidades que se dizem étnicas - judeus, italianos, negros etc. - se mantêm porque seus membros, afinal, compartilham, não certos costumes e crenças, mas "o desejo de sentirem alguma coisa junto com outras pessoas. A comunidade, nestes termos, é um modo de ser, mais do que um modo de crer. Ela só se mantêm por paixão interna e retraimento externo"¹⁹. É inegável que, no caso em pauta, a comunhão de sentimentos constitui um importante vínculo que sustenta os círculos de sociabilidade. A desconfiança com relação a gente e valores tidos como estranhos é uma constante. No entanto, aqueles dos quais os pequenos proprietários, comerciantes e funcionários públicos querem distância têm uma característica que torna a situação algo mais complicada. Os pobres são o objeto do medo, prova da decadência social, portadores de traços incompatíveis com a boa sociedade. Eles devem ser vigiados, punidos rigorosamente quando necessário, em uma palavra, excluídos da sociedade regida pelo diapasão comunitário. Ou seja, se por um lado, de fato, dentro dos círculos de convivência mais imediata há um conjunto de sentimentos comuns que são o combustível destas representações e práticas, por outro, perderemos de vista um

¹⁹ DHP, p. 374.

importante elemento da situação se não levarmos em conta o projeto de sociedade que as informa. Imersos em um contexto para elas marcado pelas perdas econômicas, deterioração da cidade, vazio de autoridade e violência, estas pessoas dos estratos médios, que vivem no epicentro dos processos de adensamento demográfico e de aproximação com as camadas mais pobres da sociedade, não querem simplesmente trocar experiências com os "iguais" e compartilhar subjetividades. Tampouco elas desejam permanecer retraídas indefinidamente. Elas querem garantir a sua comunidade - adquirir e usufruir de seus bens (vale dizer, ao mesmo tempo igualar-se aos e diferenciar-se dos outros membros comunitários), gozar de suas relações sociais, de seu território; mais do que isso, elas desejam alargar esta garantia para outras comunidades semelhantes, de tal maneira que o país seja constituído por um conjunto delas. Para tanto, é mister eleger um "chefe" (com as qualidades análogas às dos bons pais de família, distantes mas conhecedores do problemas domésticos, severos e no entanto compreensivos), demarcar tarefas e lugares para cada membro (em especial os pobres), enfim, restaurar a ordem, os bons costumes e a prosperidade. Vale dizer, eliminar - como sintetizou uma das entrevistadas - "as diferenças muito grandes". A idéia da comunidade é um dever ser radical.

Raízes das perspectivas excludentes

Se Richard Sennett nos fornece pistas importantes para analisar o que se sucede em meio à situação em pauta de heterogeneidade social, principalmente no que toca a ausência do cosmopolitismo e da civilidade, sua perspectiva, para nós, todavia, carece de uma reflexão sobre a violência, ao menos potencial, que pode ser percebida nestes projetos de sociedade analisados. Longe de constituir uma "função estabilizadora em termos das estruturas políticas mais amplas da sociedade"²⁰, estes projetos indicam rumos a serem tomados os quais, veremos abaixo, contrariam princípios nevrálgicos da democracia. No momento, proponho-me a buscar conexões possíveis destes projetos com aspectos de nossa organização social - outra ausência óbvia na perspectiva de Sennett - e pensar de que maneira eles se clareiam mutuamente. *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda será a fonte básica deste exercício interpretativo²¹.

Um dos temas fundamentais do livro, como nos aponta Antonio Candido, é o personalismo de que provêm a frouxidão das instituições e a falta de coesão social. E o mesmo Antonio

²⁰ DHP, p. 377.

²¹ Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 20ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio Editora, (1936) 1988. De agora em diante, *RB*. Ao analisar aspectos da obra, estarei fazendo uso de indicações presentes nos seguintes textos: Antonio Candido, "Introdução" (1967) in *RB*; do mesmo autor, "Sérgio em Berlim e depois" in *Novos Estudos Cebrap*, v. 1, n. 3, julho de 1982; Maria Odila da Silva Dias, "Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda" in *Sérgio Buarque de Holanda - vida e obra*, São Paulo, SEC/AE/USP/IEB, 1988; e George Avelino Filho, "As raízes de 'Raízes do Brasil'" in *Novos Estudos Cebrap*, n. 18, setembro de 1987.

Candido, escrevendo em 1967, prossegue no seu comentário dizendo que Sérgio Buarque "faz uma reflexão de interesse atual, quando lembra que estes traços, considerados defeitos de nosso tempo, existiram desde sempre, (e portanto) não tem sentido a nostalgia de um passado hipoteticamente mais bem ordenado (...)"²². As influências que se atualizam nestes traços remontam a tempos e lugares longínquos. Portugal e Espanha de nossos colonizadores são matéria de investigação do autor de *Raízes do Brasil*. "A península Ibérica traz uma característica que lhe é muito peculiar: nenhum de seus vizinhos soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais. Pode-se dizer, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço, devem os espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional"²³.

A ausência de vínculos sociais é uma herança que sobrevive. Incrustados nesse passado, os princípios ordenadores foram

²² "Introdução" in *RB*, op. cit., p. xliii. Podemos dizer que o livro de Roberto DaMatta, *Canavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Sa. ed., Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1990, é uma retomada destes temas básicos. "O 'você sabe com que está falando?' - e podemos dizer isso sem receio de criar um curto-circuito sociológico - é um instrumento de uma sociedade onde as relações pessoais formam o núcleo daquilo que chamamos de 'moralidade' (ou 'esfera moral'), e tem um enorme peso no jogo vivo do sistema, sempre ocupando os espaços que as leis do Estado e da economia não penetram. A fórmula 'você sabe com que está falando?' é assim, uma função da dimensão hierarquizadora e da patronagem que permeia nossas relações diferenciais e permite, em consequência, o estabelecimento de elos personalizados em atividades basicamente impessoais" (p. 159).

²³ *RB*, p. 4.

sempre representados pelos governos. As ditaduras e as expectativas autoritárias se nutrem desta seiva²⁴.

Para os propósitos deste estudo, importam justamente as idéias do autor a respeito da inexistência de preocupações com o coletivo. O predomínio do afetivo e do passional, em detrimento da racionalidade necessária à constituição de princípios ordenadores estáveis e impessoais, é uma constante subjacente à história social do país²⁵. A "herança rural" é mais um fator que contribui para este quadro. A autoridade do proprietário de terras, pelo menos desde a era colonial, é incontestável.

"O quadro familiar torna-se, assim, tão poderoso e exigente, que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico. A entidade privada precede sempre, neles, a entidade pública. A nostalgia dessa organização compacta, única e intransferível, onde prevalecem necessariamente as preferências fundadas em laços afetivos, não podia deixar de marcar nossa sociedade, nossa vida pública, todas as

²⁴ RR, p. 9.

²⁵ Ver, por exemplo, Roberto Schwarz, *Um mestre na periferia do capitalismo - Machado de Assis*. São Paulo, Duas Cidades, 1990. O princípio formal de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de acordo com as formulações de Schwarz, expressa um referente histórico do século XIX. Ou seja, a volubilidade do narrador do livro de Machado de Assis configura "uma ambivalência ideológica à qual a classe dominante brasileira dos oitocentos estava presa" (p. 35). Princípios liberais conviviam com um regime escravista - só para citar uma das acrobacias a que estavam sujeitas as ideações dos burgueses da época -, do que decorria uma série de aspectos, embora regidos pelo despasso do absurdo, rotineiros da vida brasileira. Analisando a "sorte dos pobres" nas *Memórias*, Schwarz retoma o mote: "Faltando fundamento prático à autonomia do indivíduo sem meios - em consequência da escravidão o mercado de trabalho é incipiente - o valor da pessoa depende do reconhecimento arbitrário (e humilhante, no caso de vaivém) de algum proprietário" (p. 83). Os caprichos do narrador, enfim, constituem uma maneira de acessar e dar forma artística a uma sociedade cuja marca é, em resumo, o caráter risível (se não fosse trágico) que as normas da civilização moderna aqui adquirem. Ricos e pobres têm que se mover nesta atmosfera de clientelismo e barbárie, onde as mais variadas formas de pensamento moderno são submetidas ao acaso das vontades dos atores mais privilegiados. "Assim, a vida carece de sentido porque no horizonte está o nada, ou também porque o seu horizonte é a organização social brasileira" (p. 94).

*nossas atividades. Representando, como já se notou acima, o único setor onde o princípio de autoridade é indisputado, a família colonial fornecia a idéia mais normal de poder, da respeitabilidade, da obediência e da coesão entre os homens. O resultado era predominarem, em toda a vida social, sentimentos próprios à comunidade doméstica, naturalmente particularista e antipolítica, uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família"*²⁶.

De fato, percebemos ao longo deste trabalho que não só sobrevive a nostalgia de um passado harmônico, próspero e fraterno, como também, e principalmente, é destas idéias que decorrem os projetos de sociedade que emergem dos relatos de muitos dos moradores do bairro. Os mitos da comunidade têm como base o círculo doméstico, coeso e a salvo dos riscos associados às transformações recentes da cidade. As marcas destas influências permeiam as narrativas e apontam soluções para os problemas detectados. Foi visto no capítulo sobre as imagens dos homens públicos que as escolhas eleitorais muitas vezes seguem o modelo da família: governantes e governados têm suas funções e lugares definidos de acordo com a organização doméstica. Um bom candidato é aquele que, não só conhece a "casa" - o bairro, a cidade e o país -, mas também não hesita em punir exemplarmente aqueles que transgridem as regras. A resolução das anomalias verificadas nas esferas econômicas, dos costumes e da ordem - encarnadas e feitas significativas, muitas vezes, através da simbologia associada aos "nordestinos" - passa pelo restabelecimento do

²⁶ RB, p. 50.

corpo social, ameaçados por agentes extra-comunitários. É necessário expurgá-los, ao menos do olhar - remarcar lugares, definir fronteiras, educá-los, dar-lhes trabalho. O que parece preocupação com direitos sociais básicos na verdade é uma maneira de disciplinar os "elementos desordeiros": são sempre os "outros" que devem receber tais atenções. Ou seja, a casa volta à ordem assim que o "chefe" adequado, imbuído de uma moral inflexível, superior às leis e vontades dos homens (já que ele as faz e as anula quando bem entende) reassume o comando da "nação" - hoje uma grande família à espera do passado. Há que se convir: pouco lugar resta às dúvidas com relação à sobrevivência do modelo da família patriarcal.

As dificuldades em fazer prevalecer qualquer forma de ordenação estranha à órbita comunitária, tão enfatizadas por Sérgio Buarque de Holanda ao longo de seu livro, estão presentes com todas as cores nas práticas e narrativas analisadas. O mundo da política, das regras de convivência, enfim, dos assuntos públicos no sentido ampliado, não têm sentido quando impermeáveis aos valores comunais. Tudo se passa como se uns fossem extensão dos outros.

Nosso autor carrega nos timbres, mas o que vem a seguir é apenas um acorde que prepara, no meu modo de ver, a tônica de seu livro:

"O que principalmente os distingue

*(espanhóis e portugueses de outros povos) é, isto sim, certa incapacidade, que diria congênita, de fazer prevalecer qualquer forma de ordenação impessoal e mecânica sobre as relações de caráter orgânico e comunal, como o são as que se fundam no parentesco, na vizinhança e na amizade"*²⁷.

Cristalizações destas influências ibéricas, nossos hábitos e concepções sociais tornam opacas as distinções entre o privado e o público. O autor, a fim de poder fazer tais afirmações, tem que deixar claro o horizonte do qual parte. Sua premissas são claramente republicanas. É delas que pode apregoar - e ao contrário do que nossa história vem exibindo em primeiro plano -, que "o Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo"²⁸. Os obstáculos ao predomínio e consolidação de tais princípios, Sérgio Buarque de Holanda associa às resistências que as regras impessoais e racionais encontram em nosso país. O Estado burocrático nos moldes weberianos nunca teve qualquer chance de manifestação²⁹. A medida das relações de todas as esferas da vida é, enfim, a falta de medida, ou melhor, advém dos círculos privados, domésticos e comunitários. Princípios neutros e abstratos, instituições democráticas e normas antiparticularistas não fincam raízes nestes solos.

²⁷ *RE*, p. 99.

²⁸ *RE*, p. 101.

²⁹ *RE*, p. 105.

O contrário ocorre com a cordialidade. Trata-se de um conjunto de comportamentos os quais emanam dos ambientes privados e, como vimos, alcança as mais variadas esferas de relações sociais. Estranha "a todo formalismo e convencionalismo social"³⁰, esta constelação de práticas e premissas se plasma de diversos modos. "Seria enganoso supor que essas virtudes (que decorrem da cordialidade) possam significar boas maneiras, civilidade"³¹. Estamos em terreno aparentemente similar àquele descrito por Sennett. Senão vejamos: os comportamentos cordiais, afinal, são para Sérgio Buarque de Holanda "expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante"³². Todavia, o predomínio desta base emotiva, se por um lado sugere a psicologização das relações sociais, por outro remonta a origens e se desdobra em práticas essencialmente diferentes daquelas apontadas pelo autor de *O declínio do homem público*. Não é preciso apontar novamente para as diferentes matrizes históricas que informam um e outro caso. Tampouco é preciso lembrar que o prisma de Sennett não atinge a violência, ao menos latente, que permeia as práticas e idéias em questão. Analisemos outros pontos de convergência e descontinuidade que há entre eles.

A ausência de civilidade, o predomínio das "coisas do coração" na vida social constituem óbvias coincidências

³⁰ RB, p. 107, nota.

³¹ RB, p. 107.

³² RB, p. 107.

entre o livro de Sennett e o de Sérgio Buarque. Vimos em Sennett que este predomínio, negação da atitude cosmopolita, tende a desorganizar o Estado e a política: a perspectiva comunitária sobrepõe-se aos interesses da coletividade ampliada, instaurando assim uma incongruência entre estes dois pólos. "O bairrismo e a autonomia local estão se tornando credos políticos de amplo espectro, como se as experiências das relações de poder tivessem mais sentido humano quanto mais intimista for a escala - mesmo que as estruturas efetivas de poder cresçam cada vez mais na direção de um sistema internacional. A comunidade se torna uma arma contra a sociedade, cujo maior defeito é tido como sendo sua impessoalidade"³³.

A cordialidade, afinada com o particularismo comunitário e com a aversão às fórmulas de convivência ampliada, não tem efeitos menos perversos. Resulta de sua influência, sobretudo de sua capacidade de reduzir as contradições sociais segundo seus fundamentos, "um amor pronunciado pelas formas fixas e pelas leis genéricas, que circunscrevem a realidade complexa e difícil dentro do âmago de nossos desejos (...)"³⁴. Podemos entender desta maneira o "segredo horror à realidade" que se manifesta no fascínio que exercem em nós as fórmulas de engenharia social, as letras e as mais variadas "idéias fora do lugar". O importante a notar nisso

³³ DHP, p. 413.

³⁴ RE, p. 117.

é a correspondência que Sérgio Buarque aponta entre as práticas cordiais e as formas antidemocráticas e arcaicas de organização social. "A idéia de uma espécie de entidade imaterial e impessoal, pairando sobre os indivíduos e presidindo os seus destinos, é dificilmente inteligível para os povos da América Latina"³⁵.

As relações primárias, livres de intermediação institucional, aparecem nestes dois autores como força normativa que se opõe à impessoalidade necessária aos ideais humanitários da democracia. Para os desígnios deste estudo, a noção de cordialidade de certo modo complementa a conceituação de Sennett. Ela introduz dimensões históricas de nossa formação social e assim contextualiza o anticosmopolitismo - o horror às diferenças sociais.

É justamente por indicar aspectos de nossa especificidade social que a perspectiva analítica orientada a partir das facetas da cordialidade serve para pensarmos nas situações atuais marcadas pela proximidade inédita de diferenças sociais acentuadas. A incivilidade que dela decorre é menos contida que aquela apontada por Sennett. Podemos perceber nas narrativas de nossos entrevistados um projeto de sociedade que implica a não convivência das diferenças exacerbadas e, conseqüentemente, o restabelecimento das distâncias sociais. Não há qualquer sutileza quando se trata

³⁵ RB, p. 139.

de expurgar os pobres do olhar cotidiano. Ou seja, o espaço público - aquele povoado não exclusivamente por membros da comunidade, aberto às diferenças de todo tipo -, assim como a sociedade mais ampla, devem ser regidos pelos princípios cordiais. Critérios de inclusão e exclusão, de direitos e deveres devem se conformar, antes de mais nada, às regras comunitárias, às coisas do coração. A unilateralidade destes juízos é mais que evidente, e é ela que pode catalisar o arbítrio e a violência.

*

Reconstituimos, ao longo dos capítulos, partes de um contexto dentro e a partir do qual as camadas médias vivenciam a proximidade inédita com famílias pobres. O aumento dos cortiços, as exaltações das qualidades do bairro, o apego a uma ordem pretérita pretensamente ordenada e harmônica, os mitos da comunidade e as soluções almejadas: presentes nas diversas narrativas que tratam das transformações recentes da cidade, estes elementos se aglutinam, no mais das vezes, em torno das imagens daqueles tidos como extra-comunitários. Em meio aos lapsos, contradições e exageros, as representações e práticas daqueles que povoaram as páginas desta dissertação indicam claramente um projeto de sociedade. Ao lado das idiossincrasias das experiências pessoais, únicas e portanto irreduzíveis a esquemas de generalização, vimos que há

cértos elementos recorrentes nas ideações sobre a proximidade com a pobreza. Nos interstícios das exaltações das qualidades do bairro e dos lamentos associados à decadência de algumas de suas partes; latentes nas escolhas eleitorais, nos tratamentos dispensados aos "estranhos", nas decorações das casas e nas opções por apartamentos; - e mais explícitos nas constatações das restrições de consumo, dos planos para o futuro e de circulação pela cidade -; podemos detectar em todos estes momentos sinais inequívocos de cordialidade. Os mitos da comunidade, ligando o passado (róseo, deveras idealizado), o presente (essencialmente contraditório e, talvez por isso, objeto de temores) e o futuro (de caráter incerto, variável dependente do restabelecimento da "ordem"), organizam e desdobram boa parte destas ideações. Em um contexto marcado pelas incertezas, as opções, projetos e práticas ficam mais claras. Maior é a necessidade de verdades definitivas. O incerto é sinônimo de horror. O que se quer é estabilidade, ordenamento, previsibilidade. O nódulo dos problemas - e isto é às vezes expresso de maneira menos sutil que uma metáfora - está na visibilidade inédita dos pobres. É fundamental confiná-los, afastá-los, assim como são urgentes as punições exemplares, o reordenamento da economia, a limpeza da cidade etc. Ao menos para estas pessoas dos estratos médios paulistanos, a cordialidade atinge seus paroxismos. Não há meios-termos.

Se levarmos em conta que a cordialidade apresenta, no mínimo, duas faces - assim como as têm as "coisas do coração": "todo afeto entre os homens funda-se forçosamente em preferências"³⁶ - veremos que estes princípios se atualizam de maneira exemplar nas situações estudadas. Os parâmetros comunitários exercem força centrípeta sobre a organização dos círculos de convivência mais próxima, fazendo de seus membros "gente de casa", dos quais se espera compreensão, semelhança nas idéias, e presença regular. As células sociais sintetizadas deste modo são os "guetos" apontados por Marinaro e outros que vêm, de uma certa distância, estas práticas de sociabilidade. Muitas das concepções e práticas que vazam destes ambientes são tão monóides quanto as de seu interior. As transformações urbanas presenciadas, os problemas apontados e os rumos a serem tomados - muitas vezes os pensamentos parecem variar segundo as amplitudes que a cordialidade permite. Em meio a tantas contradições, perigos e frustrações, as idéias se esquivam das probabilidades, do incerto, do múltiplo. A harmonia pretendida não inclui dissonâncias; a preparação da "boa sociedade" não admite ruídos internos; qualquer princípio dialético é um absurdo: as oposições, longe de encarnar contribuições em potencial para a síntese, são entraves a ela irreconciliáveis. A cordialidade e seus paroxismos se atualizam em cristais, sólidos e de geometria definida.

³⁶ RB, p. 139.

O que está sendo negado, enfim, é o político, se por isto entendermos a interação de diferentes pessoas, formalmente iguais, congêneres, *fellow humans*³⁷. O mundo constituído por estas interações é o espaço público-político, no qual a intersubjetividade discursiva, voltada para o entendimento, o mantém e o expressa. A pluralidade está na base destas práticas: igualdade e distinção, poder e liberdade - a atitude cosmopolita, aberta à discussão e à alteridade, se conforma às regras da civilidade³⁸.

No plano das normas, a legitimidade do político e do poder político é um produto de conflitos circunscritos ao espaço público. O político, enquanto dimensão universal da condição humana, não se liga portanto a nenhum lugar social específico - nenhuma experiência social, nenhum argumento ou projeto, *a priori*, é mais válido que outro. "Por definição, o político assim concebido conota um amplo pluralismo social e uma autonomia profunda dos sujeitos; pluralismo e autonomia articulados com a liberdade enquanto espaço de relações sociais coletivas"³⁹.

³⁷ F. R. Dallmayr, *Polis and Praxis. Exercises in Contemporary Political Theory*, citado em Louis Maheu, *Movimientos sociales y políticos. Las cuestiones claves de una articulación entre las grandes problemáticas de lo político*. Trabalho apresentado no Seminário "Autoritarismo Social X Democratização do Estado: desafios à educação", realizado no Instituto de Estudos Avançados da USP, fevereiro de 1993.

³⁸ Cosmopolitismo e civilidade aqui entendido como Sennett, citado anteriormente, os expressa. As concepções do político e do espaço público podem ser retraçadas em Hannah Arendt, *Entre o passado e o futuro*, S. Paulo, perspectiva, 1972; da mesma autora *A condição humana*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987; Jürgen Habermas, *The theory of communicative action*, v. 1 e 2, Boston, Beacon Press, 1987.

³⁹ Louis Maheu, *op. cit.*, p. 11.

A partir destas breves digressões, vemos que os paroxismos da cordialidade se chocam frontalmente com as premissas mais básicas do espaço público e do político. As relações primárias ficam de um lado; os conflitos, o debate, a pluralidade ficam de outro. Cordialidade e civilidade, definitivamente, e a despeito da consonância, não rimam. A aversão às diferenças acentuadas - e por mais que esta aversão seja um atalho para lidar com uma série de frustrações e temores - contraria, enfim, a própria noção de democracia. Lembremo-nos de uma de suas definições:

"Como criação de direitos, como reconhecimento das divisões internas e das diferenças constitutivas do social e do político, a democracia abre para a história no sentido forte da palavra. E desfaz as imagens da boa sociedade e do bom governo, da 'comunidade ideal' transparente, virtuosa, sem conflitos, plenamente reconciliada consigo mesma, una e invencível. Imóvel, mais do que corpa, mineral"⁴⁰.

São as imagens da boa sociedade que organizam os mitos da comunidade os quais, por sua vez, não só reconstituem um passado isento de conflitos, róseo, mas também projetam o país do futuro, harmônico, coeso e próspero. Só um "político bom e de pulso" é capaz de captar estes anseios e empreendê-los. Entrevemos nestas projeções uma resposta particular aos paradoxos engendrados, afinal, pelo nosso processo de democratização. Resposta localizada, talvez menos

⁴⁰ Marilena Chauí, "prefácio" em Claude Lefort, *A invenção democrática*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

peremptória que estas palavras sugerem, no entanto possível de ser associada a formas de governo cujos germes aí estão. A guisa de provocar a reflexão, podemos citar o populismo, "contrário a qualquer idéia de conflito social interno, particularmente à luta de classes. O povo a que o populismo se refere não é uma classe, e sim, uma comunidade"⁴¹. Ou "as propensões delegativas" que resultam dos componentes personalistas, clientelistas e prebentaristas ainda presentes, próprios de um "mundo social perpassado pelo poder emanado de relações de caráter pessoal entre atores desiguais; um mundo quase sem instituições nem representação"⁴². Todavia, é quando pensamos num plano mais abstrato que estas respostas assustam:

*"Na base do totalitarismo está a representação do povo-uno. Está aqui subentendido que a divisão não é constitutiva da sociedade"*⁴³.

Na base desse universo simbólico estudado está, não apenas subentendido, mas explícito que a exclusão é constitutiva da "boa sociedade". A operação que substitui as diferenças e a divisão pela exclusão e a eliminação nos é por demais familiar.

⁴¹ Alain Tourraine, *Palavra e sangue: política e sociedade na América Latina*. São Paulo, Editora da Unicamp, 1989. A base destas idéias é claramente o livro de Francisco Weffort, *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

⁴² Guillermo O'Donnell, "Hiatos, Instituições e perspectivas democráticas", em Fábio Wanderlei Reis & Guillermo O'Donnell (orgs.), *A democracia no Brasil: dilemas e perspectivas*, São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 81; do mesmo autor, "Transições, continuidades e alguns paradoxos" em *idem*, e "Democracia delegativa?" em *Novos Estudos Cebrap*, n. 31, outubro de 1991.

⁴³ Claude Lefort, *L'Invention démocratique - les limites de la domination totalitaire*. Paris, Fayard, 1981, p. 165. Ver também Hannah Arendt, *Totalitarismo, o paroxismo do poder*, Rio de Janeiro, Editora documentário, 1979.

*

Refletindo sobre as raízes do populismo no Brasil, Weffort notou que, pelo menos desde a década de 30, "a democracia defronta-se com a tarefa trágica de toda democracia burguesa: a incorporação das massas populares ao processo político"⁴⁴. Desde então, o crescimento das cidades e do proletariado são fatores importantes nas cenas e crises políticas. A última década, marcada pela reincorporação definitiva da população ao jogo democrático, trouxe todavia um novo elemento de potencial desestabilizador nada desprezível: a proximidade de classes sociais diferentes. Uma das tarefas cruciais que se apresenta a esta democracia está na incorporação dos pobres às cenas urbanas até então acostumadas somente com sua passagem. Se as respostas geradas por boa parte dos protagonistas destas situações de heterogeneidade social vão ou não encontrar ressonância - estamos aqui no reino das incógnitas. O fato é que o pensamento selvagem, este que se atualiza e se desdobra nos mitos e ritos da comunidade excludente, protesta contra o que se apresenta. Apesar de manipular um repertório limitado (embora extenso) de fatos, experiências e imagens, a mecânica subjacente a este pensamento vai além do *bricolage*: ela aponta um projeto, um vir a ser, e neste sentido denuncia um parentesco com o engenheiro⁴⁵. Todavia,

⁴⁴ Francisco Weffort, *op. cit.*, p. 17.

⁴⁵ O "pensamento selvagem", o *bricolage* e o engenheiro estão em Claude Lévi-Strauss, *O pensamento*

prisioneiro de resíduos de certas obras humanas, este modo de dar sentido ao mundo nada mais quer do que reencontrar seus princípios.

selvagem, Campinas, Papirus, 1989. "(...) a característica do pensamento mítico é a expressão auxiliada por um repertório cuja composição é heteróclita e que, mesmo sendo extenso, permanece limitado (...) (p. 32). "(...) O engenheiro sempre procura abrir uma passagem e situar-se além, ao passo que o *bricoleur* (que opera à maneira do pensamento mítico), de bom ou mau grado, permanece aquém, o que é uma outra forma de dizer que o primeiro opera através de conceitos, e o segundo através de signos" (p. 35).

BIBLIOGRAFIA

ARQUIVOS E BIBLIOTECAS

Arquivo de História Social "Edgard Leuenroth", IFCH, UNICAMP, Campinas.

Biblioteca Affonso Taunay, São Paulo.

Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas.

Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas.

Biblioteca dos Departamentos de História e Geografia, USP, São Paulo.

Biblioteca Pública Municipal "Mário de Andrade", São Paulo.

Hemeroteca do Centro Cultural São Paulo, São Paulo.

LIVROS E TEXTOS

Alvim, Z.

Brava gente! Os italianos em São Paulo 1870-1920. São Paulo, Brasiliense, 1986.

Americano, Jorge.

São Paulo atual - 1935-1962. São Paulo, Edições Melhoramentos, s/d.

Andrade, Mário.

Macunaíma, o herói sem nenhum caráter (ed. crítica, Telê Ancona Lopes, coord.). Brasília, CNPq, 1988.

Arendt, Hannah.

Entre o passado e o futuro. S. Paulo, perspectiva, 1972.

Arendt, Hannah.

Totalitarismo, o paroxismo do poder. Rio de Janeiro, Editora documentário, 1979.

Arendt, Hannah.

Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo, Diagrama e Texto, 1983.

Arendt, Hannah.

A condição humana. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.

Atlan, H.

"Du bruit comme principe d'auto-organisation" in *Communications*, n. 18, 1972.

Avelino Filho, George.

"As raízes de 'Raízes do Brasil'" in *Novos Estudos Cebrap*, n. 18, setembro de 1987.

Azevedo, Aluísio

O cortiço. São Paulo, Atica, (1890), 1990.

Bachelard, Gaston.

A poética do espaço. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

Badie, Bertrand.

"Communauté, individualisme et culture" em Pierre Birnbaum, Jean Leca (orgs.), *Sur L'individualisme - Théorie et méthodes.* Paris, Presses de la Fondation Nationale de Sciences Politiques, 1991.

Baktin, Mikhail

Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo, Hucitec, 1986.

Baktin, Mikhail.

A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo, Hucitec/Editora UNB, 1987.

Benjamin, Walter.

"O narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov" in *Magia e técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas, v. 1).* São Paulo, Brasiliense, 3a. ed., 1987.

Berger, Peter; Berger, B. e Kellner, H..

The Homeless Mind - modernisation and consciousness, New York, Vintage Books, 1974.

Berlinck, Manoel Tosta.

Psicanálise da clínica cotidiana. São Paulo, Escuta, 1988.

Berman, Marshall.

Tudo que é sólido desmancha no ar - a aventura da modernidade. São Paulo, Cia. das Letras, 1986.

- Bertaux-Wiame, Isabelle.
 "Des formes et des usages d'histoires de famille" in
L'Homme et la société, n. 90, 1988/4.
- Bidou, Catherine.
Les aventuriers du quotidien - essai sur les nouvelles classes moyennes. Paris, Presses Universitaires de France, 1984.
- Bornheim, Gerd A.
Sartre: metafísica e existencialismo. São Paulo, Perspectiva, 1984.
- Bosi, Ecléa.
 "Entre a opinião e o estereótipo" em *Novos Estudos Cebrap*, n. 32, março 1992.
- Bosi, Ecléa.
Memória e sociedade - lembranças de velhos. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979.
- Bott, Elizabeth.
Família e rede social. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976.
- Braudel, F.
 "Histoire et sciences sociales: 'la longue durée'" in *Annales E.S.C.*, n. 4, 1958.
- Brant, Vinícius Caldeira (org.).
São Paulo trabalhar e viver, São Paulo, Brasiliense, 1989.
- Bruno, Ernani Silva.
História e tradições da cidade de São Paulo (3 vls.). Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.
- Caldeira, Teresa P. R.
A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- Caldeira, Teresa P. R.
 "A pós-modernidade na Antropologia" in *Novos Estudos Cebrap*, n. 21, 1989.
- Caldeira, Teresa P. R..
City of Walls: crime, segregation, and citizenship in São Paulo. Tese de doutorado, Berkeley, 1992.
- Camargo, Cândido Procópio Ferreira e outros.
São Paulo 1975 - crescimento e pobreza. São Paulo, Eds. Loyola, 1981

- Candido, Antonio.
"Introdução" (1967) in Holanda, Sérgio Buarque, *Raízes do Brasil*.
- Candido, Antonio.
"Sérgio em Berlim e depois" in *Novos Estudos Cebrap*, v. 1, n. 3, julho de 1982.
- Candido, Antonio.
"Radicalismos" in *Estudos Avançados*, jan/abr. 1990.
- Candido, Antonio.
"De cortiço a cortiço" in *Novos Estudos Cebrap*, no. 30, julho de 1991.
- Canetti, Elias.
Massa e poder. São Paulo, Melhoramentos, Ed. Universidade de Brasília, 1983
- Cardoso, Ruth C. L.
"Participação política e democracia". *Novos Estudos Cebrap*, N. 26, março de 1990.
- Cardoso de Oliveira, R.
"A categoria de (des)ordem e a pós-modernidade da Antropologia in *Anuário Antropológico*. Brasília, 1986.
- Carta, Mino.
Histórias da Moóca (com a benção de San Gennaro). Rio de Janeiro, Berlendis & Vertecchia Editores, Ltda, 1982
- Castoriadis, C.
As encruzilhadas do Labirinto, v. 1. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. .
- Castro, Mônica Mata Machado de.
"Sujeito e estrutura no comportamento eleitoral". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 20, outubro de 1992.
- Castro, E. Viveiros de.
Araweté: os deuses canibais. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1986.
- Centre for Contemporary Cultural Studies.
Making Histories - studies in history - writing and politics, Birmingham, Hutchinson & Co. Ltd., 1982.
- Chauí, Marilena.
"Prefácio" em Claude Lefort, *A invenção democrática*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

- Chauf, Marilena.
 "Sobre o medo" in Sérgio Cardoso (org.), *Os sentidos da paixão*, São Paulo, Cia. das Letras, 1987.
- Chevalier, Louis.
Classes laborieuse e classes dangeureuses à Paris, pendant la première moitié du XIX siècle, Paris, Hachette, 1984.
- Clastres, Pierre.
A sociedade contra o Estado. Pesquisas de antropologia Política. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1986.
- Costa, Jurandir Freire.
Violência e psicanálise. Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- Crapanzano, V.
Tuhami: portrait of a morrocan. Chicago, University of Chicago Press, 1980.
- Cunha, Manuela Carneiro da.
Negros, estrangeiros. Os escravos libertos e sua volta à Africa. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DaMatta, Roberto.
A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil, São Paulo, Brasiliense, 1985
- DaMatta, Roberto.
Canavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 5a. ed., Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1990.
- Delumeau, Jean.
História do medo no Ocidente: 1300-1800, São Paulo, Cia das Letras, 1990.
- Denzin, N.
 "Interpretando as vidas de pessoas comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner" in *Dados - Revista de Ciências Sociais*, no. 1, v. 27, 1984.
- Dias, Maria Odila da Silva.
 "Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda" in *Sérgio Buarque de Holanda - vida e obra*. São Paulo, SEC/AE/USP/IEB, 1988.
- Douglas, Mary.
Pureza e perigo. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- Dulong, Renand.
 "Comment l'insecurité met au defi le sociologue". Conferência pronunciada na Associação Catalã de Sociologia, Barcelona, março de 1984.

- Elias, Norbert.
O processo civilizador - uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- Evans-Pritchard
Os nuer. Uma descrição do modo de subsistência e das instituições de um povo nilota. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- Fabian, Johannes.
Time and the other - how anthropology makes its object. New York, Columbia University Press, 1983.
- Faria, Vilmar.
"Cinquenta anos de urbanização no Brasil" in *Novos Estudos Cebrap*, no. 29, março de 1991.
- Faria, Vilmar.
"A conjuntura Social Brasileira - dilemas e perspectivas". *Novos Estudos Cebrap*, n. 33. 1992.
- Fausto, Boris.
Crime e cotidiano. A criminalidade em São Paulo (1880-1924). São Paulo, Brasiliense, 1984.
- Fernandes, Florestan. (org.).
Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo, Editora Nacional e Editora da USP, 1973.
- Fernandes, Florestan.
Mudanças sociais no Brasil - aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1974.
- Featherstone, M.
Consumer culture & postmodernism. Londres, Sage Publications, 1991.
- Feyerabend, P.
Contra o método. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- Figueiredo, Luis Cláudio Mendonça.
A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900). São Paulo, Educ/Escuta, 1992.
- Foucault, M.
"Nietzsche, a genealogia e a história" in *Microfísica do poder*, 6a. ed., São Paulo, Graal, 1986.
- Foucault, M.
A arqueologia do saber. Rio de Janeiro, 2a. ed., Forense Universitária, 1986.

Foucault, M.

Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987.

Freyre, Gilberto.

Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 25a. ed., Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1987.

Fundação SEADE.

Município de São Paulo/1990.

Gadamer, H. G.

"The universality of the hermeneutical problem" (1966) in David Linge (ed.) *Philosophical hermeneutics*, University of California Press, 1977.

Gadamer, H. G.

"The problem of historical consciousness (1963) in Paul Rabinow & Sullivan (eds.), *Interpretative Social Science: a reader*. University of California Press, 1979.

Gadamer, H. G.

Truth and method (1960). Londres, Crossread Publish. Co., 1982.

Geertz, C.

A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

Geertz, C.

Local knowledge - further essays in interpretative anthropology. New York, Basic Books, 1983.

Giannotti, José Arthur.

"A sociabilidade travada" in *Novos Estudos Cebrap*, no. 28, outubro de 1990.

Giddens, Anthony.

The consequences of modernity. Stanford, Stanford University Press, 1991.

Habermas, Jürgen.

Habermas (coletânea). São Paulo, Atica, 1980.

Habermas, Jürgen.

Mudança estrutural da esfera pública. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

Habermas, Jürgen.

The theory of communicative action, 2 volumes. Boston, Beacon Press, 1985.

Habermas, Jürgen.

Dialética e Hermenêutica. Porto Alegre, L&PM, 1987.

Hall, Michael McDonald.

The origins of mass immigration in Brazil, 1871-1914. Tese de doutoramento, Columbia University, 1969.

Hardman, Francisco Foot.

Trem fantasma: a modernidade na selva. S. Paulo, Cia das Letras, 1988.

Harvey, David.

The condition of postmodernity. Cambridge, Basil Blackwell Inc., 1989.

Heidegger, Martin.

Ser e tempo (parte I). Petrópolis, Vozes, 1988.

Hirsch Jr.

"Gadamer's theory of interpretation (1965) in *Validity in interpretation*, Apendix II, Yale University Press, 1967.

Hobbes, Thomas.

Leviatã, ou, Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. São Paulo, Nova Cultural, (Coleção Os Pensadores), 1988.

Hobsbawm, E. J.

A era dos impérios (1875-1914). São Paulo, Paz e Terra, 1988.

Holanda, Sérgio Buarque de.

Raízes do Brasil, 20a. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1988

Ianni, O.

Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1960). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

IBOPE

Pesquisa de opinião pública sobre matéria política realizada no período 6 a 15 de setembro de 1950, na capital de São Paulo. Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH/UNICAMP.

IBOPE

Survey sobre popularidade de revistas e magazines, levado a efeito em São Paulo e Rio de Janeiro, durante o mês de junho de 1950, por solicitação de Seleções do Reader's Digest. Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH/UNICAMP.

IBOPE

Pesquisa de opinião pública sobre matéria política realizada em São Paulo em junho e setembro de 1960.
Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH/UNICAMP.

IBOPE

Pesquisa sobre leitura de jornais, segunda quinzena de outubro de 1970.

IBGE.

Estatísticas históricas do Brasil - séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. 2a. ed., Rio de Janeiro, 1990

Jornal do Economista - órgão dos Conselho Regional de Economia do Estado de São Paulo.

No. 51, novembro de 1992

Imprensa Oficial do Estado.

Portal da Zona Leste: Moóca. 1556-1985 Edição Histórica.
São Paulo, 1985.

Kowarick, Lúcio e Ant, Clara.

"Cem anos de promiscuidade" in Lúcio Kowarick (org.) *As lutas sociais e a cidade.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

Kowarick, Lúcio e Bonduki, Nabil.

"Espaço urbano e espaço político: do populismo à redemocratização" in *As lutas sociais e a cidade.*

Kowarick, Lúcio; Campanário, M. A.

"São Paulo: metrópole do subdesenvolvimento industrializado" in Lúcio Kowarick (org.) *As lutas sociais e a cidade.*

Kowarick, Lúcio.

"Cidade e cidadania: cidadão privado e subcidadão público" in *São Paulo em perspectiva*, São Paulo, SEADE, vol. 5, n. 2, abr/jun. 1991.

Lasch, Christopher.

O mínimo eu - sobrevivência psíquica em tempos difíceis, São Paulo, Brasiliense, 1986.

Lasch, Christopher.

Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

Le Goff, Jacques.

"Memória" in *Enciclopédia Einaudi (vol 1. Memória-História)*. Porto, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

Lefebvre, Georges.

O grande medo de 1789 (os camponeses e a Revolução Francesa), Rio de Janeiro, Campus, 1979.

Lefort, Claude.

L'Invention démocratique - les limites de la domination totalitaire. Paris, Fayard, 1981, p. 165.

Lenharo, Alcir.

Sacralização da política. Campinas, Papyrus, 1986.

Lévi-Strauss, Claude.

"A eficácia simbólica" em *Antropologia Estrutural*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, Tempo Brasileiro, 1985.

Lévi-Strauss, Claude.

"A estrutura dos mitos" em *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.

Lévi-Strauss, Claude.

Tristes trópicos, Lisboa, Edições 70, 1986.

Lévi-Strauss, Claude.

O pensamento selvagem, Campinas, Papyrus, 1989.

Lévi-Strauss, Claude.

O cru e o cozido - mitológicas. São Paulo, Brasiliense, 1991.

Macedo, Joaquim Manoel de.

As vítimas algozes - quadros da escravidão (romances). 3a. ed., São Paulo, Scipione/Fundação Rui Barbosa, 1991.

Machado, António Alcântara.

Novelas Paulistanas, São Paulo, Livraria José Olimpo Editora, 1976.

Maheu, Louis

Movimientos sociales y políticos. Las cuestiones claves de una articulación entre las grandes problemáticas de lo político. Trabalho apresentado no Seminário "Autoritarismo Social X Democratização do Estado: desafios à educação", realizado no Instituto de Estudos Avançados da USP, fevereiro de 1993.

Marcus, G. & Cushman, D.

"Ethnographies as texts" in *Annual review of anthropology*, 11, 1982.

Marcus, George.

"Past, present and emergent identities: requirements for ethnographies of late twentieth century modernity worldwide", mimeo, 1989.

Märx, K.

O 18 Brumário de Luís Bonaparte. São Paulo, Abril Cultural, (Coleção Os Pensadores), 1978.

Mauss, Marcel.

Sociologia e antropologia (2 vols.). São Paulo, EDUSP, 1974.

Meyerowitz, J.

No sense of place: the impact of electronic media on social behaviour. New York, Oxford, Oxford University Press, 1984.

Morin, E.

"Le retour de l'événement". *Communications*, n. 18, 1972.

Namer, G.

"Affectivité et temporalité de la memoire". *L'homme et la société*, n. 90, 1988.

Naves, Rodrigo.

"O olhar difuso. Notas sobre a visualidade brasileira". *Revista de História da arte e arquitetura*, n. 3, junho de 1986.

Nisbet, Robert.

The sociological tradition. New York, Basic Books, 1966.

O'Donnell, Guillermo.

"Hiatos, Instituições e perspectivas democráticas", em Fábio Wanderley Reis & Guillermo O'Donnell (orgs.). *A democracia no Brasil: dilemas e perspectivas*, São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

O'Donnell, Guillermo.

"Transições, continuidades e alguns paradoxos" em *A democracia no Brasil: dilemas e perspectivas*. São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

O'Donnell, Guillermo.

"Democracia delegativa?". *Novos Estudos Cebrap*, n. 31, outubro de 1991.

Oliveira, Francisco de.

"O surgimento do anti-valor" in *Novos Estudos Cebrap*, n. 22, outubro de 1988.

Oliveira, Francisco de.

"Medusa ou as classes médias e a consolidação democrática" in Fábio Wanderley Reis & Guillermo O'Donnell (orgs.), *A democracia no Brasil: dilemas e perspectivas*, São Paulo, Vértice, 1988.

- Osakabe, Haquira.
Argumentação e discurso político. São Paulo, Kairós, 1979.
- Palmer, R.
Hermenêutica. Lisboa, Edições 70, 1986.
- Perelman, Ch.
Le camp de l'argumentation. Bruxelas, P.U.B, 1970.
- Perrot, Michelle (org.).
História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.
- Pierucci, Antônio Flávio.
"As bases da nova direita". *Novos Estudos Cebrap*, no. 19, dezembro de 1987.
- Pierucci, Antônio Flávio.
"A direita mora do outro lado da cidade". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 10, vol. 4, junho de 1989.
- Pierucci, Antônio Flávio.
"A direita que flutua". *Novos Estudos Cebrap*, no. 29, março de 1991.
- Pierucci, Antônio Flávio.
"São Paulo 92, a vitória da direita". *Novos Estudos Cebrap*, no. 35, março de 1993.
- Pirenne, H.
As cidades da idade média. São Paulo, Europa-América Ltda, 1973.
- Prado, Antonio Arnoni e Hardman, Francisco Foot (orgs.)
Contos anarquistas. Antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935). São Paulo, Brasiliense, 1985.
- Prestes Maia.
Os melhoramentos de São Paulo. São Paulo, Prefeitura Municipal, 1945.
- Rabinow, P.
"Discourse and power: on the limits of ethnographic texts". *Dialectical anthropology*, 10, 1985.
- Reich, Wilhelm.
Psicologia de massa do fascismo. Porto, publicações Escorpião, 1974.
- Rex, John.
Race and ethnicity. Milton Keynes, 1989.

- Richard, Lionel
A República de Weimar, 1919-1933. São Paulo, Cia. das Letras/Círculo do Livro, 1988.
- Ricoeur, Paul.
 "The model of the text: meaningful action considered as a text" in *Interpretative social science: a reader*, Paul Rabinow & Sullivan (eds.), 1971.
- Ricoeur, P.
 "Existência e Hermenêutica" in *O conflito das interpretações*. Rio de Janeiro, Imago, 1979.
- Ricoeur, Paul.
Time and narrative (v.1), Chicago, Univ. of Chicago Press, 1984.
- Ricoeur, Paul.
Da interpretação. Lisboa, Edições 70, 1987.
- Rolnik, Raquel.
 "São Paulo, início da industrialização" in Lúcio Kowarick (org.) *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- Rosaldo, Renato.
Culture & Truth - The remaking of social analysis. Boston, Beacon Press, 1989.
- Sahlins, Marshall.
Ilhas de história, São Paulo, Zahar, 1990.
- Samuel, Raphael (ed.).
People's history and socialist theory. Londres, Routledge & Keegan Paul, 1981.
- Sartre, Jean-Paul.
Questão de Método, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.
- Schmitt, Carl.
O conceito do político. Petrópolis, Vozes, 1992.
- Schorske, K.
Vienna fin-de-siècle. São Paulo, Cia das Letras, 1988.
- Schwarz, Roberto.
 "A carroça, o bonde e o poeta modernista" in *Que horas são?* São Paulo, Cia das Letras, 1987.
- Schwarz, Roberto.
 "Nacional por subtração" in *Que horas são?*

Schwarz, Roberto.

Ao vencedor as batatas. São Paulo, Duas Cidades, 1988.

Schwarz, Roberto.

Um mestre na periferia do capitalismo - Machado de Assis.
São Paulo, Duas Cidades, 1990.

Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do patrimônio Histórico.

Paulicéias perdidas. São Paulo, 1991.

Secretaria Municipal de Planejamento.

Conheça sua região, São Paulo, Prefeitura Municipal,
Série Informes, 1985

Sennett, Richard.

O declínio do homem público. São Paulo, Cia. das Letras,
1988.

Serres, M.

"Rede de comunicação Penélope". Tradução: Denise Bottmann,
mimeo, 1988.

Sevcenko, Nicolau.

Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 1985.

Simmel, G.

"A metrópole e a vida mental" in *O fenômeno urbano*, G. Velho (org.), Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

Skogan, Wesley.

"Fear of crime and neighborhood change" in Reiss Jr., Albert e Michael Tony (eds.), *Communities and crime*. Chicago e Londres, Univ. of Chicago Press, 1986.

Souza, Maria Teresa Sadék de.

"A trajetória de Jânio Quadros" in Bolívar Lamounier (org.) *O voto em São Paulo*, São Paulo, Idesp, 1985.

Stolke, Verena.

"The 'right to difference' in an unequal world", mimeo, julho de 1992.

Taussig, M.

"Terror as usual", mimeo, 1988.

Thomas, Keith

O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo, Cia. das Letras, 1988.

- Thompson, Paul.
The voice of the past - oral history. Oxford, Oxford University Press, 1978.
- Todorov, Tzvetan.
A conquista da América - a questão do outro. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- Todorov, Tzvetan.
Mikhail Bakhtin: the dialogical principle. Mineapolis, University of Minnesota Press, 1984.
- Tönnies, F.
"Comunidade e sociedade como entidades típico ideais" em Florestan Fernandes, *Comunidade e Sociedade*.
- Torres, Maria Celestina.
O bairro do Brás. São Paulo, Prefeitura Municipal, 1969.
- Tourraine, Alain.
Palavra e sangue: política e sociedade na América Latina. São Paulo, Editora da Unicamp, 1989.
- Velho, G.
Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- Veyne, P.
Comment on écrit l'histoire. Editions du Seuil, Paris, 1971.
- Weber, M.
"A 'objetividade' do conhecimento nas ciências sociais in Weber, São Paulo, Atica, 1986.
- Weber, M.
"Comunidade e sociedade como estruturas de socialização" em Florestan Fernandes, *Comunidade e Sociedade*.
- Weber, M.
A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, Pioneira, 1987.
- Weffort, Francisco.
O populismo na política brasileira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- White, Jerry.
"Beyond autobiography" in *People's history and socialist theory*.
- Whyte, William Foote.
Street corner society - the social structure of an italian slum. 3a. ed., Univ. of Chicago Press, Chicago, 1981.

- Wilheim, Jorge.
São Paulo Metrópole 65. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1965.
- Wirth, Louis.
 "Delineamento e problemas da comunidade" em Florestam Fernandes, *Comunidade e sociedade*.
- Wirth, Louis.
 "The Ghetto" in Alber Reiss Jr. (ed.), *On cities and social life*, Chicago e Londres, Univ. of Chicago Press, 1964.
- Yans-Mclaughlin.
Family and community. Italians immigrants in Buffalo, 1880-1930. Ithaca e Londres, Cornell University Press, 1977.
- Zaluar, Alba.
A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- Zaluar, Alba.
 "O diabo em Belíndia". *Religião e Sociedade*, 1985.
- Zaluar, Alba.
 "Teleguiados e chefes: juventude e crime. *Religião e Sociedade*, n. 15, v. 1. 1990.
- Zaluar, Alba.
 "Gênero, Justiça e Violência". *Dados*, v. 34, n. 2, 1991.

*

PERIODICOS

- A gazeta*, 1950-1954, 1956.
- Diário da Noite*, 1950-1968
- Diário de São Paulo*, 1954, 1959.
- Folha Bancária*, 1961, 1967.
- Folha da Manhã*, janeiro de 1954.

Folha de S. Paulo, novembro de 1985-janeiro 1993.

Frente operária, 1952-1953.

Informe Publicitário/Universidade São Judas. São Paulo, 22/8/1991.

Jornal da Tarde. 1981-1987.

Moóca News. São Paulo, Agosto de 1989.

O Estado de São Paulo, 1954, 1975-1989.

O migrante, novembro 1978.

O trabalhador gráfico, 1962-

Realidade, abril de 1966-janeiro 1968, dezembro 1975.

Revista do IV Centenário de São Paulo, 1954.

Revista Veja. 1975-1984.

Última Hora, 1954.